

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE LETRAS**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**



**Armando Cortesão (1891-1977). Ideologia e nacionalismo na  
historiografia da cartografia portuguesa dos séculos XV e XVI**

**Rui Silvestre de Andrade**

Dissertação de Mestrado em História

Especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão

**Lisboa**

**2014**



**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE LETRAS**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**



**Armando Cortesão (1891-1977). Ideologia e nacionalismo na  
historiografia da cartografia portuguesa dos séculos XV e XVI**

**Rui Silvestre de Andrade**

**Dissertação de Mestrado em História**

**Especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão apresentada à**

**Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sob orientação do**

**Professor Doutor Francisco Contento Domingues**

**Lisboa**

**2014**



## Índice

Resumo / Palavras-chave .....	3
Abstract / Keywords .....	5
Siglas e abreviaturas.....	7
Agradecimentos.....	9
Introdução.....	11
I - Armando Cortesão (1891-1977): subsídios para uma Biobibliografia.....	13
1. Perfil socio-biográfico .....	15
2. Formação académica e a participação nos V Jogos Olímpicos de Estocolmo de 1912 .....	19
3. Passagem por São Tomé e Príncipe e a Missão Geodésica.....	21
4. Agente Geral das Colónias de 1924 a 1932 .....	29
5. Os caminhos do exílio .....	35
6. Ao serviço da UNESCO.....	49
7. Os <i>Portvgaliae Monvmenta Cartographica</i> .....	53
8. Professor em Coimbra e doutoramento <i>Honoris Causa</i> .....	57
9. Em defesa da Política Ultramarina com fundamento na História .....	59
10. Na I Reunião Internacional de História da Náutica. Os últimos trabalhos .....	65
11. Instituições e Títulos Honoríficos recebidos .....	67
12. O reconhecimento em nome da Pátria e o legado ideológico .....	69
13. Algumas notas .....	73
II – Obra e legado historiográfico. Apontamentos relevantes.....	75
1. Dos primeiros estudos .....	77
2. Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI.....	81
3. The Suma Oriental of Tomé Pires and the Book of Francisco Rodrigues .....	87
4. The Nautical Chart of 1424.....	95

5. Os <i>Portvgaliae Monvmenta Cartographica</i> . Génese e geografias de uma <i>magnum opus</i> .....	105
Algumas considerações técnicas e metodológicas .....	105
Os contextos histórico e historiográfico. Panorama histórico-político internacional e a historiografia da Cartografia Antiga .....	107
Avelino Teixeira da Mota e Armando Cortesão, uma parceria na História da Cartografia portuguesa .....	111
A rede de contactos e os bastidores da realização. Nomes incontornáveis.....	113
As Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique.....	117
O plano inicial e a génese do empreendimento.....	120
Os <i>Portvgaliae Monvmenta Cartographica</i> , uma <i>magnum opus</i> .....	124
Dados bibliográficos e elementos estatísticos .....	127
Os impactos historiográficos nos planos interno e externo.....	130
6. A História da Cartografia Portuguesa e os últimos trabalhos .....	137
7. Armando Cortesão na Historiografia Portuguesa do século XX.....	145
Notas Finais.....	153
Anexos.....	157
Anexo I - Proposta de publicação dos <i>P.M.C.</i> de Novembro de 1954.....	157
Anexo II - Índice dos artigos dos <i>P.M.C.</i> por Autor .....	169
Anexo III - Algumas apreciações feitas aos <i>P.M.C.</i> por instituições estrangeiras...	179
Fontes e Bibliografia .....	183
I. Fontes .....	185
II. Bibliografia.....	189
1. Bibliografia de Armando Cortesão .....	189
2. Bibliografia Geral.....	215
3. Bibliografia Específica.....	219
4. Referências electrónicas .....	239

## Resumo

Esta investigação centrada na figura e obra de Armando Cortesão procura relacionar o seu legado historiográfico nos domínios da História da Expansão Portuguesa e da Cartografia Antiga, com o seu percurso de vida e as convicções pessoais que vão marcar os estudos que elaborou, durante mais de meio século, desde os anos vinte até à sua morte.

Procuramos balizar o seu trajecto, enquanto investigador, em três fases distintas: os primeiros trabalhos, numa dinâmica ascendente até à publicação de *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*, que virá a público em 1935, quando já se encontra exilado. Uma segunda fase, de confirmação e reconhecimento, que culminará com a sua *opus magnum*, os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, em co-autoria com Teixeira da Mota, publicada no início dos anos sessenta e finalmente um terceiro e último período, de apogeu, com notória aceitação internacional, visível reconhecimento académico e intensa produção escrita que levará a cabo até à sua morte, apesar de deixar inacabada a sua *História da Cartografia Portuguesa*, dada ao prelo em 1969/70.

O Autor, oriundo de uma família beirã, de perfil erudito, com tradições republicanas e liberais, ele próprio um oposicionista ao Estado Novo, com anos de exílio onde carreou influências culturais anglo-saxónicas, com vasta obra publicada não só no plano historiográfico como nos domínios da agronomia, administração colonial, história da ciência e relações internacionais, é um conhecedor das realidades ultramarinas, de cuja herança e prioridade na soberania portuguesa fora sempre acérrimo defensor.

**Palavras-chave:** Armando Cortesão (1891-1977); Cartografia Portuguesa dos séculos XV e XVI; História da Cartografia Portuguesa; História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa; Historiografia, Nacionalismo e Ideologia.





## Abstract

This research is focused on Armando Cortesão, the man and his works, and follows an author bio bibliographic profile aiming to relate his legacy in the domains of the History of Portuguese Expansion and Early Cartography, with his life and personal beliefs that punctuates his writings from the twenties till his death.

We try to determine the author's researching path following three distinct stages: the first writings, till the publication of *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*, in the year 1935. A second stage, a period of authors' recognition, crowned at the beginnings of the sixties by his *opus magnum* the *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, in co authorship with Teixeira da Mota; and, at last, a third stage of notorious international acceptance, a visible academic recognition and an intense writing production till his dead leaving unfinished his *History of Portuguese Cartography*, published in 1969/70.

In this research we come to find out how the Author evolved from a republican liberal middle class educated family living in the inner region of the country, to become an oppositionist to Salazar's regimen forcing him to years of exile where the Anglo-Saxon cultural influence prevails. We can witness how the author distinguished himself not only at the historiographical level but in domains such as agronomy, colonial administration, history of science and international relations, and how he got a deep knowledge of the overseas reality whose heritage and priority in Portuguese sovereignty he always passionately defended.

**Keywords:** Armando Cortesão (1891-1977); Portuguese Cartography of 15th and 16th centuries; History of Portuguese Cartography; History of Discoveries and Portuguese Expansion; Historiography, Nationalism and Ideology.



## Siglas e Abreviaturas

A.N.T.T. – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

A./F.B.M. – Arquivo/Fundo Bernardino Machado

A.C.L. – Academia das Ciências de Lisboa

A.E.C.A./C.E.C.A./C.E.H.C.A. – Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga / Centro de Estudos de Cartografia Antiga / Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga

A.G.C. – Agência Geral das Colónias

A.H.M. – American Heritage Magazine

A.I.H.S. – Archives Internationales d’Histoire des Sciences

A.O.S. – Arquivo Oliveira Salazar

A.P.H. – Academia Portuguesa de História

B.A.G.C. / B.G.U. – Boletim da Agência Geral das Colónias / Boletim Geral do Ultramar

B.B.C. – British Broadcasting Corporation

B.N.P. – Biblioteca Nacional de Portugal

C.M.N. – Clube Militar Naval

G.R. – Geographical Review

H.C.P. – História da Cartografia Portuguesa, A. Cortesão

I.N.-C.M. – Imprensa Nacional – Casa da Moeda

J.I.U. / J.I.C.U. / I.I.C.T. – Junta de Investigações do Ultramar / Junta de Investigações Científicas do Ultramar / Instituto de Investigação Científica Tropical

ONU – Organização das Nações Unidas

P.I.D.E./ D.G.S. – Polícia Internacional de Defesa do Estado/ Direcção Geral de Segurança

P.M.C. – Portvgaliae Monvmenta Cartographica

R.U.C. – Revista da Universidade de Coimbra

S.G.L. – Sociedade de Geografia de Lisboa

T.G.J. – The Geographical Journal

T.A.H.R. – The American Historical Review

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

c. ou ca. – *circa* ou cerca de

cx. – caixa

fl. – folha



## Agradecimentos

Ao professor Doutor Francisco Contente Domingues pelo incentivo sempre presente desde que um dia, anos atrás, nos convidou a assistir a uma das suas lições sobre a História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa. Sem a sua doura orientação, distintos e pertinentes comentários esta nossa investigação não teria chegado a bom porto.

Aos professores Doutores Maria de Fátima Reis, Maria Leonor García da Cruz e José Horta, pela partilha dos seus vastos espólios de conhecimento, aportados em inúmeras palestras e *mui* interessantes conversas sobre as *cousas* da História.

Às Instituições, Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, Biblioteca Nacional de Portugal, pelo seu recheado património cartográfico, Biblioteca Central de Marinha, Bibliotecas Municipais de Lisboa e Biblioteca da Faculdade de Direito de Lisboa. À Biblioteca da Faculdade de Letras e à Biblioteca da Reitoria da Universidade de Lisboa, pela generosidade com que sempre fomos recebidos e pelos acervos disponibilizados durante o largo trilha que percorremos durante a feitura desta dissertação.

Aos colegas e amigos com quem nos cruzamos vezes sem conta naqueles longos corredores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pela sua partilha, convívio académico e solidária amizade. Aos que connosco dividem a paixão comum pelos meandros da História.

Aos que pacientemente, com um olhar crítico e atento, acompanharam esta escrita e trouxeram os seus préstimos à revisão textual, a Ana Paula, Fernando, Jorge e Luís.

Aos que partilham o apelido comum, Luísa, Raquel, Catarina e Miguel, pela ternura, compreensão e dedicação disponibilizados ao longo do percurso.

A todos, pela imensa dívida de gratidão que sempre perdurará para além deste tempo e destas palavras,

A todos, um bem-haja.



## Introdução

Em Julho de 2012, estava o autor destas linhas numa das suas leituras estivais, debruçando a sua atenção sobre um artigo da revista *Visão História*<sup>1</sup>, acerca da primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos, cujo centenário então se comemorava, quando e para sua surpresa, tomou conhecimento que da delegação nacional fazia parte o jovem atleta Armando Cortesão, que competiria nas provas de atletismo. Mas foi sobretudo, impressionado com o relato dos acontecimentos que estiveram na origem da morte do maratonista português Francisco Lázaro no decurso da maratona de Estocolmo e com o envolvimento e entejuda dos colegas que o apoiaram, que viria a despertar um outro olhar curioso, sobre a vida e obra de Cortesão.

Ao longo dos nossos estudos nos campos da História e da Cartografia dos Descobrimentos, já nos tínhamos cruzado com os seus textos mais conhecidos e significantes, pela sua dimensão, abrangência e importância, como *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*, a *História da Cartografia Portuguesa*, a sintética *Cartografia Portuguesa Antiga*, e a incontornável *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*. No entanto, sobre esta personalidade e o seu conhecimento, permanecia uma considerável neblina.

Das pesquisas então efectuadas, verificámos a existência de breves referências a Armando Cortesão em dicionários e enciclopédias, e algumas apresentações de enquadramento, em artigos sobre Cartografia ou temáticas específicas de história da Cartografia ou Cartografia Antiga. Como referimos, o âmbito desta proposta será a elaboração de uma Biografia, através da compilação da vária informação dispersa bem como reconstituir e actualizar a sua Bibliografia, partindo de um trabalho já efectuado<sup>2</sup>. Face a este duplo propósito decidimos dar corpo às nossas intenções, e se por um lado, estamos convictos que conseguimos a quase total abrangência da identificação da sua produção textual, já quanto ao seu perfil biográfico, ainda mais será possível elaborar, tendo em conta um percurso de vida, que além de longo, se nos apresenta ricamente preenchido pelos acontecimentos que protagonizou no contexto socio-históriográfico da época em que viveu.

No entanto, o núcleo central da nossa investigação estará focado na busca de respostas ou, pelo menos, na obtenção de uma maior visibilidade sobre os conteúdos

---

<sup>1</sup> “Portugueses nos Jogos Olímpicos”, *Visão História*, nº 16, Junho de 2012, pp. 24-37.

<sup>2</sup> Luís de Albuquerque, “Armando Cortesão (1891-1977)”, contém bibliografia de Armando Cortesão, organizada por A. Teixeira da Mota, com a colaboração de Luís de Albuquerque, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXVI, Coimbra, 1978, pp. V-XV.

temáticos da obra de Cortesão, na sua vertente histórica e mais concretamente nas áreas disciplinares da Cartografia Antiga, dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, bem como as reacções suscitadas no panorama internacional e na ordem interna. Que opções terão orientado os seus interesses pessoais e investigação nestes domínios? Em que medida as suas origens familiares, educação e meio social envolvente condicionaram as suas ideias sobre a história nacional? Que visibilidade externa tiveram algumas das suas teorias e em que circuitos se moveu e obteve reconhecimento? Terá sido o seu percurso historiográfico influenciado por ideais de conotação nacionalista? Ou, estaremos perante uma personalidade fortemente marcada pelo fervor patriótico o que determinaria algum excesso de empenho na causa nacional?

Na realidade, mais do que um melhor conhecimento do seu percurso de vida, das suas obras e legado histórico, importará aqui fazer um relacionamento entre a figura de sentido humano que foi Cortesão e o seu pensamento doutrinário, actividade intelectual e os campos ideológicos que muito combateu, por vezes a par de causas que empenhadamente serviu.

Aparentemente, as temáticas históricas e a procura de conhecimento do passado marítimo e ultramarino, não têm suscitado a curiosidade dos investigadores da História e, sinal dos tempos, menos ainda do grande público, podendo até constatar-se que o assunto foi relegado para algum recanto adormecido da memória colectiva. Desse esquecimento nacional, procuramos através desta investigação e exercício reflexivo, resgatar o contributo historiográfico de Armando Cortesão.



*À Pátria querida e distante,  
que sempre procurámos bem servir.*

*Cartografia e cartógrafos portugueses*  
Armando Cortesão, 1935

I – Armando Cortesão (1891-1977): subsídios  
para uma Biobibliografia



## 1. Perfil socio-biográfico

Armando de Freitas Zuzarte Cortesão nasceu a 31 de Janeiro de 1891<sup>3</sup>, na moradia familiar conhecida por “Casa das Rosas”, em São João do Campo, nos arredores de Coimbra. Do matrimónio<sup>4</sup> de António Augusto Cortesão<sup>5</sup> e Norberta Cândida Zuzarte nasceram cinco filhos, o mais velho Jaime<sup>6</sup>, Ester<sup>7</sup>, Judite, Mário e Armando, o benjamim da família. Pelo lado materno, sua mãe Norberta era proveniente de uma família portuense, afidalgada com antepassados ligados à causa liberal, sendo seu pai originário de família de lavradores abastados da região do vale do Mondego, o jovem Armando recebe educação influenciada pela irmã Ester que dele cuidará em virtude da depressão nervosa da mãe.

Foi casado em primeiras núpcias com Maria Helena O’Connor Shirley de quem teve dois filhos, Nuno Manuel O. S. Z. Cortesão, gerente comercial e Eduardo Luís O. S. Z.

---

<sup>3</sup> Nesse dia 31 de Janeiro de 1891 fracassa no Porto um pronunciamento militar contra o regime monárquico. A revolta liderada pelos capitão Amaral Leitão e alferes Malheiros, simpatizantes republicanos, culmina um período de forte descontentamento contra a situação política do país na sequência do *Ultimatum* britânico de 1890 e da degradação económica e financeira que conduzirá ao colapso das finanças públicas e posterior bancarrota parcial do país.

<sup>4</sup> Do livro de casamentos de Ançã consta: “Em 24 de Agosto de 1881 António Augusto Cortesão, de 27 anos, bacharel em medicina, natural de S. João do Campo, filho legítimo de Joaquim Maria da Silva Cortesão e de D. Conceição Baptista, com D. Norberta Cândida Zuzarte, de 23 anos, proprietária, baptizada na freguesia de S. Nicolau, cidade do Porto, filha legítima de José Joaquim Pires de Abreu e de D. Maria Ermelinda da Cunha Zuzarte de Freitas Abreu, de Cadima”.

<sup>5</sup> Bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, professor do Ensino Normal, filólogo e autor de *Onomástico Medieval Português*, publicado em 1912.

<sup>6</sup> Jaime Zuzarte Cortesão (1884-1960). Nasceu em Ançã, próximo de Coimbra, foi o mais conhecido membro da família Cortesão. Poeta, escritor, historiador e oposicionista do Estado Novo, que o levou a sucessivos exílios na Europa e no Brasil. Com formação em direito e medicina, que exerceu de forma fugaz e durante a primeira Guerra Mundial como voluntário. Propôs-se a deputado pelo Partido Republicano Português em 1911, sem sucesso. Ocupou um lugar de professor provisório no Porto, em História da Literatura enquanto se lançou no meio literário. Lecionou História, com destaque para a divulgação das ideias republicanas. Em 1912 fazia parte do movimento da *Renascença Portuguesa* e foi director do seu boletim *A Vida Portuguesa*. Foi fundador da revista *Seara Nova* e director da Biblioteca Nacional de 1919 a 1927. Esta paixão político-social determinará os seus juízos históricos futuros. Parte da sua permanência no exílio a partir de 1927 foi dedicada à investigação nos arquivos europeus, nomeadamente em Espanha, França, Bélgica e Inglaterra. Além da poesia, do teatro histórico, da literatura infantil, a história foi dos temas que mais cultivou. Polígrafo empenhado na descodificação de alguns enigmas históricos no âmbito dos descobrimentos, a ele se deve a problemática teoria da política de sigilo como chave de situações mais obscuras, não apenas na temática dos descobrimentos e na forma como estes foram conduzidos, mas também no papel dos bandeirantes na exploração da selva brasileira e fixação das fronteiras políticas do Brasil.

<sup>7</sup> Maria Augusta Ester Zuzarte Cortesão Pessoa (casada com João Pessoa Júnior), senhora dada a leituras inglesas e introdutora do ténis em Coimbra, em 1907. Simpatizante dos ideais republicanos, “Presidiu, em 20 de Novembro de 1910, à reunião fundadora da Liga das Mulheres Republicanas Portuguesas, tendo sido eleita para o cargo de Secretária”. Vide *Dicionário no Feminino (séculos XIX e XX)*. Direcção de Zília Osório de Castro e João Esteves, Lisboa, Livros Horizonte, 2005, p. 663.

Cortesão<sup>8</sup>. Voltaria a casar com Carlota Adelaide de Sousa Nunes, matrimónio do qual nasceria o filho Armando José de S. N. Z. Cortesão, funcionário da TAP<sup>9</sup>.

Faleceu, já viúvo, a 27 de Novembro de 1977, em Lisboa, vítima de ataque cardíaco no Hospital dos Ingleses. “Deficiências vasculares determinaram a sua vinda para Lisboa há pouco mais de um mês [...]”. O funeral realizou-se em 30 de Novembro para São João do Campo onde se encontra sepultado<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Eduardo Luís O’Connor Shirley Zuzarte Cortesão (1919-1991). Professor catedrático de psiquiatria, psicanalista e grupanalista autor de *Grupanálise: Teoria e Técnica*, 1989 e *Um Psiquiatra na Revolução*, 2004.

<sup>9</sup> Informação constante de Geneall: [http://www.geneall.net/P/per\\_page.php?id=1007708](http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=1007708) e [http://www.geneall.net/P/per\\_page.php?id=538236](http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=538236) [consultado em 26-1-2013].

<sup>10</sup> “Faleceu o dr. Armando Cortesão cientista e homem de letras”, [Lisboa], *Diário de Notícias*, 30 de Novembro de 1977, p. 2.

## 2. Formação académica e a participação nos V Jogos Olímpicos de Estocolmo de 1912

Na adolescência, enquanto estudante frequenta o Liceu de Coimbra<sup>11</sup>, sendo desde muito novo, praticante de actividades físicas “[...] competindo com camponeses na quinta de seus pais. Possuidor de uma velocidade invulgar, nunca fora vencido na infância ou na adolescência em qualquer corrida”<sup>12</sup>. Talvez devido aos antecedentes familiares, frequenta a Escola Agrícola de Coimbra<sup>13</sup>, onde para além dos estudos e formação agrícolas, se revela um eclético desportista. Dotado de invulgar estatura (1,93m e 72kg), para a época e como português, refere ainda que praticou “[...] o pontapé na bola. Ainda não era futebol”, o ténis, natação, esgrima e o boxe, em sintonia com a linha filosófica paterna onde imperava *mens sana in corpore sano*<sup>14</sup>. Concluídos os estudos agrícolas em Coimbra, matricula-se no Instituto Superior de Agronomia de Lisboa onde se virá a formar engenheiro em 1913 com a apresentação da dissertação, *A teoria da mutação e o melhoramento das plantas*<sup>15</sup>. Para a obtenção do título de Engenheiro Agrónomo era necessário a apresentação e defesa de uma dissertação inaugural, sendo os estudos trematológicos e os melhoramentos das plantas, o tema escolhido. Das linhas finais do referido estudo, Cortesão denota já vincados traços de um patriotismo e sentir histórico que nortearão sistematicamente a sua vida. A propósito de uma ideia veiculada por Charles Seignobos<sup>16</sup> referindo-se a Portugal, diria Armando Cortesão:

“Um historiador moderno, falando de desenvolvimento económico da Europa contemporânea, insere o seguinte parágrafo, que transcrevemos integralmente, para não lhe diminuir a *virtude*: «Le Portugal vend sa principal production, les vins, à l’Angleterre, et lui achète des produits manufacturés. Depuis deux siècles il est «une colonie commerciale de l’Angleterre»».

---

<sup>11</sup> Reprodução fotográfica de um desenho a lápis feito pelo seu irmão Jaime quando Armando tinha 12 anos, em 15 de Maio de 1903. *Esparsos*, vol. I, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974, p. iv.

<sup>12</sup> Entrevista concedida a Romeu Correia em 16 de Dezembro de 1972. Vide Romeu Correia, *Portugueses na V Olimpíada (Jogos Olímpicos de 1912). Subsídios para a História do Desporto Português*, 1988, p. 81.

<sup>13</sup> Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, denominação adoptada desde 1899, onde se ministravam cursos de regentes Agrícola e Florestal desde 1865. <http://portal.esac.pt/portal/portal/sobreESAC/Historia.jsessionid=BAE53F5AB660A3521E1618F31C8E07D0> [consultado em 23-1-2013].

<sup>14</sup> Vide Romeu Correia, *op. cit.*, pp. 87-88.

<sup>15</sup> A. Cortesão, *A teoria da mutação e o melhoramento das plantas (Estudo trematológico)*, Edição da Renascença Portuguesa (Porto), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913.

<sup>16</sup> Referia-se à obra de Charles Seignobos (ou Seignobus) e Albert Métin, *Histoire Contemporaine depuis 1815*, 1904.

Glorioso berço de Camões, do Infante D. Henrique, de Nun'Álvares Pereira, Gama, Cabral, Albuquerque, Castro; gloriosa pátria que já foste senhora de metade da Terra, e és hoje considerada uma *colônia comercial da Inglaterra*! Dessa Inglaterra que desde 1640 nos explora ignobilmente!

Não haverá peito de português sincero, que se não encha de indignação e duma sentida mágua, ao ler o que deixamos transcrito.

Para nós, é ponto de fé que o principal factor do levantamento da Pátria, seria o desenvolvimento máximo da ciência agronómica entre nós.

... e que um outro português pudesse dizer:

*Esta é a ditosa pátria minha amada...*<sup>17</sup>.

Em 1914, com *A Estação Experimental de Svalöf*<sup>18</sup>, dá-nos conta dos mais recentes avanços da ciência em matéria de melhoramento das plantas, conseguidos nesse laboratório sueco.

Do seu *curriculum* agronómico, com especialização adquirida em culturas tropicais no seguimento de missões efectuadas “às Américas, Índias Ocidentais, Guiné, Senegal”<sup>19</sup>, e a S. Tomé nos anos de 1914 a 1920, haverá a salientar vários artigos publicados na *Revista Agronómica*: “O melhoramento racional das plantas - Dos mais notáveis melhoramentos e dos seus métodos”, “O cacau nas Antilhas e Guianas e a depreciação do cacau de S. Tomé”, “Relatório de uma missão às Índias Ocidentais - The preparation, flavour and marketing of S. Tomé cacao” e um “Relatório sobre a Agricultura de S. Tomé”<sup>20</sup>.

Da vida estudantil em Lisboa recorda a prática de remo na Associação Naval de Lisboa e a disputa das primeiras corridas de atletismo com as cores do CIF<sup>21</sup>.

Cortesão fará parte da primeira representação olímpica portuguesa que irá competir em Estocolmo, nos V Jogos Olímpicos da era moderna, que ficará tragicamente assinalada na história do desporto português pela morte do maratonista Francisco Lázaro. A delegação nacional será composta, para além de Lázaro na maratona, por Matias de Carvalho nos 1500m, António Stromp nos 100 e 200m, António Pereira e Joaquim Vital na luta greco-

<sup>17</sup> Vide A. Cortesão, *A teoria da mutação* [...], 1913, pp. 200-201.

<sup>18</sup> Idem, *A Estação Experimental de Svalöf*, Lisboa, [s.n.], 1914.

<sup>19</sup> Idem, “O Problema Colonial Português”, conferência realizada na “Sala Portugal” da Sociedade de Geografia de Lisboa em 21 de Janeiro de 1925, Capa.

<sup>20</sup> Vide nossa dissertação, “Bibliografia de Armando Cortesão”, pp. 189-213.

<sup>21</sup> Clube Internacional de Futebol. Confessava Cortesão, “Entusiasmei-me então pelo atletismo e, como na Associação Naval havia muita gente que pertencia ao Clube Internacional de Futebol, os Pinto Bastos levaram-me para o Internacional. Nunca tive treinador nem coisa nenhuma. Depois, comprei uns livritos ingleses de treino e tentei seguir os seus conselhos”. Vide Romeu Correia, *op. cit.*, p. 83.

romana, Cortesão nos 400 e 800m e Fernando Correia em esgrima e espada, que viria ser o chefe da equipa. Cortesão chegará às meias-finais dos 800m, numa prova disputada em 6 de Julho de 1912, onde se destacará por uma notável prestação, atendendo às circunstâncias da preparação dos atletas portugueses a que também não serão alheias as “rocambolescas peripécias” a que foi sujeita a comitiva portuguesa para chegar e durante a estadia em Estocolmo<sup>22</sup>. As suas extraordinárias aptidões, que juntavam um “físico excepcional, uma *souplesse* e uma *détente* invulgar” para a corrida do meio-fundo (800m), onde se destacou pela sua passada, observada e medida pelos técnicos americanos, treinadores da já então maior potência do atletismo, presente nas Olimpíadas com uma numerosa representação em atletas e medalhas.

De salientar que a trágica morte de Francisco Lázaro durante a prova da maratona, marcará não só aqueles que de perto o foram acompanhando ao longo do percurso (no caso os colegas da representação portuguesa e em particular Cortesão e Correia), como gerou um enorme clima de consternação popular em Portugal quando foi conhecida a notícia<sup>23</sup>.

Das suas qualidades como meio-fundista refira-se o duplo *record* de Portugal nos 800m em 1912 e 1913, bem como os dotes de velocista patentes nos *records* nacionais nos 100 e 200m em 1913<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> “The Portuguese led for the first lap, which was taken at a very moderate pace. It was not before leaving the last curve that Jones began to lengthen his stride and leave Cortesao behind him”. Eric Bergvall, *The Olympic Games of Stockholm 1912, Official Report*, Stockholm, issued by Swedish Olympic Committee, 1913, p. 361.

<sup>23</sup> Sobre este assunto e na passagem do 1º centenário sobre estes acontecimentos, vide Gustavo Pires, *Francisco Lázaro O Homem da Maratona*, [Lisboa], Prime Books, 2012.

<sup>24</sup> Nos 800m em 5 de Maio de 1912 com 2.15,2’ e em 30 de Abril de 1913 com 2.13,4’. Nos 100m com 11” em 12 de Abril de 1913 e nos 200m em 1 de Maio de 1913 com 23”, correndo com a camisola do CIF. Vide Federação Portuguesa de Atletismo. *Evolução dos recordes de Portugal – Masculinos*.

[http://fpatletismo.sapo.pt/cache/cachebin/Evolucao dos Recordes de Portugal - Masc-3551.pdf](http://fpatletismo.sapo.pt/cache/cachebin/Evolucao%20dos%20Recordes%20de%20Portugal%20-%20Masc-3551.pdf)  
[consultado em 24-1-2013].





### 3. Passagem por São Tomé e Príncipe e a Missão Geodésica

Desde a primeira década de noventa que se assistia a uma queda na produção de cacau de São Tomé, então considerada a *jóia da coroa* das colónias portuguesas em África em virtude dos elevados rendimentos provenientes das culturas do café e sobretudo do cacau, que alimentava as florescentes indústrias chocolateiras europeias. Face a este quadro de crise, com fortes quebras nos lucros, cujos males os “roceiros” atribuem a doenças e pragas nos cacaueiros, são enviadas às ilhas várias missões técnicas agrícolas que relatam “[...] a identificação de alguns fungos que encontraram, mas que afinal eram frequentes em quase todas as regiões produtoras de cacau e entenderam que as quebras de produção eram devidas menos a pragas e muito mais à forma como estava a ser feita a cultura. A plantação não havia sido devidamente acautelada manifestando-se nas ilhas como “uma febre financeira não tendo em vistas senão o lucro, mais que uma iniciativa agrícola-económica reflectida e bem orientada que guiou a mão e o espírito dos plantadores desta região”<sup>25</sup>.

No decurso de insistentes pedidos e pressões por parte dos plantadores o Ministério das Colónias, através da Direcção Geral das Colónias, decide reforçar o apoio técnico sendo contratado o engenheiro agrónomo Armando Cortesão, em 28 de Junho de 1914<sup>26</sup>. Por determinação do Ministro, Cortesão é enviado às Índias Ocidentais em missão de estudo da cultura e tecnologia do cacau<sup>27</sup>. Cortesão chegará a São Tomé em 25 Novembro de 1914 para reforçar o quadro de especialistas em culturas tropicais. Apenas decorridos quatro anos da implantação da República, no meio de um conflito mundial, num quadro de alguma desorganização geral, e como não raras vezes sucede, os projectos e apoios que lhe tinham sido garantidos pelo Governo seriam em parte gorados, como se pode deduzir das suas palavras:

“Saí de Lisboa convencido que dentro de pouco seriam organizados os serviços agrícolas de S. Tomé e Príncipe, e foi nessa expectativa que passei os meses da minha estada aqui.

---

<sup>25</sup> José E. Mendes Ferrão, “A investigação agronómica em São Tomé e Príncipe durante a administração portuguesa”, *Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica*, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa, 2012, p. 260.

<sup>26</sup> Vide A. Cortesão, “Relatório de uma missão às Índias Ocidentais - The preparation, flavour and marketing of S. Tomé cacao”, *Revista Agronómica*, Ano XI, 2ª série, vol. 4, nº 21-24, Lisboa, 1915, p. 250.

<sup>27</sup> Refere ainda que devido ao deflagrar da 1ª guerra mundial o plano de visita não se cumpriu na sua totalidade. Assim foram apenas visitadas Santa Lúcia, Trinidad e Tobago e a Guiana Inglesa. No regresso e de passagem por Londres contacta alguns importadores de cacau que lhe expressam opiniões desfavoráveis sobre o cacau de S. Tomé. Refira-se que ainda se vivia no rescaldo do boicote que os chocolateiros ingleses liderados por Cadbury, tinham feito aos cacaos de S. Tomé alegando a utilização sistemática de mão-de-obra escrava por parte dos produtores portugueses naquela colónia. Vide idem, *ibidem*, p. 250.

Perdidas as esperanças, encontrei-me em S. Tomé sem um único elemento de trabalho, e por isso com inúmeras dificuldades para poder assentar num plano de acção”<sup>28</sup>. “Apesar de tudo, tentou criar uma Estação Agronómica, introduziu e começou a estudar o comportamento de várias plantas introduzidas para uma potencial diversificação cultural e defendeu desde logo a rearborização das ilhas e a recomposição das plantações com novas árvores de sombra, muitas delas introduzidas de outras zonas produtoras de cacau, principalmente americanas. Com estas ideias não foi tecnicamente bem recebido pelos administradores que ainda não tinham compreendido que as quebras de produção a que estavam a assistir não eram devidas a ataques de doenças e pragas mas ao empobrecimento dos terrenos provocado pela modificação do sistema cultural de cultura sombreada para cultura em pleno sol, pelas intensas derrubadas que haviam sido praticadas e que alguns teimosamente continuaram a fazer”<sup>29</sup>.

No posfácio do seu Relatório sobre a missão às Índias Ocidentais, datado de 21 de Agosto de 1915, apenas oito meses após a sua chegada, Cortesão conclui que, apesar da modernidade e dimensão que observou nas colónias inglesas, das diferenças culturais e dos métodos de plantação, ainda assim “Cremos que é em S. Tomé que o português melhor tem mostrado nos tempos modernos de quanto é capaz do seu esforço. Não vimos em colónia alguma das que visitámos nada que pudesse comparar-se com a grande obra que a iniciativa particular tem realizado em S. Tomé, nem em extensão nem em grandeza”<sup>30</sup>.

Em artigo publicado no recém-criado Jornal de S. Tomé<sup>31</sup>, Cortesão enfrenta interesses instalados, ao criticar as práticas de adubação intensiva e uso de pesticidas. Em reacção, ao que diz ser uma *calumnia, injustificada agressão e ferida de probidade profissional*, Carvalho de Almeida, o visado e representante de *O. Herold & C.*<sup>32</sup>, faz publicar um pequeno livro em finais de 1915, onde para além da sua defesa em linguagem agressiva e desrespeitosa, tece considerações sobre os estudos conducentes aos títulos académicos que ambos possuem. Refira-se que Almeida é proveniente da Escola Agrícola e Cortesão é titular de licenciatura em Agronomia<sup>33</sup>. A polémica estendeu-se ainda às páginas

---

<sup>28</sup> Idem, “Relatório sobre a agricultura de S. Tomé”, *Revista Agronómica*, Ano XV, nº 1-2, Lisboa, 1920, p. 33. Este relatório foi escrito em S. Tomé, em 3 de Janeiro de 1916.

<sup>29</sup> Vide José E. Mendes Ferrão, *op. cit.*, p. 260.

<sup>30</sup> A. Cortesão, “Relatório de uma missão às Índias Ocidentais [...]”. *Revista Agronómica*, Ano XII, 2ª série, vol. 5, nº 25-36, Lisboa, 1916, p. 88.

<sup>31</sup> *Jornal de S. Thomé*, nº 2, de 11 de Novembro de 1915.

<sup>32</sup> *O. Herold & C.*, casa comercial de origem alemã, estabelecida em Portugal desde o início da década de 1790, dedicando-se ao negócio de importação, das comissões e das consignações, entre os quais adubos.

<sup>33</sup> Vide J. E. Carvalho D’Almeida, *Desafronta: desmascarando um escriba e desfazendo uma calumnia. A propósito de um artigo de Armando Cortesão no “Jornal de S. Thomé”*, Lisboa, Papelaria e Typografia Santos, 1915. Do mesmo autor refira-se ainda: *A adubação dos cacoeiros: resultados obtidos em São Tomé e Príncipe, Agricultura colonial; Breve notícia dos resultados obtidos com o emprego dos adubos chimicos completos da*

da revista Colonial que, em vários números de 1915, publicou artigos de Carvalho de Almeida e José Freire de Andrade sobre as modernas práticas de adubação, tendo por fundo a rivalidade de formação de uns, enquanto Engenheiros Agrónomos, e de outro como Engenheiro Agrícola<sup>34</sup>.

Em carta dactilografada<sup>35</sup> enviada de São Tomé em Março de 1916, a Júlio Henriques<sup>36</sup>, director do Jardim Botânico de Coimbra, Cortesão assina como Engenheiro Agrónomo da Província. Do arquivo de correspondência recebida por Júlio Henriques constam várias cartas de Armando Cortesão enviadas de São Tomé nos anos de 1916 e 1917<sup>37</sup>, cujos assuntos seriam a troca de impressões sobre plantas tropicais e envios de exemplares das mesmas, para o Jardim Botânico. Na carta de 10 de Abril de 1916, em papel timbrado dos Serviços Agronómicos de São Tomé e Príncipe – Gabinete do Director, refere ainda que “Quasi todos os exemplares foram pincelados com um soluto [...] que eu vi empregar na conservação do herbário da ilha de Trinidad”, Cortesão já ocuparia o cargo de director dos Serviços Agronómicos de S. Tomé.

Ainda referindo Mendes Ferrão “[...] Em 1921, apesar dos escassos recursos locais, A. Cortezão encontrou cacauzeiros atacados pelo rubrocinto e imediatamente passou este pequeno insecto a ser o bode expiatório das quebras e produção, ponto de vista também partilhado por Sousa e Faro então administrador da Roça Água Izé. Hoje sabe-se perfeitamente, pelo comportamento ecológico deste insecto que vivendo ao sol atacou as plantações onde a sombra tinha sido suprimida. Mais tarde este comportamento foi

---

*marca Trevo de 4 folhas nas culturas de cacoeiros, cafeeiros e canna saccharina, nas ilhas de S. Thomé e Príncipe: relatório apresentado aos ill.mos e ex.mos Srs. O. Herold & C.ª; Plantas Tropicaes de grande cultura: culturas tropicais; Adubos e Prados e Coisas Agrícolas.*

<sup>34</sup> Vide *Revista Colonial*, nº 28, de Abril, nº 32 e 33 de Agosto e Setembro de 1915.

<sup>35</sup> Carta de 31 de Março de 1916 dirigida a Júlio Henriques, Director do Jardim Botânico de Coimbra, comunicando o envio de espécimes de plantas de S. Tomé. Arquivo Digital de Botânica, Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Departamento de Botânica.

<http://bibdigital.bot.uc.pt/obras/UCFCTBt-JH-ConDa243-COR-A2/globalItems.html> [consultado em 23-1-2013].

<sup>36</sup> Júlio Augusto Henriques (1838-1928). Botânico e professor da Universidade de Coimbra, impulsionador da introdução dos estudos botânicos em Portugal. Fundou a Sociedade Broteriana, desenvolveu e consolidou o Herbário da Universidade de Coimbra e o Jardim Botânico de Coimbra do qual foi director.

<sup>37</sup> Cartas de 31 de Março, 10 e 13 de Abril de 1916, 10 de Fevereiro, 26 de Abril e 23 de Setembro de 1917. No Arquivo Digital da Universidade de Coimbra existe uma carta de 10 de Dezembro de 1899 que embora assinada por A. Cortezão (Administrador) e dirigida a Júlio Henriques, não é do punho de Armando Cortesão que à data teria apenas 8 anos de idade. Cf.

<http://almamater.uc.pt/referencias.asp?f=BDUC2&i=13020100&t=CORTESAO%2C%20ARMANDO%20F.%20OZUZARTE>

confirmado porque os ataques desapareceram quando a sombra das plantações foi reconstituída”<sup>38</sup>.

Foi o Delegado português às Exposições de agricultura tropical de Londres em 1921<sup>39</sup> e de Bruxelas em 1924<sup>40</sup>.

Em resultado da sua experiência agrícola de culturas tropicais publica alguns estudos: “A Guiné Portuguesa e as suas possibilidades agrícolas”; “Notas sobre a palmeira-do-azeite na Guiné Portuguesa” e “O problema Mundial da borracha e a última Exposição de Paris”. Na vigésima segunda reunião do Instituto Colonial Internacional efectuada em Lisboa nos dias 18 a 20 de Abril de 1933 apresentou um relatório sobre a crise agrícola na Guiné Portuguesa<sup>41</sup>.

Frequentemente referenciada, por quantos têm estudado a figura e obra de Armando Cortesão, foi a sua participação na missão Geodésica em S. Tomé e Príncipe levada a cabo por Gago Coutinho<sup>42</sup>.

Da troca de correspondência com Júlio Henriques, na carta manuscrita de 10 de Fevereiro de 1917, Cortesão informa que “Tenho presente a última carta de V<sup>a</sup>. Ex. <sup>cia</sup>. Trabalhos particulares de topografia de que me tenho encarregado, não permitem que eu possa servir V<sup>a</sup>. Ex. <sup>cia</sup> tão bem como antigamente”.

Em Setembro de 1915 por indicação do governador de São Tomé, o Ministro das Colónias nomeia Gago Coutinho para chefiar a missão Geodésica que deveria efectuar

---

<sup>38</sup> José E. Mendes Ferrão, *op. cit.*, p. 261.

<sup>39</sup> No Agricultural Hall, Islington em Londres, decorreu entre 3 e 17 de Junho de 1921 a “Fifth international Exhibition of Rubber and other tropical products and allied Industries”, onde estiveram representados para além das colónias inglesas, a maioria dos territórios ultramarinos sob administração das potências europeias. Cortesão apresentaria uma comunicação sobre a cultura do cacau. Cf. A. Cortesão, “Culture du Cacaoyer (La crise agricole actuelle de La Colonie Portugaise de S. Tomé e Príncipe)”; *Congrès International d'Agriculture Tropicale, Londres, Juin 1921*, Lisbonne, Ministère des Colonies, 1921.

<sup>40</sup> No Palais du Cinquantenaire em Bruxelas teve lugar entre 1 e 16 de Abril de 1924, a “6<sup>e</sup> exposition internationale du caoutchouc et des autres produits tropicaux et Industries connexes et les Conférences internationales d'Agriculture tropicale”.

<sup>41</sup> Vide A. Cortesão, “La Guinée Portugaise et la Crise”, *rapport présenté à l'Institut Colonial International, XXII session, Lisbonne, 18-19-20, Avril 1933*, Bruxelles, 1933, pp. 157-182, tradução portuguesa, “A Guiné Portuguesa e a crise”, *B.A.G.C.*, Ano IX, nº 95, Lisboa, Maio de 1933, pp. 45-63.

<sup>42</sup> Carlos Viegas Gago Coutinho (1869-1959). Oficial de Marinha de carácter multifacetado e espírito empreendedor, foi navegador marítimo, geógrafo e cartógrafo. Chefiou várias missões geodésicas nos territórios ultramarinos portugueses. Entusiasta da História dos Descobrimentos, à qual se dedicou, apontando erros, dúvidas, desfazendo omissões de cronistas e historiadores ao longo das suas obras. Resultado do seu trabalho foi a criação de uma doutrina sobre técnicas da náutica, em especial as origens e a técnica de velejar das caravelas, cujas conclusões foram publicadas na obra *Náutica dos Descobrimentos*, além de muitos artigos em periódicos como a *Seara Nova* e ainda vários artigos sob forma de “Apontamentos”. Enquanto geógrafo e navegador experiente, aproveitou os seus conhecimentos para se dedicar aos estudos da navegação aérea, pouco comum e incipiente na altura, concretizando desta forma a primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Foi agraciado com as mais altas condecorações atribuídas pelo Estado português.

trabalhos geodésicos, hidrográficos e topográficos no arquipélago. Desde início de 1916 aos finais de 1918, altura em deixou a chefia da missão, Gago Coutinho efectuou duas campanhas no território, a primeira que decorreu de Julho de 1916 a Janeiro de 1917 tendo regressado a S. Tomé para trabalhos de campo de Outubro de 1917 a Maio de 1918. Do projecto levado a cabo, Coutinho efectuou um primeiro relatório, mais resumido, e um extenso e detalhado trabalho final de mais de 300 páginas<sup>43</sup>. Embora relate pormenorizadamente, o andamento dos trabalhos, os processos, as circunstâncias, as colaborações, as dificuldades e os agradecimentos diversos, apenas por um momento surge uma referência a Armando Cortesão: “Já anteriormente se tinha procedido em S. Tomé a alguns trabalhos topográficos, avultando entre eles alguns estudos de caminhos-de-ferro, e as plantas de roças levantadas pelos engenheiros Ezequiel de Campos, e Miranda Guedes, e ultimamente Poças Leitão e Armando Cortesão, assim como a da Roça Água-Izé, pelo tenente de marinha Bernardo e Faro, além de outros menores”<sup>44</sup>. Segundo Costa Pinto “Armando Cortesão que era então o responsável pelo levantamento topográfico da Roça Colónia Açoreana, pede a Gago Coutinho para poder medir uma reduzida base de 300 ou 400 m<sup>2</sup>, à beira mar, e sobre ela criar o esqueleto trigonométrico, tanto mais que era provável que executasse o levantamento de mais uma roça, devendo o trabalho cumprir-se de acordo com o plano geral de trabalhos da ilha”<sup>45</sup>. Mais tarde o próprio Cortesão diria com orgulho que, “tendo partido para a triangulação que fizemos duma das nossas cartas parcelares, de base por nós medida (com simples cadeia) e inferior a 100 metros, abrangemos um lado da triangulação geral da ilha, Micondó-Cantagalo (6.505,<sup>m</sup>87), tendo os nossos cálculos, feitos antes da Missão Geodésica, conseguido uma aproximação cujo êrro foi de 92cm. apenas”<sup>46</sup>. Na carta geográfica da ilha de S. Tomé, publicada em 1920, figurará o nome de Cortesão em co-autoria “Com a coordenação de cartas

---

<sup>43</sup> Gago Coutinho, *Ilha de São Tomé, Relatório dos trabalhos no ano de 1916*, S. Tomé, Governo de S. Tomé, Direcção de Portos e Viação, 1917 e *Ilha de S. Tomé Relatório da missão Geodésica, pelo Capitão de Mar e Guerra Gago Coutinho, Chefe de Missão, 1915-1918*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1920.

<sup>44</sup> Idem, *Ilha de S. Tomé Relatório da missão Geodésica [...]*, 1920, p. 335.

<sup>45</sup> Vide Rui Miguel Costa Pinto, *Gago Coutinho (1869-1959), Geógrafo e Historiador. Uma biografia científica*. Tese de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011, p. 54. Exemplar policopiado. Refere ainda Costa Pinto que Cortesão termina a carta pedindo a Gago Coutinho que o recomendasse ao adjunto, o Tenente Álvaro Martha. Cf. carta manuscrita de 4 de Outubro de 1916, Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, Reservados, Documentos soltos s/n.

<sup>46</sup> Vide A. Cortesão, *Cartografia e cartógrafos portugueses [...]*, vol. I, 1935, p. XXXVII.

anteriores, estudos e plantas por E. Campos, M. Guedes, A. Cortezão, Poças Leitão, B. Faro, A. Azancot, Álvaro Martha, H. Macedo, Gago Coutinho, etc.”<sup>47</sup>.

Gago Coutinho, então na qualidade de presidente da Comissão de Cartografia, em conferência sobre Cartografia Antiga, realizada na Escola Naval a 26 de Março de 1933, quando apresentava o orador Armando Cortesão, assim se pronunciou: “Conheci-o pela primeira vez em S. Tomé, onde ambos trabalhávamos no levantamento da carta regular da Ilha. Se eu dispunha de maior experiência, ele dispunha da sua grande robustez e boa vontade, e assim concorreu para a carta final da ilha de S. Tomé”<sup>48</sup>.

Costa Pinto acrescentará ainda que “[...] Por ocasião do centenário do seu nascimento Armando Cortesão, com o qual [Gago Coutinho] teve muitas vezes contendas de foro intelectual ou discordâncias [...]”<sup>49</sup>, seria o próprio Cortesão, em discurso proferido na Academia de Ciências de Lisboa em 20 de Fevereiro de 1969 a tecer vários elogios: “[...] Gago Coutinho, que foi um sábio, herói, homem simples e grande português [...]. O historiador da náutica e cartografia portuguesas não pode deixar de ser também historiador dos descobrimentos, e assim foi que Gago Coutinho, depois de ter sido navegador, geodeta e cartógrafo, e dos mais ilustres que em Portugal tem havido, passou a dedicar-se, quando a idade já começava a interferir com o árduo trabalho de campo, ao importantíssimo capítulo da história dos descobrimentos, em que foi mestre e dos maiores”<sup>50</sup>, vindo a concluir que “Com um intervalo de cinco séculos, o grande Infante e Gago Coutinho foram dois desses génios, de que a sua Pátria se orgulha”<sup>51</sup>.

Ainda durante este elogio histórico do Almirante, Cortesão acrescenta que “[...] a par de tudo isso Gago Coutinho foi um grande cartógrafo, com quem tive o privilégio de trabalhar, em íntima ligação, durante cerca de dois anos, quando ele chefiou a Missão Geodésica da ilha de S. Tomé, de 1916 a 1918. Sempre considerarei muito honroso que na carta de S. Tomé então publicada o meu nome apareça entre os dos engenheiros e outros – de facto engenheiros geógrafos, no tempo em que entre nós esse curso ainda não existia – que com Gago Coutinho colaboraram nessa obra notável de que ele foi a alma e o principal

---

<sup>47</sup> Gago Coutinho, *Carta Geográfica, Missão Geodésica de S. Tomé e Príncipe. Reconhecimento da Ilha de S. Tomé 1916 a 1918*, coordenação de cartas anteriores, estudos e plantas por E. Campos, A. Cortesão e outros, Escala 1:50.000, Lisboa, Setembro, 1920.

<sup>48</sup> A. Cortesão, “Os quatro períodos ou escolas da Cartografia Portuguesa”, excerto da conferência realizada na Escola Naval em 25 de Março de 1933, *Anais do C.M.N.*, Ano 63º, nº 5-6, 1933, pp. 135-136.

<sup>49</sup> Vide Rui M. Costa Pinto, *Gago Coutinho (1869-1959), Geógrafo e Historiador [...]*, 2011, p. 237.

<sup>50</sup> Manuel dos Reis e Armando Cortesão, *Gago Coutinho geógrafo*, Lisboa – Coimbra, J.I.U., 1970, separata do A.E.C.A., nº LVIII, pp. 17-18.

<sup>51</sup> Idem, *ibidem*, p. 29.

executor [...]”<sup>52</sup>, revelando ainda alguns detalhados episódios do relacionamento que houvera entre ambos<sup>53</sup>.

No entanto, e apesar do que anteriormente relatámos, aquando da publicação da sua monumental obra *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*<sup>54</sup>, não será feita qualquer referência a Gago Coutinho, isto se tivermos em conta que é feito um conjunto de largas dezenas de agradecimentos, encabeçados pelo chefe de Governo, Oliveira Salazar até às colaborações mais operacionais que a publicação e os seus autores tiveram. Por último diga-se que o vice-almirante Gago Coutinho tinha sido nomeado para a Comissão Nacional encarregada de promover as Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique<sup>55</sup>, de cujo programa comemorativo a obra faria parte.

---

<sup>52</sup> Idem, *ibidem*, p. 18.

<sup>53</sup> “Foi também numa das suas visitas a Paris, quando quase todos os dias ia à Unesco conversar comigo, que o Almirante no meu gabinete escreveu parte do seu ensaio «Vespúcio não descobriu a América», publicado na *Seara Nova* de 2 de Julho de 1949. Costumava ele tomar um bloco de papel de cima da minha secretária e anotar rapidamente qualquer argumento a que ligava importância especial. Guardei religiosamente alguns desses autógrafos que consegui evitar que ele rasgasse, quando não os metia no bolso. Foi numa dessas, ocasiões, em 1951, quando o Almirante já havia dobrado o cabo dos 80 (ou 2 x 40, como ele dizia espirituosamente), que lhe emprestei o livro de Henry Hart, *Sea Road to the Indies*, que acabava de ser publicado (1950) e ele ainda não conhecia. Levou-o para o hotel e no dia seguinte voltou com um manuscrito intitulado «*Sea Road to the Indies by Henry Hart, for Helen* / Comentários, exclusivamente técnicos, para «Dr. A. Cortesão», que a seu pedido logo mandei dactilografar (10 págs.), tendo-o ele próprio ditado, pois a secretária não conseguia decifrar a sua letra. Não tive tempo de evitar que ele destruísse o original; mas fiquei com este exemplar dactilografado, que assinou «Paris 1951, Gago Coutinho (Antigo Geógrafo, navegador)». Suponho que esses valiosos «Comentários» ainda se encontram inéditos”. Idem, *ibidem*, p. 26.

<sup>54</sup> Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, vol. I, Lisboa, Comissão para as Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, 1960, pp. xxxix-xlii.

<sup>55</sup> Da Comissão, criada a 1 de Julho de 1954, DL nº 39.713, Diário do Governo nº 153, II série, presidida por Caeiro da Matta também faziam parte Teixeira da Mota e Damião Peres.





#### 4. Agente Geral das Colónias de 1924 a 1932

De regresso à metrópole em 1920, Cortesão, na posição de chefe de Repartição, ocupará o cargo de director dos Serviços Agrícolas no Ministério das Colónias. Com a criação da Agência Geral das Colónias em 1924<sup>56</sup>, Armando Cortesão será nomeado primeiro Agente Geral das Colónias. De acordo com José Lima Garcia, ao tomar posse em 3 de Outubro de 1924, Cortesão “[...] vai procurar compensar o tempo perdido relativamente ao trabalho de divulgação feito anteriormente pelas outras potências colonizadoras europeias, apostando de imediato na criação de estruturas materiais e humanas que soubessem e pudessem responder às exigências das populações coloniais, procurando dispor não só de uma sede própria, mas também de um corpo de funcionários competentes e bem preparados para as tarefas a reclamar por essas populações”<sup>57</sup>.

Nesta orientação programática, cria o Boletim da Agência Geral das Colónias<sup>58</sup> do qual será responsável, até ao seu afastamento em 1932. Esta publicação centrada em informação diversa e assuntos relacionados com a temática colonial, publicará também nas suas páginas vários textos de geografia, cartografia e de matriz histórica. De um significativo conjunto de artigos da sua autoria, publicados no Boletim, destacaremos pela sua relevância historiográfica os seguintes: “Onde era o Cabo dos Mastros dos nossos antigos navegadores”<sup>59</sup>, o seu primeiro trabalho sobre História dos Descobrimentos, em 1926, “Subsídios para a história do descobrimento da Guiné e de Cabo Verde”<sup>60</sup> e “Um novo atlas de Vaz Dourado”<sup>61</sup>, em 1931 e 1932, respectivamente. Refere José Luís Garcia, no seu desenvolvido estudo que “o que os leitores do *Boletim Geral das Colónias* têm a agradecer a

---

<sup>56</sup> Pelo Diploma Legislativo Colonial nº 43, de 30 de Setembro de 1924, é criada a Agência Geral das Colónias, com o objectivo de “[...] preencher uma falta de informação e de divulgação sobre as colónias no período republicano [...]”. Cf. José Luís Lima Garcia, *Ideologia e Propaganda Colonial no Estado Novo: da Agência Geral das Colónias à Agência Geral do Ultramar 1924-1974*. Tese de doutoramento em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011, p. 119.

<sup>57</sup> Idem, *ibidem*, p. 121.

<sup>58</sup> “O Boletim da Agência Geral das Colónias, criado pelo Nº 16 e seus parágrafos do artigo 15º do Diploma Legislativo Colonial Nº 43, de 30 de Setembro de 1924 tem como mote: «O "Boletim da Agência Geral das Colónias", órgão oficial da acção colonial portuguesa, propõe-se fazer a propaganda do nosso património colonial, contribuindo por todos os meios para o seu engrandecimento, defesa, estudo das suas riquezas e demonstração das aptidões e capacidade colonizadora dos portugueses». In *Boletim Geral das Colónias*, Vol. I, Nº 2, p. 230”. Foi publicado mensalmente desde 1925 até 1970, acabando como Boletim Geral do Ultramar. Vide <http://memoria-africa.ua.pt/Library/BGC.aspx> [consultado em 7-2-2013].

<sup>59</sup> A. Cortesão, “Onde era o Cabo dos Mastros dos nossos antigos navegadores”, *B.A.G.C.*, Ano II, nº 8, Lisboa, Fevereiro de 1926, pp. 40-45.

<sup>60</sup> Idem, “Subsídios para a história do descobrimento da Guiné e de Cabo Verde”, *B.A.G.C.*, Ano VII, nº 76, Lisboa, Outubro de 1931, pp. 3-39.

<sup>61</sup> Idem, “Um novo atlas de Vaz Dourado”, *B.A.G.C.*, Ano VIII, nº 81, Lisboa, Março de 1932, pp. 142-151.

Armando Cortesão foi a forma como organizou e coordenou o seu periódico, aceitando a contribuição dos mais reputados especialistas nas diversas áreas das ciências humanas e experimentais coloniais, fazendo deste órgão, a par de outros existentes nas principais metrópoles europeias, uma das principais fontes para o estudo e conhecimento da colonização portuguesa contemporânea nos trópicos”<sup>62</sup>. Nessa linha editorial serão publicados nas páginas do *Boletim* diversos artigos de Charles Boxer<sup>63</sup>, sobre a presença portuguesa no Oriente<sup>64</sup>.

Durante o seu mandato, Cortesão foi o “precursor de algumas iniciativas importantes para a divulgação da realidade tropical como foi a criação do *Boletim*, a instituição de concursos de literatura e a implementação de exposições, feiras e mostruários coloniais”<sup>65</sup>, tendo para tal procedido à reorganização dos serviços da Agência.

Numa iniciativa promovida pelo *Notícias Colonial*<sup>66</sup>, em conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa a 21 de Janeiro de 1925, Cortesão irá proferir um discurso que definirá o seu pensamento acerca da política ultramarina portuguesa<sup>67</sup>.

Em 1926, a revista *Seara Nova*, publica um número especial dedicado aos assuntos coloniais, organizado por Jaime Cortesão, com artigos de diversos autores, entre os quais

---

<sup>62</sup> José Luís Lima Garcia, *op. cit.*, p. 235.

<sup>63</sup> Charles Ralph Boxer (1904-2000). Major do Exército Inglês, cargo do qual se aposentou em 1947. Foi professor e historiador, reconhecido como notável conhecedor da história colonial portuguesa e holandesa, resultado de um percurso de quarenta anos em que se dedicou ao estudo do ultramar europeu. Visitava os lugares sobre os quais escrevia e aprendeu a falar japonês, holandês e português, sendo considerado um especialista da expansão ultramarina portuguesa. Recebeu várias distinções portuguesas, das quais dois *Honoris Causa*, um pela Universidade de Lisboa em 1953 e o segundo pela Universidade Nova de Lisboa em 1988, a *Ordem de Santiago de Espada* e a *Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique*. Da sua extensa obra merece destaque, *The Portuguese Seaborne Empire (Império Marítimo Português)*, onde traça o percurso do primeiro império colonial moderno a surgir e o último a desaparecer.

<sup>64</sup> Charles R. Boxer, “24 de Junho de 1622, uma façanha dos portugueses”, *B.A.G.C.*, nº 15, Lisboa, Set. 1926, pp. 117-128; nº 16, Out. 1926, pp. 27-41; “Relação da perda da nau “Madre de Deus” no porto de Nagasaki em Janeiro de 1610”, *B.A.G.C.*, nº 19, Jan. 1927, pp. 3-14; “Subsídios para a História dos Portugueses no Japão (1542-1647)”, *B.A.G.C.*, nº 23, Mai. 1927, pp. 3-16; nº 24, Jun. 1927, pp. 5-44; nº 29, Nov. 1927, pp. 13-39; nº 31, Jan. 1928, pp. 48-67; nº 32, Fev. 1928, pp. 44-64; “Ataque dos holandeses a Macau em 1622. “Relação” inédita do Padre Fr. Álvaro do Rosário publicada com algumas notas colhidas em fontes inglesas e holandesas”, *B.A.G.C.*, nº 33, Mar. 1928, pp. 17-30; “Embaixada de Portugal ao Japão em 1647. Relação inédita”, *B.A.G.C.*, nº 38, Ago. 1928, pp. 21-62; “Uma desconhecida vitória naval portuguesa no século XVII”, *B.A.G.C.*, nº 52, Out. 1929, pp. 29-38; “A situação dos portugueses no Japão em 1635. Carta inédita de Manuel Ramos, ouvidor de Macau, datada de 11 de Dezembro de 1635”, *B.A.G.C.*, nº 64, Out. 1930, pp. 47-55.

<sup>65</sup> José Luís Lima Garcia, *op. cit.*, pp. 233-234.

<sup>66</sup> O *Notícias Colonial* era uma página em forma suplemento quinzenal, do jornal *Diário de Notícias*, que abordava assuntos coloniais. Armando Cortesão era o seu director. “Em Setembro de 1925, encontravam-se publicadas dezasseis páginas deste diário lisboeta com assuntos que interessavam a todos os portugueses, mas especialmente aos que viviam nas diversas parcelas do Império Colonial. A educação cívica para a defesa do «Mundo Português» era quinzenalmente abordada por este suplemento jornalístico, tal como aliás demonstrava a última página, de 26 de Agosto de 1925, em que um antigo ministro dos Negócios Estrangeiros republicano, João de Barros, falava do papel das colónias portuguesas, no contexto da cena política internacional”. Cf. *idem*, *ibidem*, p. 660.

<sup>67</sup> A. Cortesão, “O Problema Colonial Português”, Lisboa, Tip. da Empresa *Diário de Notícias*, 1925.

Armando Cortesão com *Administração colonial*<sup>68</sup> e no jornal *A Vanguarda* sob o título, “O significado de certas acusações que como coloniais nos fazem”<sup>69</sup>, tomará posição de defesa nacional do ultramar face às pretensões de outras potências estrangeiras.

Durante este período Cortesão visitará não só todas as colónias portuguesas como irá participar em *fóruns* e Exposições internacionais, nas capitais das principais potências coloniais europeias, eventos ou missões de que nos deixa variados relatos, seja das problemáticas portuguesas<sup>70</sup> ou ainda das realidades observadas noutros países<sup>71</sup>.

Em 1928, no âmbito das suas funções torna-se membro do Instituto Colonial Internacional, do qual fez parte durante 30 anos<sup>72</sup>. No discurso proferido a 31 de Outubro de 1928, em Madrid, num encontro da União Ibero-Americana<sup>73</sup>, Cortesão fará uma retrospectiva da história colonizadora de Portugal desde a tomada de Ceuta até ao presente. Para além da síntese da expansão quatrocentista, irá centrar a sua mensagem na *acção civilizadora* encetada pelos portugueses, em tónica de glorificação, relevando uma vez mais os perigos e a cobiça das principais chancelarias europeias, que desde o século XIX se faziam sentir sobre as colónias portuguesas, particularmente as de África.

Foi Comissário Geral de Portugal na Exposição Internacional de Antuérpia em 1930, de elaborando vários artigos e extenso relatório da Missão<sup>74</sup>. Nesse ano foi agraciado com a Ordem Militar de Cristo (grau de Grande-Oficial), em reconhecimento pelos destacados serviços prestados ao País no exercício de funções na administração pública<sup>75</sup>.

Armando Cortesão estaria mais alinhado com o anterior regime republicano, quer pelas suas opções ideológicas em geral quer pela sua acção em matéria de política colonial. Como ele próprio referiu “[...] em 1931, pressentimos o nosso afastamento, por motivos

<sup>68</sup> Idem, “Administração Colonial”, *Seara Nova*, Número especial, Lisboa, 9 de Janeiro de 1926.

<sup>69</sup> Idem, “O significado de certas acusações que como coloniais nos fazem”, *A Vanguarda*, Número Especial de Propaganda, dedicado a assuntos coloniais, Ano XV, 3ª série, nº 3725, [Lisboa], 1 de Janeiro de 1926, p. 5.

<sup>70</sup> Idem, “Portugal nação colonial”, conferência realizada em Madrid, na União Ibero-Americana, em 31 de Outubro de 1928, *B.A.G.C.*, Ano IV, nº 41, Lisboa, Novembro de 1928, pp. 3-21 e “La colonisation par peuplement avec colons de la métropole”, *Bulletin Périodique de La Société Belge d’Études et d’Expansion*, nº 71, Liège, Julho de 1929, pp. 400-401; Tradução portuguesa, *B.A.G.C.*, Ano V, nº 51, Lisboa, Setembro de 1929, pp. 215-219.

<sup>71</sup> Idem, “O Instituto Real Colonial de Amsterdam”, *B.A.G.C.*, Ano III, nº 28, Lisboa, Outubro de 1927, pp. 3-24 e Crítica a *La Politique Extérieure du Congo Belge*, de Louis Habran, Bruxelas, 1926, *B.A.G.C.*, Ano IV, nº 42, Lisboa, Dezembro de 1928, pp. 255-257.

<sup>72</sup> Idem, “Realidades e desvarios africanos”, discurso proferido na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 9 de Junho de 1962, Lisboa, *S.G.L.*, 1962, p. 7.

<sup>73</sup> Idem, “Portugal nação colonial”, *B.A.G.C.*, Ano IV, nº 41, Lisboa, Novembro de 1928, pp. 3-21.

<sup>74</sup> Idem, “Portugal na Exposição de Antuérpia”, palestra realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 18 de Março de 1930, *B.A.G.C.*, Ano VI, nº 58, Lisboa, Abril de 1930, pp. 3-31; “A participação de Portugal em exposições coloniais internacionais”, *B.A.G.C.*, Ano VI, nº 61, Lisboa, Julho de 1930, pp. 18-22, e *Relatório do Comissário de Portugal na Exposição de Antuérpia-1930*, Lisboa, Ministério das Colónias, 1930.

<sup>75</sup> Ordens Honoríficas Portuguesas. <http://www.ordens.presidencia.pt> [consultado em 6-2-2013].

políticos, dessas altas funções [...]”<sup>76</sup>, o que viria a acontecer em Março de 1932<sup>77</sup>. Na sequência da recomposição política do regime, em Abril de 1932, seria nomeado para Agente Geral das Colónias o tenente-coronel Garcez de Lencastre, um militar mais conservador, da confiança política do Ministro das Colónias Armindo Monteiro.

A par de alguma libertação das funções oficiais e como ele próprio elucida:

“[...] aproveitámos o tempo que pouco a pouco nos ia ficando livre para começar a escrever uma «História da Administração colonial portuguesa», obra cuja falta se faz sentir e onde poderíamos satisfazer a predilecção que sempre tivemos pelos assuntos históricos, sem nos afastarmos muito do campo costumado da nossa actividade profissional. Para tal obra é indispensável começar pela Empresa dos Descobrimentos, fase inicial da administração colonial portuguesa. Vimos então a importância que, na história dos descobrimentos portugueses, tem o estudo da cartografia antiga, e como à minguia de trabalhos nacionais, correspondia a abundância de publicações estrangeiras sobre o assunto, nem sempre exactas e justas”<sup>78</sup>.

Em 1932 publica em *O Instituto*<sup>79</sup>, um estudo sobre a família de cartógrafos portugueses do século XVI, de apelido *Homem*<sup>80</sup>, que mais tarde, já completado e ampliado, seria incluído na sua obra, *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo)*<sup>81</sup>, vinda a prelo em 1935. Poderemos considerar este estudo, em dois volumes com mais de 800 páginas, a sua primeira obra de grande magnitude, na área de estudos cartográficos<sup>82</sup>.

Desdobra-se entretanto em conferências sobre Cartografia antiga e temas históricos, como a questão colombina<sup>83</sup>. O *Arquivo Histórico da Marinha*<sup>84</sup> publicará um seu trabalho

---

<sup>76</sup> Vide A. Cortesão, *Cartografia e cartógrafos portugueses [...]*, vol. I, 1935, p. XXXVII.

<sup>77</sup> Vide José Luís Lima Garcia, *op. cit.*, p. 277.

<sup>78</sup> Vide A. Cortesão, *Cartografia e cartógrafos portugueses [...]*, vol. I, p. XXXVII.

<sup>79</sup> Prestigiada Revista da academia coimbrã, com assumido propósito científico e literário, subsidiada pela Junta de Educação Nacional que se publicava desde 1852.

<sup>80</sup> A. Cortesão, “Os Homens (Cartógrafos Portugueses do século XVI)”, *O Instituto*, Ano 83, nº 5, Coimbra, 1932, pp. 539-580; Ano 84, nº 1, Coimbra, 1932, pp. 58-85 e nº 2, Coimbra, 1932, pp. 188-224.

<sup>81</sup> Idem, *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo)*, 2 vols., Lisboa, Seara Nova, 1935.

<sup>82</sup> Conforme refere Cortesão na *Introdução*, a obra estaria pronta a publicar em Janeiro de 1933, pela Imprensa da Universidade de Coimbra, mas devido a vicissitudes várias, acabaria por ser a Seara Nova a lançar a edição em 1935, quando o autor já se encontrava exilado em Espanha. Idem, *ibidem*, p. XXXVIII.

<sup>83</sup> Idem, “História da Cartografia Portuguesa”, Conferência, *Jornal do Comércio e das Colónias*, Lisboa, 14 de Março de 1933; “Cristóvão Colombo português?”, *Jornal do Comércio e das Colónias*, Lisboa, 15 de Março de 1933; “Cartografia Portuguesa Antiga”, Conferência *Diário de Notícias*, Lisboa, 26 de Março de 1933; “O debate sobre a personalidade de Colombo”, *República*, Lisboa, 24 de Maio de 1933.

<sup>84</sup> Segundo as palavras de Teixeira da Mota “Em 1933 surgiu o *Arquivo Histórico da Marinha*, tão bem concebido quão efêmero, pois não passou além de 1936, e no qual colaboraram C. R. Boxer, Armando Cortesão, Jaime Cortesão, Fontoura da Costa, César Ferreira, Quirino da Fonseca, Jordão de Freitas, A. Sousa Gomes, J. Franco Machado, A. C. Rocha Madahil, Edgar Prestage, Mariano Saldanha, A. Ferreira de Serpa, J. M. Cordeiro

sobre Pedro Nunes, no início de 1933<sup>85</sup>. Ainda nesse ano, a 25 de Março profere na Escola Naval uma conferência sobre a Cartografia portuguesa apontando os seus quatro períodos ou “escolas” como a Escola do Infante, a Escola de Pedro Reinel, a Escola de Lopo Homem e o período da Decadência<sup>86</sup>.

---

de Sousa e Frazão de Vasconcelos”. Vide Teixeira da Mota, “O Comandante Abel Fontoura da Costa, Historiador da Marinharia dos Descobrimentos”, Lisboa, J.I.U., 1973, separata do *A.E.C.A.*, nº LXXXIV, p. 5.

<sup>85</sup> Vide A. Cortesão, “A curva loxodrômica de Pedro Nunes e a projecção em latitudes crescidas de Mercator”, *Arquivo Histórico da Marinha*, Ano 1º, nº 1, Lisboa, 1933, pp. 57-75.

<sup>86</sup> Idem, “Os quatro períodos ou escolas da Cartografia Portuguesa”, excerto da conferência realizada na Escola Naval em 25 de Março de 1933, *Anais do C.M.N.*, Ano 63º, nº 5-6, Lisboa, 1933, pp. 135-143. Esta palestra será uma síntese dos primeiros capítulos do que viria ser a *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*.



## 5. Os caminhos do exílio

Liberto de qualquer cargo público, Cortesão alto funcionário do Ministério das Colónias, ocupar-se-á da redacção das suas investigações históricas que conduzirá em paralelo com crescentes actividades de cariz político-ideológico contra a Ditadura. Armando Cortesão embora fiel aos desígnios do *projecto colonial português*, levado a cabo pelo regime, mantinha-se ideologicamente alinhado com os movimentos republicanos, mais liberais, que no seguimento das revoltas de 1927<sup>87</sup> e 1931<sup>88</sup>, lideravam a oposição envolvida no derrube da Ditadura Militar instaurada em 1926<sup>89</sup>. Em Coimbra será responsável pela publicação do jornal clandestino *A Verdade*<sup>90</sup>, situação que veio a ser descoberta pelas autoridades policiais<sup>91</sup>, com instauração de um processo judicial<sup>92</sup> e posterior fuga do país. *A Verdade*, título que resultaria da mensagem expressa num opúsculo de Raúl Proença escrito em 1927 “[...] a verdade, hoje, no nosso país é clandestina [...]”<sup>93</sup>, seria impresso clandestinamente numa tipografia de Coimbra, tendo os primeiros cinco números saído entre

---

<sup>87</sup> Também conhecida como a Revolução de Fevereiro de 1927, foi uma rebelião militar que ocorreu no Porto entre os dias 3 e 9 de Fevereiro de 1927. Era no Porto que se encontrava instalado o centro de comando dos insurrectos e se travaram os principais recontros. O general Adalberto Gastão de Sousa Dias liderou a revolta que terminou, com a rendição e prisão dos revoltosos. No Porto ocorreram 80 mortes e 360 feridos, enquanto em Lisboa se contaram 70 mortos e 400 feridos. Esta revolta é considerada a primeira tentativa de derrube do regime ditatorial instituído após o 28 de Maio de 1926.

<sup>88</sup> A revolta de 26 Agosto de 1931 foi uma tentativa de golpe militar e umas das últimas acções ligadas ao movimento do Revirralho, promovido pela oposição republicana saída do regime ditatorial de 28 de Maio de 1926. Foi protagonizada por militares e um grupo de aviadores da base de Alverca. Tratou-se de uma revolta falhada, a bomba que supostamente era para ser lançada no Forte de Almada caiu no Largo da Vila causando várias mortes, incluindo dezenas de crianças.

<sup>89</sup> O Golpe Militar de 28 Maio de 1926, foi um golpe de Estado protagonizado sobretudo por militares e civis antiliberais. A eles se deveu a queda da 1ª República e a instauração da Ditadura Militar. Resultado de um descontentamento dos portugueses face à política do Partido Democrático, da corrupção e de um desinteresse crescente pelas causas dos trabalhadores. Da conspiração de vários grupos contra o Governo resultou o movimento que veio a eclodir em Braga sob a direcção do general Gomes da Costa. Como consequência o presidente da República demitiu-se e Bernardino Machado também abdicou do seu lugar. Posteriormente o Congresso foi dissolvido e a Constituição suspensa, ao que se seguiu a instauração de uma ditadura militar em que o Governo detém os poderes do Parlamento e do Ministério, com completa autonomia legislativa.

<sup>90</sup> Jornal clandestino anti-salazarista do qual teriam saído onze números entre Julho de 1933 e Fevereiro de 1934. Impressos em Coimbra os primeiros cinco números, sendo os restantes seis feitos em Espanha, continha artigos de ataque às políticas governamentais, denúncias da repressão e incitamentos à insurreição. Teria ampla circulação nos meios oposicionistas internos e junto dos núcleos de exilados no exterior.

<sup>91</sup> A PVDE - Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, foi criada pelo Decreto-Lei nº 22 992, de 29 de Agosto de 1933, na sequência da fusão das congéneres Polícia Internacional Portuguesa e Polícia de Defesa Política e Social. Tinha como missão vigiar as actividades de oposicionistas do regime, as infiltrações de elementos considerados subversivos fugidos da Guerra Civil de Espanha e controlar acções de contra-espionagem durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1945, foi substituída pela PIDE.

<sup>92</sup> Processo nº 1/934, do Tribunal Militar Especial, contra Armando Cortesão e outros, arquivado no 2º Tribunal Militar Territorial de Lisboa. Cf. Cadastro Político nº 5.356, SC PIDE/DGS, Armando Cortesão, Funcionário Público, A.N.T.T., Arquivo PIDE/DGS.

<sup>93</sup> Alberto Vilaça, “O jornal republicano clandestino “A Verdade””, *Revista História das Ideias – História e Verdade(s)*, vol. 23, 2002, p. 449.

Julho e Setembro de 1933, cuja responsabilidade de coordenação e posterior distribuição será atribuída a Cortesão, conforme apurado nos inquéritos às testemunhas envolvidas no processo<sup>94</sup>. Consta que “A maior parte dos exemplares, logo que impressos, e bem assim do tipo utilizado era escondida no mencionado estabelecimento de géneros alimentícios, [mercearia pertencente a Gomes Júnior, próxima da tipografia] de onde era feita a distribuição – nomeadamente em automóvel pertencente a Adelina Sousa Nunes, residente em Lisboa e irmã da esposa de Armando Cortesão, conduzido por este, e através de outros meios”<sup>95</sup>. Na sequência destes acontecimentos, com apreensão do jornal e prisão dos suspeitos de colaboração, Cortesão escapará ao mandato de captura, porventura previamente informado da investida policial, obrigado a fugir para Espanha, em Outubro de 1933, onde se reunirá a outros exilados oposicionistas, entre os quais o seu irmão Jaime.

Em Portugal será julgado à revelia e condenado a pagamento de multa pecuniária, convertível em prisão correcional quando não paga no prazo legal e suspensão de direitos políticos por cinco anos<sup>96</sup>. Segundo Vilaça “[...] ainda em 16/1/1937 eram passados

---

<sup>94</sup> Cf. Processo nº 1.053, Arguido Manuel dos Reis Gomes, A.N.T.T., Arquivo da PIDE/DGS. Do Auto de corpo de Delito Indirecto feito em 13 de Outubro de 1933 em Coimbra, consta:

“Depoimento da 1ª testemunha, António Maria de Oliveira: “[...]viu que ali (Tip. Reis Gomes) foram imprimidos 10000 ex. do jornal clandestino “A Verdade”, manufatura que foi realizada por 3 vezes e em diferentes datas; Que em meados de Agosto próximo passado, foram imprimidos 13000 ex. do citado jornal com o nº 2; que em meados de Setembro findo, foram impressos outros 3000 do mesmo jornal com o nº 4; Que no dia 30 do mesmo mês, foram impressos 4000 ex. do mesmo jornal com o nº 5; Que os 1ºs 3000 ex., ou sejam aqueles com o nº 2, foram mandados fazer por Cândido Nazareth, Chefe da tipografia da Empresa da Universidade; que os 13.000 ex. do nº 4 e os 4000 ex. do nº 5 foram, mandados fazer pelo Doutor Armando Cortesão; que os indivíduos que acaba de citar, trataram directamente com o seu patrão a impressão dos citados ex.; Que pelo motivo que cita, os originais foram entregues ao seu patrão Manuel Reis Gomes, que por sua vez os entregava ao tipógrafo Clemente, homem de confiança do seu patrão e do Doutor A. Cortesão, pois quando se tratava de qualquer assunto que se relacionasse com a impressão do jornal “A Verdade”, este era sempre chamado ao escritório, onde falava com o seu patrão, Cândido Nazareth e Doutor Cortesão; Que os trabalhos de composição e impressão, eram orientados pelo tipógrafo Clemente e Doutor Cortesão; Que viu o Doutor Cortesão incumbir o tipógrafo Clemente de ir a Lisboa levar exemplares do jornal “A Verdade”, na tipografia e, no dia 29 do mez findo; Que o Clemente não foi a Lisboa pelo motivo do Doutor Cortesão lhe ter dito no dia 30 do mez findo, na oficina, que ficava sem efeito a viagem a Lisboa porque tinha de ir ao Porto, e apontando para 2 maços de ex. disse-lhe que os devia levar para o Porto para um doutor que hoje sabe chamar-se Azevedo Antas, dando-lhe ao mesmo tempo uma carta para ser entregue ao citado Doutor; Que a composição e impressão dos nºs 2 e 4, fôra feita na residência de João Gomes Júnior e a impressão na tipografia; [...] [Continua na folha 3 verso]: [...] Que a maior parte dos ex. que foram para a mercearia de João Gomes, foram levados pelo Doutor Cortesão, num automóvel de côr preta e que o mesmo conduzia; [Folha 4]: [...] Que procedeu sempre de boa-fé, desconhecendo para onde foram levados os ex. que o Doutor Cortesão conduziu no seu automóvel.

2ª Testemunha Henrique José Pereira de Matos, aprendiz de tipógrafo: Que os ex. com os nºs 4 e 5 foram mandados fazer pelo Doutor Armando Cortesão; [...]”. Lisboa, 28 de Fevereiro de 1934.

<sup>95</sup> Alberto Vilaça, *op. cit.*, p. 457.

<sup>96</sup> “Em 6 de Junho de 1934 – O epigrafado, que se encontra fora de Portugal por ter fugido à acção da justiça, foi julgado à revelia nesta data no Tribunal Militar Especial, reunido na cidade do Porto, acusado de, no segundo semestre de 1933, em Coimbra, ter mandado imprimir na tipografia de Manuel dos Reis Gomes, sete mil exemplares do jornal clandestino a “Verdade”, com os nºs 4 e 5, tendo fornecido original para os mesmos, jornais estes que foram largamente distribuídos pelo País e nos quais se fez incitamento á indisciplina social e à



mandados de captura contra Cortesão e João Gomes Júnior, e de novo em 11/5/1939 contra o primeiro e Nazaré. Pelo menos estes dois parecem não ter chegado a ser capturados porque continuavam “fora do país” um e “em parte incerta” outro”<sup>97</sup>.

Em Espanha, dará continuidade à publicação do jornal, uma vez que a imprensa dos exilados é praticamente inexistente durante este período, o que reflecte bem as dificuldades da oposição, as clivagens políticas e sobretudo a insuficiência de fundos. Cortesão será a *alma* da publicação, o seu director, administrador e principal colaborador, fará a revisão de provas, organizará a edição e colocará na impressão a maioria dos artigos enviados. Será também ele quem se ocupará da correspondência do jornal e distribuição para Portugal<sup>98</sup>. O jornal é impresso mensalmente em Madrid em formato fólho e geralmente comporta oito páginas. Parece que a tiragem era de três mil exemplares<sup>99</sup>, mas o número especial de Janeiro tirou dez mil<sup>100</sup>. O preço de cada exemplar não é mencionado e nessas páginas não se faz referência a contribuições monetárias, contrariamente aos jornais anteriores ao exílio, o que leva a supor que este é distribuído gratuitamente no interior do país. No entanto nos Estados Unidos e no Brasil o objectivo é a recolha de fundos<sup>101</sup>.

Os artigos não são assinados, com excepção de uma poesia de Jaime Cortesão<sup>102</sup> e uma declaração de princípios assinada por Bernardino Machado<sup>103</sup> em nome da oposição

---

desarmonia entre os elementos da força pública; e se divulgaram boatos e publicaram artigos destinados a perturbar a ordem pública e a prejudicar o crédito nacional. O Tribunal deu como provado o crime de que o epígráfico é acusado e que se acha previsto nos N.ºs 2, 3 e 6 do artigo 2.º do decreto 23203, de 6 de Novembro de 1933, punido pelo artigo 4.º do mesmo decreto, e, assim condenou-o a pena de catorze mil e quatrocentos escudos de multa, que não sendo paga no prazo [sic] legal será convertida em prisão correcional à razão de vinte escudos diários, e ainda na perda de direitos políticos por cinco anos. (Processo N.º 1/934, do Tribunal Militar Especial)”. Cf. Cadastro Político n.º 5.356, SC PIDE/DGS, Armando Cortesão, Funcionário Público, A.N.T.T., Arquivo PIDE/DGS.

<sup>97</sup> Alberto Vilaça, *op. cit.*, p. 467.

<sup>98</sup> Ana C. Clímaco Pereira, *L'exil politique portugais en France et en Espagne: 1927-1940*. Dissertação de doutoramento em Sociologia, apresentada à Universidade de Paris 7- Denis Diderot, Paris, 1998, pp. 452-453. Exemplar policopiado.

<sup>99</sup> Armando Cortesão faz referência à destruição de três mil exemplares dos n.ºs 6 e 7, como representando metade da tiragem. Vide carta de Armando Cortesão a Bernardino Machado, em 21 de Março de 1934, Museu Bernardino Machado, Arquivo/Fundo Particular Bernardino Machado, cx. 132.

<sup>100</sup> Idem, carta a Bernardino Machado em 1 de Fevereiro de 1934, A./F.B.M., cx. 132.

<sup>101</sup> Idem, carta a Bernardino Machado em 10 de Fevereiro de 1934, A./F.B.M., cx. 132.

<sup>102</sup> Jaime Cortesão, “Maldição”, publicado no n.º 9 (número especial).

<sup>103</sup> Bernardino Luís Machado Guimarães (1851-1944). Nascido no Brasil mas a viver em Portugal desde 1860, optou pela nacionalidade portuguesa ao atingir a maioridade. Concluiu o secundário no Porto e formou-se em Matemática e Filosofia na Universidade de Coimbra. Foi Professor de Filosofia na Faculdade de Filosofia, doutorou-se em 1877 e foi nomeado lente catedrático na mesma disciplina, cargo do qual se demitiu em sequência da crise académica de 1907. Dirigiu a disciplina de Antropologia enquanto se licenciava em Agricultura Geral Zootécnica e Economia Rural. Do seu percurso político destaca-se a sua acção na Maçonaria e a ocupação de vários cargos públicos. Presidiu ao Directório do Partido Republicano Português entre 1906-1909, e foi chamado para ocupar os mais altos cargos na hierarquia política do País após a implantação da República, incluindo o de presidente da República em 1915 e a partir de 1925, mandatos que não concluiu devido ao

republicana. Ignora-se o nome dos outros colaboradores do jornal. Cortesão é apoiado na sua tarefa por Bernardino Machado, que acompanha e critica a preparação do jornal, dando lugar a uma importante troca de correspondência que nos permite conhecer melhor a história da publicação. Os artigos não assinados, serão também uma forma de esconder uma ligação com os *Budas*<sup>104</sup> e dar ao órgão da oposição republicana um carácter unitário<sup>105</sup>. A introdução dos primeiros números de *A Verdade* em Portugal teve a conivência dos empregados dos caminhos-de-ferro espanhóis e portugueses<sup>106</sup>. A tentativa de greve geral em Janeiro de 1934 intensificou a vigilância policial e vários exemplares do jornal foram apreendidos nos Correios. Para a distribuição do número 8 Armando Cortesão é obrigado a organizar uma nova rede com novos elementos, que está a funcionar em finais de Dezembro, o que atrasou a saída do número desse mês<sup>107</sup>.

*A Verdade* tem como cartaz a intenção de ser uma fonte de informação para a imprensa estrangeira<sup>108</sup>, evidenciando os jornais estrangeiros que a citam e utilizam as suas informações. É o caso do jornal *Le Travail* que publica uma série de crónicas políticas sobre Portugal, em que faz referência à oposição portuguesa e contesta a veracidade dos orçamentos apresentados por Salazar. A questão financeira é o principal assunto de discussão de *A Verdade* e, de uma forma geral, da oposição republicana<sup>109</sup>. O primeiro objectivo do jornal é de imediato ser contrário à política salazarista. Logo, os artigos são essencialmente sobre política financeira e crítica ao corporativismo, mas também uma denúncia à má administração colonial e as concessões feitas à Inglaterra neste domínio, a censura exercida sobre a

---

movimento de Sidónio Pais no primeiro mandato, e ao golpe militar de 28 de Maio de 1926 no segundo. Foi expulso do País em 1927, exilando-se na Galiza e depois em França continuando sempre a sua luta contra o regime ditatorial. Autorizado a regressar a Portugal em 1940, quando as forças nazis invadiram a França, no entanto foi proibido de residir em Lisboa, fixou-se no Alto Douro onde veio a falecer.

<sup>104</sup> Alcinha criada por Ferro Alves, e pela qual ficou conhecido o grupo de opositores ao regime ditatorial português que surgiu após o golpe de 28 de Maio de 1926, que se refugiou em Madrid. Dele fizeram parte figuras como, Jaime Cortesão, Nuno Cerqueira, Machado Cruz, Francisco Oliveira Pio, Ernesto Carneiro Franco, Inocêncio Matoso da Câmara Pires, Alexandrino Santos e Jaime Alberto de Castro Moraes que liderava o grupo. Armando Cortesão, João Maria Ferreira Sarmento foram igualmente figuras que também estiveram ligadas a este grupo. As suas ligações estendiam-se à Liga de Paris, dirigida por Afonso Costa e ao Governo espanhol através de Azãna. Apesar das difíceis condições no exílio, este grupo liderou uma forte resistência à ditadura e ao fascismo. Também conhecido por “Grupo de Madrid”.

<sup>105</sup> Vide Ana C. Clímaco Pereira, *op. cit.*, pp. 453-454.

<sup>106</sup> O jornal é igualmente enviado em pequenos pacotes por correio ou introduzido clandestinamente no país pelos “correios”. Um outro estratagema utilizado pelos exilados consistia em enviar *A Verdade* para o interior do país, dentro dos jornais espanhóis autorizados em Portugal. As prisões em massa que tiveram lugar em Outubro e Novembro de 1933 desorganizaram a rede de distribuição no país; uma parte dos elementos da organização foram detidos e os que escaparam não podiam ser utilizados.

<sup>107</sup> Vide carta de Armando Cortesão a Bernardino Machado em 22 de Dezembro de 1933, A./F.B.M., cx. 132.

<sup>108</sup> *A Verdade*, nº 7, Novembro de 1933.

<sup>109</sup> A oposição denuncia o *deficit* orçamental do ano de 1932-1933, assim como contradiz os resultados apresentados por Salazar, segundo os quais havia excedentes. Um *deficit* de 228 mil contos foi igualmente anunciado pelo Anuário de estatística da SDN (Sociedade das Nações).

imprensa, a correspondência, as escutas telefónicas, a repressão policial e os maus tratos infligidos aos detidos<sup>110</sup>.

Os debates de ideias, os programas políticos, as discussões ideológicas, não são negligenciadas mas tornam-se secundárias, o que revela uma fraqueza da oposição republicana incapaz de avançar ou até de se apresentar como uma alternativa política. A exemplo de outros jornais republicanos impressos no estrangeiro durante este período, *A Verdade* reafirma os princípios que estiveram na origem do 28 de Maio de 1926 e das suas motivações iniciais, justificando que os militares republicanos participantes no movimento seriam também os primeiros a serem vítimas do regime que ajudaram a triunfar: “A ditadura saída do 28 de Maio de 1926, bem-intencionada inicialmente, é preciso admitir que o rápido reconhecimento dos processos baixos lhes permitiria sobreviver (...) em breve os militares sinceros que participaram no 28 de Maio foram perseguidos, presos, deportados e finalmente destituídos”<sup>111</sup>.

A intensificação da repressão policial e o aumento das prisões e deportações deram lugar a um número especial de *A Verdade*, dedicado às vítimas da ditadura: o número 9º de Janeiro de 1934, devia ser distribuído ao mesmo tempo que o número 10º. Este evidenciava o carácter repressivo adoptado pela ditadura. Para uma maior difusão deste número especial, Armando Cortesão fará uma versão em francês, resumida e adaptada ao contexto internacional. A tiragem foi de dez mil exemplares, dos quais três mil em francês<sup>112</sup>. A distribuição foi feita a 31 de Janeiro de forma a coincidir com a revolta republicana de 1891<sup>113</sup>. A introdução e as entregas do jornal no interior do país foram cuidadosamente preparadas, uma vez que a vigilância policial foi particularmente reforçada depois da greve geral revolucionária em 18 de Janeiro de 1934<sup>114</sup>. Este número especial foi enviado aos

---

<sup>110</sup> O jornal emprega uma linguagem violenta e lança ataques contra as principais figuras do regime, Salazar, Armindo Monteiro (ministro das colónias), António Ferro (responsável pelo Secretariado de Propaganda Nacional, o SPN), Agostinho Lourenço (director da PVDE) e em menor escala contra Carmona, o presidente da República. *A Verdade* não perdoa a Carmona o facto de ter podido pôr fim à ditadura pela via pacífica e de não o ter feito, destituindo Salazar das funções de presidente do Conselho e proceder de imediato à formação de um governo nacional.

<sup>111</sup> *A Verdade*, nº 7, Novembro de 1933.

<sup>112</sup> Vide carta de Armando Cortesão a Bernardino Machado, em 1 de Fevereiro de 1934, A./F.B.M., cx. 132. No nº 11, de Fevereiro de 1934, está indicada a tiragem de 18 mil exemplares.

<sup>113</sup> Vide Ana C. Clímaco Pereira, *op. cit.*, pp. 455-459.

<sup>114</sup> O número especial é introduzido clandestinamente em Portugal pela fronteira, e enviado por correio aos republicanos de Lisboa, do Porto, da província e das colónias em pequenos pacotes com etiquetas falsas de livros, livheiros e de institutos. Um outro meio utilizado para a introdução do jornal, foi a passagem dos pacotes para um terceiro país, para que o lugar de expedição não chamasse a atenção da PVDE. Os pacotes eram enviados para Londres e Genebra, de onde os intermediários os deviam reexpedir para Portugal. A utilização deste estratagema parece ter resultado, excepto na Suíça, onde mais de 30 pacotes foram apreendidos por ordem do governador federal, o que representa uma perda de mais de dois mil jornais. Cortesão conseguiu recuperar

deputados e senadores franceses, belgas e ingleses (com excepção dos da direita) e às altas personalidades desses países<sup>115</sup>. Afonso Costa<sup>116</sup> encarregou-se pessoalmente da distribuição de mil e duzentos exemplares da edição francesa, dos quais oitocentos em Inglaterra<sup>117</sup>. O número especial foi igualmente distribuído na imprensa inglesa, francesa e belga. Armando Cortesão contava nos seus contactos com os melhores jornalistas para fazer publicar pela imprensa estrangeira os artigos desfavoráveis ao governo português. Elaborou resumos em francês e inglês, das críticas da oposição à política financeira de Salazar.

Especial atenção foi dedicada à difusão do número especial em Espanha. Armando Cortesão por intermédio de Bernardino Machado reúne-se com o director do *Heraldo de Madrid*, Roberto Castrovido. Com Jaime Cortesão, tentará junto dos *El Liberal* e *El Socialista*, que insiram comentários sobre a situação portuguesa. Mas o resultado obtido é praticamente nulo, os jornais esquivam-se às solicitações dos exilados portugueses e, apesar das promessas feitas aos irmãos Cortesão, apenas o *El Liberal* se refere a Portugal mas não na perspectiva desejada. A edição portuguesa do número especial estava esgotada no final de Fevereiro de 1934, mas como o jornal continua a ser reclamado em Portugal, foi impressa uma edição especial no início de Março de 1934<sup>118</sup>.

A violência e a repressão policial, as condições precárias nas prisões metropolitanas, as más condições de transferência para as colónias e de detenção dos deportados, em particular para Angra do Heroísmo e para o campo de Okussi em Timor, são os principais assuntos tratados nesse número<sup>119</sup>. Os testemunhos pessoais serão ilustrados com imagens que

---

parte desses pacotes, graças ao governo espanhol. Cf. cartas de Armando Cortesão a Bernardino Machado, em 25 de Janeiro, 2 e 21 de Março de 1934, A./F.B.M., cx. 132.

<sup>115</sup> Vide carta de Armando Cortesão a Bernardino Machado de 17 de Março de 1934, A./F.B.M., cx. 132.

<sup>116</sup> Afonso Augusto da Costa (1871-1937). Formado em Direito é uma figura importante e influente no Partido Republicano como defensor das ideias republicanas e da mudança de regime político. Em 1897 (eleições anuladas) e 1906 foi eleito para a Câmara dos deputados pelo círculo do Porto. Crítico severo dos adiantamentos à Casa Real, dirigidos ao rei D. Carlos, defende o fim da Monarquia. No 1º governo provisório após implantação da República, chefiado por Teófilo Braga, foi responsável pela pasta da justiça, dando início a várias reformas que levaram à impopularidade do novo regime, junto dos republicanos mais conservadores, nomeadamente com a separação do Estado e da Igreja. Foi considerado responsável pela instabilidade da I República. Até 1923 dirigiu três governos, tendo sido afastado e preso em 1917 pelo golpe de Sidónio Pais. Chefiou a delegação portuguesa que assinou o Tratado de Versalhes após a I Guerra Mundial, e foi também representante português na Sociedade das Nações. Com o Estado Novo exilou-se em Espanha e Paris, de onde sem sucesso tentou organizar a oposição.

<sup>117</sup> Vide carta de Armando Cortesão a Bernardino Machado, em 25 de Janeiro de 1934, A./F.B.M., cx. 132.

<sup>118</sup> Vide carta de Armando Cortesão a Bernardino Machado em 2 de Março de 1934, A./F.B.M., cx. 132. Os jornais seriam distribuídos aos portugueses que vão a Madrid por ocasião de um encontro de futebol entre equipas dos dois países, de modo, e a coberto deste evento desportivo, os introduzir em Portugal, iludindo a vigilância policial que neste momento é particularmente intensa.

<sup>119</sup> Vide Ana C. Clímaco Pereira, *op. cit.*, pp. 460-461.

completam a sua missão de sensibilização, pela forma como são conduzidos os interrogatórios dos detidos e os métodos de tortura utilizados pela PVDE<sup>120</sup>.

Uma característica particular deste jornal é a consciência que tem de constituir um documento para a História<sup>121</sup>; este cuidado está na origem da tiragem de alguns exemplares “que um dia figurarão nos arquivos históricos portugueses como elementos importantes para o estudo deste período da ditadura”. E porque o período representa *um lugar negro e sangrento na História*, trinta exemplares são impressos em papel vermelho, destinados ao presidente da República, a Salazar, aos ministros e a outros elementos da ditadura “para que do sangue e das lágrimas daqueles que eles afogaram o amor e a liberdade, quer de republicanos quer de liberais portugueses e das suas famílias”<sup>122</sup>. Uma outra particularidade do jornal é a evolução do conceito de oposição, que tende a generalizar e englobar as correntes representativas do movimento trabalhador. *A Verdade* não faz distinção entre vítimas republicanas, anarquistas ou comunistas, todos são considerados opositores do regime.

A linguagem demasiado radical do jornal irrita alguns republicanos do interior, que pedem a Armando Cortesão que modere o tom empregue. Os problemas entre radicais e moderados quanto ao conteúdo do jornal e à forma de conduzir a propaganda revelam as profundas divergências que existem no seio da oposição republicana e agravam a clivagem entre os grupos: *A intriga continua! O outro lado conduz uma guerra absurda contra os que se acham os Budas, o ódio que lhes é dirigido, é mais forte que contra os partidários da ditadura*. Os três mil exemplares dos números 6º e 7º enviados de Espanha, para serem distribuídos em Portugal, são queimados devido às críticas formuladas a Carmona susceptíveis de desagradar ao exército<sup>123</sup>. As incompatibilidades entre os grupos republicanos opositores são demasiado fortes para que sejam bem-sucedidos em esquecer as suas diferenças e fazer concessões mútuas. A consequência destas dificuldades é a interrupção de *A Verdade*, que Armando Cortesão considerará temporariamente “[...] para dar aos

---

<sup>120</sup> Cf. carta de Armando Cortesão a Bernardino Machado, em 2 de Fevereiro de 1934, A./F.B.M., cx. 132. Vide caricaturas feitas por Reinoso, um caricaturista espanhol que passou dez anos em Paris e que tinha acabado de chegar a Espanha depois de sugestões e orientação de Cortesão. Os desenhos a caneta são de Canelas, feitos em Paris em 1929.

<sup>121</sup> É preciso não esquecer que Jaime Cortesão é historiador.

<sup>122</sup> Vide carta de Armando Cortesão a Bernardino Machado, em 7 de Novembro de 1933, A./F.B.M., cx. 132.

<sup>123</sup> Vide carta de Armando Cortesão a Bernardino Machado em 21 de Março de 1934, A./F.B.M., cx. 132. Faz ainda referência, na carta de 28 de Fevereiro de 1934, a um pacote de 1800 exemplares do nº 8 que foi abandonado no depósito de mercadorias dos caminhos-de-ferro no Cacém, sob pretexto do cupão de envio se ter perdido, que com a cumplicidade dos funcionários dos caminhos-de-ferro, terá sido possível recuperar.

republicanos do interior tempo de se acalmarem”<sup>124</sup>, uma vez que em Março sonharia fazer sair o número 12º<sup>125</sup>.

De referir a edição de uma *brochura-panfleto*<sup>126</sup> da responsabilidade de Cortesão, com a colaboração de Utra Machado<sup>127</sup> nos dois primeiros capítulos, onde se abordam essencialmente as temáticas orçamentais e a gestão do *deficit* nos anos de 1927 a 1934, com duras críticas à actuação política de Salazar e à sua responsabilidade na condução da pasta da Finanças.

As actividades de Armando Cortesão no exterior, sobretudo em Espanha, eram do conhecimento da PVDE, que delas possuía detalhada informação, pelo que se pode constatar dos informes, deixados em arquivo<sup>128</sup>:

“As relações pessoais e políticas entre os 2 irmãos Cortezão foram sempre da maior intimidade e desenvolveram-se sempre num espírito de inteira colaboração. A acção revolucionária do Dr. Jaime Cortezão foi secundada pelo Armando Cortezão a partir da primeira tentativa revolucionária de 7 de Fevereiro de 1927. Jaime Cortezão teve de emigrar após a derrota daquela revolução, mas Armando Cortezão conseguiu passar despercebido. Por isso continuou as suas actividades conspiratórias, transformando-se numa espécie de delegado em Lisboa de seu irmão. Tendo êste Dr. Jaime principiado a organizar em Paris a Liga dos Emigrados Portugueses, o Armando Cortezão recebia periodicamente as instruções do Jaime, que transmitia aos revolucionários. Por duas ou mais vezes foi mesmo a Paris onde se entrevistou com o Jaime trazendo instruções, para os conspiradores, que estavam em Lisboa. Descobertas finalmente as suas ligações revolucionárias o Armando Cortezão emigrou para Madrid. Ali tomou parte em todas as reuniões e trabalhos revolucionários assim como o seu irmão Jaime e o seu primo Camilo Cortezão”.

Continuará ainda, adiantando pormenores sobre o estilo de vida e actividades conspiratórias desenvolvidas pelos irmãos Zuzarte Cortesão<sup>129</sup>:

---

<sup>124</sup> Vide carta de Armando Cortesão a Bernardino Machado em 28 de Fevereiro de 1934, A./F.B.M., cx. 132.

<sup>125</sup> Vide Ana C. Clímaco Pereira, *op. cit.*, pp. 462-464.

<sup>126</sup> A. Z. C., i. e. Armando Zuzarte Cortesão, *O Desfazer de uma Lenda. “Outra Verdade”*..., [com os dois primeiros capítulos de Utra Machado], Vigo, Prensa Liberdade, [s.d.].

<sup>127</sup> Fernando Pais Teles de Utra Machado (1882-1949). Oficial do Exército, foi governador-geral de Angola e em 1919 chefe do gabinete do ministro das Colónias. Detido em 1931 após a Ditadura Militar, demitido e deportado para Timor por chefiar o movimento reviralista de 26 de Agosto de 1931. Escapou de Timor e em 1932 estabeleceu-se em Espanha onde move intensa acção contra o regime, o que o leva novamente à prisão e desterro nos Açores em 1939. Libertado no ano seguinte após amnistia.

<sup>128</sup> Cf. A.N.T.T., Arquivo PIDE/DGS, Processo nº 4.232-S.R., NT 2408 Armando de Freitas Zuzarte Cortesão, folha 71, informação sem data.

<sup>129</sup> Vide *ibidem*, folha 72.

“Viveram muito tempo os 3 na pensão “Rialto” da Gran Via, em Madrid. Quando da realização do empréstimo Echevarrieta<sup>130</sup>, Armando Cortezão passou a receber uma mensalidade de 500 pesetas. [...] Apesar de suspenso o jornal [*A Verdade*] o Armando Cortezão continuou a receber as 500 pesetas mensais. Igualmente fez parte da comissão encarregada de administrar os fundos do empréstimo Echevarrieta, com o engenheiro Luiz de Melo Borges. Juntamente com seu irmão Jaime Cortezão, com o Camilo Cortezão e Cesar de Almeida procurou comprar em Salamanca uma pequena quinta ao espanhol sr. Vicente Martin, quinta essa que devia ser adquirida com dinheiro de Echevarrieta e servir para depósito das armas compradas pelo Dr. Jaime de Moraes e Jaime Cortezão na Dinamarca e transportadas no vapor “Rolambec”, para Bilbao onde foram desembarcadas. Mais tarde e quando estes assuntos principiaram a ser do domínio público, Armando Cortezão saiu de Espanha para Londres. Continuou porém recebendo as 500 pesetas e mantendo com o seu irmão Jaime, com Moura Pinto e Jaime de Moraes as mais íntimas relações políticas”.

Com o deflagrar da guerra civil em Espanha, Cortezão refugiar-se-á em Londres, onde publicará “The Mystery of Columbus” na *The Contemporary Review*<sup>131</sup> e “Illuminated Portuguese Maps”, no *The Connoisseur*<sup>132</sup>, vindo a colaborar com o *The Geographical Journal* e a *Geographical Review*<sup>133</sup>, com várias apreciações críticas sobre obras ou artigos de autores portugueses e estrangeiros<sup>134</sup>. Alguns dos seus estudos serão também objecto de recensões nas páginas destes prestigiados periódicos<sup>135</sup>.

<sup>130</sup> Horácio Echevarrieta (1870-1963). Empresário basco seguidor dos ideais republicanos, financiou em 500.000 pesetas, o grupo dos *Budas*, para a compra de armas destinadas à insurreição contra o regime de Salazar. Cf. *ABC*, 26 de Setembro de 1934, p. 25; *La Vanguardia*, 25 de Setembro de 1934, p. 24 e 26 de Setembro de 1934, p. 22.

<sup>131</sup> A. Cortezão, “The Mystery of Columbus”, *The Contemporary Review*, vol. CLI, London, March 1937, pp. 322-330.

<sup>132</sup> Idem, “Illuminated Portuguese Maps”, *The Connoisseur*, vol. 100, nº 433, London, Sep. 1937.

<sup>133</sup> Idem, “A Hitherto Unrecognized Map by Pedro Reinel in the British Museum”, *T.G.J.*, vol. 87, nº 6, London, Jun. 1936, pp. 518-524; “António Pereira and his Map of circa 1545 - An unknown Portuguese cartographer and the early representation of Newfoundland, Lower California, the Amazon and the Ladrões”, *G.R.*, vol. 29, nº 2, New York, Apr. 1939, pp. 205-225.

<sup>134</sup> Idem, Crítica a “Chroniques de Gomes Eannes de Azurara. La conquête de Ceuta. La découverte de la Guinée, (ed. de Virginia de Castro e Almeida)”, *T.G.J.*, vol. 87, nº 2, London, Feb. 1936, pp. 180-181; Crítica a Albert Kammerer, “La Mer Rouge: l’Abyssinie et l’Arabie depuis l’antiquité”, *T.G.J.*, vol. 90, nº 4, London, Oct. 1937, pp. 371-373; Crítica a “Exploration of Portuguese Timor, report by Allied Mining Corporation to Asia Investments Company”, *T.G.J.*, vol. 92, nº 1, London, Jul. 1938, pp. 74-75; Crítica a Roberto C. Simonsen, “História Económica do Brasil, 1500-1820”, *T.J.G.*, vol. 92, nº 1, London, Jul. 1938, pp. 81-82; Crítica a Archibald Lyall, “Black and White Make Brown: an account of a journey to the Cape Verde Islands and Portuguese Guinea”, *T.G.J.*, vol. 92, nº 2, London, Aug. 1938, p. 170; Crítica a José Gonzalez Ginorio, “El Descubrimiento de Puerto Rico”, *T.G.J.*, vol. 92, nº 5, London, Nov. 1938, pp. 471-472; Crítica a Henry R. Wagner, “Discovery and Cartography of the Northwest coast of America [...]”, *G.R.*, vol. 29, nº 2, Apr. 1939, pp. 345-346; Crítica a Elaine Sanceau, “Portugal in Quest of Prester John”, *T.G.J.*, vol. 103, nº 1/2, London, Jan.-Feb. 1944, pp. 82-83; Crítica ao “Tratado dos Descobrimentos by António Galvão (ed. de Visconde de

Em Lisboa, sairá na *Vida Contemporânea* um artigo da sua autoria escrito em Madrid e datado de Maio de 1935, abordando o tema da espionagem nos Descobrimentos, questão à qual regressará mais tarde<sup>136</sup>.

“Em 11 de Dezembro de 1935 assisti, em Londres, ao leilão de Sotheby & Co., onde foi arrematado por £82 um livrinho impresso em Lisboa em 1521, que no catálogo respectivo, trazia a indicação: «The earliest account of Abyssinia, and apparently undescribed»<sup>137</sup>, com estas palavras Cortesão descreve como se confrontou com um inédito português do século XVI. Depois de sugerir a sua aquisição pela Biblioteca Nacional de Portugal que não se concretizou, acabou por ser comprado pelo British Museum, por recomendação de Cortesão a Henry Thomas<sup>138</sup> que em conjunto, virão a fazer o seu estudo crítico e posterior publicação em 1938<sup>139</sup>.

Em 1944, com o patrocínio da Hakluyt Society<sup>140</sup>, vem a público em Londres, *The Suma Oriental of Tomé Pires*<sup>141</sup>, encontrada num códice inédito descoberto por Cortesão em Setembro de 1937, na Biblioteca da *Chambre des Députés* em Paris. Na mesma encadernação encontrava-se também o livro e atlas do cartógrafo-piloto Francisco Rodrigues. No Congresso

---

Lagoa e Elaine Sanceau”, *T.G.J.*, vol. 107, nº 3/4, London, Mar.-Apr. 1946, pp. 157-158; Crítica a Elaine Sanceau, “Henry the Navigator”, *T.G.J.*, vol. 107, nº 5/6, London, May-Jun. 1946, pp. 259-261.

<sup>135</sup> Eric Axelsson, Crítica a “History of Cartography: vol. 1 by Armando Cortesão”, *T.G.J.*, vol. 136, nº 2, Jun. 1970, pp. 309-311; G. R. Crone, Crítica a “Portvgaliae Monvmenta Cartographica, vols. I-IV, Lisboa, 1960”, *T.G.J.*, vol. 126, nº 4, Dec. 1960, pp. 547-548 e Crítica a “PMC, vol. V, e vol. Índex, Lisboa, 1960”, *T.G.J.*, vol. 129, nº 2, Jun. 1963, p. 235; Dana B. Durand, Crítica a “Carta das Novas. The Discovery of Abyssinia by the Portuguese in 1520 [...]”, *G.R.*, vol. 29, nº 2, Apr. 1939, pp. 346-347; E. G. R. T., Crítica a “The Nautical Chart of 1424 [...]”, *T.G.J.*, vol. 120, nº 4, Dec. 1954, pp. 518-520; E. H., Crítica a “Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI [...]”, *T.G.J.*, vol. 87, nº 2, Feb. 1936, pp. 150-153.

<sup>136</sup> A. Cortesão, “Espionagem dos Descobrimentos”, *Vida Contemporânea*, nº 18, Lisboa, Outubro 1935.

<sup>137</sup> Idem, *Carta das Novas que vieram a El Rei Nosso Senhor do Descobrimento do Preste João (Lisboa, 1521)*, texto parcial e estudo crítico com vários documentos inéditos, *Esparsos*, vol. I, 1974, p. 61.

<sup>138</sup> Sir Henry Thomas Tizard (1885-1959). Físico-químico inglês que ocupou o cargo de curador (*Trustee*) do Museu Britânico de 1937 a 1959. Em 1935 era *Deputy keeper of Printed Books* do Museu.

<sup>139</sup> Armando Cortesão e Henry Thomas, *Carta das Novas que vieram a El Rei Nosso Senhor do Descobrimento do Preste João (Lisboa, 1521)*, texto original e estudo crítico com vários documentos inéditos, Lisboa, Seara Nova, 1938.

<sup>140</sup> A Hakluyt Society, fundada em 1846, é uma instituição sem fins lucrativos dedicada ao estudo e publicação de narrativas de viagens de explorações geográficas, tendo-se notabilizado com textos da época dos Descobrimentos. As várias obras publicadas sobre viagens, navegadores e exploradores, mais os trabalhos sobre geografia, etnologia e história natural, constituem importantes fontes de estudo primárias. Além da divulgação de textos académicos, a Sociedade organiza e participa em reuniões, conferências e simpósios com objectivo de contribuir para uma maior consciência da exploração geográfica e encontros culturais em todo o mundo. Vide <http://www.hakluyt.com/> [consultado em 6-2-2014].

<sup>141</sup> A. Cortesão, *The Suma Oriental of Tomé Pires (An Account of the East, from the Red Sea to Japan, written in Malacca and India in 1512-1515) and the Book of Francisco Rodrigues (Rutter of a Voyage in the Red Sea, nautical rules, almanack and maps, written and drawn in the East before 1515)*, translated from the Portuguese MS in the Bibliothéque de la Chambre des Députés, Paris, and edited by A. C., London, Hakluyt Society, 2nd series, LXXXIX and XC, 1944; edição portuguesa, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, leitura e notas de Armando Cortesão, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1978.



Internacional de Geografia realizado em Amesterdão em 1938, Cortesão fez uma comunicação anunciando a descoberta destas obras<sup>142</sup>.

Na edição da *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, dirigida por António Baião, Hernâni Cidade<sup>143</sup> e Manuel Múrias, dois capítulos relativos ao descobrimento da Austrália, à questão das Molucas e à expansão portuguesa no Pacífico, são da responsabilidade de Armando Cortesão<sup>144</sup>. Ainda escreverá mais três ensaios sobre a presença portuguesa no Oriente, *Fernão Mendes Pinto não era de origem judaica*, que publicará em 1943 na *Seara Nova*, *Os Portugueses em Bengala* e “*A Cidade de Bengala*” do século XVI, em 1944 no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*<sup>145</sup>.

Acerca das difíceis condições de vida dos exilados e da sua forma de subsistência, poderemos acrescentar que, no caso de Cortesão, aparte a referida subvenção mensal de 500 pesetas atrás mencionada, ainda teria um outro “subsídio” que lhe era enviado por Charles Boxer, a custas, mas à revelia, do Governo Português, segundo denúncia anónima, das muitas que chegavam constantemente a Salazar. Boxer, então a viver em Hong-Kong, receberia do governador de Macau, Tamagnini Barbosa<sup>146</sup>, uma ajuda mensal de 15£ (pelos seus estudos

---

<sup>142</sup> Idem, “The First Account of the Far East in the Sixteenth Century - The name “Japan” in 1513”, *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie Amsterdam 1938*, tome 2, sect. IV, 1938, pp. 146-152.

<sup>143</sup> Hernâni António Cidade (1887-1975). Professor, ensaísta, historiador, crítico literário e jornalista. Foi seminarista em Évora e na Universidade Gregoriana de Roma, entrou em ruptura com a sua fé, resultando numa forte dualidade entre um agnosticismo intelectual e uma sensibilidade religiosa presente na sua obra ao longo da vida. A 26 de Outubro de 1916 foi mobilizado e participou na Primeira Guerra Mundial, com grande firmeza e sentido do dever, distinguindo-se, sobretudo pela sua coragem ao serviço da paz e da dignidade humana, tendo-lhe sido atribuída a Cruz de Guerra. Preso pelos alemães, depois da batalha de La Lys, estudou a língua alemã e organizou conferências sobre literatura portuguesa no campo de prisioneiros. Foi presidente da Liga dos Combatentes da Grande Guerra entre 1931 e 1934. Em 1935 foi retirado da lista dos professores universitários demitidos, por intervenção directa de Gustavo Cordeiro Ramos, junto de Salazar, tendo-se dedicado inteiramente à vida universitária, embora não deixando de manter uma forte solidariedade cívica.

<sup>144</sup> A. Cortesão, “O descobrimento da Austrália e a Questão das Molucas”, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Direcção de António Baião, Hernâni Cidade, Manuel Múrias, vol. 2, Lisboa, 1939, pp. 129-150 e “A expansão portuguesa através do Pacífico (Australásia, Ilhas do Oiro-Austrália Ilha de Gomes Sequeira, Macau, Japão)”, vol. 2, pp. 159-173.

<sup>145</sup> Idem, “Fernão Mendes Pinto não era de origem judaica”, *Seara Nova*, n.º 842, Lisboa, 1943, pp. 89-91; “Os Portugueses em Bengala”, *Boletim S.G.L.*, série 62, n.º 7-8, Lisboa, 1944, pp. 433-447 e ““A Cidade de Bengala” do século XVI”, *Boletim S.G.L.*, série 62, n.º 9-10, Lisboa, 1944, pp. 585-600, com versão inglesa adulterada, “The City of Bengal in early reports”, *Journal of the Royal Asiatic Society of Bengal*, vol. XI, Calcutta, 1945.

<sup>146</sup> Artur Tamagnini Barbosa (1881-1940). Viveu em Macau até aos 17 anos. Estudou em Coimbra, onde se licenciou em professorado e pedagógicas. À semelhança do pai, inspector-geral da Fazenda do Ultramar, enveredou pela carreira colonial, sendo seu secretário. Acompanhou-o em missões de serviço a Cabo Verde, S. Tomé, Angola e posteriormente Moçambique. Começou a carreira no Ministério das Colónias como escrivão dos serviços da Fazenda em Timor. Foi promovido sucessivamente e chefiou diversas repartições, chegando a director-geral da Administração Política e Civil. Foi chefe do gabinete do Ministro das Colónias, cargo exercido pelo irmão João Tamagnini. Em 1918, 1926 e 1936 foi nomeado governador de Macau.

relacionados com a presença portuguesa no Oriente), que transferiria para o amigo Armando Cortesão, nessa altura a viver em Londres<sup>147</sup>.

Desde 1939 que Armando Cortesão colaborava na secção Brasileira da BBC e a possibilidade de transitar para o recém-criado *Portuguese Service* era motivo de preocupação para as autoridades portuguesas, conforme carta enviada a Salazar por Armindo Monteiro, embaixador em Londres<sup>148</sup>. O facto de Cortesão se ocupar das traduções da secção Portuguesa era visto pelo regime como uma ingerência perigosa de um conhecido opositor, na política de propaganda em tempo de guerra, tendo o Governo português desenvolvido várias acções junto da BBC e do *Foreign Office*, com vista a retirar esse *conhecido inimigo* do Estado Novo da Estação Inglesa. Com o alastrar da guerra, a intensificação das acções beligerantes, os sucessivos bloqueios da Censura às notícias da BBC e a pressão diplomática, viriam a trazer o episódio para as páginas dos jornais afectos ao regime. Em Outubro de 1941, por entre notícias das ofensivas alemãs na frente leste, saem *manchetes* nos *Diário da Manhã* e *O Século*<sup>149</sup>, sobre a seriedade das acções de propaganda e a defesa do interesse nacional<sup>150</sup>. O artigo de maior alcance e destaque, ocupando três colunas da primeira página do *Orgão da União Nacional*<sup>151</sup>, é dirigido a Armando Cortesão, num ataque político e pessoal calunioso, evocando não só as divergências ideológicas e anteriores episódios das oposições exiladas, mas também assinalando aspectos da vida privada e profissional que visavam denegrir a

---

<sup>147</sup> Cf. duas notas manuscritas [escritas em pequenos *memos* de 4 e 5 de Dezembro de 1939], onde consta o seguinte: “O governador de Macau subsidia com £15 mensaes dos fundos do Estado o inimigo da situação Dr. Armando Cortezão, que o governador escondeu em sua casa quando aquele era perseguido pela Polícia. Agora como ele está em Londres, conseguiu por intermédio do capitão do Exército Inglês Boxer amigo do governador, enviar àquele £15 mensaes, o que vem fazendo desde Abril de 1937 até ao presente. O capitão Boxer envia aquele dinheiro por intermédio do Hong Kong & Shanghai Bank como se prova pelos documentos juntos [notas de transferência do Banco]. O governador diz que o capitão Boxer é quem faz isso de motu próprio, o que não é verdade pois Cortezão é amigo pessoal do governador e foi a pedido deste que se fez aquela transferência de dinheiro. Há testemunhas em como o gov.or pediu ao capitão Boxer para lhe enviar o dinheiro”. [Não assinado], A.N.T.T., Arquivo Salazar, UL-10A1 cx. 767, pasta 6.

<sup>148</sup> “It would be no surprise if the B.B.C., in regard to the case of direct interest to us, and for economic reasons, just tried to expand the services of its Brazilian section. Employed in that section, and in a position of some prominence [...] sheltered by the B.B.C.’s own left-wing tendencies, is the Portuguese political refugee Armando Cortezão, the infamous editor of a notorious secret pamphlet totally filled with lies [...]. I don’t really know if the British, with their usual incomprehension of the political intricacies of other peoples, will now comprehend the gaffe that they would commit by placing in a position of prominence in a news service intended to capture the support of a certain people and a certain government... a political refugee of such moral perfection! Let’s hope that they understand (Letter from Monteiro to Salazar, 3 March 1939, Historic Diplomatic Archive, M.97 CP)”, apud Nelson Ribeiro, “Salazar’s interference in the BBC Portuguese Service during World War II”, *Journalism Studies*, vol. 11, nº 2, 2010, p. 259.

<sup>149</sup> Cf. “Recidivas Perigosas”, *O Século*, 17 de Outubro de 1941, p. 1.

<sup>150</sup> Cf. “Propaganda séria e propaganda deshonestas”, *Diário da Manhã*, 11 de Outubro de 1941, p. 1 e “Ponhamos acima de tudo o interesse nacional”, *Diário da Manhã*, 20 de Outubro de 1941, p. 1.

<sup>151</sup> Referimo-nos ao *Diário da Manhã*, *Orgão da União Nacional*, periódico afecto ao regime que era publicado sob o lema em cabeçalho, «Nada contra a Nação, Tudo pela Nação».

imagem deste<sup>152</sup>. No dia seguinte, a embaixada britânica em Lisboa, em comunicado publicado no *Diário da Manhã*, viria a desmentir que “o sr. Cortesão nunca teve qualquer influência na organização dos programas da B.B.C. para Portugal”<sup>153</sup>. Em resultado da pressão política, Cortesão seria afastado da estação radiofónica inglesa no final de 1941<sup>154</sup>.

Durante o seu exílio na Inglaterra, participa activamente no esforço de guerra servindo como voluntário, na *Home Guard of the British Army* (1942-1945) operando numa bateria antiaérea em Londres. Receberá um Louvor do Rei Jorge VI.

Com a aproximação do final da Guerra, os vários grupos de oposicionistas portugueses e espanhóis no exílio lutavam por uma viragem democrática dos regimes totalitários da Península. Num dos encontros, realizado em Londres, a 16 de Dezembro de 1949, integrado no ciclo de Conferências Ibero-americanas, que teve lugar na Casa Basca (Euzko Etxea)<sup>155</sup>, por proposta de Cortesão fundar-se-ia uma Comissão Pró-Comunidade Ibérica, composta pelos referidos elementos, tendo sido mais tarde apresentado um esboço de constituição ibérica, a que chamariam “Bases para um Regime Constitucional de Comunidades de Nações Ibéricas”. Seriam seus membros as Repúblicas de Espanha, Portugal, Catalunha, Galiza e País Basco<sup>156</sup>. Ainda neste quadro conspirativo contra o regime, a Polícia política, mantinha Cortesão vigiado e as suas actividades subversivas constavam detalhadamente no seu cadastro<sup>157</sup>.

---

<sup>152</sup> Cf. “O sr. Armando Cortesão! Um mentor?!...”, *Diário da Manhã*, 24 de Outubro de 1941, p. 1.

<sup>153</sup> Cf. “A «B.B.C.» e o sr. Cortesão”, *Diário da Manhã*, 25 de Outubro de 1941, p. 1.

<sup>154</sup> Cf. Nelson Ribeiro, *op. cit.*, p. 264.

<sup>155</sup> Participaram, além de Armando Cortesão (por Portugal), Luís Araquistain (por Espanha), Carlos Pi i Sunyer (pela Catalunha) e Manuel Irujo presidente de Euzko Etxea (representante dos bascos).

<sup>156</sup> O assunto, longe de ser consensual, contava com a oposição do socialista Luís Araquistain, que era contra a federalização do território espanhol, aceitando apenas uma federação entre Espanha e Portugal.

<sup>157</sup> Cf. informação no Processo a propósito de um artigo saído no *Diário da Manhã* de 17 de Outubro de 1946: “[...] No dia 12 de Setembro a Tribune de Lausana publicou um artigo intitulado: «A Comunidade Ibérica das Repúblicas Socialistas». Refere-se este artigo à aproximação dos emigrantes espanhóis e portugueses que, descontentes com o apoio dos anglo-saxónicos aos actuais regimes de Portugal e Espanha, se aproximam cada vez mais da Rússia Soviética. Assim, constituiu-se uma Comissão dos Povos Ibéricos, composta por Pi i Sunyer, pelos catalães, Araquistain, pelos bascos, Irujo pelos galegos, e Armando Cortezão, pelos portugueses (o que é, evidentemente, uma maneira obsoleta de falar). Esta comissão elaborou um programa comum. O problema da Península Ibérica, diz a comissão, deverá resolver-se pela aplicação de uma fórmula federal e a Espanha e Portugal, libertos dos seus actuais regimes deverão constituir uma Comunidade Ibérica das Repúblicas Socialistas, aspecto novo como, nota a Tribune, da antiga Federação dos Povos Ibéricos. Há nesta fórmula e no assunto um terreno propício às manobras da Rússia Soviética, sempre preocupada, como se sabe, com o acesso ao mar livre. E só há um mar verdadeiramente livre: o Atlântico”, A.N.T.T., Arquivo PIDE/DGS, Processo nº 4.232-S.R., NT 2408 Armando de Freitas Zuzarte Cortesão, folhas 73 e segs.



## 6. Ao serviço da UNESCO

No rescaldo da 2ª Grande Guerra mundial, com a fundação da ONU<sup>158</sup> em 1945, em substituição da Liga das Nações, num quadro mais amplo de aproximação entre os povos e promoção da paz e segurança no mundo, será criada a UNESCO<sup>159</sup>. A convite do seu primeiro director-geral, Julian Huxley<sup>160</sup> e de Joseph Needham<sup>161</sup>, Cortesão ingressará nesta Agência da ONU a 1 de Outubro de 1946. As nomeações para a UNESCO eram sobretudo de oposicionistas aos regimes Ibéricos autoritários<sup>162</sup>, tendo Armando Cortesão entrado para exercer as funções de conselheiro para a História da Ciência e da Cultura. Ocupará sucessivos cargos na instituição como, chefe de Divisão da História da Ciência (Departamento de Ciência), chefe de Divisão do Departamento Relações Exteriores e chefe de Divisão do Departamento Cultural<sup>163</sup>. Organizou a Comissão Internacional para uma História Cultural e Científica da Humanidade e foi seu primeiro Secretário-geral até 1952, ano em que se demitirá da UNESCO<sup>164</sup>. Será mundialmente conhecido e respeitado pelo seu trabalho “[...] having organized no less than 14 international conferences for UNESCO, in Europe and the Americas”<sup>165</sup>.

Foi vice-presidente da International Academy of the History of Science de 20 de Agosto de 1950 a 11 de Agosto de 1953, tendo sido membro efectivo desde 3 de Junho de

---

<sup>158</sup> Organização das Nações Unidas (ONU) sucede à Liga das Nações (1919-1946), constituída em 1945 com o objectivo de manter a paz entre os povos e promover a cooperação internacional nos domínios económico, social e humanitário.

<sup>159</sup> A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) foi fundada a 16 de Novembro de 1945 com o objectivo de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações.

<sup>160</sup> Sir Julian Sorell Huxley (1887-1975). Foi um biólogo, escritor, humanista e internacionalista britânico, conhecido promotor da ciência através de livros e conferências. Foi o primeiro director-geral da UNESCO de 1946 a 1948. Nomeado Cavaleiro da Coroa Britânica em 1958, Julian era membro de uma distinta linhagem de académicos britânicos. Irmão do escritor Aldous Huxley, meio-irmão do também biólogo e Prémio Nobel de Fisiologia ou Medicina (1963), Andrew Huxley, filho do escritor e editor Leonard Huxley e neto do biólogo T. H. Huxley, contemporâneo de Darwin. Fundador em 1961, da Organização ambientalista W.W.F. (World Wildlife Fund).

<sup>161</sup> Noel Joseph Terence Montgomery Needham (1900-1995). Foi um cientista britânico, historiador da ciência, bioquímico e sinólogo. Ficou conhecido pelos estudos sobre ciência, tecnologia e medicina tradicional chinesa, com a volumosa obra *Science and Civilisation in China*, de 1956. Membro da Royal Society e da British Academy. Foi director do Needham Research Institute e responsável pelo Departamento de Ciências Naturais da UNESCO de 1946 a 1948.

<sup>162</sup> Cortesão evocará outras razões: “[...] esta obra [A Suma] ter influído de maneira capital para que em 1946 os Drs. Julian Huxley e Joseph Needham me convidassem para ingressar na Comissão Organizadora da UNESCO [...]”. Vide *A Suma Oriental de Tomé Pires*[...], leitura e notas de Armando Cortesão, 1978, p. VII.

<sup>163</sup> Idem, *ibidem*, p. VII.

<sup>164</sup> Aludindo ao tempo em que trabalhou na UNESCO diria: “Esse foi um período importante da minha vida em que, entre outras coisas, passei da quase miséria de longos anos de exílio político em Londres para a relativa opulência de funcionário superior internacional em Paris”. Idem, *ibidem*, p. VII.

<sup>165</sup> “Obituaries: Armando Cortesão”, *TJR*, vol. 144, nº 3, Nov. 1978, p. 534.

1947<sup>166</sup>. Na revista *Archeion*<sup>167</sup> publicará artigos sobre a UNESCO, a história da ciência, diversas recensões críticas e artigos informativos<sup>168</sup>. Em 1947 publica em Paris *The Colonial problem and UNESCO*.

Em 1949, numa missão à América do Sul como representante pessoal do director-geral da UNESCO<sup>169</sup>, proferirá num ciclo de conferências no Rio de Janeiro a 5 de Julho uma palestra sobre *A Ciência Náutica e o Renascimento*<sup>170</sup> e em 28 de Julho, discursará sobre os *Ideais e realizações da UNESCO*<sup>171</sup>.

Em 4 de Dezembro de 1950, a convite de Charles Boxer<sup>172</sup>, profere uma conferência inédita, no King's College da Universidade de Londres, onde aborda as contribuições portuguesas para a navegação científica e a cartografia<sup>173</sup>. Em Maio de 1951, num ciclo de conferências da Universidade de Paris, subordinada ao tema “Les conséquences de la Découverte de L'Amérique par Christophe Colomb”, profere uma palestra intitulada *La Découverte de L'Amérique et la Science Nautique*<sup>174</sup>.

---

<sup>166</sup> Cf. Site institucional da Academia: <http://www.aihs-iahs.org/fr/node/866> [consultado em 31-1-2013].

<sup>167</sup> *Archeion*. *Archivio di storia della scienza*, fundada em 1919, em Roma por Aldo Mieli, é um periódico trimestral da Academia Internacional de História das Ciências, a única publicação generalista sobre história das Ciências, que reúne artigos, estudos e recensões de especialistas de todo o mundo, publicados em francês, inglês, alemão, italiano, espanhol e russo. Actualmente publica-se duas vezes por ano sob o título de *Archives Internationales d'Histoire des Sciences*.

<sup>168</sup> Armando Cortesão e Joseph Needham, “UNESCO and the history of science”, *A.I.H.S.*, vol. de 1947-48, pp. 3-4; A. Cortesão, “L'UNESCO, sa tâche et son but concernant les sciences et leur développement historique”, *Communication au V Congrès International d'Histoire des Sciences, Lausanne, le 2 Octobre 1947*, *A.I.H.S.*, nº 2, Paris, 1948, pp. 211-221 ; “Nautical Science and the Renaissance”, *A.I.H.S.*, nº 9, Paris, 1949, pp. 1075-1092; “The Scientific and Cultural History of Mankind”, *A.I.H.S.*, nº 13, Paris, 1950 ; “Science and the Development of Culture”, *IV Congrès International d'Histoire des Sciences, Amsterdam 1950*, *A.I.H.S.*, nº 14, Paris, 1951; Crítica a C. R. Boxer, “Fidalgo in the Far East 1550-1770. Fact and Fancy in the History of Macao”, *A.I.H.S.*, vol. de 1949, pp. 955-958; Crítica a Edward Reman, “The Norse Discoveries and Explorations in America”, *A.I.H.S.*, vol. de 1950, pp. 360-362; Crítica a António Ballesteros Bereta, “Genesis del Descubrimiento” e a Jaime Cortesão, “Los Portugueses”, *A.I.H.S.*, vol. de 1950, p. 362; Crítica a Henry H. Hart, “Sea Road to the India. An Account of the Voyages and Exploits of the Portuguese Navigators [...]”, *A.I.H.S.*, vol. de 1950, pp. 363-365; Crítica a Paul Pelliot, “Le Hoja et le Sayyid Husain de l'Histoire des Ming”, *A.I.H.S.*, vol. de 1949, pp. 522-524 e Notícia necrológica sobre o Professor Alfredo Augusto de Oliveira Machado e Costa, *A.I.H.S.*, nº 22, Janeiro-Maio de 1953, pp. 88-89.

<sup>169</sup> Cf. “El Dr. Armando Cortesao alto funcionario de la Unesco, parte para Rio de Janeiro en misión de amistad qua le ha confiado el Sr. Director General de la Unesco cerca de los gobiernos y organismos nacionales de cooperación en Brasil, Argentina y Uruguay”, *El Correo de la Unesco*, vol. II, nº 5, Junio 1949, col. 4, p. 4.

<sup>170</sup> A. Cortesão, “A Ciência Náutica e o Renascimento”, Conferência no Auditorium do Ministério da Educação, Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1949, *Seara Nova*, nº 1136-1137, 1949, pp. 198-202.

<sup>171</sup> Idem, *Ideais e realizações da UNESCO*, conferência no Itamarati, Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1949.

<sup>172</sup> Boxer fora nomeado para regente da *Camões Chair of Portuguese Language and Literature*, cátedra que ocupou até 1967.

<sup>173</sup> A. Cortesão, *Contribution of the Portuguese to Scientific Navigation and Cartography*, conferência no King's College, Universidade de Londres, 4 de Dezembro de 1950, Coimbra, J.I.C.U., 1974, separata do *A.E.C.A.*, nº XCII.

<sup>174</sup> Idem, “La Découverte de l'Amérique et la Science Nautique”, *Conférence faite au Palais de la Découverte le 26 Mai 1951*[...], Paris, Université de Paris, 1951, pp. 25-38.

Em 1953, publicará em Paris, *Nautical Science and the Geographical Revolution*<sup>175</sup> e apresentará em Jerusalém uma comunicação centrada na interrogação, *Had the Phoenicians a Nautical Science?*<sup>176</sup>. Ainda nesse ano, num artigo na prestigiada *Imago Mundi*<sup>177</sup>, irá anunciar *The North Atlantic nautical Chart of 1424*<sup>178</sup>, vindo a publicar o seu estudo mais aprofundado em Coimbra, em 1954<sup>179</sup>. Sobre uma carta náutica veneziana, de que tem conhecimento em finais de 1949, Cortesão elabora aquela que será a sua tese mais controversa, acerca de uma presença de navegadores portugueses nas costas do continente americano em princípios do século XV. Mais tarde voltará ao tema, mantendo contudo inalteradas as suas convicções.

Após duas décadas de exílio a que se viu forçado por razões de posicionamento político, Cortesão encontrará nos inícios dos anos 50, motivação e condições suficientes para um regresso a Portugal, dedicando-se quase exclusivamente à *sua paixão*, os estudos da expansão ultramarina e a cartografia portuguesa antiga.

---

<sup>175</sup> Idem, “Nautical Science and the Geographical Revolution”, *Impact of science on Society*, vol. 2, nº 2, Paris, UNESCO, 1953; Versão Portuguesa, “A Ciência Náutica e a Revolução Geográfica”, *Ler*, nº 19, Lisboa, 1953.

<sup>176</sup> Idem, “Had the Phoenicians a Nautical Science?”, *Actes du Septième Congrès International d'Histoire des Sciences, Jérusalem, Aout 1953*, pp. 233-240.

<sup>177</sup> *Imago Mundi. The International Journal for the History of Cartography* ou *A Review of Early Cartography*. Periódico académico internacional e interdisciplinar fundado em 1935 por Leo Bagrow. Dedicado exclusivamente ao estudo de mapas e cartografia desde a antiguidade até ao século XX, interpretando-os nas vertentes históricas, em qualquer parte do mundo e em qualquer período. Além dos artigos completos, disponibiliza resumos em inglês, alemão, francês e espanhol. Divulga e comenta descobertas significativas em todos os domínios da Cartografia. Armando Cortesão foi seu consultor e director.

<sup>178</sup> A. Cortesão, “The North Atlantic nautical chart of 1424”, *Imago Mundi*, nº X, Stockholm, 1953, pp. 1-13.

<sup>179</sup> Idem, *The Nautical Chart of 1424 and the early discovery and cartographical representation of America*, vol. XIX, Coimbra, 1954. Versão portuguesa “Carta náutica de 1424”, *Esparsos*, vol. III, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1975, pp. ix-xxxiv, 1-211.





## 7. Os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*

Com a passagem dos quinhentos anos da morte do Infante D. Henrique, um dos maiores vultos da história nacional, o Governo irá promover um vasto programa comemorativo<sup>180</sup> e será nesse âmbito, das Comemorações do V centenário da morte do Infante, que a Comissão Executiva aprovou em 1955, uma publicação dignificante para o País contemplando a obra dos cartógrafos portugueses dos séculos XV-XVII. Depois de apresentar o projecto da obra ao então Ministro do Ultramar e de longo processo negocial, Cortesão virá a ser formalmente convidado para coordenador desse empreendimento, no início de 1955<sup>181</sup>.

Consciente da verdadeira dimensão do projecto, e do tempo para o realizar, Cortesão propõe a cooperação de Teixeira da Mota, capitão-tenente da Armada em comissão na Guiné, só disponível a tempo inteiro a partir de 1957.

Do plano inicial de quatro volumes (com mil e quinhentos exemplares de tiragem cada), e no seguimento das pesquisas levadas a cabo em duas dezenas de países, chegaram à “[...] conclusão que eram mais numerosos e importantes os espécimes de cartografia seiscentista do que a princípio havíamos julgado [...]”<sup>182</sup>, pelo que a obra final acabou por ser dimensionada em cinco volumes<sup>183</sup>.

Dos meandros da realização, dos vastos conteúdos e do enorme sucesso editorial que representou esta *magnum opus*, nos ocuparemos mais adiante em análise autónoma dedicada aos *Portvgaliae*<sup>184</sup>.

Em 1987, os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, em nova edição fac-similada da Imprensa Nacional, seriam objecto de actualização<sup>185</sup> por Alfredo Pinheiro Marques, com introdução de notas críticas e respectivo enquadramento historiográfico<sup>186</sup>.

---

<sup>180</sup> Sob o lema geral “*Navegações e dos Descobrimentos portugueses que projectaram a civilização ocidental através da presença portuguesa no mundo*”.

<sup>181</sup> Nos agradecimentos: “Credor do nosso reconhecimento é também o Almirante Manuel M. Sarmiento Rodrigues que, desde o momento em que lhe propusemos o primitivo plano para a publicação de *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, em princípios de 1955, quando ele era ministro do Ultramar, sempre nos apoiou e encorajou”. Vide *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, vol. I, p. xxxix.

<sup>182</sup> António Valdemar, “Através da nossa cartografia reflecte-se a história do descobrimento da maior parte do mundo”, entrevista a Armando Cortesão, *Ocidente*, vol. LVIII, nº 265, Lisboa, Maio de 1960, p. 248.

<sup>183</sup> “*Publicação em 6 volumes, sendo 5 em grande fôlio (480x160 mm) e um de formato reduzido (in-4.º), com índices da obra. Nela estão reproduzidas mais de 1700 antigas cartas náuticas e geográficas portuguesas, acompanhadas de notas, comentários e bibliografia, redigidos em português e inglês*”, *Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique*, vol. IV, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, 1963, p. 195.

<sup>184</sup> Vide nossa dissertação, “Os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*. Génese e geografias de uma *magnum opus*”, pp. 105-136.

Ainda em 1960, no âmbito das Comemorações, Cortesão editará *Cartografia Portuguesa Antiga*, integrado na *Colecção Henriquina*, um “livrinho”, que nas suas palavras se ocupa “[...] quase exclusivamente da cartografia dos descobrimentos que, por isso mesmo, era essencialmente cartografia marítima”<sup>187</sup>.

Nesse ano, organizaram-se dois importantes encontros que reuniram a *nata* dos especialistas mundiais em História dos Descobrimentos e da Expansão Ultramarina<sup>188</sup>. No Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, realizado em Lisboa de 5 a 11 de Setembro, cuja sessão inaugural decorreu no palácio de S. Bento presidida por Oliveira Salazar, Cortesão ocupará a presidência da subsecção de Cartografia, integrada na secção de História dos Descobrimentos e apresentará a comunicação *Cartographic indications of otherwise unknown early portuguese Voyages*<sup>189</sup>. No V Colóquio Internacional de História do Navio e da Economia Marítima que decorreu no Mosteiro dos Jerónimos de 14 a 16 de Setembro, Cortesão apresentará uma breve comunicação sobre as origens da navegação astronómica em Portugal<sup>190</sup>. Na 4ª Reunião Plenária da A.E.T.F.A.T.<sup>191</sup>, que teve lugar em Lisboa de 16 a 23 de Setembro, Armando Cortesão apresentará uma comunicação sobre o descobrimento e exploração de África pelos portugueses<sup>192</sup>. Do programa editorial da Comissão Ultramarina fazem ainda parte, uma colectânea de cartas extraídas dos *Portvgaliae*,

---

<sup>185</sup> Alfredo Pinheiro Marques, “Adenda de Actualização”, in Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, reprodução fac-similada da edição de 1960, com índice da edição original, vol. VI, Lisboa, I.N.-C.M., 1987, pp. 12-113.

<sup>186</sup> Idem, “Os Portvgaliae Monvmenta Cartographica e o seu Significado na Historiografia e na Cultura Portuguesa”, in Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, vol. I, Lisboa, I.N.-C.M., 1987, pp. [13] - [22].

<sup>187</sup> A. Cortesão, *Cartografia Portuguesa Antiga*, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, Colecção Henriquina, 1960.

<sup>188</sup> “[...] cerca de 800 cientistas de 85 países”, *Comemorações do V Centenário da morte do Infante Dom Henrique*, vol. III, Lisboa, 1963, p. 281.

<sup>189</sup> A. Cortesão, “Cartographic indications of otherwise unknown early Portuguese voyages”, *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, vol. II, Lisboa, [s.n.], 1961, pp. 111-116.

<sup>190</sup> Idem, “Notes sur les origines de la navigation astronomique au Portugal”, *Les Aspects Internationaux de la Découverte Océanique aux XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles - Actes du Cinquième Colloque International d’Histoire Maritime (Lisbonne, 14-16 Septembre 1960), présentés par Michel Mollat et Paul Adam*, Paris, S.E.V.P.E.N., 1966, pp. 57-59.

<sup>191</sup> Association pour l’Étude Taxonomique de la Flore de la Afrique Tropicale.

<sup>192</sup> A. Cortesão, “The Portuguese Discovery and Exploration of Africa”, *Comptes Rendus de la IV<sup>e</sup> Réunion Plénière de l’Association pour l’Étude Taxonomique de la Flore de la Afrique Tropicale (Lisbonne et Coimbre, 16-23 Setembro 1960)*, Lisboa, J.I.U., 1961, pp. 21-39.

acompanhadas de descrição textual<sup>193</sup> e um estudo monográfico de Goa quinhentista da autoria de Boies Penrose, com nota introdutória de Armando Cortesão<sup>194</sup>.

---

<sup>193</sup> A. Cortesão e A. Teixeira da Mota, *Tabularum Geographicarum Lusitanorum Specimen*, Lisboa, Comissão para as Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, 1960.

<sup>194</sup> A. Cortesão, “Introdução = Introduction”, in Boies Penrose, *Goa - Rainha do Oriente = Goa – Queen of the East*, Lisboa, Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, Comissão Ultramarina, 1960, pp. 9-21.



## 8. Professor em Coimbra e doutoramento *Honoris Causa*

Com a criação do Agrupamento de estudos de Cartografia Antiga, integrado na Junta de Investigações do Ultramar<sup>195</sup>, Armando Cortesão irá ser o responsável da Secção de Coimbra, anexa à Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, em funcionamento desde 1960. Virá a ser seu director, proposto pela Universidade e nomeado pelo Governo a partir de 1961. A Secção de Lisboa era dirigida por Teixeira da Mota que ao tempo também era professor na Escola Naval. Desde os finais da década de 50 que Cortesão vinha a leccionar matérias no âmbito da História da Cartografia, curso que ganha consistência formal a partir do ano lectivo de 1961-1962, sendo ministrado em vinte palestras. Em 1963-1964, o curso de História da Cartografia, será estruturado em dez lições, com seis palestras da responsabilidade de Cortesão, sendo duas de Luís de Albuquerque<sup>196</sup> e as restantes duas de Teixeira da Mota<sup>197</sup>. Da sua actividade docente, que se prolongou por mais de uma década, temos em 1969, o programa de um curso de História da Cartografia Portuguesa para estudantes e pós-graduados, composto de oito conferências e no ano lectivo de 1970-1971, com a colaboração de Luís de Albuquerque, um curso de História da Cartografia e da Náutica, também dirigido a estudantes e pós-graduados<sup>198</sup>.

Em 23 Abril 1961, a Universidade de Coimbra concederá a Armando Cortesão o título de Doutor *Honoris Causa* em Ciências Matemáticas, em reconhecimento académico

---

<sup>195</sup> A Junta de Investigações do Ultramar foi criada pela Portaria nº 19766, de 18 de Março de 1963, para funcionar junto do Instituto de Ciências Sociais e Política Ultramarina. Passou por várias designações e é herdeira da antiga Comissão de Cartografia criada em 1883, que seria Junta das Missões Geográficas e Investigação Coloniais desde 1936, com reestruturação em 1945.

<http://memoria-africa.ua.pt/collections/JIU/tabid/221/language/pt-PT/Default.aspx> [consultado em 12-1-2013].

<sup>196</sup> Luís Guilherme Mendonça de Albuquerque (1917-1992). Licenciado em Ciências Matemáticas e Engenharia Geográfica. Doutoramento pela Universidade de Coimbra. Aí exerceu funções de docente, com especial destaque para a História dos Descobrimentos. A sua formação científica, permitiu que se distinguisse no estudo sistemático da ciência náutica, que os navegadores portugueses conheciam e aperfeiçoaram durante os séculos XV a XVII, contribuindo com novos princípios e métodos de investigação historiográfica, que permitiram novas abordagens e conhecimentos no âmbito da expansão marítima portuguesa. Regeu diversos cursos universitários sobre a História da Náutica, no Brasil, Holanda e Inglaterra. Sobre esta temática deixou uma vastíssima obra, desde trabalhos de referência e estudos, à organização do *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*. Foi colaborador de vários periódicos e fundador da revista *Mare Liberum*, no âmbito da Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. Foi consultor da *Imago Mundi* e conselheiro editorial do primeiro volume da *History of Cartography*. Dirigiu a Biblioteca da Expansão Portuguesa, o Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga e integrou a Junta de Investigações do Ultramar.

<sup>197</sup> A. Cortesão, L. Albuquerque e A. Teixeira da Mota, “Curso de História da Cartografia – 1964”, *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, vol. III, nº 29, Coimbra, 1964, pp. 140-190; “Curso de História da Cartografia – 1964 (Resumo de Lições)”, *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 221-259.

<sup>198</sup> A. Cortesão, “Curso de História da Cartografia Portuguesa (para estudantes e pós-graduados)”, [Coimbra], [Universidade de Coimbra], [1969] e A. Cortesão e L. Albuquerque, “Curso de História de Cartografia e da Náutica 1970-1971 (para estudantes e pós-graduados)”, [Coimbra], [Universidade de Coimbra], [1970].

pelos seus estudos da cartografia dos descobrimentos, mas também pela ligação da sua actividade intelectual à Secção de Matemática da Faculdade de Ciências<sup>199</sup>. No discurso de agradecimento, diria Cortesão de si próprio:

“encontro-me aqui como historiador duma ciência, a cartografia, intimamente associada à náutica. A publicação em curso da *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, mais veio evidenciar a importância que para nós tem o estudo da cartografia antiga, tanto pelo aspecto cultural como pela afirmação de direitos numa hora grave da nossa história de nação civilizadora. Hora de injustiça e ingratidão, em que certas gentes se esquecem de que foram os portugueses quem lhes ensinou o caminho para o resto do mundo, e outras gentes pretendem ignorar que sobretudo a nós devem os benefícios incontestáveis da civilização ocidental, que disfrutam”<sup>200</sup>.

Em Outubro de 1961 Cortesão receberia idêntica graduação *Honoris Causa*, pela St. John University do Canadá<sup>201</sup>.

Nesse ano, pelas mãos do presidente da República, Américo Thomaz, será agraciado com a mais elevada distinção, a Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique<sup>202</sup>, que visa distinguir os que prestaram serviços relevantes a Portugal, no país ou no estrangeiro, na expansão da cultura portuguesa ou para conhecimento de Portugal, da sua história e dos seus valores. No entanto, mesmo com a confirmação do reconhecimento pelo mais alto representante do Estado, Cortesão será mantido sob vigilância por parte da PIDE, apesar da sua mais dedicada e convicta defesa das posições de Salazar em relação às colónias, era ainda considerado “oposicionista”<sup>203</sup>.

---

<sup>199</sup> [Carlos M.S. Peres], *Doutoramento “Honoris Causa” de Armando Cortesão*, Lisboa, Litografia de Portugal, 1961.

<sup>200</sup> Idem, *ibidem*, [p. 15].

<sup>201</sup> Conferido o grau honorário de “Doctor of Letters”. Vide Honorary graduates of Memorial University of 1960-Present. [http://www.mun.ca/senate/honorary\\_degrees\\_by\\_convocation.pdf](http://www.mun.ca/senate/honorary_degrees_by_convocation.pdf) [consultado em 5-11-2013].

<sup>202</sup> Cf. Ordens Honoríficas Portuguesas, <http://www.ordens.presidencia.pt> [consultado em 6-2-2013].

<sup>203</sup> Cf. Boletim de Informação da PIDE, nº 302372 de 15 Fevereiro de 1961, Coimbra, sobre Armando de Freitas Zuzarte Cortesão que contém Filiação, Local e data nascimento, Casado, BI nº 43854-A emitido em 3-12-1951, Arq. Id. Coimbra, Residente em Quinta das Rosas – S. João do Campo, com a seguinte informação: “Embora nesta Subdelegação não estejam indicadas quaisquer actividades políticas sabe-se que é um elemento oposicionista. Quanto ao seu porte moral nada consta em seu desabono”, Coimbra, 27 de Fevereiro de 1961. O Inspector-adjunto, José Barreto Sacchetti, A.N.T.T., Cadastro Político nº 5.356, SC PIDE/DGS, Armando Cortesão.

## 9. Em defesa da Política Ultramarina com fundamento na História

A 9 de Junho de 1962, na Sociedade de Geografia de Lisboa, pelo encerramento da semana do Ultramar, na presença do chefe de Estado, Américo Thomaz, Cortesão irá proferir um discurso crucial e elucidativo do seu pensamento sobre a política colonial portuguesa e as suas contingências externas<sup>204</sup>. Alicerçado na prioridade histórica da presença portuguesa em África, Cortesão faz uma defesa do processo colonial nacional por oposição ao praticado por outras potências, salientando as virtudes da sua *acção civilizadora*, baseada no respeito pelos povos, num justo quadro de interesses, a que não seria alheio, a cobiça externa pelas riquezas desses territórios ultramarinos. Traça ainda, um longo panorama do quadro geoestratégico mundial e analisa o balanço de forças dos vários blocos político-regionais com representação na ONU<sup>205</sup>.

No final de 1963, Cortesão irá envolver-se numa acesa polémica com o historiador inglês Charles Boxer a propósito do teor do livro *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire, 1415-1825*<sup>206</sup>, recentemente vindo a público. Quando foi convidado para dar uma série de conferências na Universidade de Virgínia em Novembro de 1962, Boxer escolheu como tema o problema das relações raciais entre os portugueses e os povos com que se relacionam no decurso das suas empresas marítimas e coloniais, mote esse já abordado por Salazar numa entrevista à revista *Life*, em 1962, que resumidamente se traduzia na afirmação de que “os Portugueses nunca praticaram a discriminação racial e sempre trataram os autóctones das Províncias Ultramarinas com fraternidade cristã, sem distinção de raças ou de cores”. Essa era também a mensagem expressa, na lei que revogava o *Estatuto do*

---

<sup>204</sup> A. Cortesão, “Realidades e desvarios africanos”, discurso proferido na Sociedade de Geografia de Lisboa, na sessão de encerramento da Semana do Ultramar, em 9 de Junho de 1962, Lisboa, S.G.L., 1962. Seria publicado em inglês, francês e espanhol, visando projectar os fundamentos ali expressos num plano internacional, nestes tempos de forte contestação às políticas ultramarinas portuguesas.

<sup>205</sup> Américo Thomaz refere-se a Cortesão nas suas memórias recordando o discurso, salientando que era bem “[...] o retrato moral do seu autor, português de lei e patriota impoluto. Disse-me ele uma vez, [Cortesão] em desabafo triste, ter sido o doutor Salazar a pessoa que politicamente, mais odiara em tempos passados. E, no entanto, isso não obstou a que lhe prestasse a maior justiça, através de algumas palavras acabadas de transcrever. Só um homem estruturalmente sério e integralmente português e patriota como Armando Cortesão, apesar do seu profundo antagonismo em matéria política, era susceptível de publicamente as dizer, da forma como o fez esse grande historiador”. Vide Américo Thomaz, *Últimas décadas de Portugal*, Lisboa, Fernando Pereira Editor, vol. 3, 1981, pp. 68-69.

<sup>206</sup> Charles R. Boxer, *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire, 1415-1825*, London, Oxford University Press, 1963.

*Indigenato*<sup>207</sup> e tinha sido sustentada por Cortesão, aquando da sua intervenção no encerramento das *jornadas do Ultramar*<sup>208</sup>.

Numa série de cinco artigos publicados no *Diário Popular* entre 27 de Dezembro de 1963 e 4 de Janeiro de 1964, sob o título genérico *Um Livro Insidioso*, Cortesão desmontará a argumentação de Boxer, recorrendo ao uso de linguagem excessiva e em certas passagens, imprópria para defender o que considera ser “um mal-intencionado propósito [...] que malévolamente desenvolve um ataque cerrado contra a administração do ultramar português, pretendendo provar documentalmente que nós sempre praticámos a discriminação racial”<sup>209</sup>. Por entre qualificativos que raíam a desconsideração e o insulto pessoal, que veio pôr fim a uma amizade longa de décadas<sup>210</sup>, Cortesão refuta a análise historiográfica de Boxer, embora reconhecendo um passado de erudito investigador da expansão ultramarina portuguesa, acusa-o “[...] deste seu recente acesso de lusofobia, o Prof. Boxer, nos seus tempos mais calmos de lusófilo, não perdia a oportunidade de manifestar a sua admiração pelos feitos dos portugueses além-mar [...]”<sup>211</sup> ou ainda “[...] sincero amigo de Portugal, a partir de 1960<sup>212</sup> revelou-se lusófobo encarniçado e injusto [...]”<sup>213</sup>. Num estilo eivado de indignação, prosseguirá Cortesão na defesa das virtudes das boas práticas da *acção civilizadora e das realizações ultramarinas de que os portugueses se orgulham e que a História confirma*. Boxer é acusado de “autêntica traição”, não merecedor do “Dilúvio de distinções que recebeu [...]”<sup>214</sup>, “[...] mimos que estragaram o Professor C. R. Boxer [...]”<sup>215</sup>.

---

<sup>207</sup> Esta norma foi abolida em 1961, pelas reformas levadas a cabo durante o consulado de Adriano Moreira à frente da pasta do Ultramar. Tratava-se de um conjunto de disposições, iniciadas durante os anos 20 e consagrado em 1954, que impunham aos povos nativos das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique, um processo de *assimilação* da cultura e civilização ocidentais. No pensamento político republicano, esta doutrina jurídica assentava no pressuposto ideológico de que os africanos eram incapazes de se integrar na cidadania portuguesa, do ponto de vista linguístico, moral, intelectual e cultural.

<sup>208</sup> Jornadas dedicadas às temáticas ultramarinas com periodicidade anual. Entre 4 e 9 de Junho de 1962 decorreu na Sociedade de Geografia de Lisboa a Semana do Ultramar, que contou com a presença do chefe de Estado, Américo Thomaz na abertura e do ministro do Ultramar, Adriano Moreira no encerramento. Subordinado ao tema geral deste encontro «A estrutura social da nação portuguesa além-mar», Armando Cortesão iria proferir o seu discurso, “Realidades e desvarios Africanos” em 9 de Junho. Cf. “Semana do Ultramar”, *B.G.U.*, vol. XXXVIII, nº 444, Lisboa, Junho de 1962, pp. 81-86.

<sup>209</sup> A. Cortesão, “Um Livro Insidioso (2)”, *Diário Popular*, Lisboa, 28 de Dezembro de 1963.

<sup>210</sup> Conduta esta, reprovada, evidenciada e aproveitada pelo biógrafo de Boxer, Dauril Alden, em “A Question of Race... and Pride”, *Charles R. Boxer, An Uncommon Life*, Fundação Oriente, Lisboa, 2001, pp. 365-397.

<sup>211</sup> A. Cortesão, “Um Livro Insidioso (3)”, *Diário Popular*, Lisboa, 30 de Dezembro de 1963.

<sup>212</sup> Recorde-se que Boxer encabeçava a extensa legião de reputados congressistas estrangeiros que vieram a Portugal nas comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, entre os quais estavam B. W. Diffie, E. Axelsson, R. T. Anstey, W. G. L. Randles, E. Sanceau, R. A. Skelton, J. Needham, C. Verlinden e F. Mauro.

<sup>213</sup> A. Cortesão, “Um Livro Insidioso (4)”, *Diário Popular*, Lisboa, 31 de Dezembro de 1963.

<sup>214</sup> Boxer era membro da Associação dos Arqueólogos Portugueses, do Instituto de Coimbra, do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos e da Academia Portuguesa de História. Tinha recebido o título *Honoris Causa*



Encerrará a longa defesa em plena sintonia com o discurso oficial do regime, concluindo que “O tribunal inexorável da História julgará quem é que fez «melhor»: se os que concederam prematuramente a independência ao que para eles sempre foram colónias, se os portugueses, com a prudência que têm mostrado para com as suas províncias ultramarinas – onde desde há muitos séculos estão radicados, como nenhuns outros, e por isso elas formam parte integrante do todo nacional”<sup>216</sup>. As críticas de Cortesão tiveram repercussões relevantes na opinião pública, por terem sido publicados num jornal de grande tiragem, suscitando reacções várias dos leitores, o que o levará a escrever novo artigo a 14 de Janeiro<sup>217</sup>. Boxer alertado do impacto dos artigos<sup>218</sup> de Cortesão, enviará em autodefesa, uma carta ao Editor, que sairá a 24 de Janeiro, onde rejeita “os insultos e as acusações tão indignas como infundadas” e remete Cortesão para o real sentido do teor do seu livro, escudado na natureza verídica dos factos conforme pesquisa documental que evidencia práticas generalizadas e não acontecimentos episódicos selectivamente apontados<sup>219</sup>. Boxer alega que não era sua intenção ofender os portugueses e a sua História ultramarina. Cortesão contra-ataca, ainda com mais veemência a 25 de Janeiro, nas páginas do mesmo periódico, e entre novos epítetos, volta a insurgir-se contra a pretensa seriedade historiográfica de Boxer, assumindo-se uma vez mais no papel de defensor dos *nobres princípios da gesta expansionista dos portugueses*, vítima de ataques injustos dos *interesses cobiçosos dos complots* comunista e afro-asiático<sup>220</sup>. Uma das reacções adversas que a controvérsia suscitou veio de um leitor discordante<sup>221</sup>, que critica Cortesão pela falta de sentido de oportunidade do ataque a Boxer, leva-o a nova intervenção

---

pela Universidade de Lisboa e sido agraciado pelo Estado português com a *Ordem de Santiago de Espada* e a *Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique*.

<sup>215</sup> A. Cortesão, “Um Livro Insidioso (4)”, *Diário Popular*, Lisboa, 31 de Dezembro de 1963.

<sup>216</sup> Idem, “Um Livro Insidioso - (Conclusão)”, *Diário Popular*, Lisboa, 4 de Janeiro de 1964.

<sup>217</sup> Idem, “Um Livro Insidioso”, *Diário Popular*, Lisboa, 14 de Janeiro de 1964. Refira-se o curioso subtítulo: “É Impossível Tolerar os Inimigos da nossa Pátria e difícil aturar os Zóilos”.

<sup>218</sup> Terão sido os amigos em Lisboa, Carlos Estorninho e George West que lhe enviaram os artigos. Vide J. S. Cummins e L. de Sousa Rebelo, “The controversy over Charles Boxer’s Race Relations in the Portuguese Colonial Empire 1415-1825”, *Portuguese Studies*, vol. 17, Cambridge UK, 2001, p. 240.

<sup>219</sup> Charles R. Boxer, “O Professor Boxer responde ao Prof. Armando Cortesão”, *Diário Popular*, Lisboa, 24 de Janeiro de 1964.

<sup>220</sup> A. Cortesão, “Um Livro Insidioso”, *Diário Popular*, Lisboa, 25 de Janeiro de 1964. Com subtítulo: “Onde se prova que todos os meus reparos têm fundamento”.

<sup>221</sup> Albertino Monteiro Crespo em carta enviada ao *Diário Popular*, assim se refere “Não creio que o sr. dr. Armando Cortesão tenha prestado um relevante serviço ao País. Mas sem dúvida, o prestou à Situação”. E esclarece “[...] a tais artigos faltam, como é evidente, a concisão e verdade históricas. Não se rebate um dado facto histórico sem um argumento, documento ou outro facto comprovativo da nulidade do primeiro dado. Infelizmente o sr. dr. Armando Cortesão apenas generalizou o problema levantado pelo prof. Boxer [...]”. Vide “A propósito de um Livro Insidioso. O Prof. Armando Cortesão responde a uma carta em que se põe em dúvida a oportunidade da sua intervenção”, *Diário Popular*, 4 de Fevereiro de 1964.

pública onde argumenta com o *papel Histórico de Portugal em África*, realçando que, a maioria das reacções que lhe chegaram eram de forte apoio aos seus artigos.

Um ano depois, a 12 de Março, pelo punho de Silva de Azevedo, nas páginas do *Diário de Notícias*, Cortesão receberá outro entusiástico apoio, sendo desta vez evocados os benefícios, da fundação pelos portugueses, de uma *cultura luso-tropical harmoniosa e de recorte integracionista*, teoria sociológica de que era defensor Gilberto Freyre<sup>222</sup>. Refira-se que a *questão* foi controversa mesmo entre os historiadores, tendo à época, Barradas de Carvalho, sido firme crítico de Cortesão, dizendo em seu desabono que “[...] consideramos profundamente lamentável que um intelectual da categoria e da responsabilidade de Armando Cortesão, se tenha deixado alienar a tal ponto, por razões que nada tem que ver com o autêntico Patriotismo ou com a verdadeira Ciência”<sup>223</sup>. Ainda à distância de meio século o assunto suscita divergência e opinião crítica nas historiografias inglesa e portuguesa, com posições a favor e contra de ambos os lados<sup>224</sup>. Apesar da inimizade, que pareceu ficar para a vida entre os dois historiadores, “o ultramarinismo não fez de Cortesão um trãsfuga [...]” e “[...] Boxer, por seu lado, também não se tornou um anti-salazarista só por causa de *Race Relations*”<sup>225</sup>.

Do ponto de vista da produção historiográfica, as décadas de 60 e 70, revelam Armando Cortesão empenhado no objectivo de vir a dar corpo a um projecto para o qual tinha sido desafiado pela Junta de Investigações do Ultramar, aliás, sonho de longa data, que seria deixar uma *História Colonial Portuguesa*, entendendo como tal uma obra vasta de abrangência, no tempo e no espaço, onde fossem incluídos os temas relacionados com Descobrimentos, Navegações e Cartografia na sua dimensão historiográfica. Publicará, nas Separatas do Centro de Estudos de Cartografia Antiga<sup>226</sup>, uma significativa série de monografias que almejavam esse mesmo propósito: *O Problema da origem da carta Portulano*<sup>227</sup>, Paulo Orósio, presbítero bracarense, criador do estudo da Geografia e da

---

<sup>222</sup> A. da Silva D’Azevedo, “Uma Cultura Ameaçada”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 12 de Março de 1965.

<sup>223</sup> Joaquim Barradas de Carvalho, “O Obscurantismo Salazarista – (IV) Ainda a Investigação Científica” [opinião sobre a polémica Cortesão-Boxer], *Portugal Democrático*, nº 90, [s.l.], 1965, p. 2.

<sup>224</sup> Para melhor aprofundamento do assunto, vide Rui Ramos, “A Erudição lusitanista perante a Guerra (c. 1960 – c. 1970): Algumas observações sobre a polémica entre Charles Boxer e Armando Cortesão”. *Os Descobrimentos Portugueses no Mundo de Língua Inglesa, 1880 – 1972*. Edição de Teresa P. Coelho, Lisboa, Edições Colibri, 2005, pp. 189-218 e o estudo de J. S. Cummins e L. de Sousa Rebelo, *op. cit.*, pp. 233-246.

<sup>225</sup> Vide Rui Ramos, *op. cit.*, pp. 204-205.

<sup>226</sup> Conhecida por *Separatas Verdes*, esta Publicação do Centro de Estudos de Cartografia Antiga, deu ao prelo cerca de duas centenas e meia de estudos desde 1961.

<sup>227</sup> A. Cortesão, *O problema da origem da carta-portulano*, Coimbra, J.I.U., 1966, separata do A.E.C.A., nº IX.

*História na Idade Média*<sup>228</sup>, *Descobrimento e Cartografia das ilhas de S. Tomé e Príncipe*<sup>229</sup>, “*Descobrimento*” e *Descobrimientos*<sup>230</sup>, *D. João II e o Tratado de Tordesilhas*<sup>231</sup>, *O Descobrimento de Porto Santo e da Madeira e o Infante D. Henrique*<sup>232</sup> e *A História do descobrimento da ilha da Madeira por Roberto Machim em fins do séc. XV*<sup>233</sup>.

Em 1964, irá dar notícia de ter sido encontrada em Itália, a mais antiga *Carta Corográfica de Portugal*, de João Teixeira Albernaz (c. 1640), com artigos informativos nas revistas *Colóquio* e *Ethnos* e no jornal *Imago Mundi*<sup>234</sup>. Nesse ano apresentará na Academia das Ciências de Lisboa uma palestra sobre a *Cartografia portuguesa e a Geografia de Ptolomeu*<sup>235</sup>.

---

<sup>228</sup> Idem, *Paulo Orósio, presbítero bracarense, criador do estudo da Geografia e da História na Idade Média*, Lisboa - Coimbra, J.I.U., 1966, separata do A.E.C.A., nº XVII.

<sup>229</sup> Idem, *Descobrimento e cartografia das ilhas de S. Tomé e Príncipe*, Lisboa - Coimbra, J.I.U., 1971, separata do A.E.C.A., nº LXII.

<sup>230</sup> Idem, “*Descobrimento*” e *Descobrimientos*, Coimbra, J.I.U., 1973, separata do A.E.C.A., nº LXXII.

<sup>231</sup> Idem, *D. João II e o Tratado de Tordesilhas*, Coimbra, J.I.U., 1973, separata do A.E.C.A., nº LXXVII. Esta comunicação foi apresentada ao I Colóquio Luso-Espanhol de História do Ultramar e II Jornadas Americanistas da Universidade de Valladolid, realizadas em Tordesilhas, de 25-29 de Setembro de 1972.

<sup>232</sup> Idem, *O descobrimento de Porto Santo e da Madeira e o Infante D. Henrique*, Coimbra, J.I.U., 1973, separata do A.E.C.A., nº LXXXI.

<sup>233</sup> Idem, *A História do descobrimento das Ilhas da Madeira por Roberto Machim em fins do século XIV - The Story of Robert Machin's discovery of the Madeira Islands late in the XIV century*, Coimbra, J.I.U., 1973, separata do A.E.C.A., nº LXXXV.

<sup>234</sup> Idem, “Um velho mapa de Portugal descoberto em Itália”, *Colóquio*, nº 30, Lisboa, 1964, pp. 31-34; “A mais antiga carta corográfica de Portugal manuscrita de que há conhecimento”, *Ethnos*, vol. IV, Lisboa, 1965, pp. 95-99 e “An early chorographic map of Portugal”, *Imago Mundi*, nº 19, Amsterdam, 1965, pp. 111-112.

<sup>235</sup> Idem, *Cartografia portuguesa e a Geografia de Ptolomeu*, Lisboa, A.C.L., 1964, separata do *Boletim A.C.L.*, nova série, nº XXXVI.



## 10. Na I Reunião Internacional de História da Náutica. Os últimos trabalhos

Em Outubro de 1968, numa iniciativa do Centro de Estudos de Cartografia Antiga, terá lugar na Universidade de Coimbra a 1ª Reunião Internacional de História da Náutica, com a participação de reputados historiadores da especialidade. Cortesão fará o *Discurso* de abertura na qualidade de organizador do encontro e de dirigente da secção de Estudos de Cartografia Antiga. Na sua comunicação *Pizzigano's Chart of 1424*, voltará a sustentar a tese da prioridade da presença portuguesa no continente americano, baseado na interpretação da carta da autoria de Zuane Pizzigano, datada de 24 de Agosto de 1424, em que pela primeira vez eram representadas terras americanas com toponímia de origem portuguesa<sup>236</sup>. O tema voltaria a gerar alguma controvérsia<sup>237</sup>. Em 12 de Dezembro apresenta na Academia de Ciências de Lisboa uma comunicação sobre *Uma carta portuguesa recém-descoberta, assinada e datada do Século XV*<sup>238</sup>. O aparecimento desta carta de Jorge de Aguiar, datada de Lisboa 1492, tinha sido comunicado por Vietor<sup>239</sup>, na reunião de História da Náutica.

Em 1969 e 1970 sairá a público a *História da Cartografia Portuguesa*<sup>240</sup>, com mais de 800 páginas em dois grossos volumes, também editados em inglês. Esta será uma obra incompleta, conforme as palavras de Cortesão em Fevereiro de 1977:

“Devo uma explicação e um pedido de desculpa aos meus amigos e leitores a quem prometi um terceiro volume desta História da Cartografia Portuguesa promessa que hoje sei não poder cumprir. Tendo chegado ao octogésimo sétimo ano duma laboriosa vida, a minha saúde e forças tornaram-se tão precárias, que não só dificilmente me posso mover e a minha vista está tão deficiente mas, o que é ainda pior, sinto-me incapaz de qualquer aturado trabalho intelectual. Na verdade eu prometi na «Introdução» (escrita em Novembro de 1968) ao Vol. I da presente

---

<sup>236</sup> Idem, *Pizzigano's Chart of 1424*, comunicação à I Reunião Internacional de História da Náutica, Coimbra, 23-26 de Outubro de 1968, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1970, separata da *R.U.C.*, nº XXIV, pp. 477-491.

<sup>237</sup> Vide idem, *ibidem*, “Discussão”, pp. 488-491.

<sup>238</sup> Idem, *Uma carta portuguesa recém-descoberta assinada e datada do Século XV*, Lisboa, A.C.L., 1968, separata de *Memórias da A.C.L.*, Tomo 12, pp. 201-211.

<sup>239</sup> Alexandre O. Vietor (1913-1981). Curador da mapoteca da Biblioteca da Universidade de Yale. Foi o co-autor de, *The Vinland Map and the Tartar Relation*.

<sup>240</sup> A. Cortesão, *História da Cartografia Portuguesa*, Coimbra, A.E.C.A., vol. I, Memória 6, 1969 e vol. II, Memória 8, 1970, com dois capítulos sobre História da Náutica por Luís de Albuquerque.

obra que o cap. IX (primeiro do Vol. III) se ocuparia «daquele importantíssimo período de transição do século XV para o XVI»<sup>241</sup>.

Em 1973 dará ao prelo *O Mistério de Vasco da Gama*<sup>242</sup>, onde retoma a *tese do sigilo* nos Descobrimentos portugueses, seguindo uma linha de pensamento próxima da teoria historiográfica que seu irmão Jaime já elaborara<sup>243</sup>. Este estudo deveria integrar o volume terceiro da *História da Cartografia Portuguesa*.

Em 1974/75 sob a chancela da Universidade de Coimbra, reunirá em *Esparsos*<sup>244</sup> uma colectânea de vários artigos dispersos. Em 1975, na obra organizada por Teixeira da Mota, *A Viagem de Fernão de Magalhães e a Questão das Molucas*, resultado da compilação das diversas intervenções que tiveram lugar no II Colóquio Luso-Espanhol de História Ultramarina, ocorrido em Lisboa de 25 a 29 de Setembro de 1973, Cortesão contribuirá com uma comunicação intitulada, *As mais antiga Cartografia e descrição das Molucas*<sup>245</sup>. A monografia, *Descobrimentos no Atlântico e evolução da sua Antiga Representação Cartográfica* seria publicada na *Revista da Universidade de Coimbra*, em 1980<sup>246</sup>, após a sua morte. Provavelmente devido à debilidade do seu estado de saúde, Luís de Albuquerque apresentará em 19 de Maio de 1977, na Academia das Ciências de Lisboa, aquela que seria a sua derradeira comunicação, *Descobrimento e Representação das Ilhas de Cabo Verde na Cartografia Antiga*<sup>247</sup>.

---

<sup>241</sup> Idem, *Descobrimentos no Atlântico e evolução da sua antiga representação Cartográfica*, Coimbra, J.I.C.U., 1981, separata do C.E.C.A., nº CXLII, p. 3.

<sup>242</sup> Idem, *O Mistério de Vasco da Gama*, Coimbra, A.E.C.A., J.I.U., 1973.

<sup>243</sup> Vide Jaime Cortesão, “Do sigilo nacional sobre os Descobrimentos. Crónicas desaparecidas, mutiladas e falseadas. Alguns dos feitos que se calaram”, *Lusitânia*, vol. I, Lisboa, Janeiro de 1924, pp. 45-81 e *A Política de Sigilo nos Descobrimentos nos Tempos do Infante D. Henrique e de D. João II*, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações da Morte do Infante D. Henrique, 1960.

<sup>244</sup> A. Cortesão, *Esparsos*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, vol. I, 1974, vol. II e vol. III, 1975.

<sup>245</sup> Idem, “As mais antigas cartografia e descrição das Molucas”, *A Viagem de Fernão de Magalhães e a Questão das Molucas*, edição organizada por A. Teixeira da Mota, Lisboa, C.E.C.A., J.I.C.U., 1975, pp. 49-74.

<sup>246</sup> Idem, *Descobrimento no Atlântico e evolução da sua antiga representação Cartográfica*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1980, separata da R.U.C., nº XXVIII, pp. 469-540; Coimbra, J.I.C.U., 1981, separata do C.E.C.A., nº CXLII.

<sup>247</sup> Idem, “Descobrimento e representação das Ilhas de Cabo Verde na cartografia antiga”, comunicação à Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa em 19 de Maio de 1977, *Memórias da A.C.L.*, Tomo XXI, Lisboa, 1976-77, pp. 229-250.

## 11. Instituições e Títulos Honoríficos recebidos

Para além dos títulos honoríficos e instituições de que foi membro, já referidas ao longo do texto, deveremos ainda acrescentar as seguintes nomeações: membro da Royal Geographical Society de Londres, da Hakluyt Society de Londres, da British Society for protection of Learning e da American Society of History of Science. Foi sócio Honorário da Hispanic Society of América de Nova Iorque e da National Geographical Society de Washington. Em 1960 recebe a Victoria Gold Medal de Royal Geographical Society. Será ainda membro Correspondente da Universidade de Londres, sócio Correspondente da Real Academia das Ciências da Holanda, e *académico de Honor* da Real Academia de la História de Espanha<sup>248</sup>.

A notoriedade e prestígio que Cortesão adquiriu nos círculos mais circunscritos à especialidade cartográfica, nomeadamente após a publicação dos *Portvgaliae*, iriam abrir-lhe as portas da prestigiada *Imago Mundi*, integrando o *Editorial Board* em 1960. Em 1962, entrará para o *Committee of Management*, onde pontuam nomes como Crone<sup>249</sup>, Destombes, Kish ou Skelton<sup>250</sup>, colaboração essa que manterá até à sua morte em 1977<sup>251</sup>.

---

<sup>248</sup> Idem, *Esparsos*, vol. I, pp. vii-ix.

<sup>249</sup> Gerald Roe Crone (1899-1982). Historiador mundialmente conhecido no campo da história da cartografia e reconhecido pelo seu saber enciclopédico. Foi bibliotecário antes de se associar à Royal Geographical Society, assegurou a preservação de manuscritos, fotos e relíquias, contribuindo para a sobrevivência da Sociedade, durante a 2ª Guerra Mundial. Foi vice-presidente da Sociedade Hakluyt. Em 1945 foi nomeado *Map Curator* da Royal Geographical Society, cargo que desempenhou até se aposentar. Agraciado com a Victoria Medal em reconhecimento do contributo relevante para a história da cartografia e história do pensamento geográfico. Durante os seus anos de formação beneficiou do excelente contributo das discussões com Edward Heawood, Eva Taylor e Armando Cortesão, trabalhando em dois campos: história das explorações e da cartografia. Das suas obras podemos destacar, *The voyages of Cadamosto and other documents on Western Africa in the second half of the fifteenth century* (1937), *The discovery of America e Discovery of the East* (1969-1972), mas a sua obra mais marcante é sem dúvida, *Maps and their makers: an introduction to the History of Cartography* (1953), obra que continua a ser a melhor pesquisa sobre a história da cartografia e de valor inestimável para os geógrafos. Foi membro da International Geographical Union's Commission on Ancient Maps e teve um papel relevante na *Imago Mundi* como editor correspondente e presidente do Conselho de Administração. Pelo seu pensamento independente, foi também uma figura controversa em algumas posições que assumiu, como a de duvidar da autenticidade do mapa de Vinland.

<sup>250</sup> Raleigh Ashlin Skelton (1906-1970). Figura de renome nos círculos da geografia, de reputação internacional na história da cartografia, das explorações e descobertas. Após a 2ª Guerra Mundial onde integrou a Artilharia Real no Médio Oriente, Itália e Áustria, acentuou-se o seu interesse e dedicação sobre a história dos descobrimentos e cartografia. Tal empenho valeu-lhe a eleição para secretário Honorário da Hakluyt Society em 1946 e em 1950 superintendente da mapoteca do Museu Britânico. Desempenhou este cargo de forma dinâmica e brilhante o que garantiu ao Museu uma distinção por possuir uma das poucas bibliotecas com catálogo de mapas publicado. Na mapoteca organizou exposições sobre cartografia, história dos descobrimentos e explorações, entre as quais se distinguem uma das maiores dedicada ao *Prince Henry the Navigator and Portuguese Maritime Enterprise* (1960), que contribuíram para uma aprendizagem e estreitar as ligações entre a geografia e história, tornando a mapoteca, pela organização e material cartográfico, a maior fonte para geógrafos e historiadores. Participou no Congresso Internacional de Geografia de Lisboa em 1949 e em 1960 junto com Armando Cortesão dirigiu a secção de História da Cartografia no Congresso para a História dos Descobrimentos

Em 1972 receberá o Grande Prémio Nacional de Cultura. Será Vogal da Direcção e académico da Academia Internacional de Cultura Portuguesa<sup>252</sup>. Foi director da Editora Luso-Brasileira de Cultura Verbo, e seu colaborador na secção História<sup>253</sup>.

Em 23 de Outubro de 1974 enviará uma mensagem de agradecimento à Assembleia Geral Anual do Royal Institute of Navigation de Londres, pela eleição para membro Honorário. Da Academia das Ciências de Lisboa, será sócio Correspondente em 1964, Efectivo em 1966 e Emérito em 1973. Em 3 Março 1966 sucede ao médico Professor Doutor Sebastião Cabral da Costa-Sacadura, ocupando a cadeira nº 10 da classe de Ciências da Academia<sup>254</sup>.

---

que decorreu em Lisboa, tendo um desempenho *memorável*, como precursor de uma série de conferências internacionais sobre Cartografia. Durante mais de 20 anos foi editor geral da *Imago Mundi*, é conhecido o seu trabalho sobre História da Cartografia e por tentar provar a autenticidade do mapa de *Vinland*. Presidiu ao Grupo de Trabalho sobre mapas antigos da União Geográfica Internacional. Foi igualmente membro da Academia Internacional de História das Ciências, bem como de diversas outras sociedades relacionadas com a História, Geografia, Arqueologia e Arquivística.

<sup>251</sup> Refira-se que o lugar de Cortesão no *Board of Directors*, será ocupado por Teixeira da Mota em 1978. Mota entrara para o *Editorial Board* em 1963 e a partir de 1978 acumularia a *Direcção* com a função de *Editor correspondente*.

<sup>252</sup> “Inaugurada a Academia Internacional de Cultura Portuguesa”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 26 de Maio de 1965, pp. 1e 5. Cortesão fará parte da Direcção presidida por Adriano Moreira, tendo proferido na sessão solene inaugural uma oração de sapiência sobre as origens da Náutica e Cartografia dos Descobrimentos. Vide «O maior serviço internacional da Cultura Portuguesa», oração de sapiência proferida na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 25 de Maio de 1965, *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, nº 1, Lisboa, 1966, pp. 13-28.

<sup>253</sup> São da sua autoria duas *entradas* na *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*: “Atlas”, vol. 2, Lisboa, 1964, colns. 1750-1751 e “História da Cartografia”, vol. 4, Lisboa, 1966, colns. 1211-1223.

<sup>254</sup> *Elogio histórico de Sebastião C. da Costa-Sacadura, por Armando Cortesão, e resposta ao recipiendário por Maximino Correia*, Lisboa, A.C.L., 1966, separata do *Boletim A.C.L.*, nº 38, pp. 212-239.



## 12. O reconhecimento em nome da Pátria e o legado ideológico

Nas suas memórias, Franco Nogueira registaria as impressões de um encontro com Cortesão, sobre uma possível constituição de uma Sociedade de Amigos da Rodésia: “Lisboa, 18 de Fevereiro [1966]<sup>255</sup> [...] Mais tarde. Igual conversa com Armando Cortezão, a quem disse que eu pensava no seu nome para presidir à Sociedade. Reacção de Armando Cortezão, não de lágrimas nos olhos mas de voz quase rouca de exaltação: «*Tudo, mas tudo o que o senhor quiser! A nossa África é sagrada. Ah! Se eu tivesse idade para pegar numa arma!*» E este é um homem que na guerra civil de Espanha, arriscou a vida *nas brigadas internacionais*»<sup>256</sup>.

Escreveria Américo Thomaz, nas suas memórias<sup>257</sup>, acerca de Cortesão que tinha por hábito felicitá-lo por ocasião do seu aniversário (19 de Novembro), mesmo depois do 25 de Abril, quando estava exilado no Brasil, que em carta de 12 de Novembro de 1974, assim se lhe dirigia:

“«*Como se aproxima o dia 19, venho cumprir o grato dever, e agora mais do que nunca, de como de costume, lhe enviar os meus melhores votos para que esta ocasião se repita por muitos anos, pelo menos com boa saúde e possível sossego. Pelo meu lado, já prestes a entrar nos 85, pouca esperança tenho de voltar a escrever-lhe daqui a um ano. Conto enviar-lhe, dentro de dias, um novo livro meu. [...] peço-lhe que aceite o abraço do seu velho e sempre grato amigo...*»<sup>258</sup>.

E prosseguiria referindo-se à segunda carta, a mais curta das três, enviada a 11 de Novembro de 1975:

“«*Não lhe envio os parabéns pelo dia 19 porque nos tristes tempos, que estão correndo, pouco apetece viver. Pelo menos é o que eu, quase a entrar nos 86, sinto. Pobre Portugal de aquém e além mar! De modo que é só para lhe testemunhar, uma vez mais, a minha velha e fiel amizade, hoje mais do que nunca*». E, por baixo da data, 11 de Novembro de 1975, em que

---

<sup>255</sup> Relata primeiro a reunião com H. Cidade “[...] Conversa miúda com Hernâni Cidade. Disse-lhe que, para ajudar a Rodésia, havia a ideia de se constituir uma *Sociedade de Amigos da Rodésia*. Não convinha que esta surgisse como inspirada pelo governo; e por isso parecia que os seus membros deveriam ser homens da oposição, respeitados pelo seu prestígio intelectual e pela sua integridade. Tratava-se de auxiliar a Rodésia, forma indirecta de auxiliar o ultramar português. Reacção instantânea de Hernâni Cidade, de olhos com lágrimas: «*estou pronto, para esse fim faço o que o governo quiser*»”. Vide Franco Nogueira, *Um Político confessa-se (Diário: 1960-1968)*, Porto, Livraria Editora Civilização, 1987, p. 165.

<sup>256</sup> Idem, *ibidem*, p. 165.

<sup>257</sup> Américo Thomaz, *Últimas décadas de Portugal*, Lisboa, Fernando Pereira Editor, 4 vols., 1981.

<sup>258</sup> Idem, *ibidem*, vol. 4, p. 383.

*Angola deixou de ser portuguesa, sem, de facto, se ter tornado independente, lia-se: «Para mim, data de luto nacional»”.*

Sobre a terceira e última carta de 9 de Novembro de 1976, de caligrafia já muito tremida e irregular, diria Thomaz, constituir:

“uma comovedora despedida e o grito de alma de um português autêntico e inconformado, mas firme até à morte. [...]: *«Aproxima-se o dia 19 e eu quero que V. Ex.<sup>a</sup> saiba que tem aqui sempre um amigo que muito bem lhe quer e que nunca esquece a afectuosa estima com que o senhor Almirante sempre o distinguiu. [...] Pelo que me toca, estou tão diminuído, física e intelectualmente, que o meu maior desejo é ir-me embora de vez, quanto mais depressa melhor! Já mal posso dar uns passos (e só com duas bengalas), os olhos também estão muito mal, e a cabeça improdutiva, cada vez menos capaz de qualquer esforço. Nada me pode consolar deste abandono total, insensato, estúpido, criminoso e horrível a que votaram o nosso Ultramar, herança sagrada dos nossos Maiores, por uns renegados entregues à U.R.S.S.!!! Sim, tudo isto tem sido estúpido, como criminoso, horrível! É o maior desgosto que levarei para a cova! Desgraçado Portugal de alguém e de além mar! [...]»*”<sup>259</sup>.

Seria o regime republicano democrático a atribuir a Armando Cortesão, a título póstumo, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant’Iago da Espada, destinada a distinguir aqueles que se notabilizaram pelo seu mérito literário, científico e artístico. Nesse dia 10 de Junho de 1987, Mário Soares justificaria no seu discurso que “Honrar a História significa também não esquecer aqueles que a estudam, com espírito científico e a objectividade possível, revelando-a à reflexão, sempre nova, dos vindouros. Às gerações de grandes historiadores das Descobertas que nos precederam - e que nos legaram obras ímpares, em que se atesta a prioridade dos Descobrimentos Portugueses – sucede uma época em que carecemos de jovens investigadores, capazes de nos deixarem a sua leitura original dos homens e dos acontecimentos dessa época de ouro”<sup>260</sup>.

Em 1978, no seu *Obituário* publicado no *The Geographical Journal*, é referido que “Portugal has lost a man of distinction and a remarkable scholar, whose convictions at times invited controversy [...]. His friends mourn a man of great charm and distinction: the world has lost its greatest authority in historical cartography”<sup>261</sup>.

<sup>259</sup> Idem, *ibidem*, vol. 4, pp. 383-384.

<sup>260</sup> “Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades: Atribuição de Condecorações a Jaime Cortesão, Armando Cortesão, Joaquim Barradas de Carvalho, Jorge Dias e Teixeira da Mota”, Fundação Mário Soares, Arquivo Mário Soares, Pasta 00397.016. <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=00397.016#12> [consultado em 6-2-2013].

<sup>261</sup> “Obituaries: Armando Cortesão”, *T.G.J.*, vol. 144, nº 3, November, 1978, p. 534.

À Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra doará o seu espólio epistolar<sup>262</sup>, tendo feito doação integral dos seus livros “[...] estando já na secção de Cartografia da Faculdade de Ciências quatro mil volumes da especialidade (Cartografia, História dos Descobrimentos e Ciência Náutica), e mais de mil na Biblioteca Geral [...]”<sup>263</sup>.

Armando Cortesão afirmaria que, “Durante os últimos sessenta anos ou, para ser mais preciso, desde 1913, tenho publicado muito para cima de trezentos escritos, desde simples artigos, estudos ou ensaios, até volumosos livros. Alguns desses estudos ou ensaios sobretudo os que apareceram em publicações periódicas, tanto nacionais como estrangeiras, estão hoje esquecidos ou ignorados, sendo, em qualquer hipótese, difícil ou praticamente impossível o acesso às publicações em que vieram a lume, mesmo quando delas se fizeram separatas”<sup>264</sup>.

Para quem dedicou uma vida ao estudo da Cartografia Antiga nada melhor poderia perpetuar a sua memória do que uma homenagem toponímica, consagrada na atribuição do seu nome a uma rua em Almada, justamente na margem esquerda do Tejo, entre a foz e o oceano.

A História cumpriu os seus desígnios. Portugal regressou às suas fronteiras originais. Para a posteridade ficará mais um contributo do que foi a História desse passado Ultramarino.

---

<sup>262</sup> Entregas efectuadas em 28 de Abril e 11 de Outubro de 1972 e em 4 de Julho de 1974.

[http://webopac.sib.uc.pt/search~S74\\*por?/Xarmando+cortes{o&searchscope=74&SORT=D/Xarmando+cortes{o&searchscope=74&SORT=D&SUBKEY=armando+cortes%C3%A3o/13%2C199%2C199%2CE/frameset&FF=Xarmando+cortes{o&searchscope=74&SORT=D&19%2C19%2C](http://webopac.sib.uc.pt/search~S74*por?/Xarmando+cortes{o&searchscope=74&SORT=D/Xarmando+cortes{o&searchscope=74&SORT=D&SUBKEY=armando+cortes%C3%A3o/13%2C199%2C199%2CE/frameset&FF=Xarmando+cortes{o&searchscope=74&SORT=D&19%2C19%2C)  
[consultado em 10-2-2013].

<sup>263</sup> *Elogio histórico de Sebastião C. da Costa-Sacadura, por Armando Cortesão, e resposta ao recipiendário por Maximino Correia*, Lisboa, A.C.L., 1966, separata do *Boletim A.C.L.*, nº 38, pp. 237-238.

<sup>264</sup> A. Cortesão, *Esparsos*, vol. I, p. xvii.



### 13. Algumas notas

Poderemos constatar que constituiu vantagem significativa, o facto de Armando Cortesão se expressar em vários idiomas (fluyente no caso do inglês), que lhe conferiu maior visibilidade internacional. As funções que desde cedo ocuparia na administração colonial portuguesa proporcionaram-lhe a oportunidade de viajar e tomar conhecimento, tanto das realidades dos territórios ultramarinos portugueses, como também contactar com os principais centros do poder das potências Europeias com territórios coloniais. O interesse pelo estudo e investigação das temáticas relacionadas com as navegações, os descobrimentos, a expansão ultramarina e a sua representação cartográfica tiveram maior expressão nas possibilidades que encontrou de pesquisar nos principais arquivos, bibliotecas repositórios com documentação coeva.

O prestígio internacional e o reconhecimento que teve em círculos intelectuais, instituições culturais e académicas, representam um factor de motivação adicional para um estudo mais aprofundado da sua vasta herança historiográfica.

As suas principais obras, resultantes afinal de um mais largo conjunto de palestras, conferências, comunicações, artigos académicos, lições, resenhas, entrevistas, ensaios e outros textos de menor dimensão poderão ser, assim resumidos:

1935 - *Cartografia e cartógrafos portugueses*; 1944 - *A Suma Oriental*; 1954 - *Carta Náutica de 1424*; 1960/62 - *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*; 1969/71- *História da Cartografia Portuguesa* e em 1973 - *O mistério de Vasco da Gama*.

Este conjunto de publicações, constituem o núcleo fundamental dos seus estudos no domínio da História da Expansão Portuguesa, espólio documental e trabalho de investigação de meio século, expresso numa narrativa textual de mais de dois milhares de páginas, que merecem ser analisados numa perspectiva metodológica actualizada e numa isenta objectividade crítica.

Essa será a nossa jornada seguinte.



*E o esplendor dos mapas, caminho abstracto para a imaginação concreta,  
Letras e riscos irregulares abrindo para a maravilha.  
O que de sonho jaz nas encadernações vetustas,  
Nas assinaturas complicadas (ou tão simples e esguias) dos velhos livros.*

Álvaro de Campos  
1933

## II – Obra e legado historiográfico. Apontamentos relevantes





## 1. Dos primeiros estudos

Remontará aos princípios da segunda década do século XX, o manifesto interesse de Cortesão pelas temáticas históricas relacionadas com os Descobrimentos, a Expansão Portuguesa e mais especificamente pela Cartografia, actividade essencial à representação, conhecimento e divulgação dos novos territórios alcançados pelos navegadores ao serviço da Coroa portuguesa. Será no Boletim da Agência Geral das Colónias, organismo público da Administração Colonial, de que era dirigente desde a sua criação em 1924, que virá a publicar em 1926, o seu primeiro artigo no âmbito da historiografia dos Descobrimentos. Nesse curto ensaio, que veio ao prelo nas páginas do oitavo Boletim, em Fevereiro de 1926, sob o título *Onde era o Cabo dos Mastros dos nossos antigos navegadores*<sup>265</sup>, Cortesão fará uma abordagem da problemática localização de um acidente geográfico que os exploradores portugueses enfrentavam ao navegarem para sul, ao longo da então desconhecida costa ocidental africana, na década de 40 do século XV.

A questão nuclear do estudo, era já de notório cariz cartográfico e Cortesão revela que este seria um excerto do primeiro capítulo de “um vasto trabalho em preparação sobre esta colónia”<sup>266</sup>. Decorreriam mais de cinco anos até que o referido *vasto trabalho* viesse a público, no Boletim de Outubro de 1931, sob a designação de *Subsídios para a história do descobrimento da Guiné e de Cabo Verde*<sup>267</sup>. Aqui o Autor elabora um discurso de consistente rigor apoiado na produção factual disponível, não alheio à *traça positivista*, e na linha de procura de alguma síntese de anteriores trabalhos de Alexandre Herculano, Visconde de Santarém<sup>268</sup> (com particular e vasta produção escrita sobre o tema), Sousa Viterbo,

---

<sup>265</sup> A. Cortesão, “Onde era o Cabo dos Mastros dos nossos antigos navegadores”, *B.A.G.C.*, Ano II, nº 8, Lisboa, Fevereiro de 1926, pp. 40-45.

<sup>266</sup> Referia-se à então Guiné Portuguesa. Vide idem, *ibidem*, nota 1, p. 40.

<sup>267</sup> A. Cortesão, “Subsídios para a história do descobrimento da Guiné e de Cabo Verde”, *B.A.G.C.*, Ano VII, nº 76, Lisboa, Outubro de 1931, pp. 3-39.

<sup>268</sup> Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, 2º Visconde de Santarém (1791-1856). Nascido e educado em Lisboa as suas principais funções foram no âmbito da diplomacia com importantes cargos exercidos no estrangeiro. Em 1807 acompanha a corte portuguesa para o Brasil. É na Biblioteca Real do Rio de Janeiro, que tem início a sua dedicação pela investigação histórica, em especial pela diplomacia, começando a reunir e classificar cronologicamente a documentação referente às relações de Portugal com nações estrangeiras. Nomeado conselheiro de embaixada em Paris no ano de 1817, regressa no entanto ao Brasil ainda nesse ano. Com a morte de seu pai, 1º visconde de Santarém, sucede-o nos cargos em 1819. Fixa residência em Lisboa e entrega-se então a novas investigações diplomáticas nos arquivos da Torre do Tombo, com acesso concedido por ordem régia de 31 de Março de 1819. Os acontecimentos políticos de 1820 e os seus ideais absolutistas obrigam-no a abandonar o país. Fixa-se em Paris e continua com o seu trabalho de investigação, onde redige então os seus primeiros escritos. Com o regresso da família real a Portugal, também ele regressa a Lisboa em 1821, sendo nomeado guarda-mor da Torre do Tombo em 1824, cargo do qual é exonerado em 1833, quando D. Pedro assume o poder. Parte para Inglaterra em 1834 e posteriormente fixa-se

Braamcamp Freire, Gama Barros, Luciano Pereira da Silva, Joaquim Bensaúde, Jaime Cortesão e Charles de La Roncière. Apesar de assumir que o texto apresentaria já alguma desactualização, face aos quase dez anos de dedicação a uma possível “História da Guiné”<sup>269</sup>, que estaria na forja, não deixará de concluir que o estudo das explorações portuguesas ao longo do litoral africano, realizadas sob o patrocínio do Infante D. Henrique apresentavam lacunas informativas e eram campo de controvérsia interpretativa.

Em 1932 fará publicar dois estudos centrados na temática da História da Cartografia quinhentista portuguesa: *Um novo atlas de Vaz Dourado*<sup>270</sup> e *Os Homens (Cartógrafos Portugueses do século XVI)*<sup>271</sup>.

A propósito de um atlas erradamente atribuído a João de Lisboa, Cortesão irá traçar um perfil biográfico do importante cartógrafo Fernão Vaz Dourado com notável produção cartográfica na segunda metade do século XVI, apresentando robusta argumentação (ainda

---

em Paris. Em 1842 ainda que ausente, o seu prestígio é tal que é novamente reconduzido no cargo de guarda-mor da Torre do Tombo sem obrigação de vir a Portugal. Apesar de exilado e miguelista mantém boas relações com os constitucionais e com o Estado português que lhe custeia todas as publicações. Do seu legado como historiador ficaram-nos várias obras sobre Cartografia e os direitos históricos de Portugal sobre os territórios ultramarinos em África. Para o seu contacto com cartografia terá contribuído a questão das viagens de Américo Vespúcio, levantada por Martín Fernandez Navarrete, e posteriormente por Francisco Adolfo Varnhagen, desencadeando um aceso debate onde pela primeira vez fará uso da expressão *cartografia* em sentido historiográfico. Sobre esta temática merece destaque a sua obra, *Recherches Historiques, critiques et Bibliographiques sur Americ Vespuce et ses Voyages*. Os seus trabalhos sobre a história dos descobrimentos surgem quando Portugal tenta rebater as pretensões francesas na prioridade da chegada à costa da Guiné e da questão do controlo de Casamansa. A forma como Portugal é retratado no plano internacional, faz com que recorra dos argumentos históricos, fazendo uso de documentação sobretudo cartográfica. Sistematiza teses e fontes literárias, diplomáticas e cartográficas em defesa da prioridade portuguesa. Para este propósito foi publicada a *Crónica do descobrimento e Conquista da Guiné*, de Zurara (1841), com introdução de Santarém, e que, terá notável repercussão na historiografia europeia, no que respeita a estudos referentes a Portugal e aos descobrimentos, e *Memória sobre a Prioridade dos Descobrimentos Portugueses na Costa da África Ocidental* (1841). Como peça justificativa desta defesa existe o célebre *Atlas*, que Santarém organizou e publicou em três volumes. No primeiro *Atlas* (1841), editou um conjunto de cartas a partir do século XV. No segundo (1842), inseriu fac-símiles de mapas desde o século XI. No terceiro *Atlas* (1849), Santarém reuniu vários monumentos cartográficos desde o século VI. Em 1849-52 foram publicados três tomos, da obra, que Santarém não chegou a concluir, *Essai sur l'histoire des progrès de la Géographie après les grandes découvertes du XV<sup>e</sup> siècle*. Findo o exílio optou por viver em Paris onde veio a falecer em 1856, no entanto foi para Portugal que vieram os seus restos mortais.

<sup>269</sup> Referindo-se a este trabalho diria: “Este estudo constitui o primeiro capítulo de um trabalho que em 1922 começamos escrevendo sobre a História da Guiné, e que apenas chegou até ao primeiro quartel do século XIX. Outras ocupações que a partir de 1923 nos absorveram, entre as quais avulta a direcção da Agência Geral das Colónias, que assumimos em 1924, obrigaram-nos a abandonar a tarefa a que, movido pelo gosto que sempre tivemos pela investigação histórica, com tanto entusiasmo nos tínhamos dedicado. Agora, ao tratar da parte histórica de uma obra de carácter científico que estamos preparando sobre a «Administração Colonial Portuguesa», pegámos de novo naquele escrito há tantos anos abandonado. De então para cá, grandes progressos se têm feito no estudo e análise do glorioso período da História Pátria em que o nosso trabalho se enquadra [...]”. Vide A. Cortesão, “Subsídios para a história do descobrimento da Guiné e de Cabo Verde”, *B.A.G.C.*, Ano VII, nº 76, Lisboa, Outubro de 1931, nota 1, p. 3.

<sup>270</sup> Idem, “Um novo atlas de Vaz Dourado”, *B.A.G.C.*, Ano VIII, nº 81, Lisboa, Março de 1932, pp. 142-151, também publicado em *Seara Nova*, Ano 11, nº 284, Lisboa, 1932, pp. 313-316.

<sup>271</sup> Idem, “Os Homens (Cartógrafos Portugueses do século XVI)”, *O Instituto*, Ano 83, nº 5, Coimbra, 1932, pp. 539-580; Ano 84, nº 1, Coimbra, 1932, pp. 58-85, e nº 2, Coimbra, 1932, pp. 188-224.

que com recurso a suporte conjectural) para a fixação da autoria ou obra cartográfica saída da oficina deste renomado cartógrafo-iluminador, fazendo notar o conhecimento existente sobre pelo menos sete atlas de Vaz Dourado. Já em Março de 1932, Cortesão divulgaria que andava “Ocupado com um desenvolvido trabalho sobre «Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI» que em breve tenciono publicar, [...]”<sup>272</sup>, quando teria sido confrontado com a dúvida da atribuição autoral do referido atlas do códice pertencente à colecção privada do Duque de Palmela.

Nas páginas de *O Instituto*, Armando Cortesão publica um extenso estudo, ao longo de três artigos, sobre um apelido familiar, os Homem<sup>273</sup>, cujas origens remontam ao século XIII, dos quais se destacam três cartógrafos com actividade durante o século XVI, de seu nome Lopo, Diogo e André Homem. Segundo nos elucida, a pesquisa e publicação deste estudo em torno deste apelido familiar surgiria da “discussão ultimamente travada nos meios científicos estrangeiros sobre o cartógrafo Lopo Homem e a sua obra [...]”<sup>274</sup>. O texto será um dos dez capítulos da sua obra *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI* que, segundo nos informa, estará no prelo da Imprensa da Universidade de Coimbra<sup>275</sup>. Trata-se de um relevante estudo genealógico sobre este importante “clã de cartógrafos cujas relações familiares nem sempre serão precisas”, mas que revela da parte do Autor conhecimento, capacidade analítica e metodologia científica, sobretudo, vindo de alguém que não tinha formação académica em áreas naturalmente relacionadas com as ciências sociais, nomeadamente, as denominadas histórico-geográficas.

Após o seu afastamento<sup>276</sup> da Agência Geral das Colónias, de cuja liderança se ocupava desde a sua criação em 1924, Cortesão proferirá ao longo dos primeiros meses de 1933 diversas conferências sobre História da Cartografia Portuguesa<sup>277</sup> e o problema

---

<sup>272</sup> Idem, “Um novo atlas de Vaz Dourado”, *B.A.G.C.*, p.146.

<sup>273</sup> Luís de Albuquerque, que justamente irá sublinhar “Este opúsculo, deve ser considerado o ponto de partida dos estudos de cartografia em Portugal [...]”. Vide A. Pinheiro Marques, *Origem e Desenvolvimento da cartografia Portuguesa na Época dos Descobrimentos*, Lisboa, I.N.-C.M., 1987, p 10.

<sup>274</sup> A. Cortesão, “Os Homens [...]”, *O Instituto*, Ano 83, nº 5, Coimbra, 1932, p. 540.

<sup>275</sup> Seria o Capítulo V de uma dezena de capítulos em que a obra estaria organizada. Idem, *ibidem*, nota 1, p. 539.

<sup>276</sup> Como ele próprio indica: “Quando em 7 de Janeiro de 1932 fomos demitidos da direcção da Agência Geral das Colónias, pusemos de parte, temporariamente, por motivos fáceis de compreender, o projecto daquela obra, [referindo-se a um projecto de escrever uma «História da administração colonial portuguesa»], cujos primeiros capítulos ainda chegámos a escrever”. Vide idem, *Cartografia e cartógrafos [...]*, vol. I, p. xxxvii.

<sup>277</sup> Vide idem, “História da Cartografia Portuguesa”, Conferência, *Jornal do Comércio e das Colónias*, Lisboa, 14 de Março de 1933 e *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 14 de Março de 1933; “Cartografia Portuguesa Antiga”, Conferência, *Diário de Notícias*, Lisboa, 26 de Março de 1933 e “Cartografia Portuguesa Antiga”, *Diário de Lisboa*, 1º Ano, nº 2, Lisboa, Edição mensal de 1 a 31 de Maio de 1933, pp. 16-18. Refira-se ainda uma importante palestra realizada na Escola Naval, a 25 de Março de 1933, “Os quatro períodos ou escolas da Cartografia Portuguesa”, *Anais do C.M.N.*, Ano 63º, nº 5-6, Lisboa, 1933, pp. 135-143.

*Colombino*<sup>278</sup>. Publicará um artigo de referência sobre a obra de Pedro Nunes<sup>279</sup> enquanto ultimava aquela que viria a ser a sua primeira produção textual de relevância, quer na ordem historiográfica interna, quer nos círculos internacionais<sup>280</sup>.

---

<sup>278</sup> Vide idem, “Cristóvão Colombo português?”, *Jornal do Comércio e das Colónias*, Lisboa, 15 de Março de 1933; *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 15 de Março de 1933; *Diário de Notícias*, Lisboa, 16 e 20 de Março de 1933; *União Portuguesa*, Oakland, Califórnia, 13 de Junho de 1933 e “O debate sobre a personalidade de Colombo”, *República*, Lisboa, 24 de Maio de 1933.

<sup>279</sup> Vide idem, “A curva loxodrómica de Pedro Nunes e a projecção em latitudes crescidas de Mercator”, *Arquivo Histórico da Marinha*, Ano 1º, nº 1, Lisboa, 1933, pp. 57-75.

<sup>280</sup> Trata-se de *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo)*, Lisboa, Seara Nova, 2 vols., 1935. Embora concluída em Janeiro de 1932 só viria a público em Maio de 1935, depois de vicissitudes várias entretanto ocorridas na vida de Armando Cortesão. No final do segundo volume o autor assina: “Lisboa – São João do Campo – Madrid, Janeiro de 1932 – Março de 1935”. Cf. *Cartografia e cartógrafos [...]*, vol. II, p. 404.

## 2. Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI

No seguimento de um posicionamento ideológico anti-regime e de ações de oposição política levadas a cabo contra o Estado Novo no decurso de 1933, nomeadamente pelo seu envolvimento na publicação e difusão do jornal clandestino *A Verdade*, de que seria perseguido e acusado em processo judicial, Armando Cortesão ver-se-ia forçado a sair de Portugal, fugindo para Espanha em Outubro, onde se juntaria a um grupo de oposicionistas do qual faria também parte seu irmão Jaime<sup>281</sup>. Aqui encontraremos uma razão explicativa para um compasso de três anos entre a conclusão e a publicação de *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*, uma vez que estaria encomendado à Imprensa da Universidade de Coimbra e acabou por ser editado pela *Seara Nova*<sup>282</sup>.

O extenso *corpus* textual que abre com nota introdutória explicativa das razões de ser do estudo, pela constatação de amplas lacunas no campo dos estudos prévios sobre a cartografia portuguesa renascentista, acompanhadas de auto perfil curricular e respectivo rol de agradecimentos pessoais e institucionais, será composto por uma dezena de capítulos desenvolvidos ao longo de dois volumes, a que se juntam em término, preciosos e úteis, Adenda e Corrigenda, Índice Sistemático e Analítico, bem como um conjunto de mais de meia centena de estampas dos mais significativos mapas e cartas analisados.

Refira-se a propósito que das principais obras de Cortesão atrás referidas, esta seria a única editada apenas em português. Todas as outras seriam edições bilingues português-inglês (no caso dos *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*), com traduções posteriores para inglês, ou ainda retroversões de inglês-português como serão *The Suma Oriental [...]* ou *The Nautical Chart of 1424 [...]*, de cuja apreciação nos ocuparemos adiante.

Apesar da edição ser apenas em português e do autor não ser, ainda, uma referência neste domínio de investigação, o livro merece notícia em prestigiadas publicações internacionais como os britânicos *The Geographical Journal*<sup>283</sup> e *The Mariner's Mirror*<sup>284</sup>, a revista francesa *Annales de Géographie*<sup>285</sup> ou ainda na supranacional *Archeion*<sup>286</sup>.

---

<sup>281</sup> Vide nossa dissertação, “Os caminhos do exílio”, pp. 35-48.

<sup>282</sup> Para além da edição dita *corrente*, em papel normal, “fez-se uma tiragem especial de cem exemplares em papel de linho, numerados e rubricados pelo autor”, de que um exemplar encadernado imitando pele, aparado e pintado a vermelho à cabeça pode ser adquirido em mercado de livro antigo, por valores superiores a 400 Euros.

<sup>283</sup> Edward Heawood, Crítica a “Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI, by Armando Cortesão, Lisboa, *Seara Nova*, 1935, Two Volumes”, *T.G.J.*, vol. 87, nº 2, London, Feb. 1936, pp. 150-153.

<sup>284</sup> Vide Cecil King, “Books: Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI by Dr. Armando Cortesão”, *The Mariner's Mirror*, vol. 22, issue 1, London, Jan. 1936, pp. 119-128. Saliente-se que o *The Mariner's Mirror*, é um periódico trimestral inglês, reconhecido internacionalmente pela relevância dos seus

No capítulo inicial “Cartografia Antiga e Cartografia Portuguesa da Renascença”<sup>287</sup>, o autor elabora um panorama histórico das origens da Cartografia na Antiguidade até ao século XV e as influências no surgimento e desenvolvimento das Escolas da Cartografia Portuguesa, que Cortesão defende serem quatro: um primeiro período ou *Escola do Infante*, um segundo período ou *Escola de Pedro Reinel*, um terceiro período ou *Escola de Lopo Homem* e um quarto e último período ou da *Decadência*, acabando por desfazer o paradigma classificativo traçado por Denucé<sup>288</sup>, duas décadas antes, quando estabeleceu apenas duas escolas de tendência oposta, uma teórica ou de concepção ptolomaica e outra cartografia de perfil positivista, baseada na representação dos espaços de acordo com as notícias das mais recentes explorações e conhecimento de novos mundos.

Na estrutura organizativa segue-se um capítulo intitulado “Da Escola do Infante a Pedro Nunes”, que Cortesão dedica ao processo evolutivo da cartografia portuguesa, abordando assuntos como a carta plana quadrada, a questão das Molucas, a obra de Pedro Nunes, a curva loxodrómica e a projecção em latitudes crescidas, recorrendo aos contributos de anteriores trabalhos sobre ciência náutica e a matemática de Francisco Garção-Stockler, Joaquim Bensaúde, Luciano Pereira da Silva ou Sousa Viterbo. A sustentação, ainda que fundamentada pela lógica argumentativa, da primazia portuguesa de uma “[...] nova carta de marear, a carta plana quadrada, saída do portulano medieval, é uma criação puramente portuguesa, consequência do desenvolvimento trazido pela Empresa dos Descobrimentos à ciência náutica [...]”<sup>289</sup>, enfrentará contestação levantada por vozes internacionais, uma vez que a existência de cartas náuticas portuguesas conhecidas remonta ao último quartel do século XV, podendo os mais cépticos arguir que a *escola portuguesa é um movimento de um século com cento e poucos anos* (de anos 70 do século XV à última década do século XVI).

---

artigos sobre história naval e marítima, arqueologia náutica e todas as temáticas que dizem respeito à navegação e ao conhecimento do mar.

<sup>285</sup> Lucien Gallois, “Les portugais et la cartographie marine au XV<sup>e</sup> et au XVI<sup>e</sup> siècle”, *Annales de Géographie*, vol. 45, nº 257, 1936, pp. 518-525.

<sup>286</sup> Recensão crítica de Roberto Almagià a “Cartografia e cartógrafos portugueses [...]”, *Archeion. Archivio di storia della scienza*, vol. XVII, nº 4, 1936, pp. 489-498, com análise e tradução de Ernesto Soares, *A revista Archeion e os trabalhos actuais sobre os descobrimentos marítimos portugueses*, Lisboa, Bertrand, 1936, separata do *Arquivo Histórico de Portugal*, vol. II, nº 19, pp. 281-298.

<sup>287</sup> Ensaio resultante de uma síntese de várias posições já tornadas públicas em conferências e artigos publicados anteriormente. Vide nota 277.

<sup>288</sup> Jean-B. F. Denucé (1878-1944). Historiador da cartografia e bibliotecário belga, que em 1908 publicou, *Les origines de la cartographie portugaise et les cartes de Reinel*. Foi ainda o autor de *The discovery of the North Coast of South America according to the Anonymous Map in the British Museum* (1910); *Magellan, la question des Molluques et la première circumnavigation du globe* (1911) e *L'influence de la renaissance sur la géographie et la reprise des études sur Ptolémée* (1938).

<sup>289</sup> Vide A. Cortesão, *Cartografia e cartógrafos [...]*, vol. I, p. 51.

Roberto Almagià<sup>290</sup>, na sua recensão crítica na Revista *Archeion*, refuta Cortesão e o seu alegado pendor nacionalista, alegando que o autor “[...] não produz nenhuma prova atendível, nem a bem dizer, aí apresenta documentos ou novas alegações que sirvam para dar consistência concreta ao que chama «a Escola Cartográfica do Infante», escola que, quanto mais a pretendemos considerar de perto, mais ela se nos escapa! Na verdade para encontrar um nome português que tenha exercido uma verdadeira influência nos progressos da ciência náutica e da cartografia, precisamos chegar, em pleno século XVI, a Pedro Nunes”<sup>291</sup>. Refere ainda Almagià, que Cortesão, apesar do longo capítulo dedicado a Pedro Nunes, nada inova em relação “[...] às conclusões dos conhecidos trabalhos de Bensaúde (pág. 110)”<sup>292</sup>.

Os capítulos que constituem o núcleo do estudo analítico e que fazem jus ao anunciado no baptismo do livro, são os seguintes: Cap. III – Cartas portuguesas anónimas ou desaparecidas e cartas estrangeiras de influência portuguesa anteriores ao século XVII, os Cap. V – os Reinéis e Cap. VI – Os Homens (já anteriormante publicado, agora ampliado e actualizado), Cap. VII – Fernão Vaz Dourado, Cap. VIII – Outros Cartógrafos portugueses da primeira metade do século XVI e Cap. IX – Outros Cartógrafos portugueses da segunda metade do século XVI. Ficará patente para o leitor que Cortesão tem o mérito de estruturar a sua análise temática estabelecendo alguns níveis hierárquicos de importância, produzindo consistente e bem fundamentada abordagem a duas famílias de cartógrafos, os Reinel e os Homem, dedicando aturado estudo a Vaz Dourado<sup>293</sup>, (evoluindo com grande aporte documental a reflexão que havia feito em 1932), estabelecendo algumas linhas de influência da *escola portuguesa* em produção cartográfica anónima ou estrangeira e, por fim, conseguindo uma mais sintética perspectiva dos restantes cartógrafos portugueses em actividade no século XVI<sup>294</sup>. Sobre todo este núcleo fundamental da obra de Cortesão, diria o geógrafo italiano, na sua apreciação crítica que “assenta no exame directo e sistemático dos

---

<sup>290</sup> Roberto Almagià (1883-1962). Historiador e professor da Real Universidade de Roma, reconhecido internacionalmente pelo seu interesse em diversas áreas e pelos trabalhos em história da geografia, em particular a geografia humana e sobretudo a cartografia, dos quais merecem destaque, *Monumenta Italiae Cartographica* (1929), *Monumenta Cartographica Vaticana* (1944-55) e *Gli Italiani primi esploratori dell'America* (1937), que constitui um contributo italiano, em relação à descoberta da América. Em 1958 foi galardoado com a Victoria Medal da Royal Geographical Society de Londres como reconhecimento pelos seus trabalhos na história da cartografia. Foi membro de várias instituições afectas à geografia e presidente do Comité Nacional para a Geografia.

<sup>291</sup> Vide Recensão crítica de Roberto Almagià, *op. cit.*, p. 290.

<sup>292</sup> Idem, *ibidem*, p. 290.

<sup>293</sup> Cortesão considera Fernão Vaz Dourado como “[...] o mais célebre e notável cartógrafo português do século XVI e até de todos os tempos”. A. Cortesão, *Cartografia e cartógrafos [...]*, vol. II, p. 7.

<sup>294</sup> Nas palavras subtilmente críticas de Almagià “Os extensíssimos capítulos VIII e IX da obra de Cortesão são dedicados à numerosa lista daqueles a que podemos chamar cartógrafos menores”. Vide Recensão crítica de Roberto Almagià a “Cartografia e cartógrafos portugueses [...]”, *Archeion*, p. 295.

documentos originais”<sup>295</sup> e revela aspectos inovadores, não deixando porém de realçar um conjunto de correcções de detalhes ou precisões metodológicas.

No capítulo IV – Bartolomeu e Cristóvão Colombo cartógrafos, Cortesão aborda um tema a que já tinha dedicado reflexão anterior, ocupando-se do *perfil cartográfico* dos irmãos, entrando numa já longa e apaixonante polémica acerca das suas origens e da reivindicação, também antiga, da prioridade portuguesa na chegada às costas americanas que colocava em confronto a historiografia portuguesa, historiadores italianos e americanistas, entre outros. Este texto enfurece Almagià, que para além de o considerar descabido no conjunto da obra, o acha extenso e desequilibrado “[...] pois, após tanto parausar na biografia de Colombo, se chega ao argumento principal, isto é, à obra dos dois irmãos, como cartógrafos (aos quais, todavia, apenas são dedicadas 16 páginas das sessenta que constituem o capítulo), nada se encontra, a bem dizer, de novo”<sup>296</sup>. Mais tarde, Contente Domingues, numa reflexão crítica sobre a *Política de Sigilo na Historiografia Portuguesa*, constatará a radicalização da posição de Cortesão em relação a Colombo, quando salienta “[...] que defendeu a tese de que Colombo não passava, afinal, de um agente secreto ao serviço de D. João II, enviado por este aos Reis Católicos”, adiantando que “[...] a ideia não era completamente nova, e aparentemente só a notoriedade de Armando Cortesão, que acabava de publicar uma obra imensa que o impôs de imediato como um dos grandes historiadores da cartografia do seu tempo, a relançava com créditos reais”<sup>297</sup>.

A encerrar o *corpus* textual, o décimo capítulo sob o título “O Visconde de Santarém e a Cartografia”, o autor traça uma biobibliografia, numa perspectiva historiográfica dessa ainda recente disciplina histórica, a Cartografia, a cuja *ilustre personalidade*, atribuiria a invenção da palavra, bem assim como seria “[...] o criador da sua história científica e o primeiro a fazer o respectivo estudo sistemático”<sup>298</sup>. A par de rasgados elogios a Leitão e Carvalhosa, enaltecimento do seu elevado valor moral e patriótico, Cortesão reconhecerá ser este o autor mais citado em *Cartografia e cartógrafos*<sup>299</sup>. Encerrava assim o quadro geral da obra, que tão forte crítica suscitaria da parte de Roberto Almagià que além de incluir o livro de Cortesão naquele:

---

<sup>295</sup> Idem, *op. cit.*, p. 293.

<sup>296</sup> Idem, *op. cit.*, pp. 292-293.

<sup>297</sup> Vide Francisco Contente Domingues, *Colombo e a Política de Sigilo na Historiografia Portuguesa*, Lisboa, I.I.C.T., 1992, separata do C.E.H.C.A., nº 232, p. 9.

<sup>298</sup> Vide A. Cortesão, *Cartografia e cartógrafos [...]*, vol. II, pp. 365-366.

<sup>299</sup> Idem, *ibidem*, vol. II, p. 404.



“[...] mesmo espírito de nacionalismo que, há cerca de vinte anos a esta parte determinou em Portugal todo um movimento, destinado a valorizar o alcance da contribuição que aquele País deu, sobretudo desde o século XV em diante, às descobertas geográficas, à ciência náutica, à navegação, à astronomia, às outras ciências exactas. Movimento sem dúvida digno de atenção, que certamente deu bons frutos, mas foi levado ao exagero, quando, para enaltecer as contribuições portuguesas, se quis obumbrar as de alguns outros países, o que prejudicou os seus fins, quando essas afirmações foram sustentadas em publicações pouco sérias por estudiosos dotados de uma preparação desastrada ou ainda privados de algumas qualidades essenciais, exigidas nas investigações históricas”<sup>300</sup>.

Almagià será peremptório, referindo que em suma “[...] o alcance e o valor da obra dos cartógrafos portugueses os séculos XV e XVI, são antes modestos em confronto com os máximos cartógrafos italianos, que os precederam de muito tempo e que exerceram uma tão profunda influência, durante todo o século XVI [...]”, acrescentando que espera de Cortesão, uma “segunda edição corrigida e abreviada de toda a primeira parte”, sublinhando uma vez mais que o autor não terá conseguido alcançar o efeito desejado de estabelecer a primazia da contribuição portuguesa na evolução da ciência náutica e da cartografia<sup>301</sup>.

Com apreciação globalmente positiva, Edward Heawood<sup>302</sup>, igualmente refere alguns excessos patrióticos de Cortesão que “[...] nearly always displays a well-balanced judgment, and is not often led into excessive glorification of his countrymen”<sup>303</sup>. Lucien Gallois<sup>304</sup>, na sua recensão, nas páginas dos *Annales de Géographie*, deixará um texto, sobretudo informativo dos conteúdos da obra, cujo contributo para o estudo dessa *época das grandes descobertas*, importava salientar.

Numa tão breve quanto elogiosa referência, saída nas páginas da revista *Ethnos*<sup>305</sup>, Fontoura da Costa<sup>306</sup> não poupará nas palavras para qualificar o trabalho do “[...] grande

---

<sup>300</sup> Vide Recensão crítica de Roberto Almagià a “Cartografia e cartógrafos portugueses [...]”, *Archeion*, p. 288.

<sup>301</sup> Idem, *ibidem*, p. 297.

<sup>302</sup> Edward Heawood (1863-1949). Bibliotecário da Royal Geographical Society durante mais de três décadas de 1901 a 1933, com extensa obra publicada sobre mapas e cartografia em geral.

<sup>303</sup> Vide Edward Heawood, Crítica a “*Cartografia e Cartógrafos [...]*”, *T.G.J.*, vol. 87, nº 2, Feb. 1936, p. 153.

<sup>304</sup> Lucien Louis Joseph Gallois (1857-1941). Personalidade francesa ligada à História da Geografia, merecem referência as suas obras, *Les Géographes Allemands de la Renaissance* e *Une nouvelle carte marine du XVI<sup>e</sup> siècle, le Portolan de Nicolas de Canerio*, ambas de 1890. Foi presidente da Associação de Geógrafos Franceses.

<sup>305</sup> Vide Fontoura da Costa, “Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos séculos XV e XVI, do D.<sup>o</sup> Armando Cortesão”, *Ethnos*, vol. I, Lisboa, 1935, pp. 291-301.

<sup>306</sup> Abel Fontoura da Costa (1869-1940). Nasceu em Alpiarça, foi admitido na Academia de Marinha em 1887 e atingiu o posto de capitão-de-mar-e-guerra. Foi professor na Escola Naval, na Escola Auxiliar de Marinha e na Escola Náutica. Integrou a comissão que delimitou as fronteiras entre o Congo e Angola. Foi governador de Cabo Verde, e ministro da Agricultura e da Marinha. Desde cedo interessou-se pelo estudo dos métodos de navegação e de cálculo logarítmico. Dos serviços prestados em África há a destacar o registo topográfico do

patriota e iminente historiador Dr. Armando Cortesão”<sup>307</sup>, salientando o extraordinário esforço de pesquisa, bem como “a vasta bibliografia consultada [...] que] representa, só por si, um excelente *vade-mecum* do investigador histórico”<sup>308</sup>. A contribuição nuclear do comandante Fontoura da Costa, deixada nesse artigo, será uma exaustiva “Resenha das Cartas e Cartógrafos portugueses nos séculos XV e XVI”<sup>309</sup>.

*Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*, constituirá ao tempo em que foi publicada, uma referência pioneira e um marco de significativa relevância na historiografia da cartografia portuguesa.

---

litoral de Cabo Verde para a elaboração de um roteiro. A última década da sua vida foi a mais profícua. Deixou uma importante e extensa obra sobre a história da náutica, onde se destaca *A Marinharia dos Descobrimentos* (1933), considerada uma obra de grande relevo e das mais importantes sobre a arte de navegar dos portugueses nos séculos XV e XVI. Publicou vários artigos em revistas nacionais e internacionais, elaborou estudos e trabalhos sobre as navegações ao longo do litoral africano e Atlântico Sul, além de publicar roteiros e uma série de textos náuticos desconhecidos ou de difícil acesso, tornando-os desta forma disponíveis para um público mais vasto ou potenciais estudiosos. Saliente-se algumas obras e estudos: *Tábuas Náuticas* (1907); *La Science Nautique des Portugais à l'époque des Découvertes* (1935); *Sobre uma nova versão do descobrimento da Ilha de Santiago de Cabo Verde* (1938); *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes: 1506-1508*, (1939) e *O tratado da Sphaera e Ciência Náutica Portuguesa – Cartografia e Cartógrafos* (1940). Colabora com Cortesão, no estudo do *Livro de Francisco Rodrigues*, parceria interrompida com o seu falecimento em 1940.

<sup>307</sup> Cf. Fontoura da Costa, “Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos séculos XV e XVI, do D.<sup>or</sup> Armando Cortesão”, *Ethnos*, vol. I, Lisboa, 1935, p. 301.

<sup>308</sup> Cf. idem, *ibidem*, p. 291.

<sup>309</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 292-301.

### 3. The Suma Oriental of Tomé Pires and the Book of Francisco Rodrigues

Os primeiros indícios com referência a um códice quinhentista português surgiram num Atlas reproduzido em 1849, pelo Visconde de Santarém, com uma alusão genérica a um portulano de Francisco Rodrigues, do qual se reproduziam mais de duas dezenas de cartas, sem indicação onde se encontrariam<sup>310</sup>. Só com a posterior publicação de *Estudos de Cartografia Antiga*<sup>311</sup>, a pista relativa à sua localização em Paris, iria levar Cortesão, depois de várias tentativas de buscas sem êxito ao longo da década de trinta a finalmente encontrar o referido manuscrito, em Setembro de 1937, indevidamente catalogado no volume *Paris*, da Biblioteca da *Chambre des Députés*, com descrição incorrecta e inserido no interior de documentação pertencente ao Conde Fleurieu, provável anterior proprietário do códice<sup>312</sup>.

O facto de se encontrar exilado, com limitações de acesso aos arquivos portugueses, de se ter refugiado em Londres após o começo da guerra civil espanhola e, mais tarde, o deflagrar da segunda Grande Guerra, vieram a causar enormes transtornos no decurso da pesquisa, do estudo e edição da *Suma Oriental*, que só viria a público em 1945<sup>313</sup> com a chancela da renomada Hakluyt Society. Ainda em 1938, anunciava à comunidade geográfica, reunida em congresso em Amesterdão, a descoberta daqueles que seriam os primeiros relatos quinhentistas, escritos por dois viajantes portugueses, Tomé Pires e Francisco Rodrigues, sobre as longínquas paragens Orientais, o que constituiria importante novidade entre os círculos europeus renascentistas<sup>314</sup>.

Em nota sintética dará conta das suas primeiras impressões sobre o *precioso achado*, referindo que:

“The Suma Oriental is a very remarkable account of the Orient and the very first description of the East Indies, based upon the personal observations of the writer and some information obtained directly from the Portuguese discoverers, such as Rodrigues. Tomé Pires states repeatedly that he himself visited many places he describes, such as Java. [...] The great

---

<sup>310</sup> Vide *A Suma Oriental de Tomé Pires [...]*, leitura e notas de Armando Cortesão, 1978, p. 3.

<sup>311</sup> Este vasto conjunto de apontamentos dispersos e notas recolhidas pelo 2º Visconde de Santarém no decorrer de intensa actividade de pesquisa e dedicados estudos de Cartografia, levados a cabo durante o longo exílio em Paris, viriam a ser publicados por iniciativa de seu neto, o 3º Visconde de Santarém com a colaboração de Ayres de Sá. Cf. *Estudos de Cartografia Antiga*, 2 vols., Lisboa, Typ. de Alfredo Lamas, Motta & Ca., 1919.

<sup>312</sup> Cf. Informação de A. Cortesão, *A Suma Oriental de Tomé Pires [...]*, 1978, p. 4.

<sup>313</sup> A edição em inglês embora datada de 1944, só viria a público em 1945, é dedicada a C. R. Boxer “A true friend, to whom the history of the Portuguese in the East owes so much”. Cf. *The Suma Oriental of Tomé Pires [...]*, vol. I, 1944, p. vi.

<sup>314</sup> Vide A. Cortesão, “The First Account of the Far East in the Sixteenth Century [...]”, *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie Amsterdam 1938*, tome 2, 1938, pp. 146-152.

geographical and historical value of the codex is incontestable; it constitutes an invaluable source of first-hand information for the study of the Portuguese in the Orient, although it seems, from a first perusal, that some of the sixteenth century Portuguese chroniclers knew and use it»<sup>315</sup>.

Concluirá, informando que está a transcrever e traduzir todo o códice para inglês, acompanhado de introdução e notas explicativas, enquanto Fontoura da Costa prepara um estudo numa perspectiva cosmográfica e náutica, referindo por fim que estará para breve a publicação com o patrocínio de reputada instituição londrina<sup>316</sup>.

O conjunto do códice, 178 fólios de papel grosso, era composto por duas obras distintas mas complementares, o *Livro de Francisco Rodrigues*, que ocupava os primeiros 116 fólios, desdobrados num roteiro, um livro de marinharia e um atlas, e um segundo documento, *A Suma Oriental*, um relato histórico-económico, que incluía descrições geográficas, da autoria de Tomé Pires, ocupava os restantes 62 fólios<sup>317</sup>.

Na edição original em inglês, Cortesão irá estudar primeiro a *Suma Oriental* e só depois o *Livro de Francisco Rodrigues*, fazendo anteceder a transcrição das obras de um enquadramento biográfico e respectivo contexto histórico dos autores, que apesar de terem origens, funções e missões diferentes, actuaram no mesmo *teatro geográfico*, a bacia do Índico e o extremo Oriente, dele transmitindo visões distintas, que no primeiro quartel do século XVI eram destinadas ao rei de Portugal para lhe dar conhecimento das remotas paragens de Ormuz à China e das Molucas ao Japão. Tomé Pires<sup>318</sup>, um boticário que parte para a Índia, como feitor de drogas, homem literato e curioso, viajante, aventureiro de espírito observador e metucioso, enviará a D. Manuel um pormenorizado relatório<sup>319</sup>, redigido entre 1512 e 1515, que na opinião de Rui Loureiro “[...] é, sem qualquer dúvida, um dos mais importantes e impressionantes tratados geográficos portugueses do século XVI, pela vastidão

---

<sup>315</sup> Cf. idem, *ibidem*, p. 150.

<sup>316</sup> Cf. idem, *ibidem*, p. 152.

<sup>317</sup> Vide *A Suma Oriental de Tomé Pires [...]*, 1978, pp. 5-7.

<sup>318</sup> “A biografia de Tomé Pires, autor da *Suma Oriental* e primeiro emissário português enviado à China, foi brilhantemente reconstituída por Armando Cortesão, com base nas magras referências das crónicas quinhentistas e num escasso número de documentos coetâneos”. Vide Rui Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental” de Tomé Pires*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1996, p. 13. Para mais informação consultar os trabalhos de A. Cortesão, *Primeira embaixada europeia à China - O boticário e embaixador Tomé Pires e a sua «Suma Oriental»*, Cadernos da Seara Nova, Lisboa, 1945 e também a nota biográfica sobre Tomé Pires em, *A Suma Oriental de Tomé Pires [...]*, 1978, pp. 9-65. Numa versão sintética e mais actualizada vide Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa [...]*, pp. 13-26.

<sup>319</sup> A *Suma Oriental* é constituída por seis livros, onde as informações são apresentadas numa lógica de divisão geográfica que vão desde o Egipto (Livro I) à Insulíndia e Malaca (Livros V e VI, respectivamente). Vide *Suma Oriental de Tomé Pires [...]*, 1978, p. 74.

da área abrangida, pela desmesurada extensão, enfim, pela precocidade da sua elaboração. Tomé Pires, no curto espaço de três ou quatro anos, no meio de outros, e intensos, afazeres, conseguiu reunir uma enorme massa de informações sobre a totalidade da Ásia marítima. O nosso boticário, praticamente a partir do nada, pois não dispunha de quaisquer fontes literárias fidedignas, construiu a primeira geografia global do Oriente nos tempos modernos”<sup>320</sup>.

Na segunda parte do seu estudo, Cortesão irá ocupar-se em reconstituir um retrato de Francisco Rodrigues, piloto e cartógrafo, de cujos antecedentes biográficos muito pouco nos será revelado em crônicas coevas, para além da participação nas expedições ao Mar Vermelho e nas primeiras viagens exploratórias às ilhas das especiarias, onde terá testemunhado e adquirido experiência de navegação, que constitui o núcleo fundamental da preciosa informação revelada no seu *Livro*<sup>321</sup>. Esta parte do códice, encontrada com mutilações várias e necessitada de ser reagrupada, seria constituída por regimentos náuticos e tábuas solares, dois roteiros (um da costa da Abissínia e outro, o *caminho da China*, de Malaca ao Rio Cantão), vinte e seis cartas repartidas por seis grupos (que colocadas em conjunto dariam uma visão global dos novos espaços dados a conhecer, sobretudo da África Oriental ao Extremo Oriente) e 69 desenhos panorâmicos e esboços de praias, portos, povoações e até, de plantas e indígenas orientais<sup>322</sup>. O valor da obra de Francisco Rodrigues, “documento importante para a história da geografia”, sobretudo as seis cartas inéditas que representam a Insulíndia, a informação profusa e fidedigna no decurso da observação presencial do autor, em complementaridade com a *Suma Oriental*, representam na globalidade do códice uma das mais importantes edição de fontes, de Armando Cortesão<sup>323</sup>.

A publicação da *Suma*, colocada à disposição do público em 1945, logo suscitou a curiosidade e crítica nos círculos internacionais dedicados ao estudo da expansão portuguesa ou ainda nos meios orientalistas interessados na História e Cultura asiáticas. Crone comentaria no *The Geographical Journal* que Cortesão apresentava “[...] for the first time a complete version of a document of primary importance for Portuguese expansion in the Far East. The “Suma oriental” is in fact the first systematic account to have survived of the countries, peoples, and commerce of the East as they were known to the Portuguese soon after

---

<sup>320</sup> Cf. Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa* [...], 1996, p. 27.

<sup>321</sup> Vide estudo original em inglês, A. Cortesão, *The Suma Oriental of Tomé Pires and The Book of Francisco Rodrigues* [...], 1944, vol. I, pp. lxxviii-xcvi e vol. II, pp. 290-322, com reprodução de desenhos, esboços e cartas mais representativos.

<sup>322</sup> Cf. idem, *ibidem*, vol. I, pp. lxxxviii-xciii.

<sup>323</sup> Cf. idem, *ibidem*, vol. I, pp. xcv-xcvi.

their arrival in the early sixteenth century”<sup>324</sup>, e que, apesar de algumas correcções a apontar por parte do revisor, o trabalho apresentado seria uma fonte indispensável para a história do Oriente no século XVI. Outras revisões saídas em periódicos como a *Isis*, *The English Historical* e *The American Historical*, *Bulletin of School of Oriental and African Studies*, e *Geography*<sup>325</sup>, apresentam críticas, unânimes e globalmente positivas, salientando a excelência do trabalho efectuado pelo autor, bem como a importância e oportunidade da magnífica edição, no âmbito das *Colecções Hakluyt*. Em 1949, Heinrich Winter, num artigo sintético saído na *Imago Mundi*, abordará as questões da técnica cartográfica, que o *Atlas de Francisco Rodrigues* vem trazer, com particular foco, na percepção da representação e mensuração das longitudes, problema com que se defrontou a cartografia coeva e que viria a ter melhor resolução, apenas no século XVIII<sup>326</sup>.

Nos meios historiográficos portugueses do pós-guerra, a edição da *Suma Oriental*, não parece ter tido grande impacto<sup>327</sup> ou sequer suscitado reacções, com a excepção de Jack Braga<sup>328</sup> que em 1948, escreve um artigo publicado pelo Instituto Português de Hong Kong<sup>329</sup>, centrando a sua atenção nos territórios situados em torno do mar da China, relações mercantis, toponímia e geografia, deixados nas descrições de Tomé Pires, que só teria viajado pelo *Império do Meio*, e na qualidade de embaixador em representação da Coroa portuguesa, posteriormente aos relatos escritos da *Suma*, obtidos neste caso através de fontes indirectas.

<sup>324</sup> Vide Crone G. R., Crítica a “The Suma Oriental of Tomé Pires 1512-1515 [...]”, *T.G.J.*, vol. 108, nº 4/6, London, Oct-Dec. 1946, p. 252.

<sup>325</sup> Vide J. S. F., Crítica a “The Suma Oriental of Tomé Pires [...]”, *The English Historical*, vol. 62, nº 242, London, Jan. 1947, pp. 123-124; G. S. Crítica a “The Suma Oriental of Tomé Pires [...]”, *Isis*, vol. 38, nº 1/2, Chicago, Nov. 1947, p. 111; Arthur W. Hummel, Crítica a “The Suma Oriental of Tomé Pires [...]”, *T.A.H.R.*, vol. 52, nº 2, London, Jan. 1947, p. 382; R. O. Winstedt, Crítica a “The Suma Oriental of Tomé [...]”, *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, vol. 12, nº 1, London, 1947, pp. 256-257 e W. C. B., Crítica a “The Suma Oriental of Tomé Pires [...]”, *Geography*, vol. 34, nº 3, London, Sep. 1949, pp. 171-172.

<sup>326</sup> Vide Heinrich Winter, “Francisco Rodrigues’ Atlas of ca. 1513”, *Imago Mundi*, nº 6, 1949, pp. 20-26.

<sup>327</sup> Se exceptuarmos a colaboração solicitada por Cortesão a Fontoura da Costa, sobre os regimentos náuticos de Rodrigues, aliás, inacabada devido à morte do Comandante em 1940. No rol de agradecidos, na versão inglesa, Cortesão não menciona sequer um único historiador português.

<sup>328</sup> José Maria Braga (1897-1988). Macaense de origem portuguesa, erudito historiador amador dedicado ao estudo da presença portuguesa no Oriente, nasceu e foi educado em Hong Kong. Em 1922 mudou-se para Macau, onde leccionou e trabalhou para o *Diário de Macau*. Representou a Reuters e colaborou com alguns jornais. Em Macau começou a coleccionar registos sobre a história da colónia desde que os portugueses lá chegaram no século XVI, construindo uma enorme biblioteca, com vários arquivos e listas cronológicas dos missionários. Escreveu vários artigos históricos para os jornais locais e colaborou com o historiador inglês C. R. Boxer. Foi ainda autor de vários trabalhos académicos. Visitou Portugal em 1952, acabou a sua vida em São Francisco, mas reuniu e deixou o seu espólio em Camberra, na National Library of Australia. A *Braga Collection* é composta por 7400 livros e panfletos, com predominância para obras históricas sobre Europa, Portugal e as colónias portuguesas, China e Japão.

<sup>329</sup> Vide Jack M. Braga, “Macau 1515: Observação sobre a Edição da Suma Oriental de Tomé Pires”, Apêndice IV de *A Suma Oriental de Tomé Pires [...]*, Coimbra, 1978, pp. 473-480. Publicado originalmente em inglês pelo Instituto Português de Hong Kong (secção de História), Macau, 1948.

Em 1978, a versão portuguesa da *Suma Oriental*<sup>330</sup>, sairá do prelo da Imprensa da Universidade de Coimbra, embora já depois da morte de Armando Cortesão, seria este a coordenar a Edição, numa tradução do original inglês, com inversão da ordem de apresentação dos dois textos em relação ao que foi encontrado no códice e com a inclusão de mais três apêndices, contendo notas, sugestões e críticas que Cortesão (em Maio de 1977), julgou pertinente dar a conhecer<sup>331</sup>.

Na última década do século XX, com o ressurgimento do interesse pela expansão e presença portuguesa no Oriente, nomeadamente por parte de historiadores como Rui Loureiro, com aprofundada investigação sobre o relacionamento entre o *Império Celeste* e os portugueses, durante o século XVI<sup>332</sup>, as fontes coevas, entre as quais a *Suma Oriental*, voltariam a propiciar excelente manancial informativo para apurar como os portugueses de quinhentos sabiam do “camynho da Chyna” e dessa longínqua “terra dos chins”, enfim, como se informavam das “cousas da Chyna”. De nuclear importância para a sua tese, Loureiro debruçar-se-á sobre os estudos de Cortesão com base no códice parisiense, *A Suma Oriental e o Livro de Francisco Rodrigues*, bem como na confrontação com posteriores relatos de Garcia de Orta, Duarte Barbosa, António Galvão ou mesmo de Fernão Mendes Pinto. Em 1996, Loureiro regressaria de novo à *Suma*, desta feita com publicação e estudo crítico de um documento, parcial, intitulado “Soma horiemtall que trata do mar Roxo ate os chins”<sup>333</sup>, tendo como finalidade “[...] transcrever e analisar o manuscrito inédito da Biblioteca Nacional de Lisboa, preparado na primeira metade do século XVI, confrontando-o de uma forma sistemática com a versão italiana resuminda de Giovanni Battista Ramusio, impressa em Veneza em 1550, e com o manuscrito de Paris, também da primeira metade de Quinhentos, publicado por Armando Cortesão”<sup>334</sup>. Em esclarecedor esquema<sup>335</sup>, Loureiro explica como, do manuscrito original, destinado a D. Manuel (1512-1515), nos irão chegar três versões, o manuscrito integral de Paris (c. 1516), estudado por Cortesão, a cópia de Ramusio editada em 1550 e a cópia parcial do manuscrito de Lisboa (1523-1526), editada e estudada por Loureiro

---

<sup>330</sup> Vide *A Suma Oriental de Tomé Pires [...]*, leitura e notas de Armando Cortesão, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1978.

<sup>331</sup> Cf. *ibidem*, J. M. Braga, “Macau em 1515 [...]”, pp. 473-480; V. H. G. Graaf, “Algumas Observações [...]”, pp. 481-482 e J. Noorduyn, “Sobre a confiança de que é merecedora a informação de Tomé Pires sobre Java”, pp. 483-487.

<sup>332</sup> Vide Rui Loureiro, *A China na Cultura Portuguesa do Século XVI – Notícias, Imagens e Vivências*. Dissertação de doutoramento em História, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2 vols., Lisboa, 1994.

<sup>333</sup> Vide *idem*, *O Manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental” de Tomé Pires*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1996.

<sup>334</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 7.

<sup>335</sup> Cf. *idem*, *ibidem*, p. 40.

em 1996. Registe-se o comentário de Juan Gil, a propósito de Cortesão, deixado nas palavras introdutórias desta edição de Loureiro, “benemérito descobridor do tratado”, e em alusão ao precedente estudo, refere que “Cortesão foi um historiador eminente e um excepcional conhecedor da cartografia portuguesa, provavelmente o melhor de todos os tempos, mas não creio que seja um mistério para ninguém que o valor da sua obra não corresponda à sua altura como historiador. De facto, Cortesão deu-nos uma transcrição paleográfica do manuscrito parisino, seguindo a moda que primava na Filologia daquele tempo, transcrição não isenta de erros, coisa normal e humana e, evidentemente, compreensível num trabalho deste tipo”<sup>336</sup>. Rui Loureiro deixará, para além da excelência da transcrição paleográfica e crítica científica objectiva, um enquadramento histórico da *Suma*, um mais completo apontamento biográfico de Tomé Pires, e um não menos útil e bem apetrechado glossário-dicionário.

Da importância da *Suma Oriental*, enquanto fonte primária, incontornável e de crucial importância para quantos se dedicam ao estudo do primeiro quartel de Quinhentos no Oriente, refira-se a múltipla utilização, por Francisco Roque de Oliveira na sua tese doutoral sobre o conhecimento europeu da China no século XVI<sup>337</sup>. Regista o geógrafo que “os dois grandes textos desta década no que concerne à identificação da realidade chinesa foram, em simultâneo, as duas primeiras geografias-antropologias sistemáticas do Oriente elaboradas por quaisquer portugueses”<sup>338</sup>. De salientar ainda que o recurso às informações contidas no *Livro de Francisco Rodrigues*, que na sua tripla abrangência será um livro de marinharia, um atlas e também um roteiro, acabará por complementar o conhecimento do chamado *camynho da Chyna*.

Em dois artigos críticos, publicados nos *Anais do Clube Militar Naval*, José Carlos Calazans, chama a atenção para um conjunto de erros ou confusões na interpretação do *Livro de Francisco Rodrigues*, em que incorreram Armando Cortesão, mas também Fontoura da Costa<sup>339</sup>. Na sustentação das suas constatações, evoca frequentemente posições, já há muito conhecidas, quer de Luís de Albuquerque, quer de Teixeira da Mota, ficando no entanto o elenco bibliográfico apresentado, cingido a obras que na sua maioria foram escritas até aos

---

<sup>336</sup> Cf. Palavras de Juan Gil, idem, *ibidem*, p. III.

<sup>337</sup> Vide Francisco Roque de Oliveira, “A construção do conhecimento europeu sobre a China c. 1500 – c. 1630. Impressos e manuscritos que revelam o mundo chinês à Europa culta”. Tese de doutoramento em Geografia Humana, apresentada ao Departamento de Geografia da Universitat Autònoma de Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, 4 vols., Barcelona, 2003.

<sup>338</sup> Roque de Oliveira referia-se ao *Livro das cousas da Índia*, de Duarte Barbosa e à *Somma Orientall [...]*, de Tomé Pires. Cf. idem, *ibidem*, vol. II, pp. 400-401.

<sup>339</sup> Vide José Carlos Calazans, “O Livro de Francisco Rodrigues segundo Armando Cortesão e Fontoura da Costa”, *Anais do C.M.N.*, vol. CXXXVI, Lisboa, Janeiro-Março de 2006, pp. 51-73.



anos 80 do século XX. No artigo seguinte, Calazans, centra a sua análise crítica no relato de Tomé Pires, sobre a região de Cambaia, fazendo sucessivos reparos aos erros e imprecisões cometidos pelo autor da *Suma Oriental*, provavelmente devido ao seu desconhecimento das regiões descritas, das etnias, dos idiomas falados, dos usos e costumes, mas sobretudo devido à sua visão ptolomaica da geografia oriental, o que de certo modo veio a trazer alguma imprecisão ao longo da narrativa<sup>340</sup>.

Recentemente, da responsabilidade de José Manuel Garcia, foi dada à estampa em 2008, sob a chancela editorial da Universidade do Porto, o *Livro de Francisco Rodrigues*, com a subtítuloção de *o primeiro Atlas do Mundo Moderno*<sup>341</sup>. A edição de magnífico aparato gráfico e excelente qualidade, reproduz em *fac-simile* a obra de Francisco Rodrigues, com o respectivo contexto histórico do autor do manuscrito, e estudo actualizado em detalhe, dos roteiro, guia náutico, cartas e desenhos. Segundo Garcia a “edição adequada do atlas incorporado no livro preparado por Francisco Rodrigues exige que este seja acompanhado de um estudo tanto mais rigoroso e didáctico quanto os seus mapas são por vezes de compreensão difícil. No sentido de ultrapassar tal dificuldade recorreremos a uma atitude pluridisciplinar em que conjugámos um profícuo diálogo entre a História e a Geografia, de forma a permitir visualizar e perceber como se construiu a nova imagem do planeta nos séculos XV e XVI”<sup>342</sup>. Para ter essa noção visual foram justapostos mapas actuais e cartas originais, de forma a percebermos a “[...] globalidade da obra monumental de Francisco Rodrigues que lhe permitiu comunicar de forma reservada e em primeira mão ao escol dos dirigentes portugueses a nova imagem da Terra que se acabara de alcançar em 1515”<sup>343</sup>.

A produção cartográfica de Francisco Rodrigues, mormente a que nos proporciona uma visão espacial inédita do Sudeste asiático, foi objecto de estudo por parte de Gelpke<sup>344</sup>, com focagem particular nas originais informações, obtidas pelo cartógrafo português de uma carta javanesa a que terá tido acesso privilegiado<sup>345</sup>. O exercício analítico de Gelpke poderá ser complementado com o *estado de arte*, sobre a cartografia náutica quinhentista do sudeste

<sup>340</sup> Vide idem, “A descrição da Cambaia Ptolomaica segundo Tomé Pires”, *Anais do C.M.N.*, vol. CXXXVI, Lisboa, Abril-Junho de 2006, pp. 351-369.

<sup>341</sup> Vide José Manuel Garcia, *O Livro de Francisco Rodrigues. O primeiro Atlas do Mundo Moderno*, Porto, Editora da Universidade do Porto, 2008.

<sup>342</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 56.

<sup>343</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 56. Refira-se que Garcia apresenta discordância com Cortesão sobre a data da conclusão do *Livro*. Será mais correcto atribuir-lhe 1515, como data final, embora a informação nele contida tenha sido recolhida entre 1511 e 1515. Cf. idem, *ibidem*, p. 26.

<sup>344</sup> Sollewijn Gelpke, é um funcionário público aposentado, graduado pela Universidade de Leiden, investigador dedicado à história do Sudeste asiático, e em especial à Indonésia, Molucas e Nova Guiné.

<sup>345</sup> J. Sollewijn Gelpke, “Afonso de Albuquerque’s pre-Portuguese “Javanese” Map, partially reconstructed from Francisco Rodrigues’ Book”, *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde*, 151, nº 1, 1995, pp. 76-99.

asiático, ensaiado por Schwartzberg, na sua contribuição para o projecto da *History of Cartography*<sup>346</sup>.

Os impactos historiográficos da edição original em inglês, vão fazer-se sentir não só nos círculos de estudiosos da expansão portuguesa oriental, mas sobretudo influenciaram outras historiografias, nomeadamente as de matriz anglo-saxónica, bem como os historiadores que se ocupavam da história da Ásia em geral, e das regiões mais orientais, como a Insulíndia e China. Não deixaremos de aqui registar, algumas das perspectivas monográficas de autores estrangeiros, publicadas em revistas da especialidade, para quem a publicação do *códice de Paris* teve particular relevância como fonte histórica de privilegiada informação<sup>347</sup>.

A investigação de Cortesão, sobre a expansão portuguesa no oriente, fase essa, que por mera associação de produção textual centrada no eixo *Indo-Malaio-Lesteasiático*, poderemos rotular de “Oriental”, que decorre com maior intensidade do final dos anos 30 aos meados da década de 40, coincidindo com a sua diáspora londrina e os tempos da Guerra, aparte a edição da *Suma*, terá outros contributos, como os dois capítulos na *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, em 1939<sup>348</sup>, ou os artigos saídos na *Seara Nova* em 1942 e 1943<sup>349</sup> e no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, no ano seguinte<sup>350</sup>. Em 1975 colabora em *A Viagem de Fernão de Magalhães e a Questão das Molucas*, edição organizada por A. Teixeira da Mota, com um capítulo sobre a cartografia e descrição das Molucas<sup>351</sup>.

---

<sup>346</sup> Vide Joseph E. Schwartzberg, “Southeast Asian Nautical Maps”, *The History of Cartography*, vol. 2, Book 2, 1994, pp. 828-838.

<sup>347</sup> Para consulta ou estudo mais detalhado vide John Villiers, “Trade and Society in the Banda Islands in the Sixteenth Century”, *Modern Asian Studies*, vol. 15, nº 4, 1981, pp. 723-750; Edward A. Alpers, “Gujarat and the Trade of East Africa, c. 1500-1800”, *The International Journal of African Historical Studies*, vol. 9, nº 1, 1976, pp. 22-44; G. V. Scammell, “The New Worlds and Europe in the Sixteenth Century”, *The Historical Journal*, vol. 12, nº 3, 1969, pp. 389-412; Robert S. Wolff, “Da Gama’s Blundering: Trade Encounters in Africa and Asia during the European “Age of Discovery” 1450-1520”, *The History Teacher*, vol. 31, nº 3, May 1998, pp. 297-318 e Randall L. Pouwels, “Eastern Africa and the Indian Ocean to 1800: Reviewing Relations in Historical Perspective”, *The International Journal of African Historical Studies*, vol. 35, nº 2/3, 2002, pp. 385-425, entre outros.

<sup>348</sup> Vide A. Cortesão, “O descobrimento da Austrália e a Questão das Molucas”, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. 2, 1939, pp. 129-150 e “A expansão portuguesa através do Pacífico (Australásia, Ilhas do Oiro-Austrália Ilha de Gomes Sequeira, Macau, Japão)”, *ibidem*, vol. 2, 1939, pp. 159-173.

<sup>349</sup> Vide idem, “O Itinerário de António de Abreu”, *Seara Nova*, nº 796, Lisboa, 1942, pp. 308-310 e “Fernão Mendes Pinto não era de origem judaica”, *Seara Nova*, nº 842, Lisboa, 1943, pp. 89-91.

<sup>350</sup> Vide idem, “Os Portugueses em Bengala”, *Boletim S.G.L.*, série 62, nº 7-8, 1944, pp. 433-447 e “A Cidade de Bengala” do século XVI”, *Boletim S.G.L.*, série 62, nº 9-10, 1944, pp. 585-600. Versão inglesa adulterada, “The City of Bengal in early reports”, *Journal of the Royal Asiatic Society of Bengal*, vol. XI, Calcutta, 1945.

<sup>351</sup> Vide idem, “As mais antigas cartografia e descrição das Molucas”, *A Viagem de Fernão de Magalhães e a Questão das Molucas*, edição organizada por A. Teixeira da Mota, Lisboa, C.E.C.A., J.I.C.U., 1975, pp. 49-74.

#### 4. The Nautical chart of 1424

No final da segunda Guerra Mundial, Cortesão nomeado para um alto cargo na UNESCO, instituição da ONU para as áreas da educação, ciência e cultura, e por ser já reconhecida autoridade no estudo da Cartografia Antiga, virá a ser informado pelo livreiro William H. Robinson da existência de uma carta portulano quatrocentista com representação do espaço norte atlântico, pertencente à *Bibliotheca Phillippica*, importante coleção de manuscritos e livros antigos reunida por Sir Thomas Phillipps<sup>352</sup>. Devido à ocupação que as funções lhe traziam, só mais tarde viria a dedicar-se ao estudo da carta desenhada em pergaminho, datada de 1424, e cuja autoria atribuiria ao cartógrafo veneziano Zuane Pizzigano. Em 1953 anuncia nas páginas da *Imago Mundi*<sup>353</sup>, num estudo sintético com resumo de alguns capítulos<sup>354</sup>, a sua mais controversa constatação, atribuindo a prioridade da chegada de navegadores portugueses às costas norte americanas, no início do século XV, com fundamento em detalhada e por ele comprovada análise de prova toponímica. O livro<sup>355</sup>, que sairia no ano seguinte, em 1954, sob a chancela da Universidade de Coimbra, iria reacender acesa polémica internacional, no seguimento aliás, de intenso debate que colocaria em campos opostos defensores do histórico *paradigma Colombino* e um conjunto de vozes que militavam do lado dos que sustentavam o descobrimento da América anterior a 1492.

A questão colombina apaixonou estudiosos e eruditos desde o século XIX, era e continuaria a ser uma temática historiográfica relevante para a herança americana, sobretudo a de matriz anglo-saxónica, porque afinal tratava-se do problema das origens, da paternidade, ou ainda, se quisermos, da *identidade histórica*. Jaime Cortesão (conhecido irmão mais velho de Armando) autor da *teoria do Sigilo* que subscrevia desde os anos vinte<sup>356</sup>, viria a público em 1937, com um artigo não menos controverso, defender a influência portuguesa no descobrimento da América, concluindo que “I do not presume to bring this article to an end with the definite conclusion that America was discovered by the Portuguese before Columbus. In cases such as this, we must make a judicious study of documents and facts in order to see

---

<sup>352</sup> Vide idem, “Carta náutica de 1424”, *Esparços*, vol. III, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1975, pp. xix-xxxiv.

<sup>353</sup> Idem, “The North Atlantic nautical chart of 1424”, *Imago Mundi*, nº X, Stockholm, 1953, pp. 1-13.

<sup>354</sup> Idem, *ibidem*, p. 1.

<sup>355</sup> Idem, *The Nautical Chart of 1424 and the early discovery and cartographical representation of America*, vol. XIX, Coimbra, University of Coimbra, 1954.

<sup>356</sup> Teoria que começaria a ser defendida nas páginas da revista Lusitânia, em 1924, com um artigo sob o título, “Do sigilo nacional sobre os Descobrimentos. Crónicas desaparecidas, mutiladas e falseadas. Alguns dos feitos que se calaram”.

how far they help to explain the course of history”<sup>357</sup>. Nas páginas da mesma publicação, o *The Geographical Journal*, em Maio, Crone viria a refutar os quatro principais argumentos em que assentava a formulação de Jaime Cortesão: a facilidade com que os navegadores Portugueses do século XV efectuavam viagens transoceânicas, para além das explorações ao longo da costa ocidental africana; a política oficial da Coroa de manter sigilosas as novas descobertas geográficas; a evidência de que Newfoundland tinha sido descoberta pelos portugueses antes de 1492 e o conhecimento por parte dos portugueses de um continente situado a Sudoeste de Cabo Verde, o que teria conduzido à alteração a seu favor do Tratado de Tordesilhas<sup>358</sup>. As múltiplas objecções levantadas às teorias dos descobrimentos pré-colombinos da América e a defesa das viagens transatlânticas para ocidente estão bem referenciadas no *estado de arte*, elaborado por Charles Nowell sobre a “Questão Colombina”, na *The American Historical Review* em 1939, situando “Jaime Cortesão à cabeça de legião de académicos lusos” defensores da prioridade portuguesa na chegada a Newfoundland em 1452<sup>359</sup>.

Eva Taylor, geógrafa e historiadora inglesa, logo em finais de 1954, fará a primeira apreciação da investigação de Cortesão, *The Nautical Chart of 1424*, salientando o interesse da revelação à comunidade historiográfica do portulano veneziano, concluindo que a *tese* defendida pelo autor (referindo-se aos fundamentos alusivos à toponímia das ilhas imaginárias), tinha carácter especulativo, carecendo, como o próprio deveria aliás concordar, de maior evidência e investigação<sup>360</sup>. Uma década volvida, Taylor regressaria ao tema,

---

<sup>357</sup> Reforçava ainda, as suas convicções, reconhecendo que “[...] it will be admitted that in the face of all the documents known to-day - and I have cited only the most important - an attempt should be made to reach the point where we can pass from hypothesis to the scientific fact. But, even if we admit the authenticity of the pre-Columbian discovery of America, it might after all be said that, since this pre-Columbian discovery was kept secret, it has had no influence on history, which need not take it in account. I do not think this is absolutely true. The facts or, if you will, the documents which I have just quoted are of the utmost importance in enabling us to understand the causes which led to Columbus’ enterprise; they shed light on the origin of the Portuguese influence on the history of civilization; and they bring before us, with perfect clarity, the real factors that shape the course of history, the eternal springs of human life, stronger even than the love of resounding glory”. Cf. Jaime Cortesão, “The Pre-Columbian Discovery of America”, *T.G.J.*, vol. 89, nº 1, Jan. 1937, p. 42.

<sup>358</sup> G. R. Crone, “The Alleged Pre-Columbian Discovery of America”, *T.G.J.*, vol. 89, nº 5, May 1937, p. 455.

<sup>359</sup> Na sua apreciação declara: “Senhor Jaime Cortesão, an ardent champion of Portuguese priority in all Atlantic navigation, alleges that his countrymen reached Newfoundland in 1452, a contention endorsed by nearly all scholars of his nation”. Cf. Charles E. Nowell, “The Columbus Question: A Survey of Recent Literature and Present Opinion”, *T.A.H.R.*, vol. 44, nº 4, Jul. 1939, p. 805.

<sup>360</sup> “The larger of the mysterious islands became identified with the legend of the Seven Cities to which seven bishops had fled in the eighth century. On the 1424 chart, the seven city names are quite meaningless (as Dr. Cortesão admits). But Benincasa, whom he also quotes, has An-tuab, An-sesseli, An-solli, An-sodi, An-salli, and An-tilia (the hyphens are here inserted). Whatever the prefix stands for, it must be the same for all the names. This is speculation, of course, as the author’s thesis must also be deemed speculative. And as he himself would agree, more evidence and more research is greatly needed. But he has made a lovely book, which any map connoisseur or collector, and any student of the history of cartography would be delighted to possess and to pore

justapondo, informação recolhida sobre “ilhas imaginárias” em viagens quatrocentistas às costas do Labrador, evidência e capacidade de representação cartográfica<sup>361</sup>. O problema parecia aparentemente resolvido!

Em 1955 a questão suscitada por Cortesão ultrapassa os mais estritos domínios da historiografia da Cartografia e da Geografia e coloca-se numa dimensão sociológica, antropológica, aflorando contornos da herança cultural e da paternidade herdada da *nação americana*. Afinal quem somos e donde viemos? “No American ever stands very far from the sea. Back of every one of us there is a long ocean voyage. Except for full-blooded Indians, all of us came here by ship. No matter how far inland we may go or how long we may live there, we carry with us a racial memory of the wonder and peril of the empty sea - the feeling that all certitude has been left behind, and that what lies ahead is incredible wonder and the bright chance of a new world. Probably no single thing in the American consciousness lies deeper than this”, assim começava Bruce Catton, o seu artigo publicado, na *American Heritage* no início de 1955<sup>362</sup>. A opinião do historiador e jornalista americano, apesar do tom mediático e sensacionalista, correspondia a uma apreciação positiva e convincente, da argumentação ensaiada por Cortesão nas mais de uma centena de páginas do estudo. Na edição seguinte, em Abril, Alvin Josephy Jr., outro historiador jornalista, colocará sob a interrogação “Was America Discovered Before Columbus?” todo um paradigma cultural ensinado a gerações de norte-americanos “Every American schoolboy knows that Christopher Columbus discovered America in 1492. But did he? Save for the Norsemen who in 1,000 A.D. came and left, leaving neither imprint nor impress to alter world history, did anyone reach America before Columbus, and, if so, when, and what is the proof?”<sup>363</sup>. Informa ainda, que há mais de meio século na historiografia portuguesa e brasileira se ensina algo, que é contrário àquilo em que os estudantes americanos acreditam, ou seja, que Colombo chegou depois. Desde os anos trinta que o professor Morison<sup>364</sup> vinha ensinando na sua cátedra, em Harvard, que havia outras evidências históricas ensinadas em prestigiadas academias em Portugal e no Brasil.

---

over. And we are grateful for it”. Cf. Eva G. R. Taylor, “The Nautical Chart of 1424 and the Early Discovery and Cartographical Representation of America by A. Cortesão”, *T.G.J.*, vol. 120, nº 4, Dec. 1954, p. 520.

<sup>361</sup> Idem, “Imaginary Islands: A Problem Solved”, *T.G.J.*, vol. 130, nº 1, March 1964, pp. 105-109.

<sup>362</sup> Vide Bruce Catton, “New Skies and New Stars”, *A.H.M.*, vol. 6, issue 2, Feb. 1955, p. 97.

<sup>363</sup> Vide Alvin M. Josephy Jr., “Was America Discovered before Columbus?”, *A.H.M.*, vol. 6, issue 3, Apr. 1955, p. 16.

<sup>364</sup> Samuel Eliot Morison (1887-1976). Almirante norte-americano, historiador, doutorado por Harvard onde viria a ser professor. Participou nas duas Guerras Mundiais, na Primeira foi Delegado americano na Conferência de Paz em 1919, enquanto na Segunda entre 1942 e 1945 integrou várias missões no Noroeste de África, Pacífico e Europa. Após o regresso da 2ª Guerra Mundial dedicou-se à obra, *United States Naval Operations*, vencedora do Prémio cultural atribuído pela *International Balzan Foundation*. Condecorado por diversas vezes

Em 1953, a carta náutica de 1424, que era registada com o nº 25.924 na *Bibliotheca Phillippica*, foi adquirida pela Biblioteca da Universidade do Minnesota, integrando a valiosa James Ford Bell Collection<sup>365</sup>. É conhecida a valorização que os norte-americanos consagram aos testemunhos documentais, considerados parte integrante da sua herança identitária e cultural, pagando fortunas para possuírem raros *ex-libris*. O *Mapa-múndi* de Waldseemüller de 1507, onde surge pela primeira vez o nome “América”, foi adquirido a uma Biblioteca alemã, pela astronómica quantia de 10 milhões de dólares, sendo agora exibido, na Biblioteca do Congresso em Washington, como uma verdadeira certidão de nascimento do continente americano.

Na *American Historical*, colocada à disposição dos leitores em Abril de 1955, Thorndike<sup>366</sup> faz uma breve apresentação da *Nautical chart of 1424*, salientando a reputação dos editores *Conimbricenses*, admitindo como aceitável a tese principal de que os navegadores portugueses teriam atingido terras a oeste dos Açores, rejeitando no entanto a possibilidade dos fenícios terem reconhecido o continente americano, por manifesta falta de comprovação documental.

---

pela conduta e serviços excepcionais prestados ao Governo no exercício das suas funções militares, mas também como historiador. Citado como a maior autoridade em história naval dos EUA, e um dos principais contribuintes para a história americana. Reconhecido internacionalmente pelos seus trabalhos sobre história marítima de elevado valor documental. Entusiasta de Colombo, das várias expedições que realizou destaca-se a efectuada em 1939-1940. Organizou e comandou a *Harvard Columbus Expedition*, onde reconstituiu as viagens de Colombo. Atravessou o Atlântico à vela, até Espanha e no regresso examinou todas as praias visitadas por Colombo. Desta viagem e do seu estudo resultaram algumas obras sobre Colombo e a descoberta da América nomeadamente, *Admiral of the Ocean Sea* (1942), uma biografia de Colombo que lhe valeu o Prémio Pulitzer em 1943, *Christopher Columbus, Mariner* (1955) e *Portuguese Voyages to America* (1940). Para mais informação vide *An Hour of American History: From Columbus to Coolidge*. Philadelphia, PA, J. B. Lippincott, 1929; “Life Resails Columbus’s Routes”, *Life*, 6, 25 March 1939, pp.102-106; *The Second Voyage of Christopher Columbus*, New York, Oxford University Press, 1939; “Texts and Translations of the Journal of Columbus’s First Voyage”, *Hispanic American Historical Review*, 19, 1939, pp. 235-261; “Route of Columbus Along the North Coast of Haiti, and the Site of Navidad”, *Transactions of the American Philosophical Society*, 31, 1940, pp. 239-285; “The Colonial Policy of Columbus” *Bulletin of the Pan American Union*, 76, 1942, pp. 543-555; “Columbus and Polaris”, *American Neptune*, 1, 1941, pp. 6-25 e 123-137; “Columbus As A Navigator”, *Studi Colombiani*, 2, 1951; “The Sea in Literature”, *Atlantic Monthly*, 196, Sep. 1955, pp. 67-71; “Christophe Colomb et le Portugal”, *Boletim S.G.L.*, 1956, pp. 269-278; *A New and Fresh English Translation of the Letter of Columbus Announcing the Discovery of America*, Madrid, Graficas Yagues, 1959; com Mauricio Obregon, *The Caribbean as Columbus Saw It*. Boston, MA, Little Brown, 1964; *The European Discovery of America*, 2 vols., New York, Oxford University Press, 1971-1974. [Vol. 1, *The Northern Voyages*, 1971 e Vol. 2, *The Southern Voyages*, 1974.] e “Reports on the Harvard Columbus Expedition”, *Harvard Alumni Bulletin*, 42-43, 1939-41. [Reprinted in *By Land and By Sea*, pp. 99-123].

<sup>365</sup> Alvin M. Josephy Jr., *op. cit.*, p. 19.

<sup>366</sup> Lynn Thorndike (1882-1965). Historiador e professor da ciência medieval e alquimia. Reconhecido internacionalmente pelo seu contributo como medievalista, publicou várias obras com destaque para *História da Magia e Ciência Experimental*. Muitas delas reflectem o balanço de vários estudos sobre a passagem e influência medieval sobre o Renascimento. Foi presidente e fundador da Sociedade de História da Ciência e presidente da American Historical Association.

Em Julho de 1955, na revista *Speculum*, Morison subscreve a crónica mais contundente para a investigação de Cortesão<sup>367</sup>. Numa sintética e objectiva revisão de três páginas, o professor de Harvard, viria a demolir uma construção histórica apoiada em robusto aparato documental a que Cortesão dedicara alguns anos de reflexão e análise. “This sumptuous folio presents an ingenious argument, built around a portolan chart of 1424, to the effect that the island named Antilia and other strange islands which appear on numerous fifteenth century charts represent hitherto unrecorded Portuguese discoveries of a part of the New World. The argument is supported by facts as well as fancies, and by beautiful reproductions of the chart in question, and of later maps”<sup>368</sup>, escrevia Morison. O professor americano começa por sublinhar os aspectos fulcrais da *teoria do Sigilo*, ensaiada por Jaime e subscrita por Armando e no que está em causa, a *Descoberta do Novo Mundo*, remeterá o leitor para a sua monografia publicada em 1940, *Portuguese voyages to America before 1500*<sup>369</sup>, passando de seguida à refutação da principal base de sustentação da tese de Armando Cortesão, a representação cartográfica das ilhas imaginárias, Antilia, Satanazes e Brasil. Concluirá, redutor e lacónico, “Be that as it may, Dr. Cortesão is to be thanked for a very beautiful and accurate reproduction of the Pizzi portolan chart of 1424”<sup>370</sup>.

Ainda em Setembro, Janssens<sup>371</sup> escrevia na sua recensão, publicada na revista *Isis*<sup>372</sup>, que o notável exercício de erudição analítica, as perspectivas de história comparada e as abundantes remissões bibliográficas levados a cabo pelo autor, apresentavam uma omissão significativa, a obra de Samuel Morison sobre as navegações portuguesas em direcção a ocidente durante o século XV<sup>373</sup>.

Em meados dos anos 60, Torodash numa revisão historiográfica da “Questão Colombina” das últimas décadas, onde são assinalados uma série de obras de referência, com Morison à cabeça, constatava que, de entre os inúmeros especialistas *pró-Colombo*, na sua tese, Cortesão estava convencido da evidência cartográfica do descobrimento do Haiti, Cuba,

---

<sup>367</sup> S. E. Morison, Crítica a “The Nautical Chart of 1424 and the Early Discover and Cartographical Representation of America: A Study in the History of Early Navigation and Cartography by Armando Cortesão”, *Speculum*, vol. 30, nº 3, Jul. 1955, pp. 467-470.

<sup>368</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 467.

<sup>369</sup> Referia-se ao seu livro, *Portuguese voyages to America in the fifteenth century*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1940.

<sup>370</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 470.

<sup>371</sup> Émile Robert Janssens (1902-1989). General belga desempenhou funções como autoridade colonial quando comandou a *Force Publique* durante a crise do ex-Congo belga. Acérrimo defensor da disciplina em detrimento da diplomacia intitulava-se a si próprio como “*Petit Maniaque*”.

<sup>372</sup> Émile Janssens, Crítica a “The Nautical Chart of 1424 [...]”, *Isis*, vol. 46, nº 3, Sep. 1955, pp. 300-302.

<sup>373</sup> Cf. S. E. Morison, *Portuguese voyages to America in the fifteenth century*, 1940.

Jamaica e até da costa da Florida, por expedições marítimas portuguesas, mais de setenta anos antes da chegada de Colombo<sup>374</sup>.

Cortesão não foi sensível à crítica, menos ainda aos comentários irreverentes de Morison e em futuras circunstâncias faria alusão aos acontecimentos de 1955. Em 1968, no decurso da primeira Reunião Internacional de História da Náutica, que teria lugar na Universidade de Coimbra perante os mais reputados historiadores da especialidade, Cortesão apresentaria a sua comunicação intitulada “Pizzigano’s Chart of 1424”<sup>375</sup>. O núcleo central da tese mantinha-se. Cortesão assumia o diferendo com Morison, queixando-se:

“in fact, the main conclusion of Professor Morison, in his recension of my monograph [referia-se ao artigo publicado na *Speculum*], is that the Antilia group of islands in the 1424 chart does not represent «anything more than myths or the imagination of forgotten seamen», and that there is no documentary evidence of any voyage before 1424 on which these islands might have been discovered, etc. As this renowned Columbian scholar is one of my fiercest critics, I have endeavoured to answer his arguments, as well as some sarcasms, when discussing Zuane Pizzigano’s chart of 1424 in Vol. II of my *History of Portuguese Cartography*, which I hope will be published next year (Vol. I is now in the printers)”<sup>376</sup>.

Do debate subsequente, assumiram o contraditório Teixeira da Mota, Washburn<sup>377</sup>, Destombes, Waters e Skelton. A defesa de Morison, que não pudera comparecer, seria feita por Washburn que reivindicaria a herança de ter sido estudante do Professor e reafirmava o seu cepticismo em relação aos eruditos argumentos de Cortesão acerca das ilhas Antilia e Satanazes<sup>378</sup>.

Em posteriores estudos monográficos, abarcando descobrimentos e cartografia no espaço atlântico, Armando Cortesão regressaria ao “diferendo”, acusando Morison de animosidade em relação à causa lusa<sup>379</sup>, como se veio a verificar em Maio de 1970, numa sua

---

<sup>374</sup> Vide Martin Torodash, “Columbus Historiography Since 1939”, *The Hispanic American Historical Review*, vol. 46, nº 4, Nov. 1966, pp. 414-415.

<sup>375</sup> Vide A. Cortesão, *Pizzigano’s Chart of 1424*, Coimbra-Lisboa, J.I.U., 1970, separata do A.E.C.A., nº XL.

<sup>376</sup> Cf. idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>377</sup> Wilcomb E. Washburn (1925-1997). Historiador americano especializado em História da Civilização americana. Professor de história, em 1958, integrou-se na Smithsonian Institution assumindo o cargo de curador de História Política no Museu Nacional de História Americana. Posteriormente tornou-se responsável pelo Departamento de Estudos Americanos e foi ainda director independente do Programa de Estudos Americanos.

<sup>378</sup> Vide posição de Washburn na “Discussão”, *Pizzigano’s Chart of 1424*, 1970, separata do A.E.C.A., nº XL, p. 16.

<sup>379</sup> Já em Fevereiro de 1969 numa sessão evocativa do centenário do nascimento de Gago Coutinho, Armando Cortesão recordara um episódio menos abonatório, de Morison em relação a G. Coutinho: “Em Lisboa, na. Av. da Liberdade, já há um quarto de século que, no mosaico, se lê que a “América foi” descoberta em 1472 por João Vaz Côrte-Real. É resultado da opinião defendida por Joaq.<sup>m</sup> Bensaúde e Quirino da Fonseca. Ridicularizada



palestra sobre o *Descobrimento e cartografia das ilhas de São Tomé e Príncipe*<sup>380</sup>. Recorda o seu trabalho sobre a *Carta de 1424*, e a propósito refere que:

“[...]um almirante americano, professor de história dos descobrimentos na Universidade de Harvard, escreveu uma crítica (in *Speculum*, July 1955) em que procurou demonstrar a sem-razão de tudo o que eu disse em favor da minha tese, acrescentando: «Muito apropriadamente o argumento que criticamos foi impresso pela imprensa da Universidade de Coimbra, onde a dialéctica medieval, baseada no raciocínio *apriori*, tem durado mais do que em qualquer outra universidade do Mundo Ocidental». Diga-se, entre parêntesis, que era tão desnecessário como é injusto e impróprio este motejo do professor da relativamente jovem Universidade de Harvard para com a vetusta Universidade de Coimbra”<sup>381</sup>.

Prosseguindo a sua argumentação, justificando com dados reais e racionais a sua tese, dirá mais adiante que “talvez o ilustre almirante americano, professor de Harvard, não tivesse ponderado estas noções gerais, que sem dúvida lhe são familiares, antes de contra mim e a minha vetusta Universidade assestar os canhões das suas irónicas e falazes invectivas”<sup>382</sup>.

Conforme promessa efectuada em Outubro de 1968, no I encontro Internacional de História da Náutica, Cortesão voltaria a abordar o tema na sua História da Cartografia Portuguesa, num capítulo dedicado à cartografia do século XV e em particular à produção de portulanos durante o primeiro quartel<sup>383</sup>. Depois de apresentar as principais considerações do seu estudo, ajustamentos, correcções e linhas de força do seu postulado, Cortesão dedicar-se-á na parte final do texto, a uma notória barragem de artilharia argumentativa, orientada contra Morison, debatendo ponto por ponto, nota após nota, as críticas do almirante norte-americano, incluindo até “curiosos e de algum modo irónicos” detalhes da relação pessoal entre ambos<sup>384</sup>. Concluirá, mais em jeito de desabafo, que “o diferendo está que eu considero a carta de 1424 uma importantíssima «contribuição portuguesa para a história americana» e o Professor

---

pelo Prof. americano S. Morison, foi retomada o ano passado, no seu folheto *Ainda Gaspar Corte-Real*, por um antigo navegador, de vela e geógrafo colonial, o ex-tenente G. Coutinho (em nada adianta[ria] o classificá-lo como “Almirante”...[sic]). Cf. Manuel dos Reis e Armando Cortesão, *Gago Coutinho geógrafo*, Lisboa – Coimbra, J.I.U., 1970, separata do A.E.C.A., nº LVIII, p. 26.

<sup>380</sup> Idem, “Descobrimento e cartografia das ilhas de S. Tomé e Príncipe”, Coimbra-Lisboa, J.I.U., 1971, separata do A.E.C.A., nº LXII.

<sup>381</sup> Cf. idem, *ibidem*, p. 8.

<sup>382</sup> Cf. idem, *ibidem*, p. 11.

<sup>383</sup> Cf. idem, “A carta náutica de Zuane Pizzigano de 1424”, *História da Cartografia Portuguesa*, Coimbra, A.E.C.A., vol. II, 1970, pp. 126-141.

<sup>384</sup> Cf. idem, *ibidem*, pp. 132-135 e 138-140.

Morison julga que não. Dificilmente haveria progresso se toda a gente sempre tivesse estado de acordo”<sup>385</sup>.

A questão da *prioridade portuguesa* no descobrimento da América, nomeadamente a sua comprovação através da representação cartográfica, ocuparia Cortesão durante mais de três décadas, podendo dizer-se até à sua morte, uma vez que nas suas últimas notas escritas, reunidas e editadas a título póstumo em 1980/1<sup>386</sup>, lhe viria a dedicar, novamente, alargado espaço e reflexão. Aqui se encontra outra subtil alusão a Morison (entretanto falecido em 1976): “Quanto à tão curiosa como extravagante explicação congeminada pelo Prof. S. E. Morison, para quem a *ixola otinticha* seria «a European’s interpretation of a vague gesture by an African, who perhaps was trying to indicate that the island was distant 150 miles», já me ocupei na H.C.P., Vol. II, 149 e em *O Mistério de Vasco da Gama*, 69-70”<sup>387</sup>.

Da importância atribuída a esta tese, que Cortesão fará integrar nos seus *Esparsos*, publicados entre 1974 e 1975, a versão portuguesa do estudo que ocupará a quase totalidade do terceiro volume<sup>388</sup>, poderemos sintetizar as principais linhas de força, que permaneceram praticamente imutáveis, por parte do autor ao longo de um quarto de século, apesar das inúmeras críticas e objecções levantadas. A Carta portulano datada de 1424, com uma representação ímpar do Atlântico Norte, em muito bom estado de conservação, surge como a prova mais consistente do conhecimento de terras a ocidente por parte dos europeus. O facto de nela figurarem, na orla americana, quatro ilhas, Saya, Satanazes, Antilia e Ymana, cuja toponímia tem origens portuguesas, permite definir a prioridade portuguesa, embora se admita como muito provável a anterior presença de navegadores fenícios, cartagineses, gregos, árabes e irlandeses que devido ao sistema de ventos do atlântico norte poderiam ter efectuado anteriores viagens esporádicas de ida e volta. A Carta, constitui deste modo um documento histórico crucial e poderia ser considerado a primeira representação cartográfica de terras americanas.

Posteriores estudos sobre as origens históricas da representação das ilhas atlânticas foram levados a cabo por Kelley, com dois trabalhos monográficos, publicados na *Terrae*

---

<sup>385</sup> Cf. idem, *ibidem*, pp. 140-141.

<sup>386</sup> Idem, *Descobrimientos no Atlântico e evolução da sua antiga representação Cartográfica*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1980, separata da *R.U.C.*, vol. XXVIII, pp. 469-540 e também em, Coimbra, J.I.C.U., 1981, separata do *C.E.C.A.*, nº CXLII.

<sup>387</sup> Cf. idem, *ibidem*, Coimbra, J.I.C.U., 1981, separata do *C.E.C.A.*, nº CXLII, nota 27, p. 18.

<sup>388</sup> Idem, “Carta náutica de 1424”, *Esparsos*, vol. III, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1975, pp. ix-xxxiv e 1-211.

*Incognitae* em 1977 e na *Imago Mundi*, em 1979<sup>389</sup>, Campbell com o seu estudo de actualização sobre cartas portulano, parte integrante da obra *The History of Cartography*<sup>390</sup> em 1987, e ainda, em 2007, a primeira grande colectânea de portulanos, edição da responsabilidade do geógrafo catalão Pujades i Bataller<sup>391</sup>.

Já depois da morte de Cortesão, a propósito de um reacendimento, aliás de pouca credibilidade<sup>392</sup>, da prioridade portuguesa na chegada à América, Luís de Albuquerque iria refutar lapidarmente, esse *tal mito* ou *teoria fantasiosa*, que Cortesão “teimara em defender”, não sem que alguns embaraçosos e ridículos episódios<sup>393</sup>, tivessem até beliscado a sua imagem de reconhecida autoridade no mundo da cartografia, chegando até a causar perturbação na amizade entre os dois historiadores<sup>394</sup>.

*The Nautical Chart of 1424*, constitui um notável e bem sucedido exercício de investigação, estudo cartográfico que pode ter servido de pretexto a uma construção histórica, onde se pretendia defender uma tese ousada, num território historiográfico, onde ainda hoje seria necessário um forte aparato documental e argumentativo, para provar que nos inícios do século XV os portugueses tinham conhecimentos náuticos e capacidades tecnológicas para a navegação transoceânica de longo curso, que intencionalmente lhes permitisse chegar aos limites ocidentais do Atlântico.

---

<sup>389</sup> Vide para informação, James E Kelley Jr., “The Oldest Portolan Chart in the New World”, *Terrae Incognitae: The Annals of the Society for the History of Discoveries*, IX, 1977, pp. 22-48 e “Non-Mediterranean Influences that Shaped the Atlantic in the Early Portolan Charts”, *Imago Mundi*, 31, 1979, pp. 18-35.

<sup>390</sup> Tony Campbell, “Portolan Charts from the Late Thirteenth Century to 1500”, *The History of Cartography*, vol. 1, 1987, pp. 371-463.

<sup>391</sup> Para consulta vide Pujades i Bataller, Ramon J. *Les cartes portolanes: la representació medieval d’una mar solcada. Portolan charts: the medieval representation of a ploughed sea*. Tradução para inglês de Richard Rees, Barcelona, Institut Cartogràfic de Catalunya, 2007.

<sup>392</sup> Estamos aqui a referir, a teoria “ruidosamente” sustentada por Manuel Luciano da Silva, médico e historiador amador português, radicado nos Estados Unidos, que acerrimamente defendeu a descoberta da América por Corte Real, da qual as inscrições na *Dighton Rock*, seriam prova inabalável. Vide para mais informações <http://www.dightonrock.com/> [consultado em 30.1.2014].

<sup>393</sup> Dizia Luís de Albuquerque a propósito da *Carta de 1424*, que “Este seu livro, mal recebido por quase todos os historiadores da Cartografia, caiu no esquecimento, mesmo depois de ter sido reeditado em versão portuguesa, por iniciativa do Autor, [...] arrebatado por um romântico e ardente entusiasmo, procurou enriquecer a História dos Descobrimentos portugueses com uma nova glória, a partir da análise extremamente discutível de uma carta de Zuane Pizzigan, [...] mas quanto ao descobrimento da América em data tão prematura, que defendeu, o livro foi contestado e deu lugar às maiores diatribes, que tenho ouvido, contrariado, muito mais vezes do que esperava. Vide Luís de Albuquerque, *Dúvidas e Certezas na História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. 1, Lisboa, Vega, 1990, p. 9.

<sup>394</sup> Vide idem, “Sobre o descobrimento da América: uma pedra e um mapa – 2”, *Dúvidas e Certezas [...]*, vol. 1, 1990, pp. 75- 85.



## 5. Os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*. Génese e geografias de uma *magnum opus*

“No panorama da historiografia portuguesa – e mesmo da historiografia especializada internacional –, os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica* representam, sem qualquer margem de dúvida, uma das maiores, senão a maior das realizações culturais até hoje levadas a cabo.

Quando foram publicados pela primeira vez, em 1960, eles constituíram-se desde logo como o empreendimento editorial e historiográfico de maior alcance entre todos os até então promovidos em Portugal, e certamente hoje devemos considerá-los como a mais monumental, quiçá a mais significativa, de todas as realizações da cultura portuguesa deste século”<sup>395</sup>.

Com base na apreciação crítica formulada por Pinheiro Marques, constituirá nosso objectivo procurar entender o pleno alcance e sentido historiográfico das palavras então proferidas, bem como o estatuto monumental que a obra viria a ter, não só no plano interno como também no panorama internacional, desde a sua publicação no início da década de 60 até aos nossos dias, tornando-se um marco incontornável no campo da História da Cartografia. Dos contextos histórico e historiográfico da primeira metade do século XX, percorreremos os meandros da edição, os percursos biográficos dos autores, as influências dos decisores e colaboradores, a concepção das vastas operações de investigação levadas a cabo, o seu *corpus* textual e iconográfico e ainda a herança legada, expressa nas diversas leituras e opiniões de gerações futuras de estudiosos, investigadores e académicos.

### Algumas considerações técnicas e metodológicas

Este é um estudo sobre Cartografia Antiga, sobre uma investigação historiográfica centrada na construção de mapas, levada a cabo por gerações de cartógrafos portugueses. Parece-nos de crucial relevância procurar entender o que é afinal um mapa? Sobretudo o que seriam mapas ou cartas para quem os projectou e desenhou, e de certo modo, como eram entendidos os documentos encontrados, referenciados, analisados e estudados nos *Portvgaliae Monvmenta Cartographica* e o que representavam para os Autores.

---

<sup>395</sup> Alfredo Pinheiro Marques, “Os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica* e o seu Significado na Historiografia e na Cultura Portuguesa”, in Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, vol. I, reprodução fac-similada da edição de 1960, Lisboa, I.N.-C.M., 1987, p. [15].

De acordo com Campbell, “As we know them today, maps combine Geographical outlines and features with toponymy; but among the fifteenth-century “maps” described in this catalogue are some without Geographical outlines and others without names. Modern definitions of a map, referring as they do to scale, projection, coordinates, or clearly indicated method of orientation, are anachronistic for our period”<sup>396</sup>, ou poderemos admitir, a mais lata definição de Crone, que em 1953, sugeria que “a Map can be considered from several aspects, as a scientific report, a historical document, a research tool, and an object of art”<sup>397</sup>.

Nos aspectos terminológicos, os autores dos *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, utilizam um critério abrangente dos conceitos cartográficos, referindo generalizadamente “Obras” como um conjunto de um ou vários mapas, cartas<sup>398</sup>, plantas, esboços, desenhos ou planos. Obra, poderá ser também um Atlas<sup>399</sup>, um Roteiro ou um *códice* contendo cartas. Foram utilizadas expressões diversas para a representação cartográfica referenciada, consoante os fins ou usos que lhe eram dados: carta de marear, carta náutica, carta-portulano, carta pisana, mapa-mundo, *mappa-mundi* ou planisfério. As cartas podiam ser manuscritas ou gravadas, originais ou cópias, anónimas, assinadas ou ainda de autoria atribuída, de um *solo autor* ou produzidas por vários cartógrafos. A Cartografia poderia ser náutica ou hidrográfica ou ainda terrestre ou topográfica. Teremos de ter algum cuidado na descodificação e interpretação da nomenclatura, dos léxicos e conceitos usados pelos autores.

---

<sup>396</sup> Tony Campbell, *The Earliest Printed Maps (1472-1500)*, London, The British Library, 1987, p. 17.

<sup>397</sup> C. R. Crone, *Maps and their makers, An Introduction to the History of Cartography*, London, Hutchinson's University Library, 1953, p. ix.

<sup>398</sup> Para carta ou mapa Alves Gaspar considera: “Representação gráfica simbólica, geralmente plana, da superfície da Terra ou de um corpo celeste, e dos fenómenos aí localizados. Na terminologia portuguesa, a distinção entre mapa e carta não está consolidada: mapa é um termo de utilização comum, aplicável à generalidade das representações cartográficas, enquanto carta é especialmente usado no âmbito da cartografia topográfica e náutica”. São apresentados mais de 70 tipos e definições de carta, algumas bem contemporâneas como é o caso das cartas aeronáuticas. Vide Joaquim Alves Gaspar, *Dicionário de Ciências Cartográficas*, Lisboa, Lidel, 2004, p. 55. Num artigo publicado em 1996, John Andrews consegue identificar 321 definições de mapas numa compilação feita para os últimos três séculos, metade das quais, desde a década de 60 até 1996. Para mais informação vide J. H. Andrews, “Definitions of the word “map”, 1649-1996”, *Cartographica*, xxxiii, 4, pp. 1-11. Também disponível em: <http://www.maphist.nl/discpapers.html>

<sup>399</sup> “Coleção organizada de cartas, concebida para cobrir um espaço geográfico e um ou mais temas escolhidos”. Vide J. Alves Gaspar, *Dicionário de Ciências Cartográficas*, p. 32.

## Os contextos histórico e historiográfico. Panorama histórico-político internacional e a historiografia da Cartografia Antiga

No final da II Grande Guerra mundial o cenário internacional sofreu alterações significativas que condicionam fortemente a política externa portuguesa, particularmente na defesa e manutenção dos territórios ultramarinos. Se até aqui, Portugal era confrontado com a latente cobiça de outras potências imperiais europeias que alimentavam o sonho de estender a sua administração a algumas parcelas das colónias portuguesas em África, no seguimento da recomposição geopolítica saída do pós-guerra, o Império colonial ver-se-á objecto das pressões externas resultantes não só da bipolaridade dos blocos capitalista Ocidental e Leste socialista, mas também, do emergente contingente de novos países afro-asiáticos não-alinhados.

Com a constituição da ONU e decorrente dos princípios consagrados no art.º 73º da Carta então assinada pela maioria dos países constituintes da organização<sup>400</sup>, os territórios não autónomos adquirem progressivamente o direito à autodeterminação e posterior independência. Seria o início de um período particularmente adverso para o sistema colonial português. Na primeira reunião da Assembleia Geral que decorreu em Janeiro de 1946, em Londres, estiveram presentes 51 países, de onde se excluía, os derrotados Alemanha e Japão, e Portugal, que apesar dos sucessivos pedidos de adesão (sempre vetados pela União Soviética) só viria a ser membro de pleno direito em 1955. Um dos grandes obstáculos, senão mesmo o maior, seria a não-aceitação por parte do regime, do direito à autodeterminação dos povos, por se temer o fim da integridade territorial, ou seja *Portugal do Minho a Timor*.

Ao longo dos mais de dois milhões de quilómetros quadrados, Portugal tinha até ao final dos anos 40, fronteiras com algumas potências coloniais, com as quais mantinha tácitas tensões de diplomacia política. Com o surto independentista e o surgimento de novas soberanias na região afro-asiática<sup>401</sup>, os territórios ultramarinos portugueses ficariam agora confrontados com a hostilidade desses regimes ao longo de milhares de quilómetros de fronteiras na Guiné, Angola, Moçambique, na Índia e em Timor. O palco diplomático mundial tinha definitivamente mudado.

---

<sup>400</sup> Num total de 51 países, dos quais os cinco membros do Conselho de Segurança (França, Reino Unido, China, União Soviética e Estados Unidos), com poder de veto.

<sup>401</sup> Só no continente africano, entre 1956 e 1961 surgem vinte e dois novos países independentes.

A diplomacia portuguesa que assegurara a *neutralidade colaborante* com os Aliados, a fidelidade aos princípios do “orgulhosamente sós”, rejeitara os apoios económico-financeiros previstos no Plano Marshall<sup>402</sup> e com o bloqueio da sua candidatura à ONU, Portugal conseguirá, no entanto, lugar como membro fundador da NATO<sup>403</sup>, um restrito clube de democracias ocidentais. No continente asiático perfilam-se duas novas potências regionais, a União Indiana e a Indonésia, cujas diplomacias externas atacam com firmeza os pilares do edifício colonial português.

Em 1954 os pequenos enclaves de Dadrá e Nagar Aveli são ocupados e inicia-se o braço de ferro que conduzirá à posterior invasão de Goa, Damão e Diu. No ano anterior, motins de cariz autonomista surgem em São Tomé e Príncipe. A partir de 1954 são constituídos os movimentos para a independência de Angola<sup>404</sup> e no ano seguinte, na Guiné o P.A.I.G.C.<sup>405</sup>. No final da década surgirá em Moçambique a Frelimo<sup>406</sup>. Em 1959 ocorrem as primeiras acções repressivas contra os independentistas Angolanos, enquanto na Guiné os grevistas do porto de Bissau são reprimidos violentamente.

Em Agosto de 1960, o pequeno e simbólico forte de São João Baptista de Ajudá, situado no Golfo da Guiné, sob administração portuguesa desde o século XV, é tomado sem resistência pelas tropas da recém-criada República do Benim.

No seguimento dos estudos e da acção diplomática encetados pelo Visconde de Santarém envolvendo os domínios da cartografia e após o encerramento de um ciclo de comemorações da expansão portuguesa levados a cabo na última década do século XIX, poderemos assinalar que no plano nacional a primeira metade do século XX será marcada pela publicação de um conjunto de apontamentos sobre cartografia da sua autoria e pela organização de duas exposições cartográficas da responsabilidade de dois oficiais de Marinha.

---

<sup>402</sup> Apesar de uma recusa inicial, Portugal viria a beneficiar de auxílios indirectos, difíceis de contabilizar e ajuda directa na ordem dos 55 milhões de dólares americanos.

<sup>403</sup> Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), constituída em 1949, é uma aliança militar com origem no Tratado do Atlântico em que os seus membros se protegem colectivamente perante agressões surgidas, em particular do chamado *Bloco de Leste*.

<sup>404</sup> Em 1954 é fundado o primeiro movimento político, a União das Populações do Norte de Angola (U.P.N.A.), que em 1958 assume o nome de União das Populações de Angola (U.P.A.). Em 1961, a UPA com outro grupo anti-colonial, o Partido Democrático de Angola (P.D.A.), formaria a F.N.L.A. – Frente Nacional de Libertação de Angola. Nos finais dos anos 50, resultante da fusão de vários pequenos grupos anti-coloniais surge o M.P.L.A. – Movimento Popular de Libertação de Angola. Mais tarde em 1996, dissidentes da F.N.L.A. juntam-se ao G.R.A.E. (Governo de Resistência de Angola no Exílio) para formar a U.N.I.T.A. – União Nacional para a Independência Total de Angola, o terceiro movimento a iniciar a guerra de guerrilha.

<sup>405</sup> P.A.I.G.C. – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde.

<sup>406</sup> FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique.



Em 1903/04, Ernesto de Vasconcellos<sup>407</sup> organizaria na Sociedade de Geografia de Lisboa a Exposição de Cartografia Nacional, com respectiva edição catalogar<sup>408</sup>, que segundo Roque de Oliveira “[...] cujo copioso catálogo se juntou aos catálogos específicos produzidos para a coleção do Duque de Palmela e para as peças também emprestadas para a ocasião pelo governo de Espanha”<sup>409</sup>.

Em 1940 no âmbito das comemorações do Duplo Centenário, da Fundação (1140) e da Restauração (1640), e por ocasião do Congresso do Mundo Português decorreria no Mosteiro dos Jerónimos a Exposição de Cartografia<sup>410</sup> organizada por Fontoura da Costa. Já em 1938 “a Comissão Executiva dos Centenários encarregou então Fontoura da Costa de recolher reproduções fotográficas das principais cartas espalhadas pela Europa, esforço que levou à organização de uma influente exposição [...]”<sup>411</sup>.

De salientar, como estudo referencial e com carácter inovador para a época, a publicação em 1919 dos *Estudos de Cartografia Antiga*, do Visconde de Santarém, cuja leitura terá sido de crucial importância pela inspiração e influência que terá produzido em Cortesão (sobretudo patente em *Cartografia e Cartógrafos*), mas também em posteriores historiadores da Cartografia portuguesa, onde se incluirá Avelino Teixeira da Mota.

Ainda no contexto nos estudos nacionais sobre Cartografia portuguesa dos séculos XV a XVII, saliente-se como referenciais que antecederam a futura publicação dos *Portvgaliae*, a obra de Ernesto de Vasconcellos, *Subsídios para a História da Cartografia Portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII*, publicada em 1916, *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI* de Armando Cortesão, editado em 1935 e o contributo de Fontoura da Costa de 1938, *Cartas portuguesas dos séculos XV e XVI, de paradeiro desconhecido*.

---

<sup>407</sup> Ernesto Júlio de Carvalho e Vasconcellos (1852-1930). Vice-almirante, engenheiro hidrógrafo e geógrafo, foi responsável por vários levantamentos hidrográficos, na barra de Lisboa, rio Guadiana e rio Zaire. Tratou da questão das fronteiras de Timor junto com Hermenegildo Capelo. Membro da Sociedade de Geografia e presidente da Comissão de Cartografia. Foi professor na Escola Naval e Escola Colonial. Elaborou o projecto de uniformização de farolagem, dando conhecimento do mesmo a nível internacional. Conselheiro no reinado de D. Carlos e D. Manuel II. Dirigiu a Revista Portuguesa Colonial e Marítima.

<sup>408</sup> Ernesto de Vasconcellos, *Catálogo da Exposição de Cartographia Nacional (1903-1904)*, Lisboa, S.G.L., 1904.

<sup>409</sup> Vide Francisco Roque de Oliveira, “Dois séculos de história da cartografia em Portugal”, *Leitores de Mapas. Dois séculos de História da Cartografia em Portugal*, 2012, p. 16.

<sup>410</sup> Fontoura da Costa, “Catálogo da Exposição de Cartografia”, *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de História dos Descobrimentos e Colonização – Congresso do Mundo Português*, vol. IV, Lisboa, Comissão Executiva dos Centenários, 1940, pp. 387-459.

<sup>411</sup> Zoltán Biedermann, “Abel Fontoura da Costa (1896-1940)”, *Leitores de Mapas. [...]*, 2012, p. 109.

De destacar algumas das grandes colectâneas *cartográficas* publicadas sobretudo no pós I Guerra Mundial<sup>412</sup>: *Monumenta Cartographica* de Frederick C. Wiedner, (The Hague, 5 vols., 1925-1933); *Tabulae Geographicae Vetustiores in Italia Adservatae* de Giuseppe Caraci, (Firenze, 3 vols., 1926-1932); *Monumenta Italiae Cartographica*, (Firenze, 1929) e *Monumenta Cartographica Vaticana* de Roberto Almagià, (Vaticano, 4 vols., 1944-1952); *Monumenta Cartographica Africae et Aegypti* de Youssef Kamal<sup>413</sup>, (Cairo, 5 vols., 1926-1951); *Mapas Españoles de América. Siglos XV-XVII* de Duque de Alba et al., (Madrid, 1951); *Mapas de América en los Libros Españoles de los Siglos XVI al XVIII (1503-1798)* e *Mapas de América y Filipinas en los Libros Españoles de los Siglos XVI al XVIII*, de Francisco Vindel, (Madrid, 1955 e 1959, respectivamente).

---

<sup>412</sup> Segundo João Carlos Garcia, “[...] las grandes colectâneas nacionales y nacionalistas que reproducen y divulgan mapas antiguos [...]”. Cf. “Realidades y desvarios: Armando Cortesão y la Historia de la Cartografía Portuguesa”, *El Mundo de los Mapas*, 2007, p. 202.

<sup>413</sup> A Edição é da responsabilidade de Frederick Caspar Wiedner.

## Avelino Teixeira da Mota e Armando Cortesão, uma parceria na História da Cartografia portuguesa

Avelino Teixeira da Mota nasceu a 22 de Setembro de 1920 em Lisboa, filho de Isaura Teixeira e de Avelino da Mota. Durante a sua educação liceal, foi aluno distinto, recebeu vários louvores pela sua dedicação e excelentes notas, que lhe valeram por diversas vezes o lugar no quadro de honra. Integrou o grupo de escuteiros, experiência que lhe trará ensinamentos significativos para a vida. Começa aí a sua formação em áreas como a astronomia, a biblioteca, a encadernação e a geografia. Seriam esta última e a astronomia, pelos seus desenhos, leitura do espaço e dos astros, as áreas pelas quais mostrará futuro interesse, que o levarão em 1938, a inscrever-se na Faculdade de Ciências de Lisboa, com objectivo de frequentar as disciplinas que lhe permitissem o ingresso na Escola Naval.

Apesar da sua personalidade reservada, destacou-se novamente como aluno, ocupando sempre os lugares cimeiros no seu curso que concluiu em 1943<sup>414</sup>.

A partir de 1945 o seu nome surge associado à Guiné em diversas funções. Foi ajudante de campo do governador à altura, o comandante Sarmiento Rodrigues, que desde cedo lhe notara propensão para a escrita<sup>415</sup>. A ele se devem várias reformas culturais, nomeadamente a fundação do Centro de Estudos, a construção do Museu, comemorações do centenário do descobrimento da Guiné, conferências e até a elaboração de uma carta geográfica em que representa o território de forma rigorosa.

Em finais de 1947 integrou a Missão Geo-Hidrográfica na Guiné e em 1953 iniciou o inventário e reprodução fotográfica da cartografia antiga portuguesa dos territórios ultramarinos para a exposição do centenário da cidade de São Paulo, mostra esta que não se concretizou, sendo grande parte do material recolhido depositado na Junta de Investigações do Ultramar. Foi ele o primeiro a dirigir a secção de Lisboa, do Centro de Estudos de Cartografia Antiga, onde terá início a publicação das *Separatas Verdes* em 1961 e *Memórias* em 1963, importantes meios de divulgação dos estudos da cartografia e da náutica. Em 1964 fez parte do Conselho Ultramarino como vogal.

---

<sup>414</sup> Teixeira da Mota apresentaria como Memória de Guarda-Marinha o estudo “O «Regimento da Altura Leste-Oeste» de Rui Faleiro (Subsídios para o Estudo Náutico e geográfico da Viagem de Fernão de Magalhães)”, Biblioteca Central de Marinha, Reservados. Vide Carlos Manuel Valentim, *O trabalho de uma vida – Biobibliografia de Avelino Teixeira da Mota (1920-1982)*, Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 2007, p. 89.

<sup>415</sup> Durante a 2ª Guerra Mundial, Teixeira da Mota encontra-se em comissão a bordo do contratorpedeiro “Lima” nos Açores, quando surgem na imprensa periódica insular os seus primeiros artigos. Vide idem, *ibidem*, p. 32.

De competência reconhecida no âmbito da cartografia antiga, onde se destacam vários textos e artigos com abordagens e interpretações focadas sobretudo nas temáticas relacionadas com a Guiné e as explorações do noroeste africano, em geral<sup>416</sup>. Desde os anos 40 que Teixeira Mota vinha a publicar estudos e ensaios sobre história da náutica e dos descobrimentos, nos *Anais do Clube Militar Naval*<sup>417</sup>. O resultado do seu trabalho, recolha e inventariação da cartografia portuguesa antiga, que se encontrava dispersa em várias bibliotecas e arquivos, dá-lhe a visibilidade, que lhe valerá em finais de 1954, o convite de Armando Cortesão, para se debruçar sobre a cartografia anterior ao século XVIII. Em carta dirigida a Armando Cortesão enviada da Guiné no início de 1955, Teixeira da Mota expressa a sua admiração e agradecimento pelo honroso convite e assim revela o despertar da sua curiosidade sobre estas temáticas específicas: “Na realidade o meu interesse pela cartografia antiga nasceu há uns 14 anos quando na Escola Naval, li a “Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI”, da mesma maneira que foi “Marinharia dos Descobrimentos” do Cte. Fontoura da Costa que me despertou a curiosidade pela antiga ciência náutica. E vem hoje V. Exa. convidar-me a associar-me numa publicação que é afinal o corolário de seu trabalho de muitos anos”<sup>418</sup>.

Não obstante o seu compromisso na colaboração da obra, Teixeira da Mota prossegue a sua carreira na armada, sendo promovido a capitão-tenente em 1958, frequenta o Curso Geral Naval em 1959, tendo ainda leccionado na Escola Naval, entre 1958 e 1964. Em simultâneo é eleito deputado à Assembleia Nacional pelo círculo da Guiné, na legislatura de 1957-1961, não deixando contudo de continuar a participar em congressos a nível internacional, e a publicar os seus estudos<sup>419</sup>. No seu obituário publicado na *Imago Mundi*,

---

<sup>416</sup> A. Teixeira da Mota, “A Descoberta da Guiné”, *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, vol. 1, nº 1, Bissau, Janeiro, 1946, pp. 1-68; “O Problema da Descoberta da Guiné Portuguesa”, *Congresso Comemorativo do Quinto Centenário do Descobrimento da Guiné*, vol. I, Lisboa, S.G.L., 1946, pp. 333-338; “O Noroeste Africano na Cartografia Portuguesa Antiga”, *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, vol. III, nº 9, Bissau, Janeiro, 1948, pp. 173-199; “Nota Sobre os Vestígios Portugueses na cartografia Francesa do Noroeste Africano nos Séculos XVII e XVIII”, *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, vol. IV 1, nº 14, Bissau, Abril, 1949, pp. 273-287 e *Topónimos de origem portuguesa na Costa Ocidental de África desde o Cabo Bojador ao Cabo de Santa Catarina*, Bissau, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, memória 14, 1950.

<sup>417</sup> Idem, “A arte de Navegar de Portugueses e Espanhóis na Época dos Descobrimentos”, *Anais do C.M.N.*, 74º Ano, Tomo LXXIV, nº 78, Lisboa, Julho-Agosto 1944, pp. 367-388; “Um Século na História da Navegação”, *Anais do C.M.N.*, Tomo LXXV, nº 3-4, Lisboa, Março-Abril 1945, pp. 1-4 e “A Arte de Navegar no Mediterrâneo nos Séculos XIII-XVII e a criação da Navegação Astronómica no Atlântico e Índico”, *Anais do C.M.N.*, Tomo LXXXVII, nº 7-8, Lisboa, Julho-Setembro 1957, pp. 453-474.

<sup>418</sup> Em carta enviada por Teixeira da Mota a Armando Cortesão, de Bafatá em 12 de Janeiro de 1955. Cf. A.O.S./CO/UL – 22, pasta 17 [P.M.C.], A.N.T.T., Arquivo Oliveira Salazar, fl. 672.

<sup>419</sup> Teixeira da Mota, “A Viagem de Bartolomeu Dias e as Ideias Geopolíticas de D. João II”, *Boletim S.G.L.*, série 76, nº 9-12, Lisboa, Outubro-Dezembro, 1958, pp. 297-322; “A Escola de Sagres”, *Anais do C.M.N.*,

Helen Wallis<sup>420</sup> referia-se assim a Teixeira da Mota “[...] was one of the most distinguished twentieth century historians of maritime cartography. He combined a career in the Portuguese navy with research into the History of his country’s cartography. Like his friend and colleague Armando Cortesão, he was both a man of affairs and a scholar”<sup>421</sup>.

Embora a parceria estabelecida entre ambos os estudiosos se apresentasse com contornos de alguma assimetria, não só pelas diferenças etárias, mas sobretudo revelada nas dimensões de produção textual, projecção e notoriedade que os seus percursos, enquanto historiadores, apresentavam à partida deste projecto, dizíamos, que apesar disso se veio a constituir bastante profícua a colaboração conjunta nesta empresa.

### A rede de contactos e os bastidores da realização. Nomes incontornáveis

Apesar dos créditos de autoria dos *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, serem na totalidade, atribuídos a Cortesão e Teixeira da Mota, constatámos que nos bastidores da obra estiveram presentes personalidades cuja influência, contributo ou mera acção colaborativa, não poderá deixar de ser relevada.

Sarmiento Rodrigues<sup>422</sup> fazia parte do círculo de amizade de Armando Cortesão, Gago Coutinho, Damião Peres, Jaime Cortesão, entre outros. Ainda que fosse um progressista colaborou com o regime, embora evidenciasse um certo alheamento intelectual quanto à sua doutrina oficial. Talvez pela proximidade com determinados sectores da oposição, a sua filiação maçónica e o encarar com desagrado os métodos repressivos da PIDE, esta manteve-o sob vigilância. Escreveu e publicou livros e textos sobre várias temáticas, mas o seu legado

---

número especial, Lisboa, 1960, pp. 39-54 e “Cartografia Portuguesa dos Descobrimentos”, *Anais do C.M.N.*, número especial, Lisboa, 1960, pp. 103-111.

<sup>420</sup> Helen Wallis (1924-1995). Assistente de R.A. Skelton, em 1967 substituiu-o no cargo de superintendente da mapoteca do Museu Britânico, sendo a primeira mulher a ocupar este lugar. Foi presidente da *International Map Collectors’ Society* e uma das fundadoras da *International Federation of Library Association*. Foi ainda presidente da *The Society for Nautical Research* e da *British Cartography Society*.

<sup>421</sup> Helen Wallis, “Obituary: Avelino Teixeira da Mota (1920-1982)”, *Imago Mundi*, nº 40, 1988, p. 129.

<sup>422</sup> Manuel Maria Sarmiento Rodrigues (1899-1979). Nasceu em Freixo de Espada à Cinta. Frequentou o liceu de Bragança, fez os preparatórios para a Escola Naval e concluiu o curso em 1921 na Universidade de Coimbra. Foi professor, publicista e oficial da Marinha, onde atingiu o posto de contra-almirante. A sua acção político-administrativa, desenvolveu-se fundamentalmente no domínio colonial, onde desempenhou vários cargos. Foi governador colonial, ministro do Estado Novo, na Índia foi ajudante de campo do governador-geral e secretário de Estado do ministro dos Negócios Estrangeiros Quintão Meireles. Em Moçambique participou em missões de reconhecimento hidrográfico, foi eleito deputado à Assembleia Nacional em 1949 e governador-geral de 1961 a 1964. Durante a 2ª Guerra Mundial enquanto comandante no contratorpedeiro “Lima”, distinguiu-se pelas acções de salvamento nos mares dos Açores. Em 1945 foi proposto por Marcelo Caetano para governador da Guiné, cargo que ocupou até 1949, e de 1950 a 1955 assumiu as funções de ministro do Ultramar. Foi ainda sócio de várias instituições internacionais ligadas ao mundo ultramarino e membro da Academia das Ciências de Lisboa, na classe de Letras.

resulta maioritariamente de discursos políticos, conferências técnico-navais, homenagens, biografias ou acontecimentos ignorados da História Naval, e História dos Descobrimentos Portugueses. Teixeira da Mota cumpria uma missão na Guiné, quando Sarmento Rodrigues era governador desta província. Como ministro do Ultramar, teve um papel preponderante quando submeteu a Oliveira Salazar a proposta de incluir os *Portvgaliae*, no âmbito das comemorações Henriquinas.

Caeiro da Matta<sup>423</sup>, político e diplomata de experiência firmada, influente no seio do regime enquanto presidente da Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique terá dado devido destaque às iniciativas comemorativas, entre as quais os *Portvgaliae*. Presidiu à Academia Portuguesa de História de 1945 a 1963 e era sócio da Academia de Ciências de Lisboa.

Damião Peres<sup>424</sup>, historiador de reconhecido rigor científico, dignificou as ciências ligadas à História, da qual foi grande divulgador, fez parte das Comissões encarregues das comemorações henriquinas, vindo com a sua colaboração e revisão textual, aportar credibilidade ao contexto histórico dos *Portvgaliae*. Deixou-nos importante legado bem evidente em cerca de duas centenas de obras<sup>425</sup>.

---

<sup>423</sup> José Caeiro da Matta (1883-1963). Nasceu no Vimeiro e concluiu os estudos de Direito na Universidade de Coimbra, onde se manteve como professor de 1907 até 1919, foi jurista, político e diplomata. Em 1920 transitou para a Faculdade de Direito de Lisboa onde regeu as disciplinas de Direito Internacional Privado, Estatísticas, Finanças e História do Direito Português. Administrador do Banco de Portugal em 1922 e 1935. Reitor da Universidade de Lisboa até 1933, ano em que assumiu o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Representou Portugal em várias assembleias internacionais face à reputação alcançada como um dos mais importantes juristas portugueses. Foi no desempenho como diplomata que teve grande destaque, indicado sistematicamente por Salazar, como chefe de delegações portuguesas junto de organizações internacionais, nomeadamente como presidente da delegação portuguesa na Sociedade das Nações entre 1935-1939, e ministro de Portugal no governo de Vichy em 1941. No ano de 1946 quando representou Portugal em Genebra foi ele quem votou pelo fim da Sociedade das Nações. No pós-guerra chefiou a delegação das negociações do plano Marshall, prorrogou o Tratado Peninsular e assinou o Tratado do Atlântico Norte em 1949. Em 1950 Salazar retira-lhe o apoio por quebra de confiança. Fez ainda parte de diversas organizações nacionais e internacionais.

<sup>424</sup> António Damião Peres (1889-1976). Nasceu e concluiu o curso de Letras em Lisboa. Professor, político e historiador com particular incidência na História dos Descobrimentos. A sua intensa actividade académica levou-o ao desempenho das mais diversas funções, desde docente, professor catedrático, reitor, a secretário e director nas várias instituições de ensino por onde passou, nomeadamente em Lisboa, Coimbra, Funchal e Porto. Durante a 1ª República exerceu por duas vezes o cargo político de chefe de gabinete do ministro da Instrução Pública. Dirigiu o Arquivo Histórico da Cidade do Porto, o Museu de História de Portugal, a Biblioteca geral da Universidade de Coimbra, o Museu Numismático Português e a comissão portuguesa do Comité International des Sciences Historiques. Em 1937 fundou a Academia Portuguesa de História, de que foi secretário-geral. Foi também eleito secretário-geral da Academia das Ciências de Lisboa e reconhecido com o Grande Prémio Nacional de Cultura.

<sup>425</sup> Das quais salientamos *História de Portugal* (1928-1954); *Viagens e Naufrágios célebres dos séculos XV, XVII e XVIII* (1937); *Como Nasceu Portugal* (1938); *História dos Descobrimentos Portugueses* (1943); *O Descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral, antecedentes e intencionalidade, Américo Vespúcio e a expedição de 1501-1502: resposta a Marcondes de Sousa* (1949); *Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil* (1959); *A History of the Portuguese discoveries, Uma prioridade portuguesa contestada mas*

Pereira Dias<sup>426</sup>, personalidade ligada à academia coimbrã, fazia parte do círculo de amizades de Cortesão, tendo assumido papel de influenciador nos momentos cruciais, quando a obra se encontrava numa fase embrionária. Acabaria por emprestar um respaldo científico, que salvaguardaria o produto final da pesquisa. A ele se deve o papel principal no processo de constituição e afirmação da Biblioteca Matemática enquanto biblioteca de apoio ao ensino ministrado na então secção de Matemática da Faculdade de Ciências, bem como ao trabalho de investigação que aí se desejava desenvolver e onde mais tarde, Cortesão viria a colaborar como professor de História da Cartografia.

Mendes Correia<sup>427</sup>, outro académico com percurso ligado aos assuntos e Administração coloniais, em representação da Sociedade de Geografia de Lisboa da qual era presidente desde 1951, foi membro da Comissão das Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique. Era ainda membro do Conselho Ultramarino e presidente da Junta de Investigações do Ultramar, tendo participado em diversos congressos e conferências de carácter científico, nomeadamente em 1946 no Congresso do Descobrimento da Guiné.

Jaime Cortesão<sup>428</sup>, radicado no Brasil desde 1940, dedicou-se ao ensino universitário em cursos especializados sobre História dos Descobrimentos Portugueses e formação

---

*incontestável: a circum-navegação da África Austral por Bartolomeu Dias e História dos Descobrimentos* (coleção Henriquina).

<sup>426</sup> João Pereira da Silva Dias (1894-1960). Natural da freguesia de Marrazes, Leiria, foi professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, onde em 1911 se matriculou em Ciências Matemáticas. Ainda aluno, iniciou a actividade docente como assistente de Geometria Descritiva. Foram vários os cargos que desempenhou, nomeadamente de secretário da Faculdade de Ciências de 1922 a 1927, foi director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes entre 1933 e 1939, e director da Faculdade de Ciências desde 1939, cargo este, que ocupou durante vinte anos. Assumiu o lugar de director da Biblioteca de Matemática por duas vezes, de 1922 a 1933 e 1942 a 1955.

<sup>427</sup> António A. E. Mendes Correia (1888-1960). Natural do Porto onde concluiu e se doutorou em Medicina. Cedo abandonou a prática clínica para se dedicar ao ensino e à investigação científica, nas áreas da Psiquiatria e Antropologia Criminal. Conhecido como antropólogo e historiador, iniciou o seu percurso em 1911 como assistente em Ciências Biológicas e no ano seguinte professor de Antropologia. Foi juiz adjunto e médico antropologista na Tutoria Central da Infância do Porto, presidente e um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Antropologia. Exerceu ainda funções de Secretário do Conselho Escolar da Faculdade de Ciências no ano de 1921 e de director do Instituto de Investigação Científica de Antropologia. Em 1925 foi nomeado professor ordinário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde lhe concederam o grau de Doutor em Letras e assegurou a regência de várias disciplinas, nomeadamente geografia, etnologia, arqueologia, etnografia e antropogeografia. Já em 1928 com a extinção da Faculdade de Letras, tornou-se o fiel depositário do acervo que lhe pertencera e do Museu de Arqueologia histórica. Fundou o Gabinete de História da Cidade em 1936 e criou o Curso de Estudos Portugueses. De 1933-1960 esteve na direcção dos *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. O interesse, dedicação e estudo da Antropologia em Portugal, valeram-lhe em 1946 o reconhecimento e nomeação para director da Escola Superior Colonial de Lisboa, mais tarde Instituto Superior de Estudos Ultramarinos.

<sup>428</sup> De salientar, as principais obras sobre temas históricos, *A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil* (1922); *História da expansão portuguesa. Colaboração na História de Portugal dirigida por Damião Peres* (1931-1934); *A cartografia antiga e os fundamentos pré-históricos da nação brasileira, Curso de História da Cartografia* (1944); *Mapa-múndi português, chamado Cantino* (1945); *Os descobrimentos pré-colombinos dos Portugueses* (1947); *Os Portugueses no Descobrimento dos Estados Unidos*

territorial, política e cultural do Brasil. Em 1944 foi responsável por um curso de cartografia do Brasil e em 1952 organizou a Exposição Histórica de São Paulo, durante o IV centenário de fundação da cidade, em que Teixeira da Mota viria a ter papel relevante na pesquisa documental. A preparação desta exposição possibilitou-lhe entrar em Portugal diversas vezes desde 1952, com passaporte diplomático, a fim de efectuar pesquisas de arquivo sobre cartografia histórica. Em 1957 regressa definitivamente a Portugal, e recebe pela quarta vez, ordem de prisão por motivos políticos. Centra-se então na obra, *Os descobrimentos Portugueses*, que deixa inacabada, embora parte das suas interpretações relacionadas com a cartografia do Brasil, venham a ser inseridas nos *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*.

Charles Boxer, historiador inglês dedicado ao estudo da expansão portuguesa, era parte do círculo de relações de Cortesão desde os anos 20, tinha publicado vários artigos sobre a presença portuguesa no Oriente, no *Boletim da Agência Geral das Colónias*<sup>429</sup>. Teria sido um suporte financeiro de Cortesão, na sua passagem por Londres, feita à margem do conhecimento do Governo Português<sup>430</sup>. Em 4 de Dezembro de 1950, a convite de Boxer,<sup>431</sup> Cortesão verá abertas as portas do King's College na Universidade de Londres, onde profere uma conferência sobre as contribuições portuguesas para a Navegação científica e Cartografia. Da colecção particular de Boxer serão referenciadas uma dezena de cartas do século XVII, referentes ao Brasil e Oriente. Em Setembro de 1960, por ocasião do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos que reuniu em Lisboa, “cerca de 800 cientistas de 85 países”, coube a Charles Boxer, proferir o discurso, em representação da numerosa comitiva inglesa<sup>432</sup>. Mais tarde, uma controvérsia acerca de um livro de Boxer, poria fim a uma longa amizade, tornando irreconciliáveis o “ultramarinismo” de Cortesão e o “lusofilismo” de Boxer<sup>433</sup>.

Finalmente, de Skelton veio a revisão textual da versão em inglês e as sugestões de um prestigiado especialista de cartografia e amigo de Cortesão dos tempos do exílio londrino.

---

(1949); *Renascimento das ciências geográficas e cartográficas, Cartografia antiga e geopolítica de Goiás* (1952); *História do Brasil nos velhos mapas*, 1º vol., (a edição foi concluída após a sua morte), *Um novo mapa histórico de S. Vicente e S. Paulo* (1957); *Os Descobrimentos Portugueses* (1957-1962) e *A Política de Sigilo nos Descobrimentos nos Tempos do Infante D. Henrique e de D. João II* (1960).

<sup>429</sup> Cf. Artigos referenciados em nota 64.

<sup>430</sup> Cf. nota 147.

<sup>431</sup> Boxer era regente da cátedra *Camões Chair of Portuguese Language and Literature*.

<sup>432</sup> Vide *Comemorações do V Centenário da morte do Infante Dom Henrique*, vol. III, 1963, p. 281.

<sup>433</sup> Referimo-nos à obra de Charles Boxer, *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire, 1415-1825*, 1963. Recorde-se o episódio, já anteriormente abordado, em que numa série de cinco artigos publicados no *Diário Popular* entre Dezembro de 1963 e Janeiro de 1964, sob o título genérico *Um Livro Insidioso*, Cortesão e Boxer irão protagonizar uma polémica que acabaria por afectar a amizade entre ambos.



## As Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique

No ano de 1960, coincidiam o V centenário da morte do Infante D. Henrique e o VI centenário do nascimento de Nuno Álvares Pereira, havendo quem sugerisse a associação das duas comemorações à semelhança do que se verificara duas décadas antes, em 1940, quando se celebrara o duplo centenário da fundação da nacionalidade, em 1140 e da “refundação” ou restauração de 1640. Segundo Campos Matos, houve quem chamasse a atenção “[...] para a necessidade de não subalternizar a figura do Condestável, já que se tratava do grande obreiro da independência nacional durante a crise de 1383-85 e, bem vistas as coisas, Aljubarrota fora a «chave do Oceano». Nuno Álvares era o patrono da Infantaria, patrono da Legião e da Mocidade Portuguesa. Compreende-se assim que diversos oficiais do Exército insistissem em evocar a sua memória, relacionando-a com o príncipe Navegador”<sup>434</sup>.

No entanto, se o herói militar da luta contra os castelhanos ocupava um lugar de destaque no plano interno, havendo a consciência de que a memória de D. Nuno se limitava aos “horizontes da história nacional”, já a projecção do imaginário henriquino tinha um expressivo carácter, não só nos domínios da lusofonia, mas na amplitude da história universal. A primazia comemorativa iria centrar-se na evocação da imagem idealizada do Infante. Afinal celebrava-se os *Heróis do mar, nobre povo, ...*

*Guerreiro e visionário, cruzado e romântico, pioneiro do expansionismo, obreiro da glória lusa*, o Infante D. Henrique, uma das maiores figuras da história nacional e certamente um dos portugueses de maior notoriedade mundial, facto já por si merecedor de especial comemoração, daria ao regime o pretexto para promover um vasto programa comemorativo *das Navegações e dos Descobrimentos portugueses que projectaram a civilização ocidental através da presença portuguesa no mundo*.

Em 1954, e ao invés do que sucedera em 1940 com o Duplo Centenário<sup>435</sup>, agora com seis anos de antecedência, seriam constituídas as Comissão Nacional<sup>436</sup> e Comissão

---

<sup>434</sup> Vide Sérgio Campos Matos, “O V Centenário Henriquino (1960): Portugal entre a Europa e o Império”, *O fim da Segunda Guerra Mundial e os novos rumos da Europa*. Coordenação de António José Telo, Lisboa, Edições Cosmos e Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Letras de Lisboa, 1996, p. 156.

<sup>435</sup> A comissão executiva só fora nomeada em 1938, escassos dois anos antes das celebrações, a que não será alheio o facto da Europa e o mundo se encontrarem envolvidos na II Grande Guerra.

<sup>436</sup> Por DL nº 39.713 de 1 de Julho de 1954 pretende o Governo assinalar os quinhentos anos da morte do Infante D. Henrique que iriam ocorrer em 1960. Pelo Art.º 1º fica constituída uma Comissão Nacional composta por vinte membros dos quais são de destacar, Caeiro da Matta (Presidente da Academia Portuguesa de História), que presidia, Mendes Correia (Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa), Gago Coutinho, vice-almirante, Teixeira da Mota, primeiro-tenente da Marinha e Damião Peres, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, entre outras personalidades.

Executiva<sup>437</sup> para as comemorações Henriquinas, presididas por José Caeiro da Matta, que se encarregariam de organizar o programa comemorativo.

De acordo com Maria Isabel João “nas grandes comemorações nacionais, a orientação geral de todo o processo foi centralizada pela própria Presidência do Conselho, através da nomeação de comissões nacionais e executivas da sua confiança política”<sup>438</sup>. O modelo funcionava como uma *correia de transmissão*, em que os responsáveis nomeados exerciam um controle sobre os outros intervenientes, deixando reduzido espaço de intervenção para figuras independentes. Tratava-se de assegurar a “veiculação da ideologia e da propaganda do regime de forma tão uniforme quanto possível e sem perder de vista os fins políticos mais imediatos das comemorações”<sup>439</sup>.

Caeiro da Matta, em discurso, por ocasião do acto de posse da delegação do Porto, assim se referia ao andamento do estado dos trabalhos “[...] os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, confiados a dois consagrados cartógrafos – o Dr. Armando Cortesão, que vive com entusiasmo esta obra notabilíssima, na máxima parte a ele devida e cujo plano foi por ele concebido, e o Comandante Teixeira da Mota, grande autoridade em estudos cartográficos e autor de valiosos trabalhos que não se torna necessário encarecer”<sup>440</sup>. E mais adiante “[...] nunca até hoje se havia conseguido reunir em Portugal as cartas que chegaram aos nossos dias e que os acidentes dos tempos, e muitas vezes a cobiça, a incúria e a malícia dos homens, haviam dispersado pelo mundo. O número de cartas a publicar é verdadeiramente notável: quatro volumes com cerca de 1200. Coligidas agora nos *Monumenta*, fica construída seriamente a história da cartografia científica, que mostrará a plena luz a nossa prioridade neste capítulo da história dos descobrimentos, mais uma vez defendida, há poucos dias, com argumentos decisivos, pelo Almirante Gago Coutinho, num artigo magistral”<sup>441</sup>.

Em nota à imprensa, datada de 5 de Maio de 1958, o ponto de situação era “[... nos *P.M.C...*] serão reunidas, em cinco volumes primorosamente apresentados, todas as espécies que puderem coligir-se de um verdadeiro tesouro da cultura pátria e da cultura universal:

---

<sup>437</sup> Por DL nº 40.173 de 28 de Maio de 1955, ficará constituída a Comissão Executiva, composta por seis elementos sob a presidência de Caeiro da Matta. Em 1958, seria constituída uma Comissão Ultramarina, presidida pelo comodoro Sarmento Rodrigues e cuja vice-presidência foi atribuída ao professor Mendes Correia. Da subcomissão de «Portvgaliae Monvmenta Cartographica», presidida por Damião Peres, faziam parte, o professor Pereira Dias, o escultor Diogo de Macedo e o comandante Afonso Dias.

<sup>438</sup> Maria Isabel João, *Memória e Império Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 194.

<sup>439</sup> Idem, *ibidem*, p. 195.

<sup>440</sup> Discurso proferido a 17 de Agosto de 1957, José Caeiro da Matta, *Comemorações do V Centenário da morte do Infante Dom Henrique*, vol. I, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, 1961, p. 147.

<sup>441</sup> Idem, *ibidem*, p. 149.

cerca de 1500 cartas, algumas ainda do século XV, mas sobretudo dos séculos XVI e XVII, que testemunham o excepcional desenvolvimento atingido pela cartografia portuguesa antiga ao serviço da ciência náutica”<sup>442</sup>. Um ano depois, Caeiro da Matta anunciaria, a propósito de:

“[...] uma obra de excepcional interesse histórico, científico e artístico [...] nos seus cinco volumes serão reproduzidas cerca de 1600 antigas cartas náuticas e geográficas, acompanhadas de respectivos estudos, comentários e bibliografia, redigidos em português e inglês. Neste momento [Novembro de 1959] estão já publicados dois volumes; e no início das comemorações sê-lo-ão os outros dois previstos no plano inicial. O 5.º volume, que conterà cartas do século XVII, deverá aparecer no fim do ano. Dado o alto valor desta obra como instrumento de cultura, será a mesma distribuída pelos principais institutos históricos e científicos, bibliotecas, arquivos e centros de ensino de todo o mundo”<sup>443</sup>.

Caeiro da Matta em discurso proferido a 4 de Março de 1960, na sessão solene da Assembleia Nacional, perante os mais altos dignatários do regime e ampla plateia de autoridades estrangeiras convidadas, fazia referência a “[...] Dois grandes monumentos, devo acrescentar, ficarão a documentar e perpetuar a figura do Infante: *Portvgaliae Monvmenta Cartographica e Monumenta Henricina*”<sup>444</sup>.

Ainda no âmbito das comemorações, foram publicadas uma série de monografias destinadas a levar ao conhecimento do grande público os factos fundamentais da História dos Descobrimentos, dos quais nos permitimos salientar, *História dos Descobrimentos Portugueses* de Damião Peres, *A Ciência Náutica dos Portugueses na Época dos Descobrimentos* de Fontoura da Costa, *Prioridade dos Descobrimentos Portugueses* do Visconde de Santarém, *A Política de Sigilo nos Descobrimentos* de Jaime Cortesão e *Cartografia Portuguesa Antiga* de Armando Cortesão<sup>445</sup>. Maria Isabel João salienta que “[...] é uma prática fundamental dos rituais comemorativos, por ser através da palavra impressa que as sociedades modernas fixam para a posteridade a história e as lendas sobre o seu passado”<sup>446</sup>. As edições de fontes e estudos historiográficos assumem um papel relevante para o perpetuar do sentido mais abrangente da memória histórica. Será neste contexto evocativo do Infante D. Henrique, em consagração do primeiro ciclo da expansão, que a Comissão

<sup>442</sup> Comunicação feita à Imprensa e à Rádio em 5 de Maio de 1958, idem, *ibidem*, p. 186.

<sup>443</sup> Comunicado à Imprensa e Rádio em 13 de Novembro de 1959, idem, *ibidem*, p. 208.

<sup>444</sup> Vide *Comemorações do V Centenário da morte do Infante Dom Henrique*, vol. II, 1962, p. 28.

<sup>445</sup> A Colecção Henriquina é um conjunto de 12 pequenos livros inéditos e reedições, cuja edição foi promovida pela Comissão Executiva. Saliente-se que foi publicada uma versão inglesa da obra de Damião Peres, *A History of the Portuguese Discoveries*.

<sup>446</sup> Maria Isabel João, *op. cit.*, p. 308.

Executiva aprovará em 1955 uma publicação dignificante para o País com a obra dos cartógrafos portugueses dos séculos XV-XVII.

O programa geral de celebrações decorrerá de 4 de Março a 13 de Novembro de 1960, datas de nascimento e morte do Infante.

A oratória discursiva nos principais actos das comemorações ficou dominada pela conjuntura político-ideológica internacional adversa às linhas doutrinárias do regime. A figura do Infante, *cavaleiro medieval e cruzado, messias salvador da cristandade*, era agora usada no duplo combate face às ameaças provenientes da frente externa, as “pressões independentistas e o comunismo”. O *Infante de Sagres* consubstanciava a génese e o sustentáculo da *Nação transcontinental e multirracial*.

Ainda em 1960, foi criada a Ordem do Infante D. Henrique destinada a galardoar personalidades com serviços ligados a “actividades ou estudos histórico-marítimos ou ao conhecimento e divulgação da expansão de Portugal no Mundo”<sup>447</sup>. Em 1961, pelas mãos do presidente da República Américo Thomaz, Armando Cortesão será agraciado com a mais elevada distinção, a Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique. Teixeira da Mota receberia a Grã-Cruz em 1987, a título póstumo. Foram igualmente distinguidos com esta condecoração Caeiro da Matta (1960), Damião Peres (1961), Sarmento Rodrigues (1962) e Jaime Cortesão (1987), a título póstumo.

## O plano inicial e a génese do empreendimento

De regresso a Portugal, depois de cerca de duas décadas de exílio, a que se vira forçado no seguimento de actividades de oposição política contra o regime e uma vez que sobre ele não pendia qualquer processo judicial ou mandato de captura, Cortesão, já sexagenário, pensa dedicar-se quase exclusivamente à sua paixão, os estudos da expansão ultramarina e da cartografia portuguesa antiga. Alguns contactos junto dos meios universitários de Coimbra, no sentido de poder enveredar pela via do ensino, não terão dado resultados de imediato por motivos relacionados com a sua já adiantada idade.

---

<sup>447</sup> Criada pelo DL n.º 43.001 de 2 Junho, este *grau* visa distinguir os que prestaram serviços relevantes a Portugal, no país ou no estrangeiro, serviços na expansão da cultura portuguesa ou para conhecimento de Portugal, da sua história e dos seus valores. A medalha tem na face a efígie do Infante e no reverso a sua divisa que circunda uma cruz. Vide Ordens Honoríficas Portuguesas. <http://www.ordens.presidencia.pt> [consultado em 6-6-2013].

Conforme refere Cortesão, o projecto dessa publicação já vinha de trás, pois já em 1952, numa carta a Sarmento Rodrigues, lhe fala de “A sua idéia [de Sarmento Rodrigues] de criar uma “Comissão de investigação histórica ultramarina” (ou seja qual for o nome) parece-me excelente e susceptível de fazer trabalho útil; isso dependeria da sua composição (gente com paixão e provas dadas neste género, sem “jarrões”, e com, boa percentagem de novos) [...]”<sup>448</sup>. No entanto só no início de 1955 será formalmente convidado para coordenador desse empreendimento<sup>449</sup>.

Nos finais de 1954, Armando Cortesão formalizaria uma proposta de projecto editorial, do qual sintetizaremos os aspectos mais relevantes<sup>450</sup>:

. A publicação teria como título *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, destinar-se-ia a um público culto e seria escrita e editada em inglês;

. Seriam publicados 3 grandes volumes *in-fólio*<sup>451</sup>, de 400 a 500 páginas cada, de 48x61cm para a página e 31<sup>1/2</sup>x44cm para a mancha do texto. Prevvia-se a reprodução de umas 300 cartas portuguesas quinhentistas, acompanhadas de texto com história da carta e biografia do cartógrafo;

. O projecto teria o patrocínio da Universidade de Coimbra e da Sociedade de Geografia de Lisboa. Uma Comissão composta por elementos representativos das instituições e Armando Cortesão asseguraria a fiscalização dos créditos académico-científicos e da exequibilidade financeira<sup>452</sup>;

---

<sup>448</sup> Carta ao Comandante Sarmento Rodrigues, 24 de Outubro de 1952, pasta 042290.001.042, Arquivo da Fundação Mário Soares, Lisboa.

<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04290.001.042> [consultado em 15-5-2013].

<sup>449</sup> Nos agradecimentos: “Credor do nosso reconhecimento é também o Almirante Manuel M. Sarmento Rodrigues que, desde o momento em que lhe propusemos o primitivo plano para a publicação de *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, em princípios de 1955, quando ele era ministro do Ultramar, sempre nos apoiou e encorajou”. Cf. *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, vol. I, p. xxxix.

<sup>450</sup> Para detalhe integral vide Anexo I.

<sup>451</sup> Formato que corresponde à folha dobrada ao meio, dando quatro páginas, duas de cada lado.

<sup>452</sup> A proposta dos membros da Comissão e a respectiva missão seria nas seguintes circunstâncias: “Este [Armando Cortesão] tomaria a seu cargo a selecção das cartas a reproduzir e a escrever o texto em inglês, assumindo a direcção geral efectiva de toda a obra, tanto científica como técnica e administrativamente, o que garantiria unidade de concepção e realização. Todos os planos para execução da obra, sob qualquer dos seus aspectos, seriam sempre previamente submetidos à apreciação e aprovação da Comissão dirigente, que exerceria a fiscalização como julgasse mais conveniente, tomaria na preparação de todo o trabalho a parte que desejasse e garantiria a sua continuidade.

Todos os que têm tomado parte na representação deste projecto desejariam que o Prof. Doutor João Pereira Dias, director de uma Faculdade tradicionalmente ligada à história da ciência, da navegação e, por conseguinte, da cartografia, representasse a sua Universidade na Comissão e a ela presidisse. Para representar a Sociedade de Geografia ninguém pareceria mais indicado que o Comandante Avelino Teixeira da Mota, jovem estudioso que ultimamente se tem dedicado com entusiasmo, competência e proficiência à história da cartografia, com quem A. Cortesão já tem discutido e consultado sobre este empreendimento, tendo-lhe comunicado alguns documentos essenciais, e com quem está nos melhores termos de camaradagem intelectual”. Cf. A.N.T.T., Arquivo Oliveira Salazar, A.O.S./CO/UL – 22, pasta 17 [P.M.C.], fl. 652.

. Cortesão trabalharia a tempo inteiro durante 3 anos, sendo prevista a conclusão em finais de 1957. A edição não deveria ser superior a 415 exemplares, dos quais 280 seriam para venda ao público a 5 contos. Sugeria-se que o Ministério do Ultramar adquirisse 125 exemplares a um preço de 9,6 contos ou seja, atribuindo um subsídio de 1.200 contos;

. A estimativa dos custos de produção ascendia a 1.700 contos<sup>453</sup>. Os lucros resultantes dos exemplares destinados à comercialização seriam repartidos pelos vários intervenientes e “o ganho do Estado seria representado pelo enorme valor de propaganda que teria tal obra [...]”<sup>454</sup>;

. Cortesão juntará uma lista de cartógrafos e obras cartográficas conhecidas, com os acervos a que pertenciam, localizados sobretudo nos EUA e na Europa, incluindo os arquivos portugueses<sup>455</sup>. Reconhecendo que a “grande cartografia nacional, que tanto prestigia Portugal no mundo culto, pertence quasi exclusivamente ao século XVI”, Cortesão admitiria a publicação de um quarto volume para o século XVII e um quinto para o século XVIII<sup>456</sup>.

Após diversos ajustamentos, a maioria de natureza financeira e outros rearranjos de contornos editoriais<sup>457</sup>, estaria agora mais consolidada a colaboração de Teixeira da Mota que

---

<sup>453</sup> Correspondendo a 700cts (Remunerações dos autores, assistentes, viagens, administração, etc.) a que se adicionariam 1.000cts de custos de edição (papel, gravura, impressão e encadernação). Refira-se que Cortesão propõe para sua remuneração 7,5cts mensais e para Teixeira da Mota 2,5cts, admitindo por conseguinte, a colaboração deste oficial de Marinha. Em carta a Pereira Dias datada de 24 de Novembro de 1954, sobre o projecto P.M.C., Cortesão justificaria as diferenças remuneratórias e repartição dos lucros: “Quanto a ter o Com<sup>te</sup> Teixeira da Mota como co-autor da obra, não tenho a menor objecção a fazer e a sua cooperação decerto poderá ser muito valiosa. Sinto-me porém naturalmente embaraçado ao propor remunerações, pelo que no Anexo B nesse ponto apresento apenas sugestões. Estou pronto a aceitar quaisquer modificações que julguem convenientes ou mais justas, e como verás eu já reduzi a minha percentagem de 38 para 32, a fim de facilitar o arranjo das contas.

Devo explicar que o meu critério ao fazer tão delicada sugestão subordina-se ao seguinte: a) provavelmente (e aliás como convirá à unidade da obra e sua execução nos prazos determinados) a mim caberá quasi todo o trabalho, que forçosamente será intensíssimo; b) dedicar-lhe todo o meu tempo; c) minha maior idade, experiência e especialização no assunto; d) concepção da obra e muitos meses de trabalho preparatório que já lhe tenho dedicado; e) como absolutamente necessito de trabalhar para viver e este provavelmente será o último grande trabalho que terei tempo para escrever, a ele não me abalançaria sem remuneração condigna”. Cf. A.N.T.T., Arquivo Oliveira Salazar, A.O.S./CO/UL – 22, pasta 17 [P.M.C.], fl. 641 e verso.

<sup>454</sup> Cf. A.N.T.T., Arquivo Oliveira Salazar, A.O.S./CO/UL – 22, pasta 17 [P.M.C.], fls. 654-655 e Anexo B em fl. 647.

<sup>455</sup> Refira-se a existência de mais de 80 obras (desde simples cartas, planisférios e atlas) com cerca de 450 espécimes cartográficos da autoria de pouco mais de uma vintena de cartógrafos. De acordo com Cortesão “Embora não exista, que se saiba, carta náutica ou geográfica anterior a 1500, existem algumas centenas do século XVI cuja importância histórica é muito grande, pois nenhuma outra cartografia antiga ultrapassa a portuguesa”. Cf. A.N.T.T., Arquivo Oliveira Salazar, A.O.S./CO/UL – 22, pasta 17 [P.M.C.], fls. 651 e 663-666. Listagem preliminar de cartas portuguesas.

<sup>456</sup> Cf. A.N.T.T., Arquivo Oliveira Salazar, A.O.S./CO/UL – 22, pasta 17 [P.M.C.], fl. 645.

<sup>457</sup> Saliente-se que as várias modificações que o plano sofreu eram sobretudo relacionadas com a vertente financeira do investimento, nomeadamente remunerações, repartição de lucros, encargos com viagens e, de certo modo *quem financiava o quê e quem*. Durante os meses finais de 1954 e os primeiros de 1955, o processo negocial, ocupou literalmente Armando Cortesão que afanosa e empenhadamente se desdobrou em contactos e reuniões.

então se encontrava em serviço na Guiné<sup>458</sup>, apesar de algumas reticências e aspectos que gostaria de ver clarificados.

Cortesão dirigindo-se a Sarmento Rodrigues (que ocupava a pasta do Ultramar), enfatizará as condições criadas para o avanço da publicação dos *Portvgaliae* bem como as consequentes virtuosas razões para a participação de Teixeira da Mota:

“Quanto mais o projecto vai tomando corpo mais me convenço das múltiplas vantagens da associação do Cte. Teixeira da Mota, com quem sempre tenho tido as melhores relações de camaradagem intelectual e muito simpatizo, à sua realização. A sua competência no assunto é grande, o trabalho que realizou durante a sua recente missão ao estrangeiro é muito importante, a sua correcção e verdadeiro espírito de cientista agradam-me muito, e, “last but not the least”, a sua mocidade, aliada àquelas qualidades, garantiriam a conclusão e mesmo continuação da obra. A verdade é que, embora me sinta perfeitamente vigoroso de corpo e de espírito e na posse plena das minhas qualidades de trabalho, vou fazer 64 dentro em dias. O homem põe e Deus dispõe!

E assim foi que depois de o Dr. Mendes Correa ter entregue a V. Exa. a última forma que, segundo a conversa que tiveram, dei ao “Memorial” sobre o projecto de publicação, tendo-me ele dito que V. Exa. o enviaria ao Cte. Teixeira da Mota, enviei a este em 21 de Dezembro uma carta confirmando o meu desejo de que nos associássemos, na publicação da obra, mas sem entrar em pormenores [...].

A razão por que disse ao Cte. Teixeira da Mota que a sua participação no projecto certamente não prejudicaria a sua promoção, é porque como eu tomarei sobre mim o grosso do trabalho e lhe darei todo o meu tempo, de maneira exclusiva, embora a sua colaboração seja muito importante, esta não careceria de ser contínua e para ele absorvente, como para mim será, podendo ele tomá-la como trabalho acessório sem prejudicar a sua carreira”<sup>459</sup>.

---

<sup>458</sup> Em carta enviada de Bafatá em 12 de Janeiro de 1955, Avelino Teixeira da Mota, além da admiração que sempre nutriu por Armando Cortesão e da honra que admite sentir por colaborar no projecto, expressa algumas preocupações: “Não recebi até agora o Memorial a que V. Exa. se refere nem qualquer comunicação do Senhor ministro do Ultramar. No telegrama de V. Exa. diz-se que “tudo se pode arranjar sem prejudicar promoção”; disto deduzo que já houve conversações com o Ministério da Marinha (entre o Almirante Américo Tomaz e o Cmte. Sarmento Rodrigues?) sobre o assunto. É este um pormenor especialmente delicado, por motivos que seria longo expor. Há ainda a minha situação na Missão Geohidrográfica, a que me prendem, além de interesses materiais, razões sentimentais – à boa camaradagem que me liga aos oficiais que nela trabalham alia-se o desejo de não abandonar já a obra comum à qual dediquei boa parte da minha actividade profissional”. Cf. A.N.T.T., Arquivo Oliveira Salazar, A.O.S./CO/UL – 22, pasta 17 [P.M.C.], fl. 672.

<sup>459</sup> Cf. Carta de Armando Cortesão ao Comandante Sarmento Rodrigues de 16 de Janeiro de 1955, A.N.T.T., Arquivo Oliveira Salazar, A.O.S./CO/UL – 22, pasta 17 [P.M.C.], fl. 671 e verso.

Em 8 de Março de 1955 Sarmiento Rodrigues envia a Oliveira Salazar uma “Nota acerca da Publicação duma *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*”<sup>460</sup>. Dos vários aspectos abordados, que incluem um resumo do plano apresentado por Cortesão, salientem-se como questões menos consensuais, a modalidade e instituições financiadoras, as remunerações dos autores (em particular a de Armando Cortesão -16cts/mensais-, considerada excessiva, apesar das qualidades, competência e idoneidade demonstrados) e a colaboração subalternizada do 1º Ten. Teixeira da Mota. Encarava-se como salutar a associação de instituições como a Sociedade de Geografia de Lisboa e a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Não era usual o Ministério do Ultramar subsidiar publicações, mas sugeria-se que pudesse comprar alguns exemplares, bem como o Ministério da Marinha, dos Negócios Estrangeiros e também a Secretaria Nacional da Informação. A própria Agência Geral do Ultramar e a Junta de Investigações Científicas do Ultramar poderiam repartir parte dos fundos a disponibilizar. Já quanto à participação de Teixeira da Mota “[...] Não era provável que o ten. Mota pudesse limitar-se a desempenhar um papel secundário na orientação técnica da publicação porquanto ele deve dispor de uma boa se não da maior parte dos elementos de valor para a elaboração de tal trabalho. Ora, sendo a direcção técnica de outra pessoa, logicamente a sua posição ficaria diminuída. Poder-se-ia encarar uma associação técnica, na direcção”. Ou sugeria-se uma alternativa: “Preparar vários volumes, tendo cada um deles um director técnico. Alguns podiam ser dirigidos por Armando Cortesão outros por Teixeira da Mota etc. Seria possível que para cada volume houvesse necessidade de recorrer à contribuição de vários técnicos, sobretudo se a ordenação fosse cronologicamente, embora um deles tivesse papel preponderante”<sup>461</sup>.

### *Os Portvgaliae Monvmenta Cartographica, uma magnum opus*

Ciente da dimensão do projecto e do tempo necessário à sua concretização, Cortesão propõe a colaboração do capitão-tenente da Armada Teixeira da Mota, que por estar a cumprir comissão na Guiné, só ficaria mais disponível a partir de 1957 e que no seu *curriculum* apresenta já uma assinalável experiência pelos diversos estudos, pesquisas e missões em que

---

<sup>460</sup> Em papel timbrado do Gabinete do Ministro – Ministério do Ultramar, Sarmiento Rodrigues, solicita ao Presidente do Conselho de Ministros, Oliveira Salazar, orientação sobre publicação e possível patrocínio dos *P.M.C.* Salazar despacha favoravelmente a 29 de Março. Cf. A.N.T.T., Arquivo Oliveira Salazar, A.O.S./CO/UL – 22, pasta 17 [P.M.C.], fls. 673-677.

<sup>461</sup> Cf. A.N.T.T., Arquivo Oliveira Salazar, A.O.S./CO/UL – 22, pasta 17 [P.M.C.], fl. 674.



participou nos domínios da geografia, hidrografia e cartografia. Para o resultado final, contribuiriam não só o conhecimento resultante de anos de pesquisas e estudos de Cortesão, como o percurso de investigação de Teixeira de Mota<sup>462</sup>.

Em Agosto de 1956, em comunicado, Caeiro da Matta, referindo-se aos *Portvgaliae*, diria entre outras informações que:

“Constará esta obra de quatro volumes grande fólio (48x61cm), com um total de cerca de 1300 páginas, em que serão reproduzidas mil a mil e cem cartas portuguesas antigas, incluindo neste número portadas e tábuas, régua e figuras cosmográficas de numerosos atlas manuscritos. A obra conterà mais de 550 páginas de gravuras; das cartas a reproduzir 40 serão a cores, o que permitirá apreciar alguns dos mais belos espécimes da iluminura cartográfica portuguesa, por vezes riquíssima. Na sua grande maioria, as cartas a reproduzir já eram conhecidas, mas não poucas foram descobertas pelo Comandante Teixeira da Mota durante a sua missão de investigação em grande número de arquivos europeus, a propósito da nossa participação nas comemorações do IV Centenário da Fundação de S. Paulo. Muitas das numerosas fotografias que então obtive, por conta do Ministério dos Negócios Estrangeiros, serão agora aproveitadas para esta obra [...]. As fotografias das outras cartas, ou já se encontravam no arquivo particular do Sr. Dr. Armando Cortesão ou foram por este obtidas em recentes visitas que, em serviço da Comissão, fez a várias bibliotecas e arquivos dos Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, França, Alemanha, Áustria, Bélgica, Holanda e Itália. Só dos Estados Unidos vieram mais de 300 fotografias, cerca de 200 das quais são de cartas isoladas e de atlas até hoje completamente desconhecidos ou ainda inéditos. [...] É uma obra nacional, executada por Portugueses”<sup>463</sup>.

Foram cinco anos de trabalho intenso<sup>464</sup>, em que as dificuldades e os entraves ao envio de documentos do estrangeiro foram uma constante realidade, sobretudo se tivermos em conta que se tratou de uma vasta e fragmentária operação de referenciação, identificação e

---

<sup>462</sup> Cortesão terá visitado, num ano “[...] dezanove países na Europa e na América, estudando espécimes já mais ou menos conhecidos, buscando outros e procurando obter boas fotografias de todos [...]” e “Teixeira da Mota havia visitado em 1953-54, várias colecções e arquivos europeus, reunindo alguns milhares de fotografias de espécimes de cartografia antiga, tanto portuguesa como outra, que inicialmente se destinavam às Comemorações do Quarto Centenário da Fundação de São Paulo, mas de facto não chegaram a ser utilizadas para esse fim”. Cf. *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, vol. I, p. xxxvi.

<sup>463</sup> Comunicação feita à Imprensa e Rádio em 13 de Agosto de 1956, José Caeiro da Matta, *Comemorações do V Centenário da morte do Infante Dom Henrique*, vol. I, 1961, p. 180.

<sup>464</sup> Cortesão confessa uma verdadeira alteração de antigos hábitos de vida: “Começo invariavelmente às cinco da manhã, quando não mais cedo. Por volta das oito, almoço; pouco depois volto de novo ao trabalho. Cerca da uma da tarde tomo outra refeição, a que posso chamar «jantar». Em seguida repouso. Das dezasseis às vinte e uma horas continuo sem descanso. Depois de sistematizar os assuntos, com um maço de apontamentos à minha frente redijo o texto em inglês”. Vide entrevista a Armando Cortesão, António Valdemar, “Através da nossa cartografia reflecte-se a história do descobrimento da maior parte do mundo”, *Ocidente*, vol. LVIII, nº 265, Lisboa, Maio de 1960, p. 249.

descrição de exemplares espalhados por diversos repositórios em todo o mundo. A edição prevista para 1960, constituiu um permanente e inultrapassável contingente para a concretização. Alguns episódios revelam bem as dificuldades e barreiras a contornar, como é o caso da “[...] carta de Lopo Homem que pertence ao Duque Salviati de Migliarino, em Roma [...] apesar de todas as diligências diplomáticas e particulares do mais alto nível, não só não respondeu às cartas que lhe dirigiram como se recusou de atender ao telefone todas as pessoas que lhe iam falar do caso”, ou ainda o que se passou com “o planisfério de Diogo Ribeiro de 1525, existente no arquivo Marchesse Castiglioni, em Mântua. Apesar das promessas do actual Marquês, nunca nos foi consentido que fotografássemos o planisfério”<sup>465</sup>. Por outro lado registam-se situações favoráveis, mesmo tendo em conta que Portugal não tinha relações diplomáticas com países do Bloco de Leste, como era o caso da União Soviética, que “por intermédio da Academia de Ciências de Moscovo, ofereceu-nos mais de trinta magníficas fotografias de documentos existentes na Biblioteca de Leninegrado”<sup>466</sup>. Leite Faria, referindo-se a Teixeira da Mota, constataria que a pesquisa para o inventário e reprodução fotográfica da cartografia portuguesa antiga tinha sido feita com:

“[...] eficiência e escrupulosidade. Muitos poucos anos depois dessa pesquisa, tendo ido eu em 1960 a uma pequena povoação a Baviera, à cidadezinha de Dillingen, para consultar a sua biblioteca, a *Kreis-und Studien-bibliothek*, reparei que na desarrumada sala do catálogo, debaixo de um vidro que cobria uma mesa cheia de montões de livros, estava um mapa antigo, que me pareceu ser português. Chegado a Lisboa, comuniquei isso ao então Comandante Teixeira da Mota; respondeu-me ele supor que género de mapa seria esse e indicou-me outros iguais ou parecidos, que se encontram em várias cidades da Europa Central”<sup>467</sup>.

A qualidade do *corpus* textual era garantida através de um exigente processo de revisão na dupla vertente de português e inglês<sup>468</sup>. Teixeira da Mota, no relatório de

---

<sup>465</sup> Idem, *ibidem*, p. 251.

<sup>466</sup> Idem, *ibidem*, p. 251.

<sup>467</sup> Francisco Leite Faria, *Elogio do Almirante Avelino Teixeira da Mota*, Lisboa, A.P.H., 1985, p. 25.

<sup>468</sup> Segundo as palavras de Cortesão “[...] habituei-me a falar e a escrever só em inglês. O original desta língua segue para Londres para Mr. R. A. Skelton [...]. Este meu amigo lê-o, e em face dos seus belos conhecimentos e da estupenda Biblioteca que tem à mão, faz-me, por vezes sugestões que aceito na generalidade e incluo na prosa definitiva. Feito este trabalho, traduzo o texto para o meu idioma e envio-o ao Prof. Damião Peres e a Teixeira da Mota. Há uma nova verificação. Após tudo isto é que remeto o texto para a tipografia. As duas primeiras provas em inglês seguem para Mr. R. A. Skelton e para Mr. Carry, este último, revisor oficial da Cambridge University Press. As provas em Português são examinadas por Teixeira da Mota, Dr. Pereira Dias e pelos revisores da Universidade de Coimbra, Drs. César Pegado e Jorge Peixoto. As primeiras e últimas provas tanto em Português como em Inglês são fiscalizadas apenas por mim. A parte desta obra pertencente a Teixeira da Mota (fins do século XVI e século XVII) é escrita em Português e traduzida por Mr. R. A. Skelton. Até ficar no definitivo, sujeita-se a uma operação idêntica à minha”. Vide Valdemar, *op. cit.*, p. 249.

actividades da Secção de Cartografia Antiga, sintetizaria o vasto acervo fotográfico obtido nesses anos de pesquisa e inventariação das espécies cartográficas encontradas no País e no estrangeiro: cerca de 2.200 negativos e 1.500 microcópias. Dos arquivos e colecções existentes no país seriam quase 2.900 reproduções (negativos e microcópias de exemplares pertencentes ao Arquivo Cadaval, Biblioteca Nacional e da Ajuda, entre outras) a que se juntam mais 879 provenientes do estrangeiro (na sua maioria da Biblioteca da Universidade de Leiden e do Brasil)<sup>469</sup>.

Do plano inicial de três volumes (com algumas centenas de tiragem cada), e no decurso dos trabalhos de pesquisa, chegaram à “[...] conclusão que eram mais numerosos e importantes os espécimes de cartografia seiscentista do que a princípio havíamos julgado [...]”<sup>470</sup>, pelo que a obra final acabou por ser dimensionada em cinco volumes principais (os quatro primeiros publicados em 1960 e o quinto em 1962) e um *índex* de apoio<sup>471</sup>.

### Dados bibliográficos e elementos estatísticos

. São 5 Volumes de formato *in-fólio*, com página de 470x610mm e *mancha* de 308x432mm<sup>472</sup>, com encadernação editorial em «linson», com dizeres a ouro nas lombadas e pastas. As capas apresentam escudos com as cinco quinas e a divisa do Infante D. Henrique, *Talant de biē faire*. Nas contracapas figurará uma rosa-dos-ventos estilizada em dourado. Os dados Bibliográficos são os seguintes:

. Volume I apresenta 97 estampas (10 a cores) em 242 páginas, com mais 206 páginas de texto (21 figuras no texto), num total de 448 páginas. Dos 42 artigos, 33 são de Cortesão, 8 de Teixeira da Mota e 1 é de autoria de ambos<sup>473</sup>. Acabado de imprimir em 10 de Março de 1960, embora o Prefácio seja datado de 28 de Março;

---

<sup>469</sup> Vide Quadro informativo, Avelino Teixeira da Mota, “Relatório de actividades da Secção de Cartografia Antiga”, *Anais, Relatório das actividades dos organismos dependentes da Junta de Investigações do Ultramar*, vol. 15, Lisboa, J.I.U., 1960, p. 496.

<sup>470</sup> António Valdemar, *op. cit.*, p. 248.

<sup>471</sup> “*Publicação em 6 volumes, sendo 5 em grande fólio (480x610 mm) e um de formato reduzido (in-4.º), com índices da obra. Nela estão reproduzidas mais de 1700 antigas cartas náuticas e geográficas portuguesas, acompanhadas de notas, comentários e bibliografia, redigidos em português e inglês*”, *Comemorações do V Centenário da morte do Infante Dom Henrique*, vol. IV, 1963, p. 195.

<sup>472</sup> Informação constante das páginas iniciais de cada volume, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, vol. I, Lisboa, edição fac-similada I.N.-C.M., 1987.

<sup>473</sup> “De modo que acordámos entre nós que seria apropriado, mesmo para se ter em atenção o interesse histórico e bibliográfico, indicar com as nossas iniciais (A.C.) ou (T.M.), na *Távua das Matérias*, o que cada um de nós originalmente escreveu”. Cf. *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, vol. I, 1960, p. xxxvi.

. Volume II apresenta 143 estampas (10 a cores) em 302 páginas, com mais 158 páginas de texto (14 figuras no texto), num total de 460 páginas. Dos 40 artigos, 29 são de Cortesão e 11 de Teixeira da Mota. Acabado de imprimir em 11 de Setembro de 1960;

. Volume III apresenta 148 estampas (10 a cores) em 300 páginas, com mais 142 páginas de texto (13 figuras no texto), num total de 442 páginas. Dos 27 artigos, 11 são de Cortesão e 16 de Teixeira da Mota. Acabado de imprimir em 28 de Março de 1959;

. Volume IV apresenta 131 estampas (10 a cores) em 272 páginas, com mais 188 páginas de texto (38 figuras no texto), num total de 460 páginas. Dos 36 artigos, 11 são de Cortesão e 25 de Teixeira da Mota. Acabado de imprimir em 26 de Março de 1960;

. Volume V apresenta 107 estampas (6 a cores) em 226 páginas, com mais 212 páginas de texto (24 figuras no texto e 101 desenhos), num total de 438 páginas. Dos 21 artigos, 8 são de Cortesão e 13 de Teixeira da Mota. Acabado de imprimir em 4 de Junho de 1962<sup>474</sup>;

. Volume VI - Índex, em formato *in-4º*, com página de 236x302mm e *mancha* de 191x252mm, com 138 páginas (xxix+109 págs.), publicado em 1962 (impressão concluída em 16 de Junho). Contém lista alfabética dos cartógrafos portugueses anteriores ao século XVIII e suas obras conhecidas, lista cronológica das obras cartográficas portuguesas conhecidas, lista das instituições onde se sabe que existem as referidas obras, addenda & errata e um índice geral alfabético<sup>475</sup>;

. A Edição é bilingue com textos paralelos em português e inglês;

. Responsabilidade editorial da Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique. Direcção de Armando Cortesão com a cooperação de capitão-tenente Avelino Teixeira da Mota;

. De uma tiragem de 1500 exemplares (mais de um milhar de colecções foram oferecidas a instituições culturais em todo o mundo), sendo algumas centenas colocadas à venda através da Livraria Sá da Costa, em Lisboa, a um preço de 15 contos;

. Contém 804 páginas de texto, 628 estampas (muitas em página dupla, algumas em tripla e quádrupla), das quais 48 coloridas, que reproduzem 1.674 espécimes cartográficos,

---

<sup>474</sup> Com excepção da informação relativa aos artigos (que constam discriminados no Anexo II) e das datas de impressão referidas nas últimas páginas de cada volume, para os restantes dados, vide *Comemorações do V Centenário da morte do Infante Dom Henrique*, vol. IV, 1963, pp. 195-196.

<sup>475</sup> A existência de um volume contendo 4 relações de índices dos conteúdos da vasta obra, organizadas de diversa forma muito vieram facilitar o estudo e pesquisa de investigadores e leitores, facto a que não serão alheios os conhecimentos colhidos pelos Autores no guia de G. V. Carey, *Making an Index*, London, Cambridge University Press, 1951.

com 220 ilustrações no texto, o que perfaz um total de 2.170 páginas<sup>476</sup>. O *corpus* textual da obra é composto por 166 artigos dos quais 92 de Armando Cortesão, 73 de Teixeira da Mota e 1 de autoria conjunta;

. Cerca de 60 toneladas de papel e cartão, necessárias ao processamento dos 9.000 volumes foram especialmente fabricados e fornecidas pela Fábrica de papel de Porto de Cavaleiros<sup>477</sup>. A composição do texto e a impressão foram levadas a cabo pela Imprensa de Coimbra. As estampas monocromáticas foram gravadas e impressas pela Neogravura e as estampas a cores foram executadas pela Litografia de Portugal<sup>478</sup>. A encadernação esteve a cargo de Frederico de Almeida<sup>479</sup>;

. Foram referenciados 115 nomes de cartógrafos, dos quais 70, com trabalhos assinados ou atribuídos, num total de 290 obras. Consideraram ainda a existência de 62 obras anónimas. O total de espécimenes identificados ascende a mais de 3000 exemplares (desde simples desenhos, esboços, plantas, planos, às mais elaboradas cartas náuticas e planisférios). Refira-se a identificação de 25 planisférios e que mais de um terço de todos os espécimes (cerca de 1000) foi da autoria de uma vintena de cartógrafos. Os espaços representados desde os magníficos *mappas-mundi*, cartas continentais e regionais até às localizadas plantas e desenhos de povoações e fortalezas são elucidativa mostra da mundivisão e arte de representar, conseguida nas escolas cartográficas portuguesas;

. O período da pesquisa vai desde o último quartel do século XV (do qual se apresentam apenas 3 cartas conhecidas)<sup>480</sup> até aos primeiros anos do século XVII<sup>481</sup>, sendo

---

<sup>476</sup> Cf. Notícia da publicação por Armando Cortesão, “Chronicles - Portugaliae Monvmenta Cartographica”, *Imago Mundi*, nº XVII, 1963, p. 105.

<sup>477</sup> Fundada em 1882, em Tomar, nas margens do rio Nabão, a Porto de Cavaleiros, uma das mais antigas unidades de produção papeleira, viria a encerrar portas em 2000, fazendo hoje parte do património arqueológico industrial.

<sup>478</sup> A Litografia de Portugal fundada em 1893, estava localizada no Bairro Alto em Lisboa (onde se concentravam prestigiadas empresas dedicadas às artes gráficas, tipográficas, editoriais e de imprensa em geral) e aí permanecerá até 1987. Prossegue actualmente a sua actividade nos arredores de Lisboa.

<sup>479</sup> Nasceu em Lisboa em 1889, como encadernador-dourador foi um dos mais conceituados do seu tempo, manifestando desde muito cedo uma forte inclinação para o ofício. Passou por algumas editoras e oficinas de Lisboa, onde foi aprendendo e aperfeiçoando a difícil arte de encadernar até fundar em 1926 a sua oficina de encadernação, “A Carmelita” à Calçada do Sacramento. A partir de então, dedicou-se à consulta de tratados franceses e italianos sobre esta temática. Os seus trabalhos tornaram-se conhecidos pelo toque artístico, sendo premiado com uma medalha de ouro. Em 1940 mudou-se para o Chiado, à Rua António Maria Cardoso, 31, onde ainda se encontra a oficina. Executou encadernações artísticas em clássicos obras de renome como *As Pupilas do Senhor Reitor* de Júlio Dinis, *Epopéia di Savoia*, *A Encadernação em Portugal* ou *Ao serviço de Portugal* de Caeiro da Matta, entre outras, que lhe granjearam uma ilustre clientela como o rei Humberto de Itália, o ou Conde de Barcelona, para presentear figuras ilustres. Cf. Matias Lima, *Encadernadores Portugueses*, Porto, [s.n.], 1956, pp. 19-23.

<sup>480</sup> A carta de Pedro Reinél de c. 1485, apenas foi incluída no último volume por ter sido trazida ao conhecimento público em Setembro de 1960, no decorrer dos trabalhos do V Colóquio Internacional de História Marítima que decorreu em Lisboa.

maior, a concentração de produção cartográfica a partir da primeira metade do século XVI. Este extenso conjunto estava disperso por 18 países (incluindo Portugal) e mais de uma centena de instituições desde colecções particulares, arquivos, bibliotecas, museus e mapotecas. Dos três milhares de exemplares cartográficos apenas 40% estariam em Portugal.

. Os valores globais envolvidos seriam da ordem dos 22.500 contos (1500x15cts). Recorrendo a uma actualização de preços poderemos chegar a um montante actual situado entre os 5 e 6 milhões de Euros de receitas de venda de toda a publicação.

. Actualmente escassa, a oferta no mercado de antiguidades e livro raro, de colecções originais dos *Portvgaliae*, ocorrendo ocasionalmente leilões onde um conjunto completo e em bom estado de conservação (incluindo um móvel-estante que os autores mandaram desenhar, para guardar e mais comodamente consultar a obra), pode atingir valores da ordem dos cinco milhares de Euros, sobretudo pela procura vinda de coleccionadores estrangeiros.

### Os impactos historiográficos nos planos interno e externo

Mais tarde Cortesão constataria que “[...] a notável e dispendiosa *Portvgaliae Monvmenta Cartographica* de que cerca de mil exemplares foram oferecidos a instituições culturais em todo o mundo [...]”<sup>482</sup>, tinha sido um sucesso generalizado tanto no plano nacional, como veio a colher amplo elogio e reconhecimento internacional, conforme atestam as largas dezenas de cartas de agradecimento recebidas, das mais prestigiadas bibliotecas, arquivos, universidades e revistas espalhados pelos quatro cantos do mundo. De quase uma centena de agradecimentos provenientes das entidades contempladas com os *P.M.C.*, apenas reproduzimos aquelas que para além de expressarem a mera gratidão, formulam comentários de carácter apreciativo<sup>483</sup>. Em síntese “These volumes are a treasure of cartographic history and, in addition, are beautifully presented, beautifully printed and bound. [...]”<sup>484</sup> e o “[...] reconhecimento da centenária instituição brasileira, que recolhe desta maneira à sua preciosa

---

<sup>481</sup> Com o estudo do planisfério de 1706 da autoria de José da Costa Miranda. Cf. *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, vol. V, p. 55.

<sup>482</sup> A. Cortesão, “Discurso [na sessão inaugural]”, *Actas da I Reunião Internacional de História Náutica, realizada em Coimbra de 23 a 26 de Outubro de 1968, sob o patrocínio das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral*, vol. XXIV, Coimbra, R.U.C., 1971, p. 4.

<sup>483</sup> Vide *Comemorações [...]*, vol. IV, 1963, pp. 367-381, parcialmente reproduzidas no Anexo III.

<sup>484</sup> Comentário da National Geographic Society, Washington.

mapoteca a obra monumental, que prova o saber e a perícia dos técnicos, que aprimoraram a cartografia lusitana [...]”<sup>485</sup>.

Acrescente-se que saíram recensões críticas no *The Geographical Journal*, *The American Historical Review*, *Journal of the Royal Asiatic Society* e na *Scottish Geographical Magazine*, nas revistas *Archeion e Brotéria*, e no *Boletim da Sociedade de Geografia Brasileira*, tendo ainda, os *Portvgaliae*, sido anunciados no 8º Congresso Internacional de História das Ciências que teve lugar em Florença em 1956<sup>486</sup>. Na prestigiada *Imago Mundi*, Boxer encarregar-se-á de anunciar a realização de Cortesão e Teixeira da Mota<sup>487</sup>.

Em 1987, no âmbito do Programa Nacional de Edições Comemorativas dos Descobrimentos Portugueses<sup>488</sup>, os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, em nova edição da Imprensa Nacional, serão objecto de actualização<sup>489</sup> por Alfredo Pinheiro Marques, com introdução de nota crítica e enquadramento historiográfico<sup>490</sup>. Para além da referida actualização são também apresentadas 6 novas cartas entretanto conhecidas, com respectivas notas biográficas e descritivas, das quais a carta de Jorge Aguiar de 1492<sup>491</sup>, o que faz elevar para apenas quatro os exemplares que nos chegaram de cartas do século XV. Esta reedição, destinada à curiosidade de um público mais alargado, apresenta-se em 6 volumes, em *fac-simile* compacto, sem a exuberância da edição original<sup>492</sup>.

---

<sup>485</sup> Comentário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

<sup>486</sup> Domingos Maurício, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, Lisboa, Edições Brotéria, 1961; Revista *Brotéria*, nº 72, Junho de 1961, pp. 660-684, mas sem grande parte das suas notas bibliográficas; G. R. Crone, Crítica a *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, vols. I-IV, Lisboa, 1960, *TJG*, vol. 126, nº 4, Dec. 1960, pp. 547-548, e Crítica a *P.M.C.*, vol. V, e vol. Índex, Lisboa, 1960, *T.G.J.*, vol. 129, nº 2, Jun. 1963, p. 235; J. de Mello Morales, *Portvgaliae Monvmenta Cartográfica*, Rio de Janeiro, 1964, separata do *Boletim da Sociedade de Geografia Brasileira*, nº 9; C. R. Boxer, “Portvgaliae Monvmenta Cartographica by Armando Cortesão and A. Teixeira da Mota [...]”, *Journal of the Royal Asiatic Society*, vol. 94, nº 3-4, Oct. 1962, pp. 165-166; Christian Brun, “Portvgaliae Monvmenta Cartographica [...]”, *T.A.H.R.*, vol. 68, nº 4, Jul. 1963, pp. 1125-1126 e A. Cortesão, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, in *Actes du VIII Congrès Internationale d’Histoire des Sciences*, Firenze, 1956, pp. 451-455.

<sup>487</sup> Charles Boxer, ““Portvgaliae Monvmenta Cartographica” by Armando Cortesão and A. Teixeira da Mota, (vols I-IV; vols V and VI in the press). [...], 1960-‘62”, *Imago Mundi*, nº XVI, 1962, p. 163.

<sup>488</sup> Ciclo de edições comemorativas dos centenários das grandes navegações portuguesas, de Bartolomeu Dias a Pedro Álvares Cabral (1487-1500).

<sup>489</sup> Alfredo Pinheiro Marques, “Adenda de Actualização – Novos elementos sobre a Cartografia Portuguesa vinte e sete anos depois da primeira publicação dos *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*”, in Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, reprodução fac-similada da edição de 1960, com índex da edição original, vol. VI, Lisboa, I.N.-C.M., 1987, pp. [12] - [113].

<sup>490</sup> Idem, “Os Portvgaliae Monvmenta Cartographica e o seu Significado na Historiografia e na Cultura Portuguesa”, in Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, vol. I, Lisboa, I.N.-C.M., 1987, pp. [13] - [22].

<sup>491</sup> Idem, *ibidem*, vol. VI, p. [15]. Além da carta de 1492, são apresentadas 2 cartas anónimas do séc. XVI e 3 cartas do séc. XVII.

<sup>492</sup> Com páginas de 260x358mm e *mancha* de 231x335mm, encadernação em *bordeaux*, papel 120g/m<sup>2</sup> fornecido pela Parel e estampagem em cor da Litografia de Portugal.

Segundo Pinheiro Marques, “A história da cartografia portuguesa é sobretudo dominada pela obra do grande especialista que foi Armando Cortesão e, em menor escala, pela de Avelino Teixeira da Mota. De uma excepcional relevância a todos os níveis na cultura portuguesa é a monumental realização que os dois levaram a cabo em colaboração: os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*. Trata-se de uma colectânea de reproduções e estudos de quase todas as cartas e atlas portugueses dos séculos XV-XVII, magnífica de apresentações e utilidade e exemplar a nível internacional”<sup>493</sup>.

Mais recentemente, Ramada Curto identificaria no campo de estudos sobre história do império em período posterior à Segunda Guerra Mundial, três grupos de capazes de definir áreas de actuação: “[...] o dos eclesiásticos e missionários orientados para o estudo das práticas religiosas; segundo, o dos homens de ciência, cujo arquétipo se poderia encontrar na figura do oficial de marinha; e, por último, o dos universitários que, espalhados por diferentes instituições académicas, ainda estariam longe de ter assumido a condução mais dinâmica do campo de estudos em causa”<sup>494</sup>. Se nestes atributos classificativos, Teixeira da Mota encaixava em pleno, já Cortesão teria de “esperar” um ano para ser reconhecido com um doutoramento *Honoris Causa*, concedido pela Universidade de Coimbra em 1961. O facto de não ser proveniente dos meios académicos não obistou a que no campo da história da Cartografia não lhe fosse atribuído amplo reconhecimento nacional e internacional. Na leitura de Ramada Curto, tal reconhecimento da academia coimbrã, na sequência da publicação da colectânea cartográfica, teria por um lado o objectivo político de justificar “a presença de Portugal no mundo, velha de cinco séculos, mas sempre associada à produção de conhecimentos científicos, [... cujo gesto...] não era o de simples correia de transmissão de um regime ditatorial”<sup>495</sup>. Salienta ainda que o facto de um dos oradores, Luís de Albuquerque, matemático e historiador de créditos firmados, já reconhecido pelas suas posições de esquerda, revelava que a “universidade se sentia autorizada a constituir a ciência como um campo autónomo, capaz de pairar acima dos seus usos políticos”. Por outro lado era conhecida a veemência com que Cortesão defendia as suas convicções e posições historiográficas, por vezes acerrimamente entrincheiradas num inabalável reduto patriótico, como refere Albuquerque, a propósito das inúmeras divergências que resultaram ao longo de quase duas décadas de convivência e trabalho “Armando Cortesão defendia sempre as suas

---

<sup>493</sup> Alfredo Pinheiro Marques, *Guia de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa: Estudos*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988, p. 167.

<sup>494</sup> Diogo Ramada Curto, “A historiografia do império português na década de 1960: formas de institucionalização e projecções”, *Revista História da Historiografia*, nº 10, Ouro Preto, Dezembro 2012, p. 112.

<sup>495</sup> Idem, *ibidem*, p. 114.



decisões com decidida e também romântica situação de quem se encontrava na barricada de defesa das glórias da História Pátria, contra todos aqueles que pretendessem, em sua opinião, denegri-la”<sup>496</sup>.

João Carlos Garcia, reconhecendo em 2005 que o resultado final foi uma obra única, definitiva e de referência entre a bibliografia científica internacional sobre a cartografia, não deixará contudo, de apontar quatro aspectos críticos que, do seu ponto de vista, estão relacionados com o acentuado enfoque nacionalista e colonial: “el restringido âmbito internacional de los autores y los mapas analizados; la escassa atención prestada a la cartografía terrestre de Portugal; el escasso análisis de los mapas grabados así como la relación de éstos com los manuscritos y, finalmente, la división en períodos prefijada para la recopilación”<sup>497</sup>. Já em 1991, num ciclo de conferências sobre História da Cartografia, organizado pelo Institut Cartogràfic de Catalunya, os geógrafos portugueses, Maria Fernanda Alegria e João Carlos Garcia<sup>498</sup> ao percorrerem as etapas da evolução da Cartografia Portuguesa desde o século XV, assinalam o carácter único e incontornável dos estudos legados por Cortesão e Mota, referindo até, uma sintética, mas significativa opinião que Magalhães Godinho veiculara em 1988: “Os corpus das fontes que se editaram careciam (...) de solidez erudita, de rigor e de abertura de espírito; e de tudo ficaram quase só *os Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, porque num domínio que não se pensava que ter implicações ideológicas; as próprias colecções de divulgação foram desastrosas”<sup>499</sup>.

No mega e universal projecto, que se leva a cabo desde 1987, na Universidade de Chicago, pela iniciativa de Harley<sup>500</sup> e Woodward<sup>501</sup>, com o não menos sumptuoso título de

---

<sup>496</sup> Luís de Albuquerque, “A Cartografia Portuguesa dos séculos XV a XVII”, Separata de *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, vol. II, Publicações Comemorativas do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1986, p. 1067.

<sup>497</sup> João Carlos Garcia, “Realidades y desvarios: Armando Cortesão y la Historia de la Cartografía Portuguesa”, *El Mundo de los Mapas*, 2007, pp. 204-205.

<sup>498</sup> Maria Fernanda Alegria e João Carlos Garcia, “Etapas de Evolução da Cartografia Portuguesa (séculos XV a XIX)”, *La Cartografía de la Península Ibérica i la seva extensió al continent americà*, Barcelona, Institut Cartogràfic de Catalunya, 1991, pp. 225-279.

<sup>499</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 231, apud Vitorino Magalhães Godinho, “Portugal e os Descobrimentos”, *Revista da História Económica e Social*, nº 22, Lisboa, 1988, p. 28.

<sup>500</sup> John Brian Harley (1932-1991). Geógrafo, cartógrafo e historiador inglês. Professor de Geografia, dedicou-se à História da Cartografia, publicou e introduziu o uso dos mapas para historiadores amadores. A partir da década de 1970 inicia uma abordagem *filosófica* aos mapas, ganhou amplo destaque entre geógrafos e teóricos sociais, contribuindo para a emergência de uma corrente disciplinar, a *cartografia crítica*. Em 1986 muda-se para os Estados Unidos e lecciona geografia na Universidade de Wisconsin-Milwaukee. Até à sua morte, foi impulsionador e co-editor com David Woodward, do projecto *The History of Cartography*.

<sup>501</sup> David Alfred Woodward (1942-2004). Historiador da Cartografia, geógrafo e cartógrafo americano de origem britânica. Associado a J. B. Harley concebeu e liderou o projecto da obra de cariz enciclopédico, *The History of Cartography*. Centrou-se na evolução técnica do mapeamento, desde os períodos mais remotos em que analisou o lugar da cartografia no mundo nas suas implicações sociais e filosóficas. Acreditava que a representação

*The History of Cartography*<sup>502</sup>, as referências aos *Portvgaliae*, concentram-se sobretudo no volume dedicado à cartografia renascentista europeia, onde no capítulo dedicado às cartas portulano, Tony Campbell assinalará os qualificados contributos de Cortesão, nas interpretações das raras cartas portuguesas sobreviventes do último quartel do século XV<sup>503</sup>. Mas será no capítulo referente à cartografia portuguesa renascentista, assinado por Alegria e Garcia, a que se associaram Suzanne Daveau e o investigador catalão Francesc Relano<sup>504</sup>, que se evidenciará a importância dos trabalhos de Cortesão e Teixeira da Mota, com particular relevância na cartografia náutica produzida nos séculos XV a XVII. Edição recente deste estudo, disponibilizada em português<sup>505</sup>, assentará o seu núcleo analítico na investigação desenvolvida nos *Portvgaliae*, realçando no entanto, e uma vez mais, a dicotomia verificada entre as duas perspectivas da Cartografia. Na leitura destes autores “[...] Os mapas náuticos sempre foram privilegiados, porque mais numerosos, mais originais, mais atractivos e, ideologicamente, mais importantes para defender e difundir construções historiográficas nacionalistas. Dos mapas terrestres, em contrapartida, apenas alguns, menos preciosos e isolados, construídos muitas vezes por estrangeiros, suscitaram escassos estudos”<sup>506</sup>.

Em 2012, num artigo sobre Cartografia náutica, concluirá Contente Domingues que “A *Portvgaliae Monvmenta Cartographica* foi uma obra de regime: sabe-se hoje que Salazar acompanhou a par e passo a sua elaboração, interessando-se pelo decurso dos trabalhos. Mas, cumpre dizê-lo, não foi uma obra feita para o regime”<sup>507</sup>. Curiosamente, e a propósito dá-nos conta de que a menção do nome de Oliveira Salazar, teria provocado “um riso contido mas audível”, numa audiência quase exclusivamente composta por britânicos, habituados a uma

---

gráfica e os mapas eram o resultado do conhecimento espacial e evolução cultural das sociedades. Ao alargar a cartografia de modo a abranger outras culturas incluindo o mundo africano, asiático e americano, tornou a concepção da história da cartografia mais ampla saindo da visão eurocêntrica e empirista dos mapas, para um campo mais global, alterando desta forma o paradigma de abordagem da História da Cartografia.

<sup>502</sup> Edição de J. B. Harley e David Woodward, *The History of Cartography*, 3 vols., 6 books, University of Chicago Press, 1987-2007. Projecto editorial, multi-autor, iniciado em 1975, de que já foram publicados 6 livros (em 3 volumes) entre 1987 e 2007, num total de cerca de 5000 páginas (até ao Renascimento), onde se pretende escrever a História da Cartografia desde a Antiguidade até aos nossos dias, numa perspectiva social e cultural. Estão previstos 12 livros em 6 volumes. Saliente-se que Luís de Albuquerque e Teixeira da Mota fizeram parte do *Editorial Board*, do primeiro Volume (1987). João Carlos Garcia encontra-se entre os consultores editoriais dos quarto e quinto volumes, ainda por publicar.

Vide <http://www.geography.wisc.edu/histcart/series.html> [Consultado em 6-2-2014].

<sup>503</sup> Vide Tony Campbell, “Portolan Charts from the Late Thirteenth Century to 1500”, *The History of Cartography*, vol. 1, 1987, pp. 371-463.

<sup>504</sup> Vide Maria F. Alegria, Suzanne Daveau, João C. Garcia e Francesc Relano, “Cartography in the European Renaissance”, *The History of Cartography*, vol. 3, 2007, pp. 975-1068.

<sup>505</sup> Vide idem, *História da Cartografia Portuguesa – Séculos XV a XVII*, Porto, Fio da Palavra, 2012.

<sup>506</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 19.

<sup>507</sup> Vide Francisco C. Domingues, “Cartografia náutica”, *História da Marinha Portuguesa*. Coordenador Francisco C. Domingues, *Navios, Marinheiros e Arte de Navegar 1500-1668*, Lisboa, Academia de Marinha, 2012, p. 506.

longa tradição de governação democrática, em que, dependência entre iniciativas privadas e apadrinhamento público não se apresentavam susceptíveis de compreensibilidade em pleno século XX<sup>508</sup>. Não fora a sua inclusão no programa oficial das comemorações henriquinas e consequente financiamento por dinheiros públicos e a obra não teria visto a luz do dia com a sumptuosidade com que hoje a podemos admirar. Contente Domingues não poupará palavras na sua objectiva, mas distinta apreciação da “obra maior da História da Cartografia Portuguesa”, salientando que se trata de:

“uma obra que representa o zénite da disciplina tanto como ela se fez em Portugal, como em grande medida no plano internacional. Sem desvalorizar o importantíssimo contributo de Avelino Teixeira da Mota para a *P.M.C.*, tanto ou mais que Armando Cortesão, importa reconhecer que é a este último que se devem os livros que estribaram a projecção da cartografia portuguesa no plano internacional [...]. A *PMC* continua a ser o espelho mais fiel do que se fez, e de quem fez, em Portugal, nos séculos XVI e XVII: como se disse acima foi um projecto de longa duração no qual Armando Cortesão trabalhou desde 1955, percorrendo cerca de vinte países em busca dos testemunhos sobreviventes da antiga cartografia portuguesa”<sup>509</sup>.

Ressalta da exposição efectuada, a magnitude do empreendimento, a monumentalidade dos *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, e se hoje temos acesso fácil aos espécimes da antiga cartografia portuguesa que sobreviveram à delapidação do tempo, a Armando Cortesão e Teixeira da Mota o devemos.

Se numa perspectiva de edição de fontes a inventariação apresentada nos parece inultrapassável, pela amplitude e exaustividade que a caracterizaram (atente-se que foram escassos os exemplares de cartografia náutica revelados no último meio século), já no que diz respeito aos aspectos interpretativos novas abordagens têm surgido, com particular significado em domínios mais parcelares ou estudos de espectro mais focado em regiões, períodos ou tendências cartográficas.

Faremos nossas as interrogações de Luís de Albuquerque, sobre algumas questões ainda em aberto<sup>510</sup>: “como se desenvolveu a técnica da representação cartográfica? Que sistemas de projecção se adoptaram (se algum bem definido chegou a ser usado)? Como se

---

<sup>508</sup> O episódio teve lugar na Universidade de Cambridge, nas Sanders Lectures, quando em 5 de Março de 2007, a historiadora Sarah Tyacke, ao proferir uma conferência, no âmbito do tema “Conversations with maps” se referia ao facto dos autores dos *P.M.C.* encabeçarem a sua extensa lista de agradecimentos, com uma especial palavra de reconhecimento a Salazar, seguindo-se Ministros e demais entidades que representavam os poderes públicos. Vide idem, *ibidem*, pp. 503-506.

<sup>509</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 508 e 511.

<sup>510</sup> Vide Luís de Albuquerque, “Sobre a História da Ciência em Portugal [1961-1963]”, *Crónicas de História de Portugal*, Lisboa, Presença, 1987, p. 136.

explica a decadência da cartografia portuguesa, manifestada logo depois do nível tão aperfeiçoado que atingiu no século XVI?”.

## 6. A História da Cartografia Portuguesa e os últimos trabalhos

Após meio século dedicado aos estudos da Cartografia Antiga, entre os quais pontuava uma década de reconhecimentos provenientes das mais variadas instituições, com títulos *honoris causa*, participação e colaboração em fóruns internacionais da especialidade (como a *Imago Mundi* e a *Reunião Internacional de História da Náutica*), actividade académica na Universidade de Coimbra e um já extenso número de artigos e publicações sobre temáticas abrangentes, mas sobretudo relacionados com as suas investigações nos domínios da historiografia da expansão portuguesa e da cartografia renascentista, Cortesão, quase octogenário, entraria numa fase de concretização de um sonho antigo, desde há muito idealizado, ou seja, publicar uma obra com a sua visão global sobre a História da Cartografia Portuguesa<sup>511</sup>.

Com a publicação dos *Portvgaliae*, o *corpus* documental da cartografia renascentista portuguesa tinha sido substancialmente aumentado e o seu enquadramento historiográfico, proveniente de *Cartografia e cartógrafos*, encontrava-se necessitado de actualização, não só porque tinham decorrido mais de trinta anos sobre a sua vinda a público, mas também porque tinham surgido novos dados e abordagens históricas. O contexto da investigação tinha mudado, novos interesses e recursos organizados no âmbito da Junta de Investigações do Ultramar, polarizados em Lisboa e Coimbra, nos Agrupamentos de Estudos de Cartografia Antiga, indiciavam outras potencialidades, justificadas por parte das autoridades e pela produção de novos estudos levados a cabo não só por Armando Cortesão, mas também por Avelino Teixeira da Mota e Luís de Albuquerque.

Em 1962, fica acordado com a Junta de Investigações do Ultramar que a *História da Cartografia Portuguesa*, seria um projecto bilingue, com dois volumes em português e dois em inglês, a concluir em três anos<sup>512</sup>. Rapidamente Cortesão se apercebe das suas limitações para a elaboração da obra, quer em tempo quer na dimensão projectada. Assim, o plano editorial em que estavam previstos apenas dois tomos seria alargado, face ao progresso da

---

<sup>511</sup> Desde que deixara as funções de Agente Geral das Colónias, em 1932, ambicionava escrever, o que à época designaria por uma “[...] «História da Administração colonial portuguesa», obra cuja falta se faz sentir e onde poderíamos satisfazer a predilecção que sempre tivemos pelos assuntos históricos, sem nos afastarmos muito do campo costumado da nossa actividade profissional. Para tal obra é indispensável começar pela Empresa dos Descobrimentos, fase inicial da administração colonial portuguesa. Vimos então a importância que, na história dos descobrimentos portugueses, tem o estudo da cartografia antiga, e como à míngua de trabalhos nacionais, correspondia a abundância de publicações estrangeiras sobre o assunto, nem sempre exactas e justas”. Cf. A. Cortesão, *Cartografia e cartógrafos [...]*, vol. I, p. xxxvii.

<sup>512</sup> Vide idem, *História da Cartografia Portuguesa*, vol. I, p. xxii.

escrita e à quantidade de informação a tratar, para um terceiro volume, onde seriam apresentados os capítulos IX a XIV, bem como os sempre importantes conjuntos pós-textuais, índices e bibliografia gerais<sup>513</sup>. Segundo Cortesão, que de certo modo se lamentava, não seria possível incluir “todo o século XV no cap. vi (segundo do Vol. II), mas depressa me dei conta de que ficaria tão descompassado, sobretudo por causa do estudo da vasta quantidade de cartografia do século XV, que tive de deixar uma grande parte do assunto – tal como os muitos problemas respeitantes aos descobrimentos naquele importantíssimo período de transição do século XV para o XVI – para o cap. ix (segundo do Vol. III), já começado a preparar”<sup>514</sup>. Continuava ainda, descrevendo o plano do novo volume “Espero que os caps. x e xi abranjam toda a cartografia portuguesa dos séculos XVI e XVII [trabalho simples que estaria já feito nos *PMC*]” e mais adiante “também pedi ao Professor Avelino Teixeira da Mota para escrever os caps. XII e XIII (quarto e quinto do Vol. III) sobre história da cartografia portuguesa dos séculos XVIII e XIX, em que a sua competência não tem rival”<sup>515</sup>.

Na realidade, o Volume primeiro seria na sua quase totalidade dedicado aos aspectos enquadrantes do estudo analítico que se pretendia fazer da Cartografia portuguesa. O Capítulo inicial abre com definições instrumentais de conceitos chave como geografia, geodesia, mapa, carta, cartografia, etc., seguindo-se a apresentação de uma classificação temporal, por períodos, da cartografia mundial e em particular da cartografia portuguesa, onde é notória uma evolução conceptual e analítica do autor, desde as primeiras “arrumações” efectuadas ainda nos finais da década de vinte e posteriormente publicadas em *Cartografia e cartógrafos*<sup>516</sup>. Ainda neste capítulo, o Visconde de Santarém encabeça com destaque uma longa lista de personalidades que Cortesão colocaria no seu *panteão* reservado aos historiadores da cartografia. Nota-se a ausência de S. E. Morison, seu declarado opositor e umas escassas linhas apenas sobre R. Almagià, crítico de algumas posições de Cortesão. Nos textos seguintes são condensadas a evolução dos conhecimentos e da representação cartográficas, desde a mais remota Antiguidade aos contributos de Eratóstenes e Ptolomeu no Capítulo II e uma resenha histórica dos posteriores desenvolvimentos desde a cartografia romana, passando pela Idade Média até ao surgir da carta-portulano mediterrânica, no Capítulo III. Na parte final deste livro, no Capítulo IV, será feita uma retrospectiva das grandes viagens, reais ou imaginárias, levadas a cabo desde tempos antigos até às expedições

<sup>513</sup> Vide idem, *ibidem*, vol. I, pp. xxii-xxiii.

<sup>514</sup> Vide idem, *ibidem*, vol. I, p. xxii. Refira-se que Cortesão escreve a *Introdução* da *H.C.P.*, em Novembro de 1968.

<sup>515</sup> Vide idem, *ibidem*, vol. I, p. xxii.

<sup>516</sup> Cf. idem, *ibidem*, vol. I, pp. 4-5 e *Cartografia e cartógrafos [...]*, vol. I, pp. 41-112.

atlânticas do século XIV. Uma Bibliografia actualizada, um Índice remissivo e uma Errata, aspectos organizativos de evidente utilidade, características já notadas em Cortesão, encerram este Volume inicial.

O segundo dos dois volumes que chegaram ao prelo compreende quatro capítulos, os dois primeiros da responsabilidade de Cortesão, os dois últimos da autoria de Luís de Albuquerque que constituem um importante ensaio sobre náutica e navegação desde as suas origens, aperfeiçoamento, utilização e divulgação de técnicas e métodos usados pelos navegadores portugueses até ao século XVII. Antes (Capítulos V e VI), Cortesão aborda detalhadamente o panorama das navegações atlânticas nos séculos XIV e XV e a evolução do conhecimento através da cartografia do imenso espaço oceânico que se apresentava novidade aos olhos dos europeus até à viragem de 1500. O Autor lamenta a não conclusão do estudo pela não inclusão de tabelas e cartas importantes, remetendo o leitor para o próximo volume (cap. ix, Vol. III), que como hoje sabemos, não chegaria a ser editado<sup>517</sup>. Registe-se a presença, ainda que em perspectiva sintética, da sua tese sobre a carta náutica de 1424<sup>518</sup> e uma breve alusão à *política do Sigilo*, a propósito do quase total desaparecimento das mais antigas cartas náuticas portuguesas, apesar da abundante prova documental da sua existência<sup>519</sup>.

A obra ficar-se-ia pelo duplo volume que acabamos de referir; no entanto o trabalho de mais de uma década estaria em fase de publicação, conforme testemunho do próprio autor quando em Fevereiro de 1977, refere que:

“várias circunstâncias, porém, levaram-me à conclusão de que melhor seria o cap. ix ocupar-se dos descobrimentos e evolução da sua antiga representação cartográfica, dividido em três secções: Atlântico, Oceano Índico e Pacífico — um tema fascinante. Embora desde há muito tivesse começado a escrever sobre o assunto, a verdade é que tive de atender a tantas e tão prementes solicitações, que não pude ir muito longe. Ainda consegui ocupar-me de três arquipélagos atlânticos - os mais importantes debaixo do ponto de vista português - e da costa africana desde o Cabo Bojador até o Cabo Verde, ou antes até o rio Senegal. Julgo, não obstante, que o que ainda consegui escrever possa ter algum interesse para os estudiosos destes

---

<sup>517</sup> Vide idem, *História da Cartografia Portuguesa*, vol. II, p. 223.

<sup>518</sup> Cf. idem, *ibidem*, vol. II, pp. 126-141.

<sup>519</sup> Vide idem, *ibidem*, vol. II, pp 117-118.

assuntos, e é por isso que decidi prepará-lo para publicação, embora não esteja certo de que se venha a achar valer a pena publicá-lo ou de que para tal alguma vez haja oportunidade”<sup>520</sup>.

Faria também parte de um previsto terceiro volume da *História da Cartografia*, ou como o próprio autor revela seria o capítulo de abertura do referido tomo<sup>521</sup>, o ensaio monográfico que viria a ser dado à estampa em 1973, com o singular e não menos enigmático título, *O Mistério de Vasco da Gama*<sup>522</sup>. O livro é “fraternamente dedicado à memória” do irmão Jaime, e embora se aborde a problemática da abertura da passagem Sudeste, no contexto da transição do Atlântico para o Índico, centrada na figura de Vasco da Gama, parte da argumentação é sustentada em torno do postulado do *Sigilo*, teoria originalmente defendida por Jaime e que Armando subscreverá, com sucessivas alusões a prova documental, quer na leitura dos mapas, quer na constância ou não, em manuscritos e crônicas. A questão sempre foi controversa, o Autor admite, quando discute conceito e significado de “Descobrimento”, analisa a estratégia da Coroa à luz das políticas joaninas nas negociações que conduziram ao Tratado de Tordesilhas e acabará por sugerir a existência de viagens exploratórias não conhecidas, depois de Bartolomeu Dias ter encontrado a passagem pelo Cabo e antes da expedição bem-sucedida de Gama, às costas do subcontinente Indiano. A biografia, perfil e nomeação de Gama para liderar a armada, ocupam a parte final da exposição. A propósito dos problemáticos e controversos, “significado de Descobrimento”, que levara Cortesão a escrever um artigo em 1972<sup>523</sup>, “política de sigilo”, e “D. João II, Tordesilhas e Colombo”<sup>524</sup>, este voltaria à já antiga polémica com Morison, mantendo a crítica sobre as suas posições de 1940, reflectidas em *Portuguese Voyages to America in the Fifteenth Century* e novamente presentes no seu último livro publicado em 1971, *The European Discovery of America*. Conhecidas eram as firmes mas obsessivas, manifestações de Cortesão em defesa da fórmula que girava em torno da *prioridade portuguesa*, sobretudo em relação à realidade colombina,

---

<sup>520</sup> Idem, *Descobrimientos no Atlântico e evolução da sua antiga representação Cartográfica*, Coimbra, J.I.C.U., 1981, separata do C.E.C.A., nº CXLII, p. 3. Este texto foi publicado a título póstumo baseado em cópia dactilografada encontrada no seu espólio, conforme referido em nota na página 3.

<sup>521</sup> Vide comentário de Cortesão: “Muito do que se contém neste livro foi escrito para o primeiro capítulo do Volume III da minha *História da Cartografia Portuguesa*, mas o capítulo ia-se tornando tão longo que eu decidi, com a aprovação do Presidente da Junta de Investigações do Ultramar, por onde a obra é publicada, apresentar num pequeno volume em separado e com um pouco mais de desenvolvimento o que havia escrito [...]”, idem, *O Mistério de Vasco da Gama*, Coimbra, A.E.C.A., J.I.U., Lisboa, 1973, p. 21.

<sup>522</sup> Idem, *ibidem*. Também em editado em inglês, *The Mystery of Vasco da Gama*, 1973.

<sup>523</sup> Vide idem, “*Descobrimento*” e *Descobrimientos*, Coimbra, J.I.U., 1972, separata do A.E.C.A., nº LXXII.

<sup>524</sup> Sobre a qual escreveu o artigo em resultado de uma comunicação ao I Colóquio Luso-Espanhol de História do Ultramar e das II Jornadas Americanistas da Universidade de Valladolid, decorrido em Tordesilhas de 25-29 de Setembro de 1972. Vide idem, “D. João II e o Tratado de Tordesilhas”, Coimbra, J.I.U., 1973, separata do A.E.C.A., nº LXXVII.



mas também não deixa de ser razoável considerar a intransigência de S. E. Morison que, semântica aparte, roçava a idolatria relativamente a Colombo<sup>525</sup>.

De raiz cartográfica são as interrogações levantadas por Cortesão acerca da muito boa representação das costas índicas do continente africano, por comparação com os contornos atlânticos que são patentes no chamado planisfério de Cantino, considerado por amplo consenso, de 1502 e de origem portuguesa. Ora, se apenas três expedições portuguesas oficialmente conhecidas tinham chegado a paragens mais nórdicas do Índico, e mesmo essas em difíceis missões, nem sempre com preocupações exploratórias, como seria possível um levantamento e registo toponímico, tão denso como real, do litoral africano oriental, quando por comparação, o conhecimento da costa oeste de África levava aos cartógrafos portugueses, mais de meio século e dezenas de viagens realizadas para obtenção de informação fidedigna? Daí ser plausível, ainda que insuficientemente estudada e comprovada, a questão da existência de eventuais viagens de exploração e reconhecimento, para além das oficiais e documentadas missões que se dirigiram ao Índico e ao Oriente em busca das tão ambicionadas oportunidades de trato mercantil de especiarias. Cortesão não terá conseguido convencer a comunidade historiográfica com os seus argumentos. O problema, neste caso, na sua vertente cartográfica, carece ainda hoje de sustentado estudo e clarificação.

Francisco Contente Domingues, embora reconhecendo as qualidades que colocam Armando Cortesão como autoridade mundial nos domínios da Cartografia, refere o alinhamento dos irmãos Zuzarte Cortesão no que concerne à defesa das bases teóricas da chamada *Política do Sigilo*, questiona e refuta o argumento estabelecido neste ensaio de Armando, onde se evoca prévia experiência marítima como condição determinante para a escolha de Vasco da Gama para o comando da armada<sup>526</sup>. Mais do que uma expedição marítima, onde a condução dos navios estaria assegurada pela mestria dos melhores pilotos, tratava-se de uma missão político-diplomática, militar e comercial, cujo êxito dependeria das qualidades de liderança, experiência e confiança que pareciam estar reunidas, até no estatuto da ascendência nobre de Vasco da Gama. Em síntese e seguindo Domingues, o contraditório

---

<sup>525</sup> Entre outros qualificativos, Cortesão assim classificava o professor de Harvard “[...] um dos mais entusiásticos panegiristas do Genovês [entenda-se Colombo]”. Cf. *idem, ibidem*, p. 11.

<sup>526</sup> Cf. F. C. Domingues, “Vasco da Gama’s Voyage: Myths and Realities in Maritime History”, *Portuguese Studies*, vol. 19, 2003, p. 4. “Some historians argue that information about masterships in navigation was effectively protected by a so-called policy of secrecy. This theory was developed by the brothers Jaime and Armando Cortesão. Armando Cortesão, a world authority on cartography, wrote *The Mystery of Vasco da Gama*, based on Jaime’s theories. He argued that it was impossible for a man with no apparent experience as a navigator to be chosen as chief captain of such a voyage as this; and as the full details of Gama’s career are not known, he may well have been an experienced navigator involved in the secret voyages during missing ten years”.

assentará na premissa elementar “[...] that sea captains did not need to be seamen”<sup>527</sup>, como ficaria evidenciado em situações similares verificadas desde a exploração atlântica até ao estabelecimento posterior da Carreira da Índia.

A inacabada *História da Cartografia Portuguesa* parece ter suscitado alguma curiosidade em periódicos anglo-saxónicos da especialidade, mas ainda assim longe do interesse por anteriores publicações de Cortesão. No *The Geographical Journal*, em Junho de 1970<sup>528</sup>, Axelson daria nota da edição do primeiro volume, com apreciação globalmente positiva, revelando aos leitores que se aguardava com expectativa o lançamento dos próximos dois tomos. Aquando da publicação do segundo volume em nota informativa referia-se que uma recensão à globalidade da obra seria feita depois de recebido o terceiro e último volume<sup>529</sup>, que como sabemos não viria ao prelo. Na *Geographical Review*, publicação da American Geographical Society, de Abril de 1973, em recensão crítica de George Kish, será registada elogiosa apreciação do duplo conjunto da obra e do erudito *corpus* informativo que faz jus ao *status* de Cortesão como reconhecido académico<sup>530</sup>, tão activo no seu octogésimo aniversário que só por si, faria dele o “[...] justly considered the dean of historians of Cartography”<sup>531</sup>. De referir, algum empolgamento às menções “patrióticas” de Cortesão ao Visconde de Santarém, enquanto percursor dos estudos de Cartografia, bem como a procura insistente do Autor em destacar a contribuição portuguesa para a evolução da ciência náutica e da cartografia<sup>532</sup>.

Apesar de incompleta, a *História da Cartografia Portuguesa*, reflexo das posições mais actualizadas do Autor, constitui pelo seu vasto repositório de informação cartográfica e estabelecimento de doutrina na atribuição de créditos à “escola de cartografia portuguesa” e pelo papel decisivo na ciência da representação cartográfica, constitui, dizíamos, um marco incontornável na historiografia da Cartografia. Em capítulo introdutório da *History of Cartography*, Harley ao traçar uma perspectiva do desenvolvimento da história da cartografia, enquanto disciplina objecto de abordagem historiográfica e que, enquanto tal, teria começado a ser estudada na segunda metade do século XIX, refere que:

---

<sup>527</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 5.

<sup>528</sup> Vide Eric Axelson, Crítica a “History of Cartography: vol. 1 by Armando Cortesão”, *T.G.J.*, vol. 136, nº 2, Jun. 1970, pp. 309-311.

<sup>529</sup> Cf. *T.G.J.*, vol. 138, nº 3, Sep. 1972, p. 400.

<sup>530</sup> Vide George Kish, “History of Cartography by Armando Cortesão”, *G.R.*, vol. 63, nº 2, April 1973, pp. 295-296.

<sup>531</sup> Idem, *ibidem*, p. 295.

<sup>532</sup> Idem, *ibidem*, pp. 295 e 296.

“twentieth-century historians of cartography have so far done little, except perhaps at a national level, to assess this crucial period in the development of their subject. Only two, Armando Cortesão and R. A. Skelton, even attempted a general historiographical treatment. Both laid much stress on the seminal contributions of a number of leading scholars and on the landmarks in publication thus created. Both singled out atlases of facsimiles of early maps that they saw as holding a preeminent place in the literature of the subject from the mid-nineteenth century onward. The main emphasis of Cortesão’s approach was bio bibliographic. For him, writing in the 1960s, the systematic study of the history of cartography had started about a century earlier, and its subsequent development was best explained by the contributions of a procession of leading scholars. Thus he listed over ninety individuals in his chapter “Cartography and Its Historians” although he admitted that even so he had “not mentioned all who have, directly or indirectly, contributed to the advancement of this important and enthralling branch of the history of science”<sup>533</sup>.

Pioneiro na abordagem historiográfica integrada e interrelacionada, Cortesão estabeleceu (não sem algum sentimento patriótico) as ligações entre a História da Cartografia e os vários domínios num contexto mais alargado da História dos Descobrimentos, das Navegações e da Ciência Náutica. Desse *referencial* e ainda neste livro, nos dará conta Campbell, quando afirma que “more recently, Armando Cortesão considered the “advent of the portolan chart ... one of the most important turning points in the whole history of cartography”<sup>534</sup>. São inúmeras as referências a Cortesão ao longo da *History of Cartography*.

---

<sup>533</sup> Cf. J. B. Harley, “The Map and the Development of the History of Cartography”, *The History of Cartography*, vol. 1, 1987, p. 13.

<sup>534</sup> Cf. Tony Campbell, “Portolan Charts from the Late Thirteenth Century to 1500”, *The History of Cartography*, vol. 1, 1987, p. 371.



## 7. Armando Cortesão na Historiografia Portuguesa do século XX

Quando a 12 de Maio de 1960, Armando Cortesão em *Oração*<sup>535</sup> proferida na sala dos Capelos na Universidade de Coimbra, no âmbito das comemorações Henriquinas, em discurso subordinado ao ambiente científico no Portugal do século XV, numa fase embrionária da expansão atlântica, sublinhava que “os descobrimentos portugueses desenrolaram-se dentro do novo ambiente místico, cultural e científico criado pelo Franciscanismo, ou de este foi parte integrante, que logo de princípio alcançou Portugal”<sup>536</sup>, e mais adiante, acrescentava empolgado que “a empresa dos descobrimentos foi iniciada por um Rei poeta e sempre conduzida a par do espírito poético com que o Franciscanismo procurou descobrir cientificamente os segredos da Natureza. Pois não haverá poesia no surto dessas frágeis caravelas em que homens de coração forte e impelidos por um grande ideal se afoitavam a desvendar os mistérios do Oceano Tenebroso? Sim, havia bravura nos corações, ciência nos cérebros e poesia nas almas dos nossos grandes navegadores”<sup>537</sup>, dizíamos nós que, esta matriz ideológica de fervor patriótico, que procura atribuir a primazia dos grandes feitos aos portugueses, viria a marcar a imagem de Armando Cortesão.

Ainda na sessão inaugural das II Jornadas Farmacêuticas Portuguesas, que decorriam em Coimbra, em Junho de 1963, Cortesão conferenciando a propósito de um “ilustre boticário quinhentista”<sup>538</sup>, ao abordar a “incontestável política do sigilo” afirmaria convictamente que:

“[...] os estrangeiros que vinham aprender e praticar navegação do alto mar com os Portugueses, logo tratavam de publicar os seus escritos, no que não eram parcos, enfeitando-se com penas que não lhes pertenciam. Nesse capítulo ninguém levava a palma aos Italianos – ainda hoje os nossos maiores detractores. Típico é o que se passou com Américo Vespúcio – a fraude mais extraordinária que se conhece na história das navegações e descobrimentos – pois devido à difusão que a imprensa de então deu a algumas verdades e muitas falsidades que ele escreveu, foi (e ainda é) o nome desse medíocre aventureiro fantasticamente glorificado e mesmo dado ao Novo Mundo, onde os Portugueses e outros já há muito haviam chegado mas

---

<sup>535</sup> Vide A. Cortesão, “Do ambiente científico em que se iniciaram os Descobrimentos Portugueses”, *O Instituto*, nº especial dedicado às comemorações henriquinas, Coimbra, 1962, pp. 1-20 e também publicado em *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 181-197.

<sup>536</sup> Vide idem, *Esparsos*, vol. II, 1975, p. 195.

<sup>537</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 196.

<sup>538</sup> Vide idem, “A propósito do ilustre boticário quinhentista Tomé Pires”, *Boletim da Escola de Farmácia*, vol. XXIII, Coimbra, 1964, pp. 193-207 e também publicado em *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 199-219.

que foi oficialmente descoberto por Colombo, e com mais justiça se houvera chamado Colombia”<sup>539</sup>,

- o que será apenas, mais uma evidência da sua acérrima defesa do sentimento pátrio e do orgulho nacional, que impera na letra e no espírito com que Lopes de Mendonça escreveu “Heróis do mar, nobre povo, Nação valente, imortal...”.

De registar o comentário de Cuesta Domingo quando, - a propósito da secular rivalidade luso-hispânica, ainda hoje patente, que pautava o relacionamento quotidiano dos reinos ibéricos nos séculos XVI e XVII, onde apesar da porosidade transfronteiriça e dos ténues sentimentos nacionais, se verificava a mobilidade e os serviços prestados, por cartógrafos e sábios portugueses nas *Cortes de España*, - alude desta maneira, à sua imagem de Cortesão, “Yo mismo, siendo alumno, llegué a conocer a Armando Cortesão, quizá el máximo defensor de esa “tensión” historicista basada en políticas “do segredo”; sin embargo palpitaba un ambiente de familiar amistad en la relación que le unía con otros profesores españoles coetáneos”<sup>540</sup>.

Cortesão tenta organizar do ponto de vista conceptual, aquela que era já uma disciplina autónoma, objecto de estudo, com conteúdos e orgânica própria. Na *entrada* “História da Cartografia”<sup>541</sup>, assinala a evolução dos estudos cartográficos desde a Antiguidade ao século XIX, distinguindo nos estudos histórico-cartográficos três perspectivas, Cartografia da história, Cartografia histórica e História da Cartografia. Nesta última abordagem, “que se ocupa da origem e evolução da técnica das cartas geográficas, sua enumeração e seu estudo sistemático através dos séculos”<sup>542</sup>, encontrará quatro grandes períodos evolutivos: Cartografia clássica, Cartografia medieval, Cartografia moderna e Cartografia contemporânea<sup>543</sup>. Particularizando, na história da cartografia portuguesa e novamente recorrendo à periodização, viria a definir cinco fases: Primeiro período – Infância; Segundo período – Esplendor; Terceiro período – Estagnação; Quarto período – Renovação e Quinto período - Contemporâneo<sup>544</sup>. Na sua interpretação, ao terceiro período da história geral da cartografia (a Cartografia moderna), correspondem ou encaixam, as três primeiras fases da cartografia portuguesa, do aparecimento, apogeu até à estagnação, que Cortesão considera vir

<sup>539</sup> Vide idem, *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 218-219.

<sup>540</sup> Vide Mariano Cuesta Domingo, *Tres Cartógrafos Portugueses en la Corte de España*. Ribeiro, Lavanha Teixeira, A.P.H., Lisboa, 2010, pp. 11-12.

<sup>541</sup> Vide A. Cortesão, “História da Cartografia”, *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 4, Lisboa, 1966, colns. 1211-1223, também publicado em *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 266-279.

<sup>542</sup> Vide idem, *Esparsos*, vol. II, 1975, p. 269.

<sup>543</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 269-270.

<sup>544</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 270-271.

a ocorrer durante e após o domínio Filipino, quando se verifica um declínio do império português e a consequente passagem da cartografia portuguesa para plano secundário, no virar do século XVII. Nesta panorâmica sintética e geral da cartografia portuguesa, parece notório que Cortesão privilegia, enfatizando, aquela mais importante fase, a que dedicou os seus estudos, em detrimento das produções cartográficas posteriores ao século XVIII, das quais nos dará apenas uma rápida e abreviada nota informativa<sup>545</sup>. Não deixa de ser pertinente a observação de Roque de Oliveira, que caracteriza a visão de Cortesão sobre a história da cartografia como “[...] em tudo conforme ao mimetismo da tradição positivista [...]”<sup>546</sup>, concluindo mais adiante que, sinal dos tempos, “[...] o mundo que Armando Cortesão interpelava seguiu indiferente à equação impossível e anacrónica a que se manteve preso até ao fim. Caberia a Teixeira da Mota e a Luís de Albuquerque – o saber náutico e a Universidade mais uma vez – construir a ponte que recuperou a história da cartografia para o novo regime, dando-a a ver ao grande público [...]”<sup>547</sup>.

Os percursos historiográficos de Armando Cortesão e Luís de Albuquerque viriam a cruzar-se, por força dos interesses académicos e campos de investigação comuns e complementares e de uma visível paixão pela História dos Descobrimentos, tendo as suas relações, longas de mais de duas décadas, sido pautadas por colaborações recíprocas em obras ou estudos monográficos publicados por cada um, discussões, debates intensos e acalorados, mas sobretudo por uma amizade que perdurou acima das diferenças de opinião ou das divergências sobre temas históricos.

Das colaborações entre ambos, saliente-se o conhecimento aportado por Albuquerque, na *História da Cartografia Portuguesa*<sup>548</sup>, as várias notas introdutórias de Cortesão em edições de guias náuticos levadas a cabo por Albuquerque<sup>549</sup>, as edições conjuntas<sup>550</sup>, os cursos de “História da Cartografia” ministrados em Coimbra, num trabalho “a

---

<sup>545</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 271-278.

<sup>546</sup> Vide F. Roque de Oliveira, “Dois séculos de história da cartografia em Portugal”, *Leitores de Mapas. [...]*, 2012, p. 18.

<sup>547</sup> Referia-se Oliveira à XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura do Conselho da Europa, que teve lugar no Mosteiro dos Jerónimos em 1983, sob o tema *Os Descobrimentos portugueses e a Europa do Renascimento*. Vide idem, *ibidem*, p. 19.

<sup>548</sup> Vide os dois capítulos sobre História da Náutica por Luís de Albuquerque in A. Cortesão, *História da Cartografia Portuguesa*, vol. II, Coimbra, A.E.C.A., 1970.

<sup>549</sup> Vide entre outros, as “Introduction”, in Luís de Albuquerque, *O Livro de Marinharia de André Pires*, Coimbra, A.E.C.A., J.I.U., 1963, pp. 5-13; “Introduction”, in Luís de Albuquerque, *Os Guias Náuticos de Munique e Évora*, Coimbra, A.E.C.A., J.I.U., Lisboa, 1965, pp. 1-6 e “Introduction”, in Luís de Albuquerque, *O Livro de Marinharia de Manuel Álvares*, Coimbra, A.E.C.A., J.I.U., Lisboa, 1969, pp. 1-3.

<sup>550</sup> Vide A. Cortesão e L. Albuquerque, *Obras Completas de D. João de Castro*, edição crítica, vol. I, Coimbra, Academia Internacional de Cultura Portuguesa, 1968; vol. II, 1971; vol. III, 1976; vol. IV, 1982 e A. Cortesão,

três”, com a participação de Teixeira da Mota<sup>551</sup> e a organização da primeira reunião internacional de História da Náutica que teve lugar em 1968<sup>552</sup>. A 17 de Maio de 1977, Luís de Albuquerque apresenta, na Academia das Ciências de Lisboa, um dos últimos trabalhos de Cortesão<sup>553</sup>. Seria também Albuquerque, com a colaboração de Teixeira da Mota a dar ao prelo o último texto de Cortesão, publicado pós-morte, em 1980, numa separata da Revista da Universidade de Coimbra e numa *Separata Verde*, em 1981<sup>554</sup>, publicações essas que ambos ajudaram a dinamizar e onde frequentemente publicavam trabalhos seus. Em homenagem a Armando Cortesão são consagrados três números da *Revista*<sup>555</sup>, abrindo a edição de 1978, com um “*in memoriam*”, com resenha bibliográfica, da responsabilidade de Albuquerque e colaboração de Teixeira da Mota<sup>556</sup>.

Entre os dois historiadores haveria diferenças no estilo pessoal, nas perspectivas, e nas posturas metodológicas<sup>557</sup> e também divergentes posições historiográficas que, – aparte a já anteriormente referida questão subjacente à “Carta náutica de 1424” – se relacionavam com o facto de Cortesão situar a produção de cartas náuticas já ao tempo de D. Dinis, bem como considerar significantes, os progressos científicos na astronomia e na ciência náutica em Portugal, no século XIV<sup>558</sup>.

Estaremos globalmente discordantes das considerações de Rodrigues Lourenço, que numa visão radical do relacionamento historiográfico dos dois historiadores, afirmaria que “no espaço de poucos anos após a sua morte, as teses nucleares de Armando Cortesão que pretendiam estabelecer um tempo longo da cartografia portuguesa sofreriam um rude golpe

---

F. Aleixo e L. Albuquerque, Comentário e notas, *Arte de Navegar de Manuel Pimentel*, Coimbra, A.E.C.A., J.I.U., Lisboa, 1969.

<sup>551</sup> Vide A. Cortesão, L. Albuquerque e A. Teixeira da Mota, “Curso de História da Cartografia – 1964”, *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, vol. III, nº 29, Coimbra, 1964, pp. 140-190 e A. Cortesão e L. Albuquerque, “Curso de História da Cartografia e da Náutica 1970-1971 (para estudantes e pós-graduados)”, [Coimbra], [Universidade de Coimbra], [1970].

<sup>552</sup> Vide *Actas da I Reunião Internacional de História Náutica [...]*, vol. XXIV, Coimbra, R.U.C., 1971.

<sup>553</sup> Provavelmente devido à debilidade do seu estado de saúde e adiantada idade, Cortesão não se pode deslocar a Lisboa, sendo representado por Albuquerque. Vide A. Cortesão, “Descobrimento e representação das Ilhas de Cabo Verde na cartografia antiga”, *Memórias da A.C.L.*, Tomo XXI, Lisboa, 1976-77, pp. 229-250.

<sup>554</sup> Vide idem, *Descobrimientos no Atlântico e evolução da sua antiga representação Cartográfica*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1980, separata da R.U.C., vol. XXVIII, pp. 469-540; Coimbra, J.I.U., 1981, separata do C.E.C.A., nº CXLII.

<sup>555</sup> Vide “Homenagem ao Doutor Armando Cortesão”, R.U.C., Coimbra, vol. XXVI (1ª Parte), 1978, vol. XXVII (2ª Parte), 1979 e vol. XXVIII, (3ª Parte), 1980.

<sup>556</sup> Vide L. Albuquerque, “Armando Cortesão (1891-1977)”, contém bibliografia de Armando Cortesão, organizada por A. Teixeira da Mota, com a colaboração de Luís de Albuquerque, R.U.C., vol. XXVI, Coimbra, 1978, pp. V-XV.

<sup>557</sup> A propósito, testemunharia Albuquerque que Cortesão, alvo da crítica ou objecto da oposição do matemático, considerava que este “Com a inflexibilidade da sua visão cartesiana, não deve escrever sobre História!”. Cf. idem, *Dúvidas e Certezas [...]*, vol. 1, 1990, p. 9.

<sup>558</sup> Vide idem, *ibidem*, vol. 1, pp. 21-23; vol. 2, p. 34 e pp. 51-56.



com a crítica de Luís de Albuquerque, vindo, ulteriormente, a perder a exposição que o prestígio do seu autor lhes granjeara”<sup>559</sup>, podendo contudo, e em consonância com o que atrás demos nota, melhor subscrever a opinião de Contente Domingues que circunscreve a diferença de opiniões entre ambos a episódicas posições radicais de Cortesão, nomeadamente a procura de estabelecer uma prioridade portuguesa, quer no descobrimento da América, quer na existência precoce de cartografia portuguesa ou liderança lusa nos domínios da ciência náutica, em tempo anterior ao século XV. De facto, acrescentará Contente Domingues, “não obstante, essa diferença de pontos de vista nunca impediu uma plena colaboração institucional, que abriu espaço para os estudos de cartografia em Portugal”<sup>560</sup>.

Mais recentemente, a partir das últimas décadas do século XX e na sequência do ressurgimento de novos estudos sobre a evolução da Cartografia e da sua História, resultado de investigações elaboradas por geógrafos portugueses, vem mostrar outras abordagens e perspectivas metodológicas da evolução da Cartografia Portuguesa, aliás mais em consonância com as tendências que vinham a ser reflectidas nas edições da *History of Cartography*. Em 1991, Maria Fernanda Alegria e João Carlos Garcia, num trabalho de síntese sobre a evolução da cartografia portuguesa<sup>561</sup>, suscitam, entre outras questões, a formação académica dos estudiosos de Cartografia, em particular da Cartografia portuguesa e sua História, referindo que “entre as pessoas que destacámos, não havia historiadores: O Visconde de Santarém era diplomata, Armando Cortesão engenheiro agrónomo, A. Fontoura da Costa e A. Teixeira da Mota oficiais da armada”<sup>562</sup>. Constatam ainda, “a não continuidade” dos estudos de História da Cartografia portuguesa, após o desaparecimento de A. Cortesão e Teixeira da Mota, salientando que “quanto à Cartografia terrestre, nomeadamente de Portugal metropolitano, não há qualquer trabalho de conjunto e muito poucos de outro tipo”<sup>563</sup>. Na realidade, uma das críticas mais frequentes a Armando Cortesão, da parte destes geógrafos, reside nas suas sucessivas tentativas de estabelecer “um faseamento cronológico, por épocas ou etapas da Cartografia portuguesa”<sup>564</sup>, não só por discordância quanto à “nomenclatura das Escolas ou dos Períodos”, mas também por considerarem que Cortesão, relega ou omite a

---

<sup>559</sup> Cf. Miguel Lourenço Rodrigues, “Armando Cortesão (1891-1977)”, *Leitores de Mapas. [...]*, 2012, p. 145.

<sup>560</sup> Cf. Francisco Contente Domingues, “Luís de Albuquerque (1917-1992)”, *Leitores de Mapas. [...]*, 2012, pp. 169-170.

<sup>561</sup> Maria F. Alegria e João C. Garcia, “Etapas de Evolução da Cartografia Portuguesa [...]”, 1991, pp. 225-279.

<sup>562</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 229.

<sup>563</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 229.

<sup>564</sup> Recorde-se que Cortesão estabelece a primeira “*Cronologia*” em 1935 (*Cartografia e cartógrafos*), com revisões em 1960/62 (*P.M.C.*), em 1966 (entrada “História da Cartografia”, Verbo Enc.) e 1969/70 (*H.C.P.*).

Cartografia terrestre, em detrimento da Cartografia náutica<sup>565</sup>. Mais tarde, noutra obra recente em que M. F. Alegria e J. C. Garcia partilham a autoria com outros dois geógrafos, S. Daveau e F. Relaño<sup>566</sup>, estes investigadores viriam a constatar que “a divisão entre Cartografia náutica e Cartografia terrestre foi desde cedo um facto na História da Cartografia portuguesa, estabelecida por Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota, autores dos *Portugaliae Monumenta Cartographica* (1960-1962)”<sup>567</sup>. Parece claro que, durante mais de um século, desde os primeiros estudos do Visconde de Santarém em meados do século XIX, até à publicação dos *Portvgaliae*, ou mesmo até aos últimos trabalhos de Armando Cortesão já na década de 70 do século XX, a abordagem historiográfica da Cartografia era uma arma diplomática, um instrumento da propaganda oficial ou como referem estes autores, inseria-se “[...] num esforço de valorização do passado, não sem um certo cariz de nacionalismo polémico, com um peso desproporcional atribuído à legendária epopeia das grandes descobertas marítimas”<sup>568</sup>.

Apesar do que atrás foi escrito e admitindo que nas últimas décadas a historiografia da Cartografia percorre novos caminhos, balizada por metodologias e contribuições teóricas mais consentâneas com as perspectivas actuais das ciências sociais e humanas, a contrariar essa visão nacionalista, não poderemos esquecer que Armando Cortesão numa fase final da sua vida já representaria essas tendências, de acordo com a opinião de Matthew Edney, quando afirma que, “This even-wider conception of the field seems to have contributed to the manner in which more traditional scholars began in the later 1960s and early 1970s to think in terms of a wider and further reaching history of cartography. Both Skelton (1972, 62) and Armando Cortesio [sic] (1969-1971, 1:4) would advance definitions for a new field of the “history of cartography”<sup>569</sup>.

Diríamos a terminar que o legado historiográfico de Armando Cortesão, globalmente perspectivado e contextualizado no tempo histórico, não deixará de poder estar inserido no *panteão nacional* reservado aos que mais contribuíram com a sua obra para o

---

<sup>565</sup> Vide M. F. Alegria e J. C. Garcia, “Etapas de Evolução da Cartografia Portuguesa [...]”, 1991, pp. 244-256. Esta parte do artigo é da responsabilidade de Maria Fernanda Alegria.

<sup>566</sup> Maria F. Alegria, Suzanne Daveau, João C. Garcia e Francesc Relaño, *História da Cartografia Portuguesa – Séculos XV a XVII*, Porto, Fio da Palavra, 2012. Este livro é uma versão portuguesa, actualizada e aumentada do artigo que os mesmos Autores escreveram anteriormente, “Cartography in the European Renaissance”, *The History of Cartography*, vol. 3, 2007, pp. 975-1068.

<sup>567</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 19.

<sup>568</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 15.

<sup>569</sup> Cf. Matthew H. Edney, “Putting “Cartography” into the History of Cartography: Arthur H. Robinson, David Woodward, and the Creation of a Discipline”, *Cartographic perspectives*, nº 51, Spring 2005, p. 18.

desenvolvimento da História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, onde se encontrará acompanhado por personalidades como Visconde de Santarém, Sousa Viterbo, Ernesto de Vasconcelos, Duarte Leite, Damião Peres, Luciano Pereira da Silva, António Barbosa, Gago Coutinho, Joaquim Bensaúde, Fontoura da Costa, e mais recentemente, Teixeira da Mota, Luís de Albuquerque e Vitorino Magalhães Godinho.



## Notas Finais

Será agora tempo para um trato conclusivo.

Armando Cortesão nascido na última década do século XIX, testemunha durante a sua longa vida, dois grandes conflitos mundiais, assiste ao fim da monarquia, sobrevive à primeira República e ao Estado Novo vindo a falecer no período inicial da transição democrática. Educado no seio de uma família de tradição liberal, desde cedo relacionado com os círculos republicanos, agrónomo de formação, servirá como funcionário público em São Tomé e Príncipe e como Agente Geral das Colónias durante quase duas décadas até à sua incompatibilização com o regime e saída para o exílio em finais de 1933. Viverá a sua diáspora em Espanha, em Inglaterra e mais tarde em Paris, onde exercerá altos cargos na UNESCO. De regresso a Portugal no início dos anos cinquenta, dedicar-se-á por inteiro a uma paixão antiga, os estudos da Cartografia náutica portuguesa. Idealiza, propõe e levará a cabo o projecto de edição de fontes da produção cartográfica portuguesa renascentista, em colaboração com Avelino Teixeira da Mota, para o que contaram na sua realização com apoios oficiais no âmbito das comemorações do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique.

Acérrimo defensor do direito à presença e soberania portuguesa nos territórios ultramarinos, coerência que sempre demonstrou ao longo da vida, apesar das divergências ideológicas oposicionistas que o forçaram ao exílio, das aparentes simpatias e da efectiva colaboração com o regime, processo encetado a partir de meados dos anos 50, com alinhamento visível na década de sessenta, sobretudo depois do início dos conflitos armados que surgiram em Angola, Moçambique e Guiné.

O facto de Cortesão se situar no campo republicano liberal, movimento politico-ideológico que começa a ganhar expressão no final dos anos vinte e viria a reforçar as acções de oposição ao Estado Novo, num combate ao regime e às doutrinas autoritárias que sustentavam o modelo de governação antidemocrática, não impediria convergências, posturas e práticas que sustentavam o posicionamento ideológico nacionalista, quer dos opositores republicanos quer do regime salazarista, no que dizia respeito às colónias e ao direito de permanência de Portugal nas várias parcelas do Império. Refira-se aliás que, desde finais do século XIX, se assistia a um conflito mais ou menos latente entre as principais potências colonizadoras pela posse efectiva dos seus territórios coloniais, o que reforçava o consenso das principais forças do espectro político nacional em torno da questão colonial. No início da

jovem república, Portugal acabaria por entrar, já tardiamente, na Guerra de 1914-18, ao lado das forças aliadas, decisão tomada no quadro geral de preocupação da perda das colónias, cobiçadas por ambas as partes beligerantes.

O regresso a Portugal marcará um período de aproximação ao regime que se revela evidente no início da década de sessenta, confirmados os créditos de Cortesão como historiador da Cartografia, autoridade sem contestação interna e com reconhecimento nos meios internacionais. Parece existir uma dupla condicionante da situação, a lógica imperial do regime português, mal acolhida no plano externo pelas chancelarias das potências europeias que tinham concedido a independência aos novos países, era agora contestada pelos movimentos de libertação, com o início da luta armada nas províncias portuguesas no continente africano. O patriotismo de Armando Cortesão dava lugar a um fervor nacionalista na defesa das posições sustentadas pelo regime.

O discurso proferido no encerramento das jornadas ultramarinas de 1962, em que a argumentação subjacente assentava na prioridade da descoberta, ocupação e acção civilizadora dos portugueses, seria uns dos principais eixos de propaganda da diplomacia externa do Estado Novo. Recorde-se que Armando Cortesão reclamava princípios idênticos aos que estiveram na base das pesquisas encetadas pelo Visconde de Santarém, um século antes, quando este miguelista auto-exilado em Paris, viria a municiar a acção diplomática dos governos liberais para fazer face às reclamações francesas sobre os territórios ocupados e administrados por Portugal na costa ocidental africana. Não se livraria Cortesão de acusações de pendor nacionalista, da parte de adversários, que reclamavam isenção no modo de interpretar a História; no entanto, sem contestar a existência de alguns dos seus excessos, diríamos que afinal o Historiador também ele, seria vítima da historicidade do seu tempo, o que viria a pôr em causa algumas das suas mais ousadas construções teóricas.

O pensamento de Armando Cortesão pautado pela convicção e afirmação, com mais certezas que dúvidas, devotado ao culto dos antepassados, longe de ser um precursor do estruturalismo histórico, enquanto corrente, menos ainda se lhe vislumbra quaisquer novas perspectivas do que viria a ser a pós-modernidade da narrativa historiográfica. Arriscamos registar que o Autor se situará mais próximo dos territórios historiográficos dos pensadores alemães do século XIX, em que a filosofia da história subjacente, postulava um axioma no qual a “História sem Geografia não seria mais do que um mero conto de fadas”.

A questão central que no decurso desta análise procurámos evidenciar e melhor aclarar situa-se no facto de saber se a sua postura patriótica, mais tarde de cunho nacionalista,

afectaria os elevados níveis de produção historiográfica que alcançou. Teria o seu discurso, de um modo geral tido como positivista, rigoroso e factual, ou seja, seria esse modo de pensar, escrever e fazer História, sido caracterizado pelo anacronismo e sentido a-histórico que viria a condicionar a imagem do seu vasto legado historiográfico? Polémicas e controvérsias aparte, Armando Cortesão enquanto *homo historicus* era afinal uma resultante do seu tempo, fiel às suas convicções ideológicas, arreigado na sua idiossincrasia morreria saudosos de um passado em que Portugal fora Imperial.





## ANEXOS

**Anexo I** – Proposta de publicação dos P.M.C. de 12 Novembro de 1954 com actualização em 24 de Novembro de 1954. A.N.T.T., Arquivo Oliveira Salazar, A.O.S./CO/UL – 22, pasta 17 [Portvgaliae Monvmenta Cartographica], folhas 651-666.

Folha (651)

PORTUGALIAE MONUMENTA CARTOGRAPHICA (1ª modalidade)

Publicação em projecto

Embora não exista, que se saiba, carta náutica ou geográfica anterior a 1500, existem algumas centenas do século XVI cuja importância histórica é muito grande, pois nenhuma outra cartografia antiga ultrapassa a portuguesa. Seria praticamente impossível publicar todas essas cartas, mas uma boa selecção das mais representativas, coisa que nunca foi feita mas perfeitamente viável, teria grande valor, tanto científico e histórico como debaixo do ponto de vista nacional. Há em todo o mundo culto que se interessa pela história da geografia e em especial pela da cartografia, uma verdadeira sede de boas reproduções e informação segura de cartas antigas portuguesas. A lista aqui junta, embora de parte apenas dessas cartas conhecidas, é impressionante.

Propõe-se seleccionar umas 300 cartas portuguesas quinhentistas e reproduzi-las, em escala que torne o seu estudo tão prático como nos próprios originais, em três grandes volumes in-fólio – com aproximadamente 48 x 61 cm para a página e 31<sup>1/2</sup> x 44 cm para a mancha do texto. A cada folha de reproduções corresponderia uma folha de texto, com breves elementos biográficos do cartógrafo respectivo e história da carta e sua descrição sumária.

A obra seria escrita originalmente e publicada em língua inglesa e chamar-se-ia Portugaliae Monumenta Cartographica. A introdução incluiria uma nota, não muito extensa, sobre a cartografia portuguesa e a resenha de todas as cartas e cartógrafos portugueses antigos conhecidos, isto tudo daria três volumosos tomos de 400 a 450 (fl. 652) páginas cada, em que a escolha das cartas reproduzidas, concisão e máxima precisão possível do texto, sobriedade, bom gosto e perfeição gráfica e editorial deveriam correr parelhas.

Procurar-se-ia obter o patrocínio da Universidade de Coimbra e da Sociedade de Geografia de Lisboa para a publicação da obra, e sua direcção superior e fiscalização caberiam a um trio ou Comissão dirigente composta por um representante de cada uma delas e por Armando Cortesão. Este tomaria a seu cargo a selecção das cartas a reproduzir e a escrever o texto em inglês, assumindo a direcção geral efectiva de toda a obra, tanto científica como técnica e administrativamente, o que garantiria unidade de concepção e realização. Todos os planos para execução da obra, sob qualquer dos seus aspectos, seriam sempre previamente submetidos à apreciação e aprovação da Comissão dirigente, que exerceria a fiscalização como julgasse mais conveniente, tomaria na preparação de todo o trabalho a parte que desejasse e garantiria a sua continuidade.

Todos os que têm tomado parte na representação deste projecto desejariam que o Prof. Doutor João Pereira Dias, director de uma Faculdade tradicionalmente ligada à história da ciência, da navegação e, por conseguinte, da cartografia, representasse a sua Universidade na

Comissão e a ela presidiu. Para representar a Sociedade de Geografia ninguém pareceria mais indicado que o Comandante Avelino Teixeira da Mota, jovem estudioso que ultimamente se tem dedicado com entusiasmo, competência e proficiência à história da cartografia, com quem A. Cortesão já tem discutido e consultado sobre este empreendimento, tendo-lhe comunicado alguns documentos essenciais, e com quem está nos melhores termos de camaradagem intelectual.

(fl. 653) A preparação da obra, até haver exemplares encadernados pronto para distribuição, levaria de Janeiro de 1955 a Dezembro de 1957, dedicando-lhe A. Cortesão todo o seu tempo; em Abril de 1956 deveria estar pronta a maior parte do texto e o resto o mais tardar em princípios de 1957. Todos os esforços se fariam para que a obra estivesse concluída e em distribuição antes do fim de 1957, mas seria prudente contar com um ano de tolerância no caso de dificuldade imprevista. Os prazos teriam que ser acrescidos proporcionalmente a qualquer demora que houvesse no início do trabalho.

Não conviria que a edição fosse superior a 415 exemplares, sendo 280 para venda. Depois de cuidadoso estudo chegou-se à conclusão que o capital necessário para publicar esta obra, isto é, o seu custo de produção, seria em números redondos de 1500 contos, e que o preço de venda dos três volumes – dado o seu carácter de enorme importância como propaganda nacional – não deveria ser superior a quatro contos. O preço de venda seria ainda assim inferior ao da produção, Esc. 3.947, pois mesmo na eventualidade de se vender toda a edição não se obteriam mais de 1.250 contos (contando com 20% de desconto a livreiros em pelo menos 330 exemplares) ou seja Esc. 3.289 por exemplar.

Está calculado que seriam precisos 1.000 contos para a execução material da obra – papel (215), gravura (500), imprensa (165) e encadernação (120) – e mais aproximadamente 500 contos para despesas gerais. Estas compreenderiam administração, propaganda, vencimentos, uma viagem aos E.U.A. e outra a alguns países da Europa (para estudar numerosas cartas portuguesas lá existentes e mal conhecidas e consultar bibliotecas e arquivos), e obter fotografias (fl. 654) de algumas cartas da maior importância, que não existem nem na rica colecção particular de A. Cortesão nem na ainda mais rica obtida oficialmente por Teixeira da Mota na sua recente missão ao estrangeiro, as quais seriam aliás utilizadas ao máximo.

Os fornecedores – Fábrica do Papel de Porto dos Cavaleiros, Neogravura Limitada Imprensa de Coimbra Limitada e encadernador Frederico d'Almeida – estão dispostos a co-participar no empreendimento, para o que lhes seriam passadas cartas-contratos e de co-participação pela Comissão. Os fornecimentos no valor de 1.000 contos seriam feitos adiantadamente, mas haveria que entregar aos fornecedores aproximadamente 500 contos até o mais tardar janeiro de 1958, quando a obra já estaria concluída, e os restantes 500 contos seriam cobertos pelas primeiras vendas (quasi metade da edição).

A realização desta obra monumental e de superior interesse nacional só seria possível se se conseguisse do Estado um subsídio de 1.000 contos, para pagar os primeiros 500 contos aos fornecedores e os 500 contos de despesas gerais – subsídio a ser livremente administrado pela Comissão absolutamente livre de quaisquer encargos e obrigações que não fossem a conclusão da obra no prazo e condições estabelecidos previamente.

Se se vendesse toda a edição haveria um lucro aproximadamente de 700 contos que seria distribuído, em percentagens já mais ou menos acordadas, pelos fornecedores, como compensação pelo empate de capital e riscos evidentes em que ocorreriam, pela pessoa encarregada da parte administrativa, e pelos membros da Comissão dirigente. O ganho do Estado seria representado pelo enorme valor de propaganda nacional que teria tal obra, realizada em (fl. 655) condições tão vantajosas e garantidas pela idoneidade intelectual, moral, técnica e comercial dos que nela tomassem parte.

O melhor seria que obra de tal carácter científico e internacional fosse publicada apenas em inglês, mas se, por motivos de norma ou prestígio nacional, fosse exigido também o texto em português, isto é, conjuntamente nas duas línguas, seria indispensável contar com mais seis meses de trabalho e que, para ajudar a cobrir mais seis meses de despesas gerais e a composição em português, o subsídio fosse elevado para 1.100 contos; caso contrário seria necessário aumentar o preço de venda para Esc. 4.500.

O subsídio poderia ser entregue à Comissão em quatro prestações de 250 contos em Janeiro de cada ano; ou, no caso do texto também em português, a última, em Janeiro de 1958, seria de 350 contos. Estes fundos só poderiam ser levantados com as assinaturas de dois dos membros da Comissão, cujas decisões seriam sempre do conhecimento dos seus três membros e tomadas por maioria. O trabalho começaria assim que fosse recebida a primeira prestação.

Talvez dificilmente se torne, como agora, a reunir um conjunto de circunstâncias tão favoráveis à possibilidade de se realizar esta obra tão importante. Oportunidade excepcional, que seria lamentável deixar perder.

Em 6 de Novembro de 1954 todos os interessados neste empreendimento se reuniram na Sociedade de Geografia de Lisboa, sob a presidência do Prof. Doutor António Mendes Corrêa, tendo-se chegado a perfeito acordo sobre tudo o que aqui fica exposto, que foi maduramente pensado e amplamente discutido.

(fl. 656) Se fosse julgado conveniente, mais tarde poderiam ser publicados um quarto volume de Portugaliae Monumenta Cartographica, abrangendo o século XVII, e um quinto volume para o século XVIII. Mas o seu interesse e valor seriam muito menores, pois a nossa grande cartografia, de que existe documentação tão abundante e que tanto prestigia Portugal no mundo culto, pertence quasi que exclusivamente ao século XVI.

12 de Novembro de 1954.

Folhas (657)=(642)

PORTUGALIAE MONUMENTA CARTOGRAPHICA Publicação em projecto

Há em todo o mundo culto que se interessa pela história da geografia e em especial pela da cartografia, uma verdadeira sede de boas reproduções e informação segura de cartas antigas portuguesas. Propõe-se seleccionar umas 300 cartas portuguesas quinhentistas e reproduzi-las, em escala que torne o seu estudo tão prático como nos próprios originais, em três grandes volumes in-folio – com aproximadamente 48x61 cm para a página e 31x44 cm para a mancha do texto. A cada folha de reproduções corresponderia uma folha de texto, com breves elementos biográficos do cartógrafo respectivo, história da carta e sua descrição sumária.

A obra seria escrita originalmente e publicada em inglês e chamar-se-ia Portugaliae Monumenta Cartographica. A introdução incluiria uma nota, não muito extensa, sobre a cartografia portuguesa antiga e a resenha de todas as cartas e cartógrafos portugueses antigos conhecidos. Isto tudo daria três volumosos tomos de 400 a 450 páginas cada, em que a escolha das cartas reproduzidas, concisão e máxima precisão possível do texto, sobriedade, bom gosto e perfeição gráfica e editorial deveriam correr parrelhas.

Procurar-se-ia obter o patrocínio da Universidade de Coimbra e da Sociedade de Geografia de Lisboa para a publicação da obra, e a sua direcção superior e fiscalização caberiam a uma Comissão composta pelo Professor Doutor João Pereira Dias, representando a Universidade de Coimbra e que serviria de Presidente, pelo Comandante Avelino Teixeira da Mota, representando a Sociedade de Geografia, e pelo Dr. Armando Cortesão. O último dedicaria todo o seu (fl. 658)=(643) tempo a este trabalho e – dada a sua idade, experiência e especialização no assunto – tomaria a seu cargo escrever o texto em inglês e a direcção geral da preparação e execução da obra. O Com.<sup>te</sup> Teixeira da Mota encarregar-se-ia de todo o trabalho que desejasse. Todos os planos ou medidas para a execução da obra, sob qualquer dos seus aspectos, seriam submetidos à Comissão, que decidiria e fiscalizaria a sua realização como julgasse mais conveniente.

A obra seria publicada em co-autoria de Armando Cortesão e Adelino Teixeira da Mota. A sua preparação, até haver exemplares encadernados prontos para distribuição, levaria de Janeiro de 1955 a Dezembro de 1957; em Abril de 1956 deveria estar pronta a maior parte do texto e o resto o mais tardar em princípios de 1957. Todos os esforços se fariam para que a obra estivesse concluída e em distribuição antes do fim de 1957, mas seria prudente contar com um ano de tolerância em caso de dificuldade imprevista. Os prazos teriam que ser acrescidos proporcionalmente a qualquer demora que houvesse no início do trabalho.

Não conviria que a edição fosse superior a 415 exemplares. Depois de cuidadoso estudo apurou-se que o seu custo de produção seria de 1700 contos, e o preço de venda dos três volumes ao público não deveria – dada a sua enorme importância como propaganda nacional – não deveria ser superior a 5 contos. O preço de venda seria assim inferior ao custo, pois mesmo na eventualidade de se vender toda a edição na realidade 380 exemplares (415 menos 35 que seriam precisos para o depósito legal e ofertas), não se apurariam mais de 1520 contos (contando com 20% de desconto aos livreiros) ou seja 4 contos por cada exemplar que custou a produzir Esc. 4474 (ou 4737 se o texto for também em português).

Está calculado que seriam precisos 1000 contos para a execução (fl. 659)=(644) material da obra – papel (215), gravura (500), imprensa (165) e encadernação (120) – e mais aproximadamente 700 contos para despesas gerais. Estas compreenderiam administração, propaganda, vencimentos, uma viagem aos E.U.A. e outra a alguns países da Europa (para estudar numerosas cartas lá existentes e mal conhecidas e consultar bibliotecas e arquivos), e obter fotografias de algumas cartas de maior importância, que não existem nem na rica colecção particular de A. Cortesão nem na mais rica ainda obtida por Teixeira da Mota durante a sua recente missão ao estrangeiro, as quais aliás seriam utilizadas ao máximo.

Os fornecedores – Fábrica do Papel de Porto dos Cavaleiros, Neogravura Limitada Imprensa de Coimbra Limitada e encadernador Frederico d'Almeida – co-participariam no empreendimento mediante cartas-contratos passadas pela Comissão. Os fornecimentos no valor de 1000 contos seriam feitos adiantadamente, mas seria preciso entregar aos fornecedores 500 contos até Janeiro de 1958, sendo os restantes 500 contos cobertos pela venda dos primeiros 125 exemplares.

A realização desta obra monumental e de superior interesse nacional só seria possível se se conseguisse do Estado um subsídio de 1200 para pagar os primeiros 500 contos aos fornecedores e os 700 contos de despesas gerais – subsídio a ser livremente administrado pela Comissão e absolutamente livre de quaisquer encargos ou obrigações que não fossem a conclusão da obra no prazo e condições estabelecidos previamente e a entrega dos exemplares abaixo mencionados.

O subsídio poderia ser concedido pelo Ministério do Ultramar (fl. 660)=(645) sob a forma de aquisição de 125 exemplares a Esc. 9.600 cada, ou seja pouco mais do dobro do custo de produção. Isto, nada teria de anormal, pois o preço de venda de qualquer livro por uma casa editora é geralmente superior ao dobro do seu custo de produção.

Neste caso, conforme a conta no Anexo A, a venda de toda a edição daria aos que tomassem parte efectiva na sua produção um lucro eventual de 620 contos que seria distribuído segundo percentagens indicadas no Anexo B, embora as três primeiras como mera sugestão e por conseguinte sujeitas a qualquer alteração que fosse julgada conveniente. O lucro do Estado seria, além dos 125 exemplares adquiridos pelo Ministério do Ultramar, representado pelo enorme valor de propaganda nacional que a obra teria.

Como o trabalho não poderia ser iniciado antes de se começar a receber o subsídio, conviria que este fosse concedido em quatro prestações de 300 contos no princípio de cada ano.

Se além do texto em inglês fosse exigido texto idêntico em português, seriam precisos mais seis meses de trabalho e mais 100 contos de subsídio, para ajudar a cobrir as correspondentes despesas gerais e composição tipográfica, e a última prestação poderia ser de 400 contos.

Se fosse julgado conveniente, mais tarde poderiam ser publicados um quarto volume, abrangendo o século XVII, e um quinto para o século XVIII. Mas a grande cartografia nacional, que tanto prestigia Portugal no mundo culto, pertence quasi exclusivamente ao século XVI.

24 de Novembro de 1954.

(fl. 661)=(646)

ANEXO A  
CONTA DA EDIÇÃO

Tiragem : 415 exemplares

Preço de venda ao público: 5 contos

Subsídio: 1.200 contos

Custo de produção:

Execução material da obra (papel, gravura, imprensa e encadernação).....1.000

Despesas Gerais (Anexo B).....700

Total: 1.700 contos

Se o Ministério do Ultramar adquirir 125 a Esc. 9.600, ou sejam 1.200 contos, cresceriam 290 exemplares. Seria preciso contar com 35 exemplares para o depósito legal, ofertas a revistas estrangeiras da especialidade, colaboradores, etc.; se o Ministério do Ultramar condescendesse em ceder 25 e daqueles 290 se tirassem os outros 10, ficariam 280 para venda ao público, o que eventualmente daria:

280 exemplares a 4 contos (5 contos com 20% de desconto aos livreiros)

1.120 contos

O custo da execução material seria pago com: 500 contos do subsídio mais 500 contos das primeiras vendas.

Os restantes 700 contos do subsídio cobririam as despesas gerais.

Haveria assim, se se vendessem todos os 280 exemplares, um lucro eventual de 620 contos, que seriam distribuídos segundo as percentagens indicadas no Anexo B.

Se as despesas gerais fossem além dos 700 contos previstos, os lucros seriam proporcionalmente diminuídos. Se fosse exigido o texto também em português seria preciso aumentar o subsídio para 1.300 contos.

(fl. 662)=(647)

ANEXO B (Sujeito a alterações julgadas convenientes)

DESPEZAS GERAIS

(em contos)

	1º ano	2º ano	3º ano	Totais individuais
-----				
Presidente da Comissão	12	12	12	36
A. Cortesão (full time)	90	90	90	270
A. Teixeira da Mota	30	30	30	90
Assistente (universitário) part time	18	18	18	54
Assistente (contabilista) part time	12	12	12	36
Secretária-dactilógrafa sabendo				
Inglês (part time)	6	6	6	18
Viagem U.S.A.	60			60
	(aproximadamente)			
Viagem Europa		24		24
	(aproximadamente)			
Administração, propaganda e				
Imprevistos	42	28	42	112
<u>Totais anuais</u>	270	220	210	700 Total geral

PERCENTAGENS

(em 620 contos de lucros)

	%	contos
Presidente da Comissão	5	31,0
Armando Cortesão	32   (sugestão)	198,4
A. Teixeira da Mota	16	99,2
Fábrica do Papel	12	74,4
Gravura	20	124,0
Imprensa	10	62,0
Encadernador	5	31,0
	-----	-----
	100	620,0

Lista preliminar de Cartas Portuguesaspara seleccionar aquelas a reproduzir

1 - Planisfério “Cantino”, Modena	1502
2 - Pedro Reinel, Carta Atlântico N., Munique	c.1502
3 - Pedro Reinel, Carta Indico, etc., British Museum	c.1518
4 - Pedro Reinel, Carta Indico, etc., Munique	c.1520
5 - ? , Carta Mediterrâneo, etc., Munique	?
6 - “Kunstman III”, anónima, Atlântico, etc., Munique	c.1506
7 - Anónima, Índico e Polinésia, Wolfenbüttel	c.1510
35 - Francisco Rodrigues, Atlas 28 cartas, Paris	c.1512
36 - Jorge Reinel, Planisfério “Kunstman IV”, Munique	c.1519
37 - Jorge Reinel, Carta Atlântico, Florença	c.1534
38 - ? , anónima, em projecção polar, Istambul	c.1524
39 - ? , anónima, Atlântico etc., Greenwich	c.1530
40 - Lopo Homem, Carta Atlântico, Paris	c.1519
45 - Lopo Homem, Atlas 5 cartas, Paris	c.1519
46 - Lopo Homem, Carta Mediterrâneo, Pisa	c.1540
47 - Lopo Homem, Carta Atlântico N., Lisboa	c.1550
48 - Lopo Homem, Planisfério, Florença	1554
49 - Anónima, Sul Africa, Indico, etc, Wolfenbüttel	?
50 - Diogo Ribeiro, Planisfério, Weimar	1527
51 - Diogo Ribeiro, Planisfério, Weimar	1529
52 - Diogo Ribeiro, Planisfério, Roma	1529
53 - Pero Fernandes, Carta Atlântico, etc., Dresda	1528
54 - Pero Fernandes, Carta Atlântico, etc., Dresda	?



(fl. 664)

55 - Pero Fernandes, Carta Atlântico, etc., Wolfenbüttel	?
56 - Gaspar Viegas, Carta Atlântico, etc., Paris	1534
80 - ? , Atlas 24 cartas, Florença	?
116- ? , Atlas 26 cartas, Florença	?
124- ? , Atlas 8 cartas, Viena	?
125- Anónimo, Indico, etc., Wolfenbüttel	c.1540
126- António Pereira, América e Pacífico, Providence	c.1545
127- “Penrose Map”, Malaia, etc., U.S.A.	c.1545
134- João Freira, Atlas 7 cartas, Huntington Library U.S.A.	1546
135- Anónima, Atlântico Central, R.G.S. Londres	c.1550
136- Anónima fragmento, Pacífico, Bib. Marinha, Lisboa	?
137- Diogo Homem, Carta Europa, etc., Veneza	1557
149- Diogo Homem, Atlas 12 cartas, British Museum	1558
157- Diogo Homem, Atlas 8 cartas, Paris	c.1558
165- Diogo Homem, Atlas 8 cartas, Paris	1559
166- Diogo Homem, Carta Mediterrâneo, etc., Inglaterra	1559
167- Diogo Homem, Carta Mediterrâneo, etc., Veneza	1560
168- Diogo Homem, Carta Europa, etc., Parma	1561
182- Diogo Homem, Atlas 14 cartas, Viena	1561
183- Diogo Homem, Carta Mediterrâneo, etc., Florença	1563
212- Diogo Homem, Atlas 29 cartas, Dresda	1568
213- Diogo Homem, Carta Mediterrâneo, etc., Roma	1569
213- Diogo Homem, Carta Europa, etc., British Museum	1570
221- Diogo Homem, Atlas 7 cartas, Paris	1572
228- Diogo Homem, Atlas 7 cartas, Paris	1574
229- Diogo Homem, Carta Mediterrâneo, Veneza	1575

(fl. 665)

230-	Diogo Homem, Carta mediterrâneo, Milão	1576
231-	Diogo Homem, Carta mediterrâneo, Volterra	?
232-	Sebastião Lopes, Carta Europa, América, etc., Brit. M.	1558
233-	?, Anónima, Atlântico, etc., Greenwich	?
234-	André Homem, grande Planisfério, Paris	1559
235-	Fernº. Álvaro Seco, Carta Portugal, in Ortélio	1560
236-	Bartolomeu Velho, Planisfério, Spezia	1561
256-	Atlas Palmela, anónimo, 20 cartas, Lisboa	?
266-	Lázaro Luís, Atlas 10 cartas, Lisboa	1563
286-	Fernão Vaz Dourado, Atlas 20 cartas, D <sup>e</sup> . Alba, Madrid	1568
306-	Fernão Vaz Dourado, Atlas 20 cartas, Bibl. Nac. Lisboa	1568
326-	Fernão Vaz Dourado, Atlas 20 cartas, Huntington Libr.	1570
344-	Fernão Vaz Dourado, Atlas 18 cartas, Torre do Tombo	1571
365-	Fernão Vaz Dourado, Atlas 21 cartas, British Museum	1573
397-	Fernão Vaz Dourado, Atlas 32 cartas, Munique	1580
398-	Domingos Teixeira, Planisfério, Paris	1575
399-	Manuel Mesq <sup>a</sup> Perestrelo, Costa SE Africa, British Museum	1575
400-	Manuel Mesq <sup>a</sup> Perestrelo, Costa SE Africa, Évora	1575
401-	Manuel Mesq <sup>a</sup> Perestrelo, Costa SE Africa, Porto	1575
402-	Anónima, Costa Melinde e Zanzibar, British Museum	?
426-	Atlas anónimo, 24 cartas, Chicago	1575-80
427-	Fernão Simão, Carta Atlântico, British Museum	1580
428-	?, Anónima, Mediterrâneo, Greenwich	?
429-	Luís Teixeira, Carta Açores, in Ortélio	1584
435-	Luís Teixeira, Atlas 6 cartas, Florença	1587
436-	Luís Teixeira, Carta Japão, in Ortélio	1596

(fl. 666)

437- Luís Teixeira, Carta Atlântico, Florença	c.1600
438- Luís Teixeira, Carta Europa, etc., Huntington Libr.	c.1600
439- Luís Jorge de Barbuda, Carta China, in Ortélio	1584
447- Bartolomeu Lasso, Atlas 8 cartas, Roterdam	1590
448- Bartolomeu Lasso, Carta, Bruxelas	?
449- Bartolomeu Lasso, Carta Atlântico, Bibl. Miss. Salisbury	?
450- Pedro de Lemos, Carta costas Europa, etc., Brit. Museum	1594
451- Cipriano Sanches, Carta Atlântico, British Museum	1596
452- Cipriano Sanches, Carta Ceilão, in Mercator	1607

N.B. No número de “cartas” dos Atlas a reproduzir estão incluídos, para simplificar a exposição, as folhas com táboas de declinação e regras cosmográficas, e os frontispícios. Nem todas serão reproduzidas e outras, aqui não mencionadas, haverá a reproduzir; mas é cedo ainda para decidir.

Se muitas destas cartas, sobretudo as dos Atlas, poderão ser incluídas às duas e talvez às três numa só página de gravura, outras, especialmente os planisférios, terão de ocupar página dupla.

O objectivo é fazerem-se 300 páginas de reproduções, mas a lista definitiva só mais tarde, depois de laboriosamente reunidos todos os elementos necessários, poderá ser decidida.

Muitas destas cartas ainda estão inéditas e várias delas não foram referidas na minha Cartografia.

A.C.



## Anexo II – Índice dos artigos dos *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, por Autor

Artigos da autoria de **Armando Cortesão** que integram a edição original:

### **Volume I** [34 artigos]:

“Introdução Geral”, pp. xvii-xlii.

“Introdução do Volume I”, pp. xlv-xlvi.

“Anónimo, Carta do último quartel do século XV (Estampa 2)”, pp. 3-4.

“Anónimo, Fragmento de uma Carta de fins do século XV, (Estampa 3)”, p. 5.

“Anónimo, O Planisfério “Cantino”, de 1502 (Estampas 4 e 5)”, pp. 7-13. [Autoria conjunta com TM]

“Anónimo, Carta de c. 1506 (Estampa 6)”, pp. 15-16.

“Os Cartógrafos Pedro e Jorge Reinél e a sua Obra”, pp. 19-21.

“Anónimo – Pedro Reinél, Carta de c. 1500 (Estampa 7)”, pp. 23-24.

“Pedro Reinél, Carta de c. 1504 (Estampa 8)”, pp. 25-27.

“Anónimo – Jorge (?) Reinél, Carta de 1510 (Estampa 9)”, pp. 29-31.

“Anónimo – Pedro Reinél, Carta de c. 1517 (Estampa 10)”, pp. 33-34.

“Anónimo – Pedro Reinél, Carta de c. 1518 (Estampa 11)”, pp. 35-36.

“Anónimo – Jorge Reinél, Planisfério de c. 1519 (Estampa 12)”, pp. 37-38.

“Anónimo – Pedro (?) Reinél, Carta de c. 1522 (Estampa 13)”, pp. 39-41.

“Anónimo – Pedro (?) Reinél, Carta de c. 1535 (Estampa 14)”, pp. 43-44.

“[Jorge] Reinél, Carta de c. 1540”, pp. 45-46.

“O Cartógrafo Lopo Homem e a sua Obra”, pp. 49-53.

“Lopo Homem – Reinéis, Atlas de 1519 (Estampas 16-24)”, pp. 55-61.

“Lopo Homem, Carta Náutica de c. 1550” (Estampa 25)”, pp. 63-64.

“Anónimo – Lopo Homem, Carta Náutica de c. 1550 (Estampa 26)”, pp. 65-66.

“Lopo Homem, Planisfério de 1554” (Estampa 27)”, pp. 67-68.

“Duarte de Armas, «Livro das Fortalezas», c. 1509 – c. 1516 (Estampas 28-33)”, pp. 71-75.

“«O Livro» de Francisco Rodrigues, c. 1513 (Estampas 34-36)”, pp. 79-84.

“O Cartógrafo Diogo Ribeiro e a sua Obra”, pp. 87-94.

“Anónimo – Diogo Ribeiro, Planisfério de 1525 (Estampa 37)”, pp. 95-98.

“Diogo Ribeiro, Três Planisférios datados: Planisfério Anónimo de 1527 (Estampa 38); Planisfério de 1529 (Vaticano – Estampa 39); Planisfério de 1529 (Weimar – Estampa 40)”, pp. 99-106.

“Anónimo – Diogo Ribeiro, Carta de c. 1532 (Estampa 41)”, pp. 107-109.

“Pero Fernandes, Duas Cartas de 1528 e c.1525 (Carta de 1528 - Estampa 42; Carta de c. 1525 - Estampa 43)”, pp. 113-114.

“Anónimo, Carta de c. 1535 (Estampa 58)”, pp. 123-124.

“D. João de Castro Cartógrafo: *Roteiro de Lisboa a Goa* (Estampa 59); *Roteiro de Goa a Dio* (Estampas 60-63); *Roteiro do Mar Roxo* (Estampas 64-70)”, pp. 127-144.

“João Afonso, Esboços Cartográficos de c. 1543 (Estampas 72-73)”, pp. 149-150.

“António Pereira, Carta de c. 1545 (Estampa 74)”, pp. 151-152.

“João Freire, Atlas de 1546 (Estampas 75-78)”, pp. 153-154.

“Gaspar Correia, meados do Século XVI: *As Lendas da Índia* (Estampas 85-86); *O Livro de Lizarate de Abreu*, 1558-1564 (Estampa 87)”, pp. 167-172.

## **Volume II** [29 artigos]:

“Introdução do Volume II”, pp. xiii-xiv.

“O Cartógrafo Diogo Homem e a sua Obra”, pp. 3-10.

“Diogo Homem, Carta de 1557 (Estampa 99)”, p. 11.

“Diogo Homem, Atlas de 1558 (Estampas 100-108)”, pp. 13-15.

“Diogo Homem, Atlas de 1559 (Estampas 109-115)”, pp. 17-18.

“Diogo Homem, Carta de 1559 (Estampa 116)”, p. 19.

“Diogo Homem, Carta de 1560 (Estampa 117)”, p. 21.

“Diogo Homem, Carta de 1560 (?), (Estampa 118)”, p. 23.

“Diogo Homem, Carta de 1561 (Estampa 119)”, p. 25.

“Diogo Homem, Atlas de 1561 (Estampas 120-126)”, pp. 27-28.

“Diogo Homem, Carta de 1563 (Estampa 127)”, p. 29.

“Diogo Homem, Atlas de 1568 (Estampas 128-143)”, pp. 31-32.

“Diogo Homem, Carta de 1569 (Estampa 144)”, p. 33.

“Diogo Homem, Carta Gravada de 1569 (Estampa 145)”, pp. 35-37.

“Diogo Homem, Carta de 1570 (Estampa 146)”, p. 39.

“Diogo Homem, Atlas de 1572 (Estampas 147-150)”, p. 41.

“Diogo Homem, Atlas de 1574 (Estampas 150-153)”, p. 43.

“Diogo Homem, Carta de 1576 (Estampa 154)”, p. 45.

“Diogo Homem, Carta de c. 1566 (Estampa 155)”, p. 47.

“Anónimo – Diogo Homem, Atlas de c. 1558 (Estampas 156-162)”, pp. 49-51.

“Anónimo – Diogo Homem, Atlas de c. 1561 (Estampas 163-166)”, pp. 53-54.

“Anónimo – Diogo Homem, Atlas de c. 1561 (Estampas 167-170)”, pp. 55-56.

“Anónimo – Diogo Homem, Atlas de c. 1565 (Estampas 170-179)”, pp. 57-60.

“Anónimo – Diogo Homem, Atlas de c. 1567 (Estampas 180-183)”, pp. 61-62.

“Anónimo – Diogo Homem, Atlas de c. 1571 (Estampas 183-186)”, pp. 63-64.

“André Homem, Planisfério de 1559 (Estampas 187-191)”, pp. 67-71.

“Lázaro Luís, Atlas de 1563 (Estampas 98, 211-226)”, pp. 113-116.

“Luís Jorge de Barbuda, Carta de c. 1575-1584 (Estampa 239 A)”, pp. 123-125.

“Anónimo – Inácio Moreira (?), Carta de c. 1581 (Estampa 239 B)”, pp. 127-128.

### **Volume III** [11 artigos]:

“Introdução do Volume III”, pp. xiii-xiv.

“O Cartógrafo Fernão Vaz Dourado e a sua Obra”, pp. 3-8.

“Fernão Vaz Dourado, Atlas de 1568 (Estampas 242-258)”, pp. 9-12.

“Fernão Vaz Dourado, Atlas de 1570 (Estampas 259-277)”, pp. 13-16.

“Fernão Vaz Dourado, Atlas de 1571 (Estampas 278-294)”, pp. 17-22.

“Fernão Vaz Dourado, Atlas de 1575 (Estampas 241, 295-313)”, pp. 23-26.

“Fernão Vaz Dourado, Atlas de 1580 (Estampas 314-328)”, pp. 27-28.

“Anónimo – Fernão Vaz Dourado, Atlas de c. 1576 (Estampas 329-347)”, pp. 29-32.

“Duarte Lopes, Duas Cartas Gravadas em 1591 (Estampas 386 A e B)”, pp. 103-108.

“Cipriano Sanches Vilavicêncio, Carta de 1596 (Estampa 387)”, p. 109.

“Cipriano Sanches Vilavicêncio, Carta de c. 1600 (Estampas 388 A, B, C, D)”, pp. 111-113.

### **Volume IV** [11 artigos]:

“Introdução do Volume IV”, pp. xiii-xiv.

“Sebastião Lopes e a sua Obra”, pp. 3-4.

“Sebastião Lopes, Carta de 1558 (Estampa 390)”, p. 5.

“Anónimo – Sebastião Lopes, Carta de c. 1555 (Estampa 391)”, pp. 7-8.

“Anónimo – Sebastião Lopes, Atlas de c. 1565 (Estampas 389, 392-406)”, pp. 9-14.

“Anónimo – Sebastião Lopes, Carta de c. 1570 (Estampa 407)”, pp. 15-16.

- “Anónimo – Sebastião Lopes (?), Planisfério de c. 1583 (Estampa 408)”, pp. 17-21.
- “Anónimo – Sebastião Lopes, Fragmento de Carta de c. 1581 (Estampa 409 A)”, pp. 23-24.
- “Manuel de Mesquita Perestrelo, Carta de 1576 (Estampas 409 B e C)”, pp. 27-30.
- “Pero de Magalhães de Gandavo, Carta de c. 1574 (Estampa 410 A)”, pp. 31-33.
- “Pedro de Lemos, Carta de 1594 (Estampa 410 B)”, pp. 35-36.

**Volume V** [8 artigos]:

- “Introdução”, pp. xiii-xvi.
- “Pedro Reinel, Carta de c. 1485 (Estampas 521-522)”, pp. 3-4.
- “Diogo Ribeiro, Fragmentos dum Planisfério de 1530 (Estampa 523)”, pp. 5-6.
- “Anónimo, Fragmento de Uma Carta Náutica, terceiro quartel do Século XVI (Estampa 524)”, pp. 7-8.
- “Outras Cartas do Século XVII (António Francisco Cardim, Carta do Japão, 1646 - Estampa 609 B); pp. 118-119.
- “Apêndice I, Os Esboços das ilhas Atlânticas por Valentim Fernandes”, pp. 127-131.
- “Apêndice IV, Dois novos documentos sobre os Reinóis”, p. 144.
- “Apêndice VI, Estudo da Evolução da Antiga Representação Cartográfica de Algumas Regiões do Mundo”, pp. 156-178.

Artigos da autoria de **Teixeira da Mota** que integram a edição original:

**Volume I** [9 artigos]:

- “Anónimo, O Planisfério “Cantino”, de 1502 (Estampas 4 e 5)”, pp. 7-13. [Autoria conjunta com AC]
- “Gaspar Viegas, Carta de 1534 (Estampa 44)”, pp. 115-116.
- “Anónimo – Gaspar Viegas, Dois Atlas de c. 1537 (Estampas 45-57)”, pp. 117-121.
- “Anónimo – Carta de c. 1540 (Estampa 71)”, pp. 147-148.
- “Dois Planisférios Anónimos: Planisfério de c. 1545 (Estampa 79); Planisfério de c.1550 (Estampa 80)”, pp. 155-159.
- “Duas Cartas Anónimas, c. 1550: Carta da Royal Geographical Society (Estampa 81); Carta da Bodleian Library, c. 1550 (Estampa 82)”, pp. 161-162.
- “Dois Fragmentos Anónimos: Anónimo – Fernão Vaz Dourado, c. 1568 (Estampa



83 A); Anónimo – Domingos Teixeira (?), meados do Século XVI (Estampa 83 B)”, pp. 163-164.

“Anónimo, Carta de c. 1560 (Estampa 84)”, p. 165.

“Anónimo, Atlas do “Livro de Marinharia de João de Lisboa”, c. 1560 (Estampas 88-97)”, pp. 173-176.

## **Volume II** [11 artigos]:

“Anónimo – Atlas de c. 1550 – c. 1560 (Estampas 192-196)”, pp. 73-76.

“Fernando Álvares Seco, Carta de Portugal: Edição de 1561 (Estampa 197); Edição de 1565 (Estampa 198)”, pp. 79-81.

“Anónimo – Fernando Álvares Seco (?), Carta de Portugal num Atlas de c. 1580 – c. 1585 (Estampa 199)”, pp. 83-86.

“O Cartógrafo Bartolomeu Velho e a sua Obra”, pp. 89-92.

“Anónimo – Bartolomeu Velho, Carta em Fusos de c. 1560 (Estampa 200)”, pp. 93-94.

“Bartolomeu Velho, Grupo de Quatro Cartas de 1561 (Estampas 201-204)”, pp. 95-97.

“Bartolomeu Velho, “Cosmographia”, 1568 (Estampas 205-210)”, pp. 103-105.

“Anónimo – Bartolomeu Velho, Atlas de c. 1560 (Estampas 227-236)”, pp. 107-109.

“Domingos Teixeira, Carta de c. 1570 (Estampa 237)”, pp. 119-120.

“Domingos Teixeira, Planisfério de 1573 (Estampa 238)”, pp. 121-122.

“Simão Fernandes (?), Carta de c. 1580 (Estampa 240)”, pp. 129-131.

## **Volume III** [16 artigos]:

“Anónimo – Atlas de c. 1585 (Estampas 348-356)”, pp. 33-38.

“O Cartógrafo Luís Teixeira e a sua Obra”, pp. 41-49.

“Luís Teixeira, Grupo de Seis Cartas dos Açores, 1587 (Estampas 357-359)”, p. 51.

“Luís Teixeira – Carta de c. 1600 (Estampa 360)”, pp. 53-61.

“Luís Teixeira, Carta do último quartel do Século XVI (Estampa 361)”, p. 63.

“Luís Teixeira, Quatro Cartas Gravadas: Carta dos Açores, 1584 (Estampa 362 A); Carta do Japão, 1595 (Estampa 362 B); Carta de África, c. 1600 (Estampa 362 C); Carta da Guiné, 1602 (Estampa 362 D)”, pp. 65-70.

“Anónimo – Luís Teixeira, Fragmento de Planisfério, c. 1585 (Estampa 363)”, pp. 71-72.

“Anónimo – Luís Teixeira, Roteiro-Atlas do Brasil, c. 1586 (Estampas 364-365)”, pp. 73-75.

“Anónimo – Luís Teixeira, Fragmento de Carta, de c. 1590 (Estampa 366 A)”, pp. 77-78.

“Anónimo – Luís Teixeira, Carta Gravada da ilha Terceira, editada por Ortélio, 1582 (Estampa 366 B)”, pp. 79-80.

“Anónimo – Luís Teixeira, Dez Cartas: Duas Cartas do Canal da Mancha, fins do Século XVI (Estampa 367); Três Cartas no Roteiro Impresso de Gaspar Ferreira Reimão, 1612 [e] Cinco Cartas no Roteiro Manuscrito de Gaspar Ferreira Reimão, c. 1610 (Estampa 368)”, pp. 81-84.

“O Cartógrafo Bartolomeu Lasso e a sua Obra”, pp. 87-89.

“Bartolomeu Lasso, Atlas de 1590 (Estampas 369-376)”, pp. 91-92.

“Bartolomeu Lasso, Três Cartas não datadas: Carta de c. 1575 (Estampa 377)”; Carta de c. 1586 (Estampa 378); Carta de c. 1588 (Estampa 379)”, pp. 93-94.

“Anónimo – Bartolomeu Lasso, Carta de c. 1584 (Estampa 380), pp. 95-96.

“Algumas Cartas Gravadas Holandesas baseadas em obras de Bartolomeu Lasso: Seis Cartas de Petrus Plancius, 1592-1594 [e] Cinco Cartas do «Itinerario» de Linschoten, 1596 (Estampas 381-385)”, pp. 97-100.

#### **Volume IV [25 artigos]:**

“O Cartógrafo Manuel Godinho de Erédia e a sua Obra”, pp. 39-46.

“Manuel Godinho de Erédia, Várias Obras de 1601 a c. 1616: Carta de 1601 (Estampa 411 A); Duas Cartas de 1602 (Estampa 411 B-C)”; Atlas de 1610 (Estampa 411 D-F); *Declaração de Malaca*, 1613 (Estampa 412); Tratado Ophirico, 1616 (Estampa 413 A e B); Anónimo, Carta da ilha de Goa, c. 1616 (Estampa 413 C)”, pp. 47-52.

“Anónimo – Manuel Godinho de Erédia, Atlas-Miscelânea de c. 1615 – c. 1622 (Estampas 414-422)”, pp. 53-60.

“O Cartógrafo João Baptista Lavanha e a sua Obra”, pp. 63-68.

“João Baptista Lavanha, Carta de Aragão, 1615 (1620), (Estampa 423)”, pp. 69-70.

“João Baptista Lavanha, Três Cartas Gravadas na “Quarta Década da Ásia”, 1615 (Estampa 424)”, pp. 71-72.

“Anónimo – João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, Atlas-Cosmografia, de Trinta e Duas Folhas, 1597 e 1612 (Estampas 424 C & 425-440)”, pp. 73-76.

“O Cartógrafo João Teixeira I ou João Teixeira Albernaz I e a sua Obra”, pp. 79-91.

“Anónimo, João Teixeira Albernaz I, Dezoito Cartas no Códice “Rezão do Estado do Brasil”, c. 1616 (Estampas 441-445)”, pp. 93-97.

“João Teixeira I, Vinte e Duas Cartas no “Livro qve dá Rezão do Estado do Brasil”, c. 1626 (Estampas 446-452)”, pp. 99-101.

“João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1627 com Dezanove Cartas (Estampas 453-458)”, pp. 103-105.

“Anônimo – João Teixeira Albernaz I, Atlas Universal de c. 1628 com Vinte Cartas (Estampas 459-463)”, pp. 107-110.

“João Teixeira I, Atlas Universal de 1630, com Trinta e Uma Cartas (Estampas 464-472)”, pp. 111-118.

“João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1631, com Trinta e Seis Cartas (Estampas 473-481)”, pp. 119-122.

“Anônimo – João Teixeira Albernaz I, Atlas Universal de c. 1632, com Catorze Cartas (Truncado – Estampas 482-486)”, pp. 123-124.

“João Teixeira I, Atlas do Brasil de 1640, com Trinta e Duas Cartas (um original e sete cópias – Estampas 487-496)”, pp. 125-132.

“Anônimo – João Teixeira Albernaz I, Grupo de Quatro Cartas de c. 1640 (Estampas 497-498)”, pp. 133-134.

“João Teixeira I, Atlas do Brasil de 1642, com Vinte e Três Cartas (Truncado – Estampas 499-502)”, pp. 135-136.

“João Teixeira I, Atlas Universal de 1643, com Oito Cartas (Estampas 503-506)”, pp. 137-138.

“João Teixeira I, Duas Cartas de 1645 e 1646; Carta de 1645 (Estampa 507); Carta de 1646 (Estampa 508)”, p. 139.

“João Teixeira I, Atlas da Costa de Portugal de 1648, com Dezasseis Cartas (quatro originais e uma cópia – Estampas 509-510)”, pp. 141-143.

“Anônimo – João Teixeira Albernaz I, Atlas das Cidades e Fortalezas da Índia Oriental, c. 1648, com Vinte e Três Mapas (quatro exemplares – Estampas 511-512)”, pp. 145-146.

“João Teixeira I, Duas Cartas Gravadas e Duas Cartas Manuscritas de 1649 (Estampas 513-516)”, pp. 147-149.

“O Cartógrafo Pedro Teixeira Albernaz e a sua Obra”, pp. 153-156.

“Pedro Teixeira Albernaz, Três Cartas Gravadas: Carta dos Estreitos de Magalhães e S. Vicente, 1619 (1621), (Estampa 517); Planta de Madrid, 1656 (Estampa 518); Mapa de Portugal, 1662 (Estampa 519)”, pp. 157-160.

#### **Volume V [13 artigos]:**

“Fernando Oliveira, Duas Cartas na “*Ars Nautica*”, c. 1570 (Estampa 525 A & B)”, pp. 9-10.

“Pedro Fernandes de Queirós, Carta de 1598”, pp. 11-12.

“Domingos Sanches, Carta de 1618 (Estampa 526)”, p. 15.

“António Sanches, Onze Cartas de 1623, 1633, 1637 e 1641: Planisfério de 1623 (Estampa 527 A); Grupo de Duas Cartas de 1633 (Estampa 528); Carta de 1637 (Estampa 527 B); Grupo de Sete Cartas de 1641 (Estampas 529-532)”, pp. 17-19.

“Pascoal Roiz, Duas Cartas de 1632 e 1633: Carta de 1632 (Estampa 533); Carta de 1633 (Estampa 534)”, pp. 21-22.

“Anónimo, Atlas de Dezoito Cartas de c. 1630 (Estampas 535-540)”, pp. 23-24.

“André Pereira dos Reis: Atlas de 1654 (Estampas 541-543); Códice com Dezoito Cartas e Vistas de 1656-1660 (Estampas 544-545)”, pp. 27-29.

“O Cartógrafo João Teixeira Albernaz II e a sua Obra: Oito Cartas de 1655 a 1681 Carta de 1655 (Estampa 546); Carta de 1665 (Estampa 547); Carta de 1667 (Estampa 548); Carta de 1675 (Estampa 549); Carta de 1676 (Estampa 550); Carta de 1677 (Estampa 551); Carta de 1679 (Estampa 552 A); Fragmento de Carta de 1681 (Estampa 552 B); Atlas de África, 1665 (Estampas 553-561); As Cartas Portuguesas da «Suite du Neptune Francois»; A Nova Carta da África Central divulgada pelos Geógrafos Franceses; Quatro Atlas do Brasil, de 1666 a c. 1675 (Estampas 562-567)”, pp. 31-50.

“O Cartógrafo José da Costa Miranda e a sua Obra: Duas Cartas de 1681 (Estampas 568-569); Carta de 1685 (Estampa 571 C); Atlas de 1688 com Seis Cartas (Truncado), (Estampas 570, 571 A e 571 B); Carta de um Atlas de c. 1688 (Estampa 571 D); Carta de c.1688 (Estampa 572); Carta de 1698 (Estampa 573); Planisfério de 1706 (Estampa 574)”, pp. 51-55.

“Os Livros e os Atlas do “Estado da Índia Oriental” (Estampas 575-591)”; O Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental de António Bocarro, 1635; O Livro do Estado da Índia Oriental de Pedro Barreto de Resende, 1636(?); Outras Obras; Conclusões; Quadro Comparativo, pp. 59-85.

“Outras Cartas do Século XVII (José Martins, Bartolomeu João, António Vicente Cochado, António Correia Pinto, Bento Mealhas, Cristovão Álvares, Philippe Guittau, Eleodoro Ebano, Manuel Garcia, Fernão de Sousa, Manuel de Almeida, Baltasar Teles, João Ribeiro, António de Maris Carneiro, Alonso Peres, Anónimos), de c. 1600 a 1665 (Estampas 592A-609A)”, pp. 89-117 [e] (Estampas 609C-612)”, pp. 120-123.

“Apêndice II, Três Atlas luso-franceses: Anónimo Português, Atlas de c. 1538 (Estampas 614-620); Anónimo Português, Atlas Vallard de 1547 (Estampas 621-624); Jehan Roze, Atlas de 1542 (Estampa 625)”, pp. 132-140.

“Apêndice III, Cartografia de Portugal Metropolitano no Século XVII (Luís de Figueiredo Falcão (Estampa 626), Pedro Nunes Tinoco, João Nunes Tinoco, João Teixeira *Albernaz* I, Bartolomeu de Sousa, António Correia Pinto, Diogo Pardo de Osório, João Roiz Ouro, Mateus do Couto, Lucas Ferreira Simões, Anónimos)”, pp. 141-143.

“Apêndice VII, Cartógrafos Portugueses de quem não se conhecem obras assinadas”, pp. 179-186.



**Anexo III** – Algumas apreciações feitas aos *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*,  
provenientes das instituições às quais foram enviados exemplares<sup>570</sup>

**Alemanha**

“Somente se pode falar em termos de franca admiração e dos mais altos elogios tanto da apresentação como do conteúdo rico e cientificamente valiosíssimo desta publicação [...]”

GENERALDIREKTION DER BAYER STAATLICHEN BIBLIOTHEKEN,  
MÜNCHEN

“The excellence of this work greatly surpassed our expectations, high as they were”

UNIVERSITÄTSBIBLIOTHEK WÜRZBURG

**Austrália**

“Quite apart from special interest, it would have been very welcome indeed as an invaluable contribution to historical study and as a superb example of fine printing”

THE PUBLIC LIBRARY OF NEW SOUTH WALES, SYDNEY

“A monumental work which is undoubtedly of great historical importance. Not only will it be of the greatest value to advanced students and research workers in history and geography, but, as an outstanding example of Portuguese book production, the volumes will add considerable distinction to the library’s holdings in those fields. The scholarly authors and all others who contributed towards the final production of the work are to be highly commended on their efforts”

UNIVERSITY OF MELBOURNE, VICTORIA

**Bélgica**

“[...] Cette œuvre accomplie au Portugal aura un rayonnement mondial et honore autant votre pays en ce moment qu’au cours des grands siècles des découvertes”

ACADÉMIE ROYALE DE BELGIQUE, BRUXELLES

“Cette luxueuse et savante publication fait honneur à la science portugaise”

ACADÉMIE ROYALE DES SCIENCES D’OUTRE-MER, BRUXELLES

---

<sup>570</sup> Das 91 referências elogiosas registadas, das mais diversas instituições do mundo, desde a Polónia ao Japão, da Austrália ao Brasil, dos Estados Unidos à África do Sul, salientamos apenas um conjunto significativo que contém comentários apreciativos de carácter historiográfico, científico e artístico, deixando de lado aqueles que são meramente agradecimentos formais. Vide *Comemorações do V centenário da morte do Infante Dom Henrique*, Lisboa, vol. IV, 1963, pp. 367-381.

“Je viens de consulter cette admirable publication et j’ai pu me rendre compte à la fois de sa haute valeur scientifique et de son caractère esthétique [...]”

**BIBLIOTHÈQUE DE L’UNIVERSITÉ DE LIÈGE, LIÈGE**

“Nous sommes sûrs que cette publication sera non seulement un témoignage de l’extraordinaire service que les marins et les explorateurs et cartographes Portugais et spécialement leur inspirateur le Prince Henri ont rendu au monde entier. Elle sera certainement aussi un moyen de travail extraordinaire pour les savant qui pourront suivre pas à pas les hauts faits de cette épopée lusitanienne, qui y trouve son monument. Elle fait honneur à ses auteurs et au Portugal [...]”

**LESSIUS UNIVERSITAIR COLLEGE - LEUVEN**

**Brasil**

“A Comissão tornou-se, com esta doação, credora do reconhecimento da centenária instituição brasileira, que recolhe desta maneira à sua preciosa mapoteca a obra monumental, que prova o saber e a perícia dos técnicos, que aprimoraram a cartografia lusitana, desde a era do Infante D. Henrique até à actualidade”

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, RIO DE JANEIRO**

**Canada**

“[...] this magnificent work of scholarship and of printing which is a worthy monument to the spirit of exploration for which Portugal is so famous”

**McGill UNIVERSITY, MONTREAL**

“This splendid work has been placed in our Rare Room. We value both as an outstanding example of fine book production, and as an important contribution to our research collections in history and geography. It will serve as a constant reminder of the great debt which all New World owes to Prince Henry the Navigator and to the daring enterprise of Portugal”

**THE UNIVERSITY OF MANITOBA**

**Dinamarca**

“Cet ouvrage imposant est un digne monument de l’œuvre cartographique si précieuse, réalisé au cours des siècles par les Portugais [...]”

**DET KONGELIGE BIBLIOTEK, COPENHAGUE**



## **Estados Unidos da América**

“[...] This is a marvelous book, certainly the finest cartographic publication ever to appear in print, and should do much to promote interest in early maps and ease the task of the scholar who has all his Portuguese materials brought together for the first time”

HUNTINGTON LIBRARY, SAN MARINO, CALIFORNIA

“[...] if it were not a monument of cartography this six-volume work would still appear as a monument of book production [...]”

LINCOLN UNIVERSITY, PENNSYLVANIA

“These volumes are a treasure of cartographic history and, in addition, are beautifully presented, beautifully printed and bound [...]”

NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY, WASHINGTON

“Este magnífico tributo à memória do Infante D. Henrique, o Navegador, é certamente um dos mais belos exemplos da arte de imprimir que já tivemos a sorte de obter”

PAN AMERICAN UNION, WASHINGTON

“No publication of our time, and few of earlier times, has approached this monumental work either in coverage of materials or in splendor of reproductions [...]”

THE NEWBERRY LIBRARY, CHICAGO

“The publication of this work is a tribute to Portuguese cartographical scholarship as well as to the historic achievements of your people in the fields of discovery and exploration”

UNIVERSITY OF KENTUCKY

## **França**

“Ce magnifique ouvrage est infiniment précieux por l’histoire de la découverte du monde et pour celle de la cartographie [...]”

BIBLIOTHÈQUE PUBLIQUE DE DIJON

“Les *Portugaliae e Monumenta Cartographica*, admirable témoignage du rôle insigne que le Portugal a joué dans la découverte du monde [...]”

FACULTÉ DES LETTRES ET SCIENCES HUMAINES, INSTITUT D’ÉTUDES PORTUGAISES ET BRÉSILIENNES, PARIS

“[...] il constitue une somme exhaustive et documentée de l’histoire de la cartographie portugaise à l’époque des grandes découvertes et des longues navigations commerciales”

SOCIÉTÉ DE GÉOGRAPHIE, PARIS

## **Grã-Bretanha**

“(...) The most fascinating and comprehensive study ever made in the field of Historical Cartography [...]”

SCOTTISH GEOGRAPHICAL MAGAZINE vol. 78, nº 3, 1962

“These fine volumes are a worthy and permanent memorial to Prince Henry the Navigator [...]”

THE LIBRARIES OF THE UNIVERSITY OF ST ANDREWS

## **Holanda**

“(...) beautiful Portugaliae Monumenta Cartographica, [...] The book is a great tribute to a great prince [...]”

MARITIEM MUSEUM «PRINS HENDRIK», ROTTERDAM

## **Suécia**

“This magnificent work is clearly one of the most important that have ever been published in the field of cartography”

GÖTEBORGS UNIVERSITETSBIBLIOTEK

## FONTES e BIBLIOGRAFIA



## I. FONTES

### 1. Arquivo Nacional da Torre do Tombo [A.N.T.T.]

#### 1.1 Arquivo PIDE/DGS:

Cadastro Político nº 5.356, SC PIDE/DGS, Armando Cortezão;  
Processo nº 1.053, Arguido Manuel dos Reis Gomes;  
Processo nº 4.232 S.R. NT 2408 Armando de Freitas Zuzarte Cortesão;  
Processo nº 1.580/936, Jaime Cortesão e outros.

#### 1.2 Arquivo Salazar:

UL-10A1 cx. 767, pasta 6.

### 2. Biblioteca Nacional de Portugal/Reservados [B.N.P./Res.]

#### 2.1 Fundo Raúl Proença (3 Cartas de Armando Cortesão)

#### 2.2 Fundo Jaime Cortesão (22 Cartas de Armando Cortesão)

#### 2.3 Fundo Augusto Casimiro (5 Cartas de Armando Cortesão)

### 3. Alma Mater - Biblioteca Digital de Fundo Antigo da Universidade de Coimbra

- 7 Cartas de Armando Cortesão [a carta datada de 10 de Dezembro de 1899, embora assinada *Armando Cortezão*, não é da autoria de Armando Zuzarte Cortesão]

<http://almamater.uc.pt/referencias.asp?f=BDUC2&i=13020100&t=CORTESAO%2C%20ARMANDO%20F.%20ZUZARTE>

- 328 Documentos de dimensões variadas. Originais:

“Conjunto de cartas e textos sobre o regime republicano, a luta política contra a ditadura, a censura, a repressão e o exílio; inclui um núcleo significativo de cartas de Jaime Cortesão com conteúdos, também relevante sobre os estudos de história e cartografia; o conjunto inclui ainda correspondência sobre a colaboração de Armando Cortesão na B.B.C. (1941/1942) e sobre uma entrevista de Armando Cortesão à imprensa inglesa e as consequências pessoais e políticas da sua publicação (1945); também incluída a correspondência entre Armando Cortesão e a administração inglesa sobre o pedido de ida para Londres do Dr. José Domingos dos Santos (1945/1946). Inclui correspondência com Afonso Costa, Bernardino Machado, António José de Almeida, José Domingos dos Santos, João de Barros, Augusto de Castro, Fernando Teles Utra Machado, Francisco de Cunha Leal, Ernesto Rocha, Armindo Monteiro, Jaime Alberto de Castro Morais, Armando Agatão Lança, Raul Proença, Manuel Mendes, António de Oliveira Salazar, Ernesto de Vilhena, entre outros. Doação à Biblioteca Geral, 1972, 1974”.

<http://almamater.uc.pt/wrapper.asp?t=%5BCorrespond%EAncia+pol%EDtica%5D+%5B1%2E%AA+Rep%FAblica+e+oposi%E7%E3o%5D&d=http%3A%2F%2Fbdigital%2Esib%2Euc%2Ept%2Frepública%2FUCBG%2DMS%2DEpistolario%2DAC%2D1%2FglobalItems%2Ehtml>

- 12 Documentos. Originais autógrafos: “Cartas de Afonso Costa a Armando Cortesão, enviadas do exílio, em Paris, sobre a luta política contra a ditadura, a publicação e distribuição do jornal “A Verdade”, a censura e a repressão políticas. Doação à Biblioteca Geral, 1972, 1974”.

<http://almamater.uc.pt/wrapper.asp?t=%5BCorrespond%EAncia+pol%EDtica%5D+%5B1%2E%AA+Rep%FAblica+e+oposi%E7%E3o%5D+%3A+%5Bcartas+de+Afonso+Costa%5D&d=http%3A%2F%2Fbdigital%2Esib%2Euc%2Ept%2Frepública%2FUCBG%2DMS%2DEpistolario%2DAC%2FglobalItems%2Ehtml>

- Espólio Doutor Armando Cortesão, “A correspondência do historiador da cartografia Doutor Armando Cortesão deu entrada na BGUC pela sua própria mão, em 28 de Abril e em 11 de Outubro de 1972. Trata-se, nas suas palavras, de um conjunto de cartas “de sábios e eruditos, principalmente historiadores da cartografia e/ou de náutica, sobretudo estrangeiros” que terá a maior relevância para os estudos da história da ciência. Esclarece muitas das pesquisas minuciosas de fontes cartográficas portuguesas feitas por Armando Cortesão em bibliotecas e em arquivos estrangeiros e, por exemplo, a história da publicação dos volumes dos “*Portvgaliae Monvmenta Cartographica*”, solicitados pelo regime em 1954 e publicados a partir de 1960”.

<http://www.uc.pt/bguc/DocumentosDiversos/ArmandoCortesao>

#### 4. Academia das Ciências de Lisboa

- 68 Documentos diversos de Armando Cortesão

<https://picasaweb.google.com/informacaoacl1/ArmandoZuzarteCortesO#>

- 79 Documentos diversos de Armando Cortesão

<https://picasaweb.google.com/informacaoacl1/ArmandoZuzarteCortesO02#>

#### 5. Academia Internacional para a História das Ciências

Informação de Armando Cortesão enquanto membro da Academia

<http://www.aihs-iahs.org/fr/node/866>

6. Arquivo/Fundo Particular Bernardino Machado, Museu Bernardino Machado, Vila Nova de Famalicão.

Correspondência diversa, Cxs. 116-134.

<http://www.bernardinomachado.org/index2.php?co=256&mop=261&tp=10&cop=257&it=pags&SID=f486ecafdd1d6d50c5577fb9bb6f6744>

7. Fundação Mário Soares

Diversos Documentos e Cartas de Armando Cortesão

<http://casacomum.org/cc/arquivos>

8. Sociedade de Geografia de Lisboa

Espólio Gago Coutinho [inclui diversas cartas de Armando Cortesão]





## II. BIBLIOGRAFIA

### 1. Bibliografia de Armando Cortesão<sup>571</sup>

#### 1913

*A teoria da mutação e o melhoramento das plantas (Estudo trematológico)*, Edição da Renascença Portuguesa (Porto), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913, XX + 211 pp.

#### 1914

“O melhoramento racional das plantas - Dos mais notáveis melhoramentos e dos seus métodos”, *Revista Agronómica*, Ano X, 2ª série, vol. 1, nº 1-4, Lisboa, Janeiro a Abril de 1914, pp. 29-50.

*A Estação Experimental de Svalöf*, Lisboa, [s.n.], 1914.

#### 1915

*As teorias da Evolução*, tradução da obra de Yves Delage e Goldsmith, Lisboa, Aillaud-Bertrand, 1915, 406 pp.

“O cacau nas Antilhas e Guianas e a depreciação do cacau de S. Tomé”, conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa, *Revista Agronómica*, Ano XI, 2ª série, vol. 3, nº 17-20, Lisboa, Maio a Agosto de 1915, pp. 161-177.

“Relatório de uma missão às Índias Ocidentais - The preparation, flavour and marketing of S. Tomé cacao”, *Revista Agronómica*, Ano XI, 2ª série, vol. 4, nº 21-24, Lisboa, 1915, pp. 243-306; Ano XII, vol. 5, nº 25-36, Lisboa, Janeiro a Dezembro de 1916, pp. 5-90.

---

<sup>571</sup> Como anteriormente referimos na propositura deste estudo, a base do nosso trabalho é a listagem bibliográfica organizada por Teixeira da Mota, com a colaboração de Luís de Albuquerque, apresentada na Revista da Universidade de Coimbra, vol. XXVI, 1978, pp. VII-XV. Seguimos a estrutura inicial da distribuição das *entradas* em: A) Obras Históricas; B) Outras Obras e C) Críticas, [Traduções] e pequenos Artigos avulso. Respeitamos a seriação inicial com *148 itens*, à qual fomos acrescentando novos textos entretanto encontrados. De facto procedemos não só ao acréscimo de mais obras do autor como actualizamos e corrigimos falhas, gralhas ou erros existentes na versão original. Finalmente, do cômputo geral procedemos à sua ordenação cronológica respeitando sempre a primeira data de publicação em caso de várias edições da mesma obra.

## 1920

“Relatório sobre a agricultura de S. Tomé”, *Revista Agronómica*, Ano XV, nº 1-2, Lisboa, Janeiro a Dezembro de 1920, pp. 33-38.

## 1921

“Culture du Cacaoyer (La crise agricole actuelle de La Colonie Portugaise de S. Tomé e Príncipe)”; *Congrès International d’Agriculture Tropicale, Londres, Juin 1921*, Lisbonne, Ministère des Colonies, 1921; Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923, 132 pp.

## 1925

“A Guiné Portuguesa e as suas possibilidades agrícolas”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 43ª série, nº 7-9, 1925, pp. 125-198.

“O Problema Colonial Português”, conferência realizada na “Sala Portugal” da Sociedade de Geografia de Lisboa em 21 de Janeiro de 1925, primeira da série promovida pelo “*Notícias Colonial*”, página quinzenal do “*Diário de Notícias*”, Lisboa, Tip. da Empresa Diário de Notícias, 1925, 58 pp.

“O Boletim da Agência Geral das Colónias”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano I, nº 1, Lisboa, Julho de 1925, pp. 3-9.

“As Nossas Colónias e os Abutres”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 27 de Julho de 1925.

“Notas sobre a palmeira-do-azeite na Guiné Portuguesa”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano I, nº 2, Lisboa, Agosto de 1925, pp. 93-122.

## 1926

“O significado de certas acusações que como coloniais nos fazem”, *A Vanguarda*, Número Especial de Propaganda, dedicado a assuntos coloniais, Ano XV, 3ª série, nº 3725, Lisboa, 1 de Janeiro de 1926, p. 5.

“Administração Colonial”, *Seara Nova*, Número especial, Lisboa, 9 de Janeiro de 1926, pp. 162-164.

“Onde era o Cabo dos Mastros dos nossos antigos navegadores”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano II, nº 8, Lisboa, Fevereiro de 1926, pp. 40-45.

“Um ano de existência”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano II, nº 12, Lisboa, Junho de 1926, pp. 3-6.

CORTESÃO, A., AGUIAR, Augusto de e outros, “Projecto de bases para a reorganização do Ministério das Colónias”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano II, nº 12, Lisboa, Junho de 1926, pp. 7-45.

“Serviços da Agência Geral das Colónias. Em legítima defesa da Agência Geral das Colónias”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano II, nº 13, Lisboa, Julho de 1926, pp. 140-155.

““A consagração simbólica da Revolução Nacional”...”, *Seara Nova*, nº 96, Lisboa, 12 de Agosto de 1926, pp. 463-465.

“Primeiro concurso de literatura colonial” (relatório), *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano II, nº 14, Lisboa, 1926, pp. 152-155.

Nota crítica ao “Anuário de Lourenço Marques para 1926 e The Delagoa Bay Directory – 1926”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano II, nº 17, Lisboa, Novembro de 1926, p. 213.

## **1927**

“O problema Mundial da borracha e a última Exposição de Paris”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano III, nº 21, Lisboa, Março de 1927, pp. 3-43.

“Guiné”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano III, nº 21, Lisboa, Março de 1927, pp. 60-75, (texto em português do folheto francês para a Exposição Colonial de Paris).

“S. Tomé e Príncipe”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano III, nº 21, Lisboa, Março de 1927, pp. 76-99, (texto em português do folheto francês para a Exposição Colonial de Paris).

“Moçambique”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano III, nº 21, Lisboa, Março de 1927, pp. 116-140, (texto em português do folheto francês para a Exposição Colonial de Paris).

“Dois anos de existência”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano III, nº 24, Lisboa, Junho de 1927, pp. 3-4.

“O Instituto Real Colonial de Amsterdam”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano III, nº 28, Lisboa, Outubro de 1927, pp. 3-24.

Nota crítica ao “Anuário de Lourenço Marques, 14ª edição 1927”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano III, nº 30, Lisboa, Dezembro de 1927, pp. 245-246.

## **1928**

“O Sr. Capitão-de-fragata João Belo”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano IV, nº 31, Lisboa, Janeiro de 1928, pp. 3-5.

“Trinta e seis volumes, trinta e seis meses de trabalho pro-colónias”, *Boletim Agência Geral das Colónias*, Ano IV, nº 36, Lisboa, Junho de 1928, pp. 3-4.

“A Guiné como Colónia de Comércio e de plantação”, conferência da Semana das Colónias de 1928, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 46ª série, nº 7- 8, 1928, pp. 285-331; *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano IV, nº 37, Lisboa, Julho de 1928, pp. 3-78.

“Terceiro concurso de literatura colonial” (relatório), *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano IV, nº 38, Lisboa, Agosto de 1928, pp. 138-143.

“Portugal nação colonial”, conferência realizada em Madrid, na União Ibero-Americana, em 31 de Outubro de 1928, *Boletim de Agência Geral das Colónias*, Ano IV, nº 41, Lisboa, Novembro de 1928, pp. 3-21.

Crítica a “La Politique Extérieure du Congo Belge”, de Louis Habran, Bruxelas, 1926, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano IV, nº 42, Lisboa, Dezembro de 1928, pp. 255-257.

## **1929**

“La colonisation par peuplement avec colons de la métropole”, *Bulletin Périodique de La Société Belge d’Études et d’Expansion*, nº 71, Liège, Julho de 1929, pp. 400-401; tradução portuguesa “A colonização por povoamento com colonos da Metrópole”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano V, nº 51, Lisboa, Setembro de 1929, pp. 215-219.

“Elogio necrológico do General Alfredo Augusto Freire de Andrade”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano V, nº 50, Lisboa, Agosto de 1929, pp. 375-378.

## **1930**

“Elogio necrológico do General Pedro Francisco Massano de Amorim”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano VI, nº 55, Lisboa, Janeiro de 1930, pp. 157-158.

“Portugal na Exposição de Antuérpia”, palestra realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 18 de Março de 1930, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano VI, nº 58, Lisboa, Abril de 1930, pp. 3-31.

“Res non verba”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano VI, nº 60, Lisboa, Junho de 1930, pp. 3-8.

“A participação de Portugal em exposições coloniais internacionais”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano VI, nº 61, Lisboa, Julho de 1930, pp. 18-22.

*Relatório do Comissário de Portugal na Exposição de Antuérpia-1930*, Lisboa, Ministério das Colónias, 1930, 288 pp.; excertos in *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano VII, nº 71, Lisboa, Maio de 1931, pp. 101-174.

### **1931**

“As origens da crise económica mundial e a sua repercussão nas colónias portuguesas”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano VII, nº 70, Lisboa, Abril de 1931, pp. 3-11.

“Quinto concurso de literatura colonial” (relatório), *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano VII, nº 70, Lisboa, Abril de 1931, pp. 161-164.

Crítica a “As novas tendências de administração colonial”, de Armando Gonçalves Pereira, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano VII, nº 73, Lisboa, Julho de 1931, pp. 327-333.

“Subsídios para a história do descobrimento da Guiné e de Cabo Verde”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano VII, nº 76, Lisboa, Outubro de 1931, pp. 3-39; *Esparsos*, vol. I, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1974, pp. 1-38.

### **1932**

“Os Homens (Cartógrafos Portugueses do século XVI)”, *O Instituto*, Ano 83, nº 5, Coimbra, 1932, pp. 539-580; Ano 84, nº 1, Coimbra, 1932, pp. 58-85, e nº 2, Coimbra, 1932, pp. 188-224.

“Um novo atlas de Vaz Dourado”, *Seara Nova*, Ano 11, nº 284, Lisboa, 1932, pp. 313-316; *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano VIII, nº 81, Lisboa, Março de 1932, pp. 142-151.

“Caçadas coloniais”, *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, nº 3, Rio de Janeiro, 1932, pp. 27-28.

### **1933**

“História da Cartografia Portuguesa”, Conferência, *Jornal do Comércio e das Colónias*, Lisboa, 14 de Março de 1933; *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 14 de Março de 1933.

“Cristóvão Colombo português?”, *Jornal do Comércio e das Colónias*, Lisboa, 15 de Março de 1933; *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 15 de Março de 1933; *Diário de Notícias*, Lisboa, 16 e 20 de Março de 1933; *União Portuguesa*, Oakland, Califórnia, 13 de Junho de 1933.

“Cartografia Portuguesa Antiga”, Conferência, *Diário de Notícias*, Lisboa, 26 de Março de 1933.

“Cartografia Portuguesa Antiga”, *Diário de Lisboa*, 1º Ano, nº 2, Lisboa, Edição mensal de 1 a 31 de Maio de 1933, pp. 16-18.

“O debate sobre a personalidade de Colombo”, *República*, Lisboa, 24 de Maio de 1933.

“A curva loxodrómica de Pedro Nunes e a projecção em latitudes crescidas de Mercator”, *Arquivo Histórico da Marinha*, Ano 1º, nº 1, Lisboa, 1933, pp. 57-75.

“Os quatro períodos ou escolas da Cartografia Portuguesa”, excerto da conferência realizada na Escola Naval em 25 de Março de 1933, *Anais do Club Militar Naval*, Ano 63º, nº 5-6, Lisboa, 1933, pp. 135-143.

“La Guinée Portugaise et la Crise”, *rapport présenté à l’Institut Colonial International, XXII session, Lisbonne, 18-19-20 Avril 1933*, Bruxelles, 1933, pp. 157-182; “A Guiné Portuguesa e a crise”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano IX, nº 95, Lisboa, Maio de 1933, pp. 45-63.

### **1933/1934**

*A Verdade*, jornal clandestino, nº 1, Julho de 1933; nº 2, Agosto de 1933; nº 3 e 4, Setembro de 1933; nº 5, 5 de Outubro de 1933, edições impressas em Coimbra; nº 6, Outubro de 1933; nº 7, Novembro de 1933; nº 8, Dezembro de 1933; nº 9 e 10, Janeiro de 1934; nº 11, Fevereiro de 1934, [edições presumivelmente impressas em Madrid. Direcção, coordenação redactorial e colaboração de Armando Cortesão].

*O Desfazer de uma Lenda. “Outra Verdade”...*, [com os dois primeiros capítulos de Utra Machado], Vigo, Prensa Liberdade, [s.d.], 34 pp.

### **1935**

*Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo)*, Lisboa, Seara Nova, 1935, vol. I, XLIV + 389 pp. e vol. II, 453 pp. + LVI Estampas.

“Espionagem dos Descobrimentos”, *Vida Contemporânea*, nº 18, Lisboa, Outubro 1935; *Esparsos*, vol. I, 1974, pp. 39-51.

### **1936**

Crítica a “Chroniques de Gomes Eannes de Azurara. La conquête de Ceuta. La découverte de la Guinée, (ed. de Virgínia de Castro e Almeida)”, *The Geographical Journal*, vol. 87, nº 2, London, February 1936, pp. 180-181.

“A Hitherto Unrecognized Map by Pedro Reinel in the British Museum”, *The Geographical Journal*, vol. 87, nº 6, London, June 1936, pp. 518-524.

### **1937**

“The Oldest Chorographical Map of the Island of Madeira”, vol. CLI, London, June 2nd 1937, 2 pp.

“The Mystery of Columbus”, *The Contemporary Review*, vol. CLI, London, March 1937, pp. 322-330.

“Illuminated Portuguese Maps”, *The Connoisseur*, vol. 100, nº 433, London, September 1937; *Esparsos*, vol. I, 1974, pp. 53-60; tradução portuguesa, “Mapas portugueses iluminados”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Ano 35º, nº 407, [s.l.], 1938, pp. 506-512.

Crítica a Albert Kammerer, “La Mer Rouge: l’Abyssinie et l’Arabie depuis l’antiquité”, *The Geographical Journal*, vol. 90, nº 4, London, October 1937, pp. 371-373.



## 1938

CORTESÃO, A. e THOMAS, Henry, *Carta das Novas que vieram a El Rei Nosso Senhor do Descobrimento do Preste João (Lisboa, 1521)*, texto original e estudo crítico com vários documentos inéditos, Lisboa, Seara Nova, 1938; texto parcial, *Esparsos*, vol. I, 1974, pp. 61-223.

“The First Account of the Far East in the Sixteenth Century - The name “Japan” in 1513”, *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie Amsterdam 1938*, tome 2, sect. IV, Leiden, 1938, pp. 146-152.

Crítica a “Exploration of Portuguese Timor, report by Allied Mining Corporation to Asia Investments Company”, *The Geographical Journal*, vol. 92, nº 1, London, July 1938, pp. 74-75.

Crítica a Roberto C. Simonsen, “História Económica do Brasil, 1500-1820”, *The Geographical Journal*, vol. 92, nº 1, London, July 1938, pp. 81-82.

Crítica a Archibald Lyall, “Black and White Make Brown: an account of a journey to the Cape Verde Islands and Portuguese Guinea”, *The Geographical Journal*, vol. 92, nº 2, London, August 1938, p. 170.

Crítica a José Gonzállez Ginorio, “El Descubrimiento de Puerto Rico”, *The Geographical Journal*, vol. 92, nº 5, London, November 1938, pp. 471-472.

## 1939

“O descobrimento da Austrália e a Questão das Molucas”, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Direcção de António Baião, Hernâni Cidade, Manuel Múrias, vol. 2, Lisboa. Editorial Ática, 1939, pp. 129-150; *Esparsos*, vol. I, 1974, pp. 261-303.

“A expansão portuguesa através do Pacífico (Australásia, Ilhas do Oiro-Austrália Ilha de Gomes Sequeira, Macau, Japão)”, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Direcção de António Baião, Hernâni Cidade, Manuel Múrias, vol. 2, Lisboa, Editorial Ática, 1939, pp. 159-173; *Esparsos*, vol. I, 1974, pp. 304-342.

Crítica a Henry R. Wagner, “Discovery and Cartography of the Northwest coast of America, The Cartography Coast of the Northwest Coast of America to the Year 1800”, *Geographical Review*, vol. 29, nº 2, April 1939, pp. 345-346.

### **1941/1949**

[Conjunto de Cartas de Londres], *Seara Nova*, Lisboa, “Bombas sobre Londres”, nº 720, 31 de Maio de 1941; “Uma – Nova Era surgirá”, nº 723, 21 de Junho de 1941; “Quando o fim estiver à vista”, nº 726, 12 de Julho de 1941; “Atlantic charters”, nº 735, 13 de Setembro de 1941; “Da língua e da ortografia inglesas”, nº 757, 14 de Fevereiro de 1942; “O Tridente de Neptuno”, nº 766, 18 de Abril de 1942; “Convirá que a Grã-Bretanha vença?”, nº 767, 25 de Abril de 1942; “Stefan Zweig”, nº 733, 6 de Junho de 1942; “Moldando o futuro”, nº 780, 25 de Julho de 1942; “Apontamentos”, nº 788, 19 de Setembro de 1942; “Apontamentos”, nº 789 26 de Setembro de 1942; “Política Colonial”, nº 803 e nº 804, 2 e 9 de Janeiro de 1943; “Parto difícil”, nº 881, 1 de Julho de 1944; “Hegemonia Inglesa”, nº 882, 8 de Julho de 1944; “Organização Económica de Pós-Guerra”, nº 884, 22 de Julho de 1944; “Ainda cartéis & Companhia”, nº 886, 5 de Agosto de 1944; “Ainda Cartéis & Companhia”, nº 888, 19 de Agosto de 8 de 1944; “O percevejo janota”, nº 889, 26 de Agosto de 1944; “Para onde e com quem?”, nº 901, 18 de Maio de 1944; “Parlamento britânico – Os Lords”, nº 907, 30 de Dezembro de 1944; “Parlamento Britânico – Os Comuns”, nº 912, 3 de Fevereiro de 1945; “A Conferência Mundial Sindicalista”, nº 921, 7 de Abril de 1945; “Política Colonial”, nº 1000-1007, 26 de Outubro de 1946; “O «Dever Sagrado» das Potências Coloniais”, nº 1098, 1 de Janeiro de 1949; Editadas em livro, incluindo as que haviam sido cortadas pela censura, in *Cartas de Londres 1941-1949*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1974, XII + 409 pp.

“António Pereira and his Map of circa 1545 - An unknown Portuguese cartographer and the early representation of Newfoundland, Lower California, the Amazon and the Ladrones”, *Geographical Review*, vol. 29, nº 2, New York, April 1939, pp. 205-225; *Esparsos*, vol. I, 1974, pp. 225-259.

## 1942

“O Itinerário de António de Abreu”, *Seara Nova*, nº 796, Lisboa, 1942, pp. 308-310; *Esparsos*, vol. I, 1974, pp. 343-354.

## 1943

“Fernão Mendes Pinto não era de origem judaica”, *Seara Nova*, nº 842, Lisboa, 1943, pp. 89-91; *Esparsos*, vol. I, 1974, pp. 355-364.

## 1944

*The Suma Oriental of Tomé Pires (An Account of the East, from the Red Sea to Japan, written in Malacca and India in 1512-1515) and the Book of Francisco Rodrigues (Rutter of a Voyage in the Red Sea, nautical rules, almanack and maps, written and drawn in the East before 1515)*, translated from the Portuguese MS in the Bibliothèque de la Chambre des Députés, Paris, and edited by A. C., 2nd series, LXXXIX and XC, London, Hakluyt Society, 1944, XCVI + 578 pp.; Edição portuguesa, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, leitura e notas de Armando Cortesão, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1978, 503 pp.

Crítica a Elaine Sanceau, “Portugal in Quest of Prester John”, *The Geographical Journal*, vol. 103, nº 1/2, London, January-February 1944, pp. 82-83.

“Os Portugueses em Bengala”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 62, nº 7-8, 1944, pp. 433-447; *Esparsos*, vol. I, 1974, pp. 386-404.

““A Cidade de Bengala” do século XVI”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 62, nº 9-10, 1944, pp. 585-600; *Esparsos*, vol. I, 1974, pp. 367-385; Versão inglesa adulterada, “The City of Bengal in early reports”, *Journal of the Royal Asiatic Society of Bengal*, vol. XI, Calcutta, 1945.

## 1945

*Primeira embaixada europeia à China. O boticário e embaixador Tomé Pires e a sua «Suma Oriental»*, Lisboa, Cadernos da Seara Nova, 1945, 88 pp.; Instituto Cultural de Macau, [edição bilingue português=chinês], 1990, 165 pp.

CORTESÃO, Armando, e Outros, *La comunidad ibérica de naciones*, Buenos Aires, Vasca Ekin, 1945, 192 pp.

## **1946**

*The Portuguese Colonies*, London, [s.n.], 1946.

“Aspectos internacionais do problema colonial”, *Seara Nova*, nº 1000-7, Lisboa, 1946, pp. 102-103.

Crítica ao “Tratado dos Descobrimentos by António Galvão (ed. de Visconde de Lagoa e Elaine Sanceau)”, *The Geographical Journal*, vol. 107, nº 3/4, London, March-April 1946, pp. 157-158.

Crítica a “Henry the Navigator by Elaine Sanceau”, *The Geographical Journal*, vol. 107, nº 5/6, London, May-June 1946, pp. 259-261.

## **1947**

*The Colonial problem and UNESCO*, Paris, [s.n.], 1947.

CORTESÃO, A. e NEEDHAM J., “UNESCO and the History of science”, *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*, vol. de 1947-48, pp. 3-4.

“L’UNESCO, sa tâche et son but concernant les sciences et leur développement historique”, *Communication au V Congrès International d’Histoire des Sciences, Lausanne, le 2 Octobre 1947*, nº 2, Paris, Archives Internationales d’Histoire des Sciences, 1948, pp. 211-221; *Esparsos*, vol. II, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1975, pp. 1-15.

## **1948**

“Culture-change and the "sacred trust" of colonial powers”, *Congrès International des Sciences Antropologiques et Ethnologiques*, 3<sup>ème</sup> session, Bruxelles, 1948, pp. 50-51.

## 1949

Crítica a “Fidalgos in the Far East 1550-1770. Fact and Fancy in the History of Macao by C. R. Boxer”, *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*, vol. de 1949, pp. 955-958.

*Ideais e realizações da UNESCO*, conferência no Itamarati, Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1949, 31 pp.; *Seara Nova*, Lisboa, 1949, 30 pp.

“A Língua Portuguesa como expressão histórica”, *Anais do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula*, nº 2, Rio de Janeiro, (1949), 1957, pp. 306-321.

“Nautical Science and the Renaissance”, *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*, nº 9, Paris, 1949, pp. 1075-1092; *Science, Medicine and History - Essays on the evolution of scientific thought and medical practice*, written in honor of Charles Singer, collected and edited by E. Ashworth Underwood, vol. I, Oxford, Oxford University Press, 1953, pp. 303-316; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 87-111; Coimbra, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1974, separata do *Centro de Estudos de Cartografia Antiga*, nº XCIV, 27 pp.; “A Ciência Náutica e o Renascimento”, Conferência no Auditorium do Ministério da Educação, Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1949, *Seara Nova*, nº 1136-1137, Lisboa, 1949, pp. 198-202; *A Ciência Náutica e o Renascimento*, Lisboa, Gráfica Lisbonense, 1949, 25 pp.

Crítica a “Le Hoja et le Sayyid Husain de l’Histoire des Ming pour Paul Pelliot”, *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*, vol. de 1949, pp. 522-524.

## 1950

“Contribution of the Portuguese to Scientific Navigation and Cartography”, conferência no King’s College, Universidade de Londres, 4 de Dezembro de 1950; Coimbra, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1974, separata do *Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, nº XCII, 30 pp.; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 43-70.

“The Scientific and Cultural History of Mankind”, *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*, nº 13, Paris, 1950; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 17-23.

Crítica a “The Norse Discoveries and Explorations in America By Edward Reman”, *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*, vol. de 1950, pp. 360-362.

Crítica a António Ballesteros Bereta, “Genesis del Descubrimiento” e a Jaime Cortesão, “Los Portugueses”, *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*, vol. de 1950, p. 362.

Crítica a “Sea Road to the India. An Account of the Voyages and Exploits of the Portuguese Navigators, together with the Life and times of Dom Vasco da Gama, Capitão-Mor, Viceroy of India and Count of Vidigueira by Henry H. Hart”, *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*, vol. de 1950, pp. 363-365.

## 1951

“Science and the Development of Culture”, *IV Congrès International d’Histoire des Sciences, Amsterdam 1950*, nº 1, Paris, 1951, pp. 96-108; *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*, nº 14, Paris, 1951; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 25-42.

CORTESÃO, Armando, ALMAGIÀ, R., MÉTRAUX, Alfred e GUYOT Lucien, “La Découverte de l’Amérique et la Science Nautique”, *Conférence faite au Palais de la Découverte le 26 Mai 1951, Les Conséquences de la Découverte de L’Amérique par Christophe Colomb*, Paris, Université de Paris, 1951, pp. 25-38; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 71-85.

## 1953

“Nautical Science and the Geographical Revolution”, *Impact of science on Society*, vol. 2, nº 2, Paris, UNESCO, 1953; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 141-153; Versão Portuguesa, “A Ciência Náutica e a Revolução Geográfica”, *Ler*, nº 19, Lisboa, 1953.

Notícia necrológica sobre o Professor Alfredo Augusto de Oliveira Machado e Costa, *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*, nº 22, Janeiro-Maio de 1953, pp. 88-89.

“George Sarton, Professor de História da Ciência (Nota Bibliográfica)”, *Revista da Faculdade de Ciências*, nº 22, Coimbra, 1953; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 113-127.

“Had the Phoenicians a Nautical Science?”, *Actes du Septième Congrès International d’Histoire des Sciences, Jérusalem, Aout 1953*, pp. 233-240; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 129-140.

“The North Atlantic nautical chart of 1424”, *Imago Mundi, A review of Early Cartography*, n° X, Stockholm, 1953, pp. 1-13 + chart + tables of contents.

## 1954

“Note on the Castiglioni Planisphere”, *Imago Mundi, A review of Early Cartography*, n° XI, Stockholm, 1954, pp. 53-55 + charts.

*The Nautical Chart of 1424 and the early discovery and cartographical representation of America*, vol. XIX, Coimbra, University of Coimbra, 1954, 123 pp.; “Carta náutica de 1424”, *Esparsos*, vol. III, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1975, pp. IX-XXXIV e 1-211.

## 1956

“Portvgaliae Monvmenta Cartographica”, *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*, n° 36, Paris, 1956, pp. 211-215; *Actes du VIII Congrès Internationale d’Histoire des Sciences, Firenze, 1956*, pp. 451-455.

## 1960

*Cartografia Portuguesa Antiga*, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, Coleção Henriquina, 1960, 195 pp.

“Introdução = Introduction”, in Boies Penrose, *Goa - Rainha do Oriente = Goa – Queen of the East*, Lisboa, Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, Comissão Ultramarina, 1960, pp. 9-21.

“Do ambiente científico em que se iniciaram os Descobrimentos Portugueses”, conferência proferida na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra em 12 de Maio de 1960, *O Instituto*, n° especial dedicado às comemorações henriquinas, Coimbra, 1962, pp. 1-20; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 181-197; *Comemorações do V Centenário da morte do Infante*

*Dom Henrique*, vol. III, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1963, pp. 113-121.

CORTESÃO, Armando e MOTA, A. Teixeira da, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, 6 vols., Lisboa, Comissão para as Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, 1960; Edição fac-similada, 6 vols. + Pasta com 77 mapas, com Introdução e Adenda de actualização de Alfredo Pinheiro Marques, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987. [Artigos da autoria de Armando Cortesão que integram a edição original vide Anexo II].

CORTESÃO, Armando e MOTA, A. Teixeira da, *Tabularum Geographicarum Lusitanorum Specimen*, Lisboa, Comissão para as Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, 1960, 1 atlas + 29 cartas fac-similadas, 65 pp.

“Notes sur les origines de la navigation astronomique au Portugal”, *Les Aspects Internationaux de la Découverte Océanique aux XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles - Actes du Cinquième Colloque International d’Histoire Maritime (Lisbonne, 14-16 Septembre 1960), présentés par Michel Mollat et Paul Adam*, Paris, S.E.V.P.E.N., 1966, pp. 57-59.

“Cartografia Portuguesa dos Descobrimentos”, palestra proferida em 6 de Setembro, Boletim “*Rotary Clube de Lisboa*”, nº 164, Set-Dez. 1960, pp. 30-34.

“A Cartografia dos Descobrimentos”, *Suplemento Literário*, Ano V, nº 207, São Paulo, 12 Novembro de 1960.

## **1961**

“A Cartografia dos Descobrimentos”, *O Século dos Descobrimentos*, Biblioteca de O Estado de S. Paulo, S. Paulo, Editora Anhembi, 1961, pp. 69-79.

“Discurso”, *Doutoramento “Honoris Causa” de Armando Cortesão pela Universidade de Coimbra*, Lisboa, Litografia Portugal, 1961, [pp. 15-17].



“Cartographic indications of otherwise unknown early Portuguese voyages”, *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, vol. II, Lisboa, [s.n.], 1961, pp. 111-116.

“Intervenções”, *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, Lisboa, [s.n.], 1961:

Comentário sobre “Cartographic indications of otherwise unknown early Portuguese voyages”, por Armando Cortesão, *ibidem*, pp. 115-116.

Comentário sobre “Martin Behaim, navigator and cosmographer; figment of imagination or historical personage?”, de G. R. Crone, *ibidem*, p. 133.

Comentário sobre “Charting the course to Canada”, de Theo E. Layng, *ibidem*, p. 267, pp. 270-272.

Comentário sobre “Bartolomeu Dias e o valor do grau terrestre”, por A. Teixeira da Mota, *ibidem*, p. 309.

Comentário sobre “The Cartographic record of the discovery of North America: some problems and paradoxes”, de R. A. Skelton, *ibidem*, p. 357.

Comentário sobre “Preservation of our heritage – Imperative!”, de Ena L. Yonge, *ibidem*, pp. 416 e 421.

“The Portuguese Discovery and Exploration of Africa”, *Comptes Rendus de la IV<sup>e</sup> Réunion Plénière de l’Association pour l’Étude Taxonomique de la Flore de la Afrique Tropicale (Lisbonne et Coimbre, 16-23 Setembro 1960)*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961, pp. 21-39; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 155-180.

“Sobre alguns aspectos internacionais do problema colonial”, conferência no Rotary Clube da Figueira da Foz, *Boletim Geral do Ultramar*, Ano 37º, nº 434-435, Lisboa, Agosto-Setembro de 1961, pp. 95-102.

Comentário à conferência de Eric Axelson “Prince Henry the Navigator and the Sea Route to India”, *The Geographical Journal*, vol. 127, nº 2, London, June 1961, pp. 157-158.

## 1962

“Estudos sobre a História da Cartografia Antiga”, Coimbra e Lisboa, [s.n.], Abril de 1962, 3 pp.

“Realidades e desvarios africanos”, discurso proferido na Sociedade de Geografia de Lisboa, na sessão de encerramento da Semana do Ultramar, em 9 de Junho de 1962, Lisboa, *Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1962, 44 pp.; Edição semelhante da *Agência Geral do Ultramar*; “Réalités et l’garements africains”, 55 pp.; “Africans realities and delusions”, 52 pp.; “Realidades y delirios africanos”, tradução de A. Saiz de Omeñaca, 53 pp.

## 1963

“Introduction”, in Luís de Albuquerque, *O Livro de Marinharia de André Pires*, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, nº 1, Coimbra, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1963, pp. 5-13.

“A propósito do ilustre boticário quinhentista Tomé Pires”, conferência proferida na sessão inaugural das II Jornadas Farmacêuticas Portuguesas, Coimbra, Junho de 1963, *Revista Portuguesa de Farmácia*, 13, nº 298, Lisboa, 1963, pp. 298-307; *Boletim da Escola de Farmácia*, vol. XXIII, Coimbra, 1964, pp. 193-207; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 199-219.

“Chronicles - Portvgaliae Monvmenta Cartographica”, *Imago Mundi, A Review of early Cartography*, nº XVII, Amsterdam, 1963, pp. 105-106.

## 1964

“Um Livro Insidioso”, *Diário Popular*, Lisboa, [partes]: (1) 27 de Dezembro de 1963; (2) 28 de Dezembro de 1963; (3) 30 de Dezembro de 1963; (4) 31 de Dezembro de 1963; (Conclusão) 4 de Janeiro de 1964; [resposta às reacções dos artigos anteriores], 14 de Janeiro de 1964; [resposta a Boxer] 25 de Janeiro de 1964; [resposta a uma carta do leitor Albertino M. Crespo] 4 de Fevereiro de 1964.

CORTESÃO, Armando, ALBUQUERQUE, Luís e MOTA, A. Teixeira da, “Curso de História da Cartografia – 1964”, *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, vol. III, nº 29,

Coimbra, 1964, pp. 140-190; “Curso de História da Cartografia – 1964 (Resumo de Lições)”, *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 221-259.

“Um velho mapa de Portugal descoberto em Itália”, *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, nº 30, Lisboa, 1964, pp. 31-34.

“Atlas”, *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 2, Lisboa, 1964, colns. 1750-1751; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 261-265.

*Cartografia portuguesa e a Geografia de Ptolomeu*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1964, separata do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, nova série, nº XXXVI, 19 pp.

## **1965**

“An early chorographic map of Portugal”, *Imago Mundi, A review of Early Cartography*, nº 19, Amsterdam, 1965, pp. 111-112; “A mais antiga carta corográfica de Portugal manuscrita de que há conhecimento”, *Ethnos - Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, vol. IV, Lisboa, 1965, pp. 95-99.

“Introduction”, in Luís de Albuquerque, *Os Guias Náuticos de Munique e Évora*, Coimbra, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1965, pp. 1-6.

“O maior serviço internacional da Cultura Portuguesa” oração de sapiência proferida na sessão solene inaugural da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 25 de Maio de 1965, *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, nº 1, Lisboa, 1966, pp. 13-28; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 281-296.

## **1966**

“História da Cartografia”, *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 4, Lisboa, 1966, colns. 1211-1223; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 266-279.

“Paulo Orósio, presbítero bracarense, criador do estudo da Geografia e da História na Idade Média”, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Tomo X, 1966, pp. 155-169; Coimbra-Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1966, separata do *Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, nº XVII, 15 pp.; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 297-315.

*O problema da origem da carta-portulano*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1967, separata da *Revista da Faculdade de Ciências*, nº XXXIX, pp. 85-99; Coimbra - Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1966, separata do *Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, nº IX, 19 pp.

*Elogio histórico de Sebastião C. da Costa-Sacadura*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1966, separata do *Boletim da Academia de Ciências de Lisboa*, nº 38, pp. 214-222.

## **1968**

*Uma carta portuguesa recém-descoberta assinada e datada do Século XV*, Lisboa, Academia das Ciências, 1968, separata de *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Tomo 12, pp. 201-211.

“Afrontosa Sentença de François Mauriac”, *Diário Popular*, Lisboa, 4, 6 e 8 de Abril de 1968.

“Discurso na Sessão inaugural”, *Actas da I Reunião Internacional de História Náutica, realizada em Coimbra de 23 a 26 de Outubro de 1968, sob o patrocínio das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral*, vol. XXIV, Coimbra, Revista da Universidade de Coimbra, 1971, pp. 4-7.

*Pizzigano's Chart of 1424*, comunicação à I Reunião Internacional de História da Náutica, Coimbra, 23-26 de Outubro de 1968, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1970, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, nº XXIV, pp. 477-491; Coimbra-Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1970, separata do *Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, nº XL, 19 pp.

“Intervenções” na I Reunião Internacional de História da Náutica, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1970, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, nº XXIV:

Comentário sobre “L’Astronomie dans la Péninsule Ibérique à la fin du Moyen Âge”, de Guy Beaujouan, pp. 30-31.

Comentário sobre “Les conditions de la navigation astronomique au XV<sup>e</sup> siècle”, de Emmanuel Poulle, p. 49.

Comentário sobre “Medieval scientific instruments and the development of navigational instruments in the XV<sup>th</sup> centuries” de Francis Maddison, p. 172.

Comentário sobre “How did the navigator determine the speed of his ship and the distance run?”, de Ernst Crone, p. 196.

Comentário sobre “Evolução dos Roteiros portugueses durante o século XVI”, de A. Teixeira da Mota, p. 227.

Comentário sobre “Lucas Janz. Waghenaeer e o conhecimento náutico das costas de Portugal no séc. XVI”, de H. Gabriel Mendes, p. 304.

Comentário sobre “Representation of unknown lands in XIV, XV and XVI century Cartography”, de Wilcomb E. Washburn, p. 320.

Comentário sobre “The Iberian bases of the English art of navigation in the sixteenth century”, de David Waters, pp. 360-361.

Comentário sobre “O traçado das naus e galeões portugueses de 1550-80 a 1640”, de João da Gama Barata Pimentel, p. 404.

Comentário sobre “O navio «São Gabriel» e as naus manuelinas”, de João Martins Barata, p. 474.

Comentário sobre “Pizzigano’s chart of 1424”, de Armando Cortesão, pp. 490-491.

Comentário sobre “The seaman and the printer”, de R. A. Skelton, p. 501.

Comentário sobre “A Portuguese chart of 1492 by Jorge Aguiar”, de O. Vietor, p. 515.

Comentário sobre “The impact of the voyages of discovery on Portuguese humanist literature”, de R. Hooykaas, p. 562.

CORTESÃO, Armando e ALBUQUERQUE, Luís, *Obras Completas de D. João de Castro*, edição crítica, vol. I, Coimbra, Academia Internacional de Cultura Portuguesa, 1968, 296 pp.; vol. II, 1971, 406 pp.; vol. III, 1976, 582 pp.; vol. IV, 1982, 494 pp.

“Adresse (Pierre Sergescu)”, *Janus*, vol. LV, Leiden, 1968, p. 61.

## 1969

“Curso de História da Cartografia Portuguesa (para estudantes e pós-graduados)”, [Coimbra], [Universidade de Coimbra], [1969], [4 pp.].

“Gago Coutinho, historiador da náutica e cartografia dos descobrimentos”, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Tomo XIII, 1969, pp. 125-137; REIS, Manuel dos e CORTESÃO, Armando, *Gago Coutinho geógrafo*, Coimbra-Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1970, separata do *Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, nº LVIII, pp. 7-29; *Esparsos*, vol. III, 1975, pp. 227-241.

CORTESÃO, Armando, ALEIXO, Fernanda e ALBUQUERQUE, Luís, Comentário e notas, *Arte de Navegar de Manuel Pimentel*, Coimbra, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1969, 330 pp.

“Introduction”, in Luís de Albuquerque, *O Livro de Marinharia de Manuel Álvares*, Coimbra, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1969, pp. 1-3.

*História da Cartografia Portuguesa*, Coimbra, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, vol. I, 1969, XXIII + 328 pp., vol. II, XV + 484 pp., 1970, com dois capítulos sobre História da Náutica por Luís de Albuquerque; Versão inglesa, *History of Portuguese Cartography*, vol. I, XXIII + 325 pp., 1969, vol. II, 1970, XVIII + 472 pp., with two chapters on the History of Astronomical Navigation by Luís de Albuquerque.

## 1970

Crítica a “Magellan’s Voyage. A Narrative Account of the First Circumnavigation by António Pigafetta. Translated and edited by R. A. Skelton, 1969”, *Studia*, nº 29, Lisboa, Abril de 1970, pp. 319-325; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 317-327.

CORTESÃO, Armando e ALBUQUERQUE, Luís, “Curso de História da Cartografia e da Náutica 1970-1971 (para estudantes e pós-graduados)”, [Coimbra], [Universidade de Coimbra], [1970], [4 pp.].

## 1971

“Is the Vinland Map genuine?”, *Proceedings of the Vinland Map Conference*, edited by Wilcomb E. Washburn, University of Chicago Press, 1971, pp. 15-18; *Esparsos*, vol. II, 1975, pp. 329-337.

“Descobrimento e cartografia das ilhas de S. Tomé e Príncipe”, *Grupo de Estudos de História Marítima - Memórias*, Lisboa, 1971, pp. 115-128; Coimbra-Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1971, separata do *Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, nº LXII, 18 pp.; “Excertos”, *Permanência*, vol. 1, nº 3, Lisboa, 1970, pp. 18-19; *Anais do Club Militar Naval*, Ano 100º, nº 4-6, Lisboa, 1970, pp. 343-346.

## 1972

“Descobrimento” e *Descobrimientos*, Lisboa, Edição Comemorativa do IV Centenário da Publicação, de *Os Lusíadas*, 1972, separata de *Garcia de Orta*, número especial, pp. 191-200; Coimbra, Junta de Investigações do Ultramar, 1972, separata do *Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, nº LXXII, 10 pp.

“D. João II e o Tratado de Tordesilhas”, comunicação ao *I Colóquio Luso-Espanhol de História do Ultramar e II Jornadas Americanistas da Universidade de Valladolid*, Tordesilhas, 25-29 de Setembro de 1972, *El Tratado de Tordesilhas y su proyeccion*, *Seminário de História da América*, nº 1, Universidade de Valladolid, 1973, pp. 93-101; *Anais do Clube Militar Naval*, Ano 103º, nº 1-3, Lisboa, Jan/Mar 1973, pp. 7-16; Coimbra, Junta de Investigações do Ultramar, 1973, separata do *Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, nº LXXVII, 12 pp.

## 1973

“O descobrimento de Porto Santo e da Madeira e o Infante D. Henrique”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXIII, 1973, pp. 305-317; Coimbra, Junta de Investigações do Ultramar, 1973, separata do *Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, nº LXXXI, 15 pp.

“A História do descobrimento das Ilhas da Madeira por Roberto Machim em fins do século XIV - The Story of Robert Machin’s discovery of the Madeira Islands late in the XIV

century”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXIII, 1973; Coimbra, Junta de Investigações do Ultramar, 1973, separata do *Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, separata nº LXXXV, 19 pp.

*O Mistério de Vasco da Gama*, Coimbra, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Junta de Investigações do Ultramar, 1973, 198 pp.; versão inglesa, *The Mystery of Vasco da Gama*, Junta de Investigações do Ultramar, 1973.

#### **1974**

“A Carta de Marear em 1487 entregue por D. João II a Pêro da Covilhã”, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Tomo XVII, 1974, pp. 165-175; *Esparsos*, vol. III, 1975, pp. 213-226.

*Esparsos*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, vol. I, 1974, XXI e 427 pp.; vol. II, 1975, 356 pp., vol. III, 1975, XXXIII e 258 pp.

#### **1975**

“As mais antigas cartografia e descrição das Molucas”, *A Viagem de Fernão de Magalhães e a Questão das Molucas*, edição organizada por A. Teixeira da Mota, Lisboa, Centro de Estudos de Cartografia Antiga, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1975, pp. 49-74.

“Early Portuguese Navigation”, *The Journal of Navigation*, vol. 28, London, 1975, pp. 91-92, [mensagem enviada à Assembleia Geral Anual do Royal Institute of Navigation de 23 de Outubro de 1974, a agradecer a eleição para membro honorário].

#### **1977**

“Descobrimento e representação das Ilhas de Cabo Verde na cartografia antiga”, comunicação à Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa em 19 de Maio de 1977, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Tomo XXI, Lisboa, 1976-77, pp. 229-250.



**1980**

*Descobrimentos no Atlântico e evolução da sua antiga representação Cartográfica*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1980, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXVIII, pp. 469-540; Coimbra, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1981, separata do *Centro de Estudos de Cartografia Antiga*, nº CXLII, 73 pp.

**1999**

CORTESÃO, Armando e MOTA, A. Teixeira da, *Reção do Estado do Brasil (c.1616). Códice 126 da Biblioteca Municipal do Porto, Estudo Cartográfico*, Lisboa, Sá da Costa, 1999, [133 folhas e estudo de 4 pp.].



## 2. Bibliografia Geral

*Actas do Congresso Internacional da História dos Descobrimentos Lisboa 1960*, vol. II, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961.

BERGVALL, Eric, Edited by

*The Olympic Games of Stockholm 1912, Official Report*, Stockholm, Issued by Swedish Olympic Committee, Published by Walstorm & Widstrand, Translated by Edward Adams-Ray, 1913, 1.117 pp.

BETHENCOURT, Francisco e CHAUDHURI, Kirti, dir.

*História da Expansão Portuguesa*, 5 vols., [s.l.], Círculo de Leitores, 1998-1999.

COMISSÃO EXECUTIVA DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE

*Comemorações do V Centenário da morte do Infante Dom Henrique*, 4 vols., Lisboa, Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961-1963.

CORREIA, Romeu

*Portugueses na V Olimpíada (Jogos Olímpicos de 1912). Subsídios para a História do Desporto Português*, Lisboa, Editorial Notícias, 1988, 131 pp.

CURTO, Diogo Ramada

“A historiografia do império português na década de 1960: formas de institucionalização e projecções”, *Revista História da Historiografia*, nº 10, Ouro Preto, Dezembro 2012, pp. 111-123.

---

“The Debate on Race Relations in the Portuguese Empire and Charles R. Boxer’s Position”, *e-journal of Portuguese History*, vol. 11, number 1, Summer 2013, 42 pp.

Disponível em:

[http://www.brown.edu/Departments/Portuguese\\_Brazilian\\_Studies/ejph/html/issue21/pdf/v11n1a01.pdf](http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue21/pdf/v11n1a01.pdf)

*Evolução dos recordes de Portugal – Masculinos*, Federação Portuguesa de Atletismo.  
[http://fpatletismo.sapo.pt/cache/cachebin/Evolucao\\_dos\\_Recordes\\_de\\_Portugal\\_-\\_Masc-3551.pdf](http://fpatletismo.sapo.pt/cache/cachebin/Evolucao_dos_Recordes_de_Portugal_-_Masc-3551.pdf) [consultado em 25-11-2012].

GASPAR, Joaquim Alves

*Dicionário de ciências cartográficas*, Lisboa, Lidel, 2004, 327 pp.

JOÃO, Maria Isabel

*Memória e Império Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, 774 pp.

LIMA, Matias

*Encadernadores Portugueses*, Porto, [s.n.], 1956, pp. 19-23.

MARQUES, Alfredo Pinheiro

*Guia de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa: Estudos*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988, 187 pp.

MATOS, Sérgio Campos

“O V Centenário Henriquino (1960): Portugal entre a Europa e o Império”, *O fim da Segunda Guerra Mundial e os novos rumos da Europa*. Coordenação de António José Telo, Lisboa, Edições Cosmos e Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Letras de Lisboa, 1996, pp. 153-169.

NOGUEIRA, Franco

*Um Político confessa-se (Diário: 1960-1968)*, Porto, Livraria Editora Civilização, 1987, p. 165.

PAULO, Heloísa, coord.

*Memória das oposições (1927-1969)*, Coleção Minerva, nº 29, Coimbra, Edições Minerva, 2010, 216 pp.

PEREIRA, Ana Cristina Clímaco

*L'exil politique portugais en France et en Espagne: 1927-1940*. Dissertação de doutoramento em Sociedades Ocidentais, apresentada à Universidade de Paris 7 - Denis Diderot, 5 vols., Paris, 1998, 1358 pp. Exemplar policopiado.

PETITJEAN, P. e outros

*Sixty Years of Science at UNESCO 1945–2005*, Paris, UNESCO, 2006, 695 pp.

PIRES, Gustavo

*Francisco Lázaro O Homem da Maratona*, [Lisboa], Prime Books, 2012.

“Portugueses nos Jogos Olímpicos”, *Visão História*, nº 16, Paço de Arcos, Junho de 2012, pp. 24-37.

THOMAZ, Américo

*Últimas décadas de Portugal*, Lisboa, Fernando Pereira Editor, 1981, vol. III, pp. 383-384 e vol. IV pp. 64-73 e 151-152.

TORGAL, Luís Reis, MENDES, José Amado e CATROGA, Fernando

“As Festas Henriquinas (1960)”, *História da História em Portugal, Sécs. XIX-XX*, [s.l.], Círculo de Leitores, 1996, pp. 605-612.



### 3. Bibliografia Específica

ALBUQUERQUE, Luís

“Armando Cortesão (1891-1977)”, contém bibliografia de Armando Cortesão, organizada por A. Teixeira da Mota, com a colaboração de Luís de Albuquerque, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXVI, Coimbra, 1978, pp. V-XV.

---

“Cartografia portuguesa (séculos XV-XVII)”, *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*. Direcção de Luís de Albuquerque. Coordenação de Francisco Contente Domingues, vol. I, [s.l.], Círculo de Leitores, 1994, pp. 213-217.

---

*A Comissão de Cartografia e a Cartografia Portuguesa Antiga*, separata do *Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985, nº 166, 18 pp.

---

“Cortesão Armando”, *Dicionário Enciclopédico da História de Portugal*. Coordenação de José da Costa Pereira, vol. 1, Lisboa, Publicações Alfa, 1985, colns. 1-2, p. 165.

---

*A Cartografia Portuguesa dos séculos XV a XVII*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1986, separata de *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, vol. II, Publicações Comemorativas do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, pp. 1061-1084.

---

*Dúvidas e Certezas na História dos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Vega, 1990, vol. 1, 177 pp. e vol. 2, 130 pp.

---

“Nota Introdutória”, in Alfredo Pinheiro Marques, *Origem e Desenvolvimento da Cartografia Portuguesa na Época dos Descobrimentos*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, pp. 9-14.

ALDEN, Dauril

“A Question of Race... and Pride”, *Charles R. Boxer, An Uncommon Life*, Chapter 13, Lisboa, Fundação Oriente, 2001, pp. 365-397.

ALEGRIA, Maria Fernanda e GARCIA, João Carlos

“Etapas de Evolução da Cartografia Portuguesa (séculos XV a XIX)”, *La Cartografia de la Península Ibérica i la seva extensió al continent americà*, Barcelona, Institut Cartogràfic de Catalunya, 1991, pp. 225-279.

---

“Aspectos da evolução da Cartografia portuguesa (séculos XV a XIX)”, *Os Mapas em Portugal: da tradição aos novos rumos da Cartografia*, Lisboa, Edições Cosmos, 1995, pp. 27-84.

ALEGRIA, Maria Fernanda, GARCIA, João C. e RELAÑO, Francesc

“Cartografia e Viagens”, *História da Expansão Portuguesa*, Direcção de Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, vol. I, [s.l.], Círculo de Leitores, 1998, pp. 26-61.

ALEGRIA, Maria F., DAVEAU, Suzanne, GARCIA, João C. e RELAÑO, Francesc

“Cartography in the European Renaissance”, *The History of Cartography*, vol. 3, Chicago & London, Edited by David Woodward, The University of Chicago Press, 2007, pp. 975-1068.

---

*História da Cartografia Portuguesa – Séculos XV a XVII*, Porto, Fio da Palavra, 2012, 310 pp.

ALMAGIÀ, Roberto

Recensão Crítica a “Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo)”, Lisboa, *Seara Nova*, vol. I, 1935, XLIV + 389 pp. e vol. II, 453 pp. + LVI Estampas fora de texto, *Archeion. Archivio di storia della scienza*, vol. XVII, nº 4, 1936, pp. 489-498; com análise e tradução de Ernesto Soares, *A revista Archeion e os trabalhos actuais sobre os descobrimentos marítimos portugueses*, Lisboa, Bertrand, 1936, separata do *Arquivo Histórico de Portugal*, vol. II, nº 19, pp. 281-298.



D'ALMEIDA, J. E. Carvalho

*Desafronta: desmascarando um escriba e desfazendo uma calúnia. A propósito de um artigo de Armando Cortesão no "Jornal de S. Thomé", Lisboa, Papelaria e Typografia Santos, 1915, 72 pp.*

"O sr. Armando Cortesão! Um mentor?!...", *Diário da Manhã*, Lisboa, 24 de Outubro de 1941, p. 1.

D'AZEVEDO, A. da Silva

"Uma Cultura Ameaçada", *Diário de Notícias*, Lisboa, 12 de Março de 1965.

AXELSON, Eric

Crítica a "History of Cartography: vol. 1 by Armando Cortesão", *The Geographical Journal*, vol. 136, nº 2, London, June 1970, pp. 309-311.

"A «B.B.C.» e o sr. Cortesão", *Diário da Manhã*, Lisboa, 25 de Outubro de 1941, p. 1.

BOK, W. Curtis

Crítica a "The Suma Oriental of Tomé Pires, vols. I and II, by A. Cortesão", *Geography*, vol. 34, nº 3, London, September 1949, pp. 171-172.

BOXER, Charles R.

Reviews, "Portvgaliae Monvmenta Cartographica by Armando Cortesão and A. Teixeira da Mota. Vol. I, lli plus 180 pp. of text, 97 plates (10 in colour), 21 figures; Vol. II, xx plus 136 pp. of text, 143 plates (10 in colour), 14 figures; Vol. III, xx plus 118 pp. of text, 148 plates (10 in colour), 13 figures; Vol. IV, xx plus 164 pp. of text, 131 plates (10 in colour), 38 figures. Large folio. Coimbra University Press, 1960", *Journal of the Royal Asiatic Society*, vol. 94, nº 3-4, Cambridge UK, October 1962, pp. 165-166.

---

"Portvgaliae Monvmenta Cartographica" by Armando Cortesão and A. Teixeira da Mota, (vols I-IV; vols V and VI in the press). Large folio (Lisbon). Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960-62", *Imago Mundi, A Review of early Cartography*, nº XVI, Amsterdam, 1962, p. 163.

---

“O Professor Boxer responde ao Prof. Armando Cortesão”, *Diário Popular*, Lisboa, 24 de Janeiro de 1964.

---

“Resposta a Artigos de Armando Cortesão”, *Revista de História*, vol. XXVIII, nº 58, São Paulo, Abril-Junho 1964, pp. 405-408.

BRUN, Christian

“Portvgaliae Monvmenta Cartographica. Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. In four volumes. By Armando Cortesão and Avelino Teixeira da Mota. Lisbon: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. 1960”, *The American Historical Review*, vol. 68, nº 4, London, July 1963, pp. 1125-1126.

BRAGA, Jack M., i. e. José Maria Braga

“Macau 1515: Observação sobre a Edição da Suma Oriental de Tomé Pires”, tradução de Maria Armanda de Almeida e Sousa, Coimbra, [s.n.], 1978, Apêndice IV de *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, pp. 473-480; Publicado originalmente em inglês pelo Instituto Português de Hong Kong (secção de História), Macau, Imprensa Nacional, 1948.

CALAZANS, José Carlos

“O Livro de Francisco Rodrigues segundo Armando Cortesão e Fontoura da Costa”, *Anais do Clube Militar Naval*, vol. CXXXVI, Lisboa, Janeiro-Março de 2006, pp. 51-73.

---

“A descrição da Cambaia Ptolomaica segundo Tomé Pires”, *Anais do Clube Militar Naval*, vol. CXXXVI, Lisboa, Abril-Junho de 2006, pp. 351-369.

CAMPBELL, Eila

Crítica a “Portvgaliae Monvmenta Cartographica by Armando Cortesão, Avelino Teixeira da Mota; Alfredo Pinheiro Marques”, *Imago Mundi, The journal of the International Society for History of Cartography*, nº 44, Lympne Castle (UK), 1992, pp. 144-145.

CAMPBELL, Tony

*The Earliest Printed Maps (1472-1500)*, London, The British Library, 1987.

---

“Portolan Charts from the Late Thirteenth Century to 1500”, *The History of Cartography*, vol. 1, Chicago & London, J. B. Harley and David Woodward, The University of Chicago Press, 1987, pp. 371-463.

CAREY, G. V.

*Making an Index*, London, Cambridge University Press, 1951.

CARVALHO, Joaquim Barradas de

“O Obscurantismo Salazarista – (IV) Ainda a Investigação Científica” [opinião sobre a polémica Cortesão-Boxer], *Portugal Democrático*, nº 90, 1965, p. 2.

CATTON, Bruce

“New Skies and New Stars”, *American Heritage Magazine*, vol. 6, issue 2, February 1955, pp. 97-98. Disponível em:

<http://www.americanheritage.com/content/%E2%80%9Cnew-skies-and-new-stars%E2%80%9D?page=show>

“Comemorações Henriquinas”, *Boletim Geral do Ultramar*, vol. XXXVI, nºs 418-419, Lisboa, Abril-Maio de 1960, pp. 137-150. [Discurso de Armando Cortesão nas Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique em Coimbra].

COSTA, Abel Fontoura da

Notícia sobre “Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos séculos XV e XVI, do D.<sup>or</sup> Armando Cortesão”, *Ethnos - Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, vol. I, Lisboa, 1935, pp. 291-301; *Anais do Clube Militar Naval*, tomo LXV, nº 7-8, Lisboa, Julho-Agosto 1935, pp. 265-77.

“Cortesão, Armando Frederico Zuzarte...”, *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Organizado pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Coordenação de Eugénio Rosa, vol. III, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1994, pp. 424-425.

“Cortesão, Armando”, *Quem é Quem Portugueses Célebres*. Coordenação de Leonel de Oliveira, [s.l.], Círculo de Leitores, 2008, coln. 2, p. 164.

“Cortesão Armando”, *História Portugal - Dicionário de Personalidades*. Coordenação de José Hermano Saraiva, vol. XIV, Matosinhos, QuidNovi, 2004, col. 1, p. 5.

“Cortesão, Armando Zuzarte”, *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*. Direcção Editorial de Maria Fernanda Martins Soares, vol.VI, Alfragide, Ediclube, [1996], col. 3, p. 1769.

CORTESÃO, Jaime

“Do sigilo nacional sobre os Descobrimentos. Crónicas desaparecidas, mutiladas e falseadas. Alguns dos feitos que se calaram”, *Lusitânia*, Lisboa, vol. I, Janeiro de 1924, pp. 45-81.

---

“The Pre-Columbian Discovery of America”, *The Geographical Journal*, vol. 89, nº 1, London, January 1937, pp. 29-42.

---

*A Política de Sigilo nos Descobrimentos nos Tempos do Infante D. Henrique e de D. João II*, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações da Morte do Infante D. Henrique, 1960.

“El Dr. Cortesao en Sudamérica”, *El Correo de la Unesco*, vol. II, nº 5, [s.l.], Junio 1949, col. 4, p. 4.

COUTINHO, Gago

*CARTA Geográfica, Missão Geodésica de S. Tomé e Príncipe. Reconhecimento da Ilha de S. Tomé 1916 a 1918*, coordenação de cartas anteriores, estudos e plantas por E. Campos, A. Cortesão e outros, Escala 1:50.000, Lisboa, Setembro, 1920.

---

*Ilha de S. Tomé Relatório da missão Geodésica, pelo Capitão de Mar e Guerra Gago Coutinho, Chefe de Missão, 1915-1918*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1920, 338 pp.

---

*Ilha de São Tomé, Relatório dos trabalhos no ano de 1916*, S. Tomé, Governo de S. Tomé, Direcção de Portos e Viação, 1917, 68 pp.

CRONE, G. R.

“The Alleged Pre-Columbian Discovery of America”, *The Geographical Journal*, vol. 89, nº 5, London, May 1937, pp. 455-460.

---

Crítica a “The Suma Oriental of Tomé Pires 1512-1515 and the Book of Francisco Rodrigues. Translated and edited by Armando Cortesão”, *The Geographical Journal*, vol. 108, nº 4/6, London, October-December 1946, pp. 252-253.

---

*Maps and their makers. An Introduction to the History of Cartography*, London, Hutchinson’s University Library, 1953, pp. 181.

---

Crítica a “Portvgaliae Monvmenta Cartographica, vols. I-IV, Lisboa, 1960”, *The Geographical Journal*, vol. 126, nº 4, London, December 1960, pp. 547-548.

---

Crítica a “Portvgaliae Monvmenta Cartographica, vol. V, e vol. Index, Lisboa, 1960”, *The Geographical Journal*, vol. 129, nº 2, London, June 1963, p. 235.

CUESTA DOMINGO, Mariano

*Tres Cartógrafos Portugueses en la Corte de España. Ribeiro, Lavanha Teixeira*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 2010, 86 pp.

CUMMINS, J.S e REBELO, L. de Sousa

“The controversy over Charles Boxer’s Race Relations in the Portuguese Colonial Empire 1415-1825”, *Portuguese Studies*, Homage to Charles Boxer, vol. 17, Cambridge UK, 2001, pp. 233-246.

DAVEAU, Suzanne

“O Fragmento de mapa Corográfico de Portugal da Real Academia de la Historia de Madrid. Fases de realização e de utilização”, *Cadernos de Geografia*, nº 26-27, Coimbra, 2007-2008, pp. 3-17.

DAVIES, Arthur

“Portvgaliae Monvmenta Cartographica: A review”, *Scottish Geographical Magazine*, volume 78, issue 3, Royal Scottish Geographical Society, 1962, pp. 178-180.

DIAS, Maria Helena, coord.

*Os mapas em Portugal: da tradição aos novos rumos da Cartografia*, Lisboa, Edições Cosmos, Cadernos Penélope, nº 2, 1995, 344 pp.

DOMINGUES, Francisco Contente

*Colombo e a Política de Sigilo na Historiografia Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1992, separata do *Centro de Estudos de História e da Cartografia Antiga*, nº 232, 14 pp.

---

“Vasco da Gama’s Voyage: Myths and Realities in Maritime History”, *Portuguese Studies*, vol. 19, Cambridge UK, 2003, pp. 1-8. Disponível em:

<http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=4941def0-cd9a-419d-a9a2-de84090d9a88%40sessionmgr112&vid=17&hid=114>

---

“International Commission for the History of Nautical Science and Hydrography”, *e-journal of Portuguese History*, vol. 2, number 1, summer 2004, 5 pp. Disponível em:

[http://www.brown.edu/Departments/Portuguese\\_Brazilian\\_Studies/ejph/html/issue3/pdf/fcdomingues.pdf](http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue3/pdf/fcdomingues.pdf)

---

“Luís de Albuquerque (1917-1992)”, *Leitores de Mapas. Dois séculos de História da Cartografia em Portugal*. Coordenação de Francisco Roque de Oliveira, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Cartográficos da Universidade de Lisboa, Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, 2012, pp. 165-173.

---

“Cartografia náutica”, *História da Marinha Portuguesa*. Coordenador Francisco Contente Domingues, *Navios, Marinheiros e Arte de Navegar 1500-1668*, Lisboa, Academia de Marinha, 2012, pp. 499-524.

DURAND, Dana B.

Crítica a ““Carta das Novas. The Discovery of Abyssinia by the Portuguese in 1520”, a Facsimile of the Relation Entitled “Carta das Novas que vieram a el Rey nosso Senhor do descobrimento do preste Joham” (Lisbon, 1521) by Henry Thomas and Armando Cortesão, “Carta das novas que vieram a el Rey nosso Senhor do descobrimento do preste Joham” (Lisboa, 1521), by Armando Cortesão and Henry Thomas”, *Geographical Review*, vol. 29, nº 2, New York, April 1939, pp. 346-347.

EDNEY, Matthew H.

“Putting “Cartography” into the History of Cartography: Arthur H. Robinson, David Woodward, and the Creation of a Discipline”, *Cartographic perspectives*, New York, nº 51, Spring 2005, p. 14-29.

E. G. R. T., i. e. Eva Germanie Rimington Taylor

Vide TAYLOR, Eva Germanie Rimington

E. H., i. e. Edward Heawood

Vide HEAWOOD, Edward

“Faleceu o dr. Armando Cortesão cientista e homem de letras”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 30 de Novembro de 1977, p. 2.

FARIA, Francisco Leite

*Elogio do Almirante Avelino Teixeira da Mota*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1985, pp. 24-25.

FERRÃO, José Eduardo Mendes

“A investigação agronómica em São Tomé e Príncipe durante a administração portuguesa”, *Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica*, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Estudos Africanos, Instituto de Investigação Científica Tropical, Instituto Superior de Agronomia Universidade Técnica de Lisboa, 2012, pp. 255-268.

FERRÃO, Nuno de Sotto-Mayor Quaresma Mendes

*Aspectos da vida e obra do Almirante Sarmiento Rodrigues (1899-1979)*, Freixo de Espada-à-Cinta, Edição da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, 1999, 293 pp.

FURNIVALL, John Sydenham

Crítica a “The Suma Oriental of Tomé Pires by A. Z. Cortesão”, *The English Historical*, vol. 62, nº 242, London, January 1947, pp. 123-124.

GALLOIS, Lucien

“Les portugais et la cartographie marine au XV<sup>e</sup> et au XVI<sup>e</sup> siècle”, *Annales de Géographie*, vol. 45, nº 257, Paris, 1936, pp. 518-525.

GARCIA, João Carlos

“Um castelo de cartas antigas. Construir e comemorar o Império”. *Os Descobrimentos Portugueses no Mundo de Língua Inglesa, 1880 – 1972*. Edição de Teresa P. Coelho, Lisboa, Edições Colibri, 2005, pp. 167-187.

---

“Realidades y desvaríos: Armando Cortesão y la Historia de la Cartografía Portuguesa”, *El Mundo de los Mapas*. Coordenação de Francisco Jarauta, Cuaderno nº 7, Santander, Fundación Marcelino Botín, 2007, pp. 199-214.

GARCIA, José Luís Lima

*Ideologia e Propaganda Colonial no Estado Novo: da Agência Geral das Colónias à Agência Geral do Ultramar 1924-1974*. Tese de doutoramento em História, especialidade História Contemporânea, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011, pp. 231-239, 263-279.



GARCIA, José Manuel

*Relações interculturais da cartografia portuguesa com as cartografias mediterrânica e oriental. IX Curso de Verão do ICEA (2007)*, [s.l.], [s.n.], 2007, 19 pp. + mapas.

---

*O Livro de Francisco Rodrigues. O primeiro Atlas do Mundo Moderno*, Porto, Editora da Universidade do Porto, 2008, pp. 1-135 + Fac-simile.

GASPAR, Joaquim Alves

“Revisitando a Cartografia Náutica Portuguesa Antiga do Atlântico: uma análise quantitativa”, *Anais do III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica realizado de 10 a 13 de Novembro de 2009*, Ouro Preto, MG, Brasil, 19 pp.

GELPKE, J. Sollewijn

“Afonso de Albuquerque’s pre-Portuguese “Javanese” Map, partially reconstructed from Francisco Rodrigues’ Book”, *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde*, 151, nº1, Leiden, 1995, pp. 76-99.

GIL, Maria de Fátima

*Cartas de Inglaterra, Correspondência de Stefan Zweig para Armando Cortesão*, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Cadernos CIEG, nº 32, Coimbra, Minerva, 2012, 115 pp.

G. R. C., i. e. Gerald Roe Crone

Vide CRONE, G. R.

G. S., i. e. Marshall Goodwin Simms Hodgson

Vide HODGSON, Marshall Goodwin Simms

HARLEY, J. B., i. e. John Brian Harley

“The Map and the Development of the History of Cartography”, *The History of Cartography*, vol. 1, Chicago & London, edited by David Woodward, The University of Chicago Press, 1987, pp. 1-42.

HEAWOOD, Edward

Crítica a “*Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*, by Armando Cortesão, Lisboa, *Seara Nova*, 1935, Two Volumes”, *The Geographical Journal*, vol. 87, nº 2, London, February 1936, pp. 150-153.

HODGSON, Marshall Goodwin Simms

Crítica a “The Suma Oriental of Tomé Pires by Armando Cortesão”, *Isis*, vol. 38, nº 1/2, Chicago, November 1947, p. 111.

HUMMEL, Arthur W.

Crítica a “The Suma Oriental of Tomé Pires [...] by Armando Cortesão”, *The American Historical Review*, vol. 52, nº 2, London, January 1947, p. 382.

“Inaugurada a Academia Internacional de Cultura Portuguesa”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 26 de Maio de 1965, pp. 1 e 5.

JANSSENS, Émile

Crítica a “The Nautical Chart of 1424 and the Early Discovery and Cartographical Representation of America. A Study of the History of Early Navigation and Cartography by Armando Cortesão”, *Isis*, vol. 46, nº 3, Chicago, September 1955, pp. 300-302.

JOSEPHY Jr., Alvin M.

“Was America Discovered before Columbus?”, *American Heritage Magazine*, vol. 6, issue 3, April 1955, pp. 16-19. Disponível em:

<http://www.americanheritage.com/content/was-america-discovered-columbus>

J. S. F., i. e. John Sydenham Furnivall

Vide FURNIVALL, John Sydenham

KING, Cecil

“Books: *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI* by Dr. Armando Cortesão”, *The Mariner's Mirror*, vol. 22, issue 1, London, January 1936, pp.119-128.

KISH, George

Crítica a “History of Cartography by Armando Cortesão”, *Geographical Review*, vol. 63, nº 2, New York, April 1973, pp. 295-296.

LOUREIRO, Rui Manuel T. Sousa

*A China na Cultura Portuguesa do Século XVI – Notícias, Imagens e Vivências*. Dissertação de doutoramento em História, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2 vols., Lisboa, 1994. Exemplar policopiado.

---

*O Manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental” de Tomé Pires (Contribuição para uma Edição crítica)*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1996, 268 pp.

LOURENÇO, Miguel Rodrigues

“Armando Cortesão (1891-1977)”, *Leitores de Mapas. Dois séculos de História da Cartografia em Portugal*. Coordenação de Francisco Roque de Oliveira, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Cartográficos da Universidade de Lisboa, Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, 2012, pp. 136-149.

MADUREIRA, Luís

“Tropical sex fantasies and the Ambassador’s other death: The difference in Portuguese Colonialism”, *Cultural Critique*, nº 28, Minneapolis MN, Autumn 1994, pp. 149-173.

MARQUES, Alfredo Pinheiro

*A Cartografia dos Descobrimentos*, Lisboa, Edição Elo, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994, 95 pp.

---

“Adenda de Actualização”, in Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, reprodução fac-similada da edição de 1960, com índice da edição original, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, pp. [12]-[113].

---

*Origem e Desenvolvimento da cartografia Portuguesa na Época dos Descobrimentos*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, 228 pp.

---

“Os Portvgaliae Monvmenta Cartographica e o seu Significado na Historiografia e na Cultura Portuguesa”, in Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, reprodução fac-similada da edição de 1960, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, pp. [13]-[22].

---

“The Dating of the Oldest Portuguese Charts”, *Imago Mundi, The journal of the International Society for History of Cartography*, nº 41, London, 1989, pp. 87-97.

MAURÍCIO, Domingos

“Cortesão (Armando)”, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Direcção de João Bigote Chorão, vol. VIII, Lisboa-São Paulo, editorial Verbo, 1999, coln. 190.

---

*Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, Lisboa, Edições Brotéria, 1961, 41 pp.; Revista *Brotéria*, nº 72, Junho de 1961, pp. 660-684, sem grande parte das suas notas bibliográficas.

MORALES, J. de Mello

*Portvgaliae Monvmenta Cartográfica*, Rio de Janeiro, Sociedade de Geografia Brasileira, 1964, separata do *Boletim da Sociedade de Geografia Brasileira*, nº 9, 8 pp.

MORISON, S. E.

Crítica a “The Nautical Chart of 1424 and the Early Discovery and Cartographical Representation of America: A Study in the History of Early Navigation and Cartography by Armando Cortesão”, *Speculum*, vol. 30, nº 3, Cambridge, Mass., July 1955, pp. 467-470.

MOTA, A. Teixeira da

“Armando Cortesão: Obituary”, *Imago Mundi, The journal of the International Society for History of Cartography*, second series, vol. 4, nº 30, Lympe Castle (UK), 1978, pp. 92-95.

---

“O Comandante Abel Fontoura da Costa, Historiador da Marinharia dos Descobrimentos”, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1973, separata do *Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, nº LXXXIV, 19 pp.

---

“Cartografia e Cartógrafos Portugueses”, *Dicionário de História de Portugal*. Direcção de Joel Serrão, vol. I, Porto, Livraria Figueirinhas, 1992, pp. 500-506.

NOWEL, Charles

Crítica a “The Columbus Question: A Survey of Recent Literature and Present Opinion”, *The American Historical Review*, vol. 44, nº 4, London, July 1939, pp. 802-822.

“Obituaries: Armando Cortesão”, *The Geographical Journal*, vol. 144, nº 3, London, November 1978, p. 534.

OLIVEIRA, Francisco M. P. N. Roque de

“A construção do conhecimento europeu sobre a China c. 1500 – c. 1630. Impressos e manuscritos que revelam o mundo chinês à Europa culta”. Tese de doutoramento em Geografia Humana, apresentada ao Departamento de Geografia da Universitat Autònoma de Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, 4 vols., Barcelona 2003.

[PERES, Carlos M. S.]

*Doutoramento “Honoris Causa” de Armando Cortesão*, Lisboa, Litografia de Portugal, 1961, [53 pp].

PINTO, Rui Miguel Costa

“Missão Geodésica de S. Tomé e Príncipe: de Setembro de 1915 a Maio de 1918”, *Gago Coutinho (1869-1959), Geógrafo e Historiador. Uma biografia científica*. Tese de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011, pp. 53-54 e 237-238. Exemplar policopiado.

---

“Gago Coutinho e os Trabalhos de Campo em São Tomé”, *Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica Lisboa 2012*, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Estudos Africanos, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2012, pp. 235-246.

“Ponhamos acima de tudo o interesse nacional”, *Diário da Manhã*, 20 de Outubro de 1941, p. 1.

“Propaganda séria e propaganda deshonesta”, *Diário da Manhã*, 11 de Outubro de 1941, p. 1.

QUEIRÓS, António José

“As Relações Luso-Espanholas: Da Primeira República à União Europeia (1910-1997)”, *Revista População e Sociedade*, nº 17, Porto, CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2009, pp. 131-153.

RAMOS, Rui

“A Erudição lusitanista perante a Guerra (c. 1960 – c. 1970): Algumas observações sobre a polémica entre Charles Boxer e Armando Cortesão”. *Descobrimientos Portugueses no Mundo de Língua Inglesa, 1880 – 1972*. Edição de Teresa P. Coelho, Lisboa, Edições Colibri, 2005, pp. 189-218.

“Recidivas Perigosas”, *O Século*, Lisboa, 17 de Outubro de 1941, p. 1.

REVISTA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

“Homenagem ao Doutor Armando Cortesão”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXVI (1ª Parte), 1978, vol. XXVII (2ª Parte), 1979 e vol. XXVIII, (3ª Parte), Coimbra, 1980.

RIBEIRO, Nelson

“Salazar’s interference in the BBC Portuguese Service during World War II”, *Journalism Studies*, vol. 11, nº 2, Cardiff University UK, 2010, pp. 257-269. Disponível em:

<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/14616700903217471>

ROLLO, Maria Fernanda

“MATA, José Caeiro da (1883-1963)”, *Dicionário de História do Estado Novo*. Direcção de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito. Coordenação e pesquisa iconográfica de Maria Fernanda Rollo, vol. II, [s.l.], Círculo de Leitores, 1996, pp. 551-552.

SANTARÉM, Visconde de, i. e. Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa

*Estudos de Cartografia Antiga*, 2 vols., Lisboa, Typ. de Alfredo Lamas, Motta & Ca., 1919.

SCHWARTZBERG, Joseph E.

“Southeast Asian Nautical Maps”, *The History of Cartography*, vol. 2, Book 2, Chicago & London, edited by J. B. Harley and David Woodward, The University of Chicago Press, 1994, pp. 828-838.

“Semana do Ultramar”, *Boletim Geral do Ultramar*, vol. XXXVIII, n° 444, Lisboa, Junho de 1962, pp. 81-86.

SKELTON, R. A.

Review of Armando Cortesão “The Nautical Chart of 1424 and the Early Discovery and Cartographical Representation of America. A study on the history of early navigation and cartography”, *Journal of Navigation*, vol. 8, issue 2, April 1955, pp. 186-187.

SOARES, Ernesto

*A revista Archeion e os trabalhos actuais sobre os descobrimentos marítimos portugueses*. Contém tradução da crítica de Roberto Almagià à obra de Armando Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos séculos XV e XVI*, Lisboa, Bertrand, 1936, separata do *Arquivo Histórico de Portugal*, vol. II, n° 19, pp. 281-298.

SOLANO, Francisco de

“In Memoriam. Armando Cortesão (1891-1977)”, *Revista de Índias*, Anno XXXVII, nº 149-150, Madrid, Instituto «Gonzalo Fernandez de Oviedo». Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Julio-Diciembre 1977, pp. 694-699.

TAYLOR, Eva Germanie Rimington

Crítica a “The Nautical Chart of 1424 and the Early Discovery and Cartographical Representation of America by A. Cortesão”, *The Geographical Journal*, vol. 120, nº 4, London, December 1954, pp. 518-520.

---

“Imaginary Islands: A Problem Solved”, *The Geographical Journal*, vol. 130, nº 1, London, March 1964, pp. 105-109.

THORNDIKE, Lynn

Crítica a “The Nautical Chart of 1424 and the Early Discovery and Cartographical Representation of America: A Study on the History of Early Navigation and Cartography, by Armando Cortesão”, *The American Historical Review*, vol. 60, nº 3, London, April 1955, pp. 590-591.

THROWER, Norman J. W.

Crítica a “Maps: A Historical Survey of Their Study and Collecting” by R. A. Skelton, *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 63, nº 2, Minneapolis, Univ. of Minnesota, June 1973, pp. 250-252.

TORODASH, Martin

“Columbus Historiography Since 1939”, *The Hispanic American Historical Review*, vol. 46, nº 4, Durham, N. C., November 1966, pp. 409-428.

TYACKE, Sarah

““Then and Now” - Recent views of mapping in the early modern period”. Sandars Lectures 2007: Conversations with maps. Lecture 1, Cambridge, *Cambridge University Library*, 5 May 2007, 27 pp. Disponível em: <http://www.lib.cam.ac.uk/sandars/tyacke1.pdf>



“Um homem de saber e de carácter”, *A Voz*, [s.l.], 29 de Dezembro de 1963.

VALDEMAR, António

“Através da nossa cartografia reflecte-se a história do descobrimento da maior parte do mundo”, entrevista a Armando Cortesão, *Ocidente*, vol. LVIII, nº 265, Lisboa, Maio de 1960, pp. 245-252.

---

“Boxer, Estorninho e Cortesão”, *Diário de Notícias*, [Lisboa], 4 de Junho de 2000, p. 20.

VALENTIM, Carlos Manuel

“Mota, Avelino Teixeira da (Lisboa, 1920-1982)”, *Dicionário de Historiadores Portugueses, Da Academia Real das Ciências ao fim do Estado Novo*, 8 pp.

[http://dichp.bnportugal.pt/historiadores/historiadores\\_mota.htm](http://dichp.bnportugal.pt/historiadores/historiadores_mota.htm) [Consultado em 10-5-2013]

---

*O trabalho de uma Vida – Bibliografia de Avelino Teixeira da Mota*, Lisboa, edições Culturais da Marinha, 2007, pp. 11-12 e 279-285.

---

“Teixeira da Mota (1920-1982)”, *Leitores de Mapas. Dois séculos de História da Cartografia em Portugal*. Coordenação de Francisco Roque de Oliveira, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Cartográficos da Universidade de Lisboa, Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, 2012, pp. 175-186.

---

“A Edição de Portugaliae Monumenta Cartographica e o seu Significado Político”, *Actas das IV Jornadas do Simpósio Ibero-Americano de Cartografia*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, Setembro de 2012, 19 pp. [Edição no prelo, a comunicação foi gentilmente cedida pelo Autor].

VASCONCELLOS, Ernesto de

*Subsídios para a História da Cartografia Portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Lisboa, Tipografia Universal, 1916; Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1916, separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Janeiro, Fevereiro e Março de 1916, 31 pp.

VERLINDEN, Charles

*Quand commença la Cartographie Portugaise?*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1979, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, nº XXVII, pp. 135-139; Coimbra - Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1979, separata do *Centro de Estudos de Cartografia Antiga*, nº CXVIII, 7 pp.

VIDAGO, João

“Portvgaliae Monvmenta Cartographica - Sinopse do conteúdo geográfico das estampas”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 90ª, nºs 7-9 e 10-12, Lisboa, Julho-Setembro e Outubro-Dezembro, 1972, pp. 177-228.

VILAÇA, Alberto

“O jornal republicano clandestino “A Verdade””, *Revista História das Ideias – História e Verdade(s)*, vol. 23, Coimbra, Instituto de História das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002, pp. 449-470.

WALLIS, Helen

“Obituary: Avelino Teixeira da Mota (1920-1982)”, *Imago Mund, The journal of the International Society for History of Cartography*, nº 40, London, King’s College, U.K., 1988, pp. 129-130.

W. C. B., i. e. W. Curtis Bok

Vide BOK, W. Curtis

WINSTEDT, R. O.

Crítica a “The Suma Oriental of Tomé Pires and the Book of Francisco Rodrigues by Armando Cortesão”, *Bulletin of the School of Oriental and African Studies, University of London*, vol. 12, nº 1, London, 1947, pp. 256-257.

WINTER, Heinrich

“Francisco Rodrigues’ Atlas of ca. 1513”, *Imago Mundi, A Review of Early Cartography*, nº 6, Stockholm, 1949, pp. 20-26.

#### 4. Referências electrónicas

Instituto Camões – Navegações Portuguesas: Cartografia e Cartógrafos

<http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/b00.html> [consultado em 14-1-2014]

The History of Cartography Project

<http://www.geography.wisc.edu/histcart/> [consultado em 14-1-2014]

Map History / History of Cartography. “Maintained by Tony Campbell (former Map Librarian, British Library, London)”

<http://www.maphistory.info/index.html> [consultado em 14-1-2014]